

A detailed illustration of a post-apocalyptic city street. The scene is set at sunset, with a bright orange and yellow sun low on the horizon, casting a warm glow over the scene. The sky is filled with a large flock of birds flying in various directions. The city buildings are tall and dilapidated, with many windows missing and signs of decay. In the foreground, a dirt road is overgrown with tall, dry grass. A yellow taxi cab is parked on the right side of the road, and two large, rusted metal barrels are in the foreground. A person is visible on a fire escape on the right side of the image. The overall atmosphere is one of desolation and survival.

GEORGE R. STEWART

**SÓ A TERRA
PERMANECE**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**GEORGE R.
STEWART**



**SÓ TERRA
PERMANECE**

Este é um livro que retrata o que pode algum dia acontecer. E não é irreal esta possibilidade: ela aí está, circulando nas mentes dos responsáveis pela vida de inúmeros povos, nos cálculos dos fabricantes de armamentos, na insensibilidade dos que ambicionam a fortuna ou o poder, independentemente da crucificação ou extinção de quem e do que quer que seja.

A civilização, algum dia, poderá morrer? E por que não, se ela depende de um gesto inesperado e louco capaz de ocasionar uma hecatombe? O desvendamento dos mistérios da matéria, o progresso tecnológico independente de um sustentáculo moral, o aniquilamento frio e calculado de determinadas características do que é propriamente humano, tudo isto que traduz a fisionomia do nosso tempo não terá forças superiores à resistência do espírito, sendo assim capazes de trazer, inevitavelmente, a morte da civilização?

Nesta obra de George R. Stewart não é o átomo que aniquila a humanidade. Um vírus, simplesmente um vírus, destrói quase todos os seres humanos. E os remanescentes reiniciam a Grande Marcha, deixando para trás os Velhos Tempos, com todas as suas mazelas, os seus crimes, os seus horrores, e também a destruição fora inclemente tudo o que de belo o homem produzira no decorrer de sua aventura na História da Terra, pois representavam o bem e o mau, a própria civilização destruída.

Mas os poucos sobreviventes da aniquilante epidemia abrem novos caminhos à vida. E neste gesto de reiniciar do nada uma nova etapa civilizatória, com novos valores que a solidão permite surgir, o homem volta a se encontrar na restauração de suas forças

e valores, abrindo novos horizontes pois novas sementes serão lançadas e se desenvolverão.

Título Original: **Earth Abides**
©1949 by **George R. Stewart**

Uma geração vai e outra geração vem;
mas a Terra Permanece

Eclesiastes, 1,4

Primeira Parte - Mundo sem Fim

Se hoje aparecesse, por mutação, um novo vírus mortal... nossos rápidos transportes poderiam levá-lo aos mais distantes cantos da terra, e morreriam milhões de seres humanos.

W. M. Stanley, Chemical and Engineering News
22 de dezembro de 1947

1

E, devido a esta emergência, cessa agora, exceto no distrito de Colúmbia, o Governo dos Estados Unidos. Os funcionários e os oficiais das Forças Armadas passam a depender dos governadores de Estado, ou de qualquer outra autoridade local.

Por ordem do Presidente. Deus salve o povo dos Estados Unidos...

Este é um comunicado do Conselho de Emergência do Território da Baía. O Centro de hospitalização de Oakland foi abandonado. Suas funções, compreendidos os sepultamentos no mar, concentram-se agora no Centro de Berkeley.

Sintonizem esta estação, atualmente a única no norte da Califórnia. Informaremos vocês enquanto for possível.

Subia apoiando-se na borda da rocha, quando ouviu o chocalho. A presa afundou em sua carne. Instantaneamente retirou a mão direita; voltou-se e viu a serpente, enroscada, ameaçadora. Não era muito grande. Levando a mão aos lábios, sugou com força a base do indicador onde assomava uma gota vermelha.

Não perder tempo matando a serpente, recordou.

Deixou-se cair, sugando o dedo. Viu o martelo ao pé da rocha e pensou se o deixaria ali. Mas aquilo se parecia a pânico. Recolheu o martelo com a mão esquerda e avançou pela áspera trilha. Não se apressou, pois a pressa aceleraria o coração e o veneno circularia então com mais rapidez. Embora o coração batesse de tal modo, pela excitação do medo, apressar-se ou não parecia indiferente. Com um graveto, enrolou um lenço como torniquete.

Voltou a caminhar e sentiu-se mais tranquilo. O coração se acalmava. Não devia se preocupar demais. Era um homem jovem, sadio e forte. A mordida não seria fatal.

Por fim, a cabana apareceu à sua frente. A mão estava pendurada, dura e insensível. Pouco antes de chegar, parou e soltou o torniquete. Deixou que o sangue circulasse pela mão e depois voltou a amarrá-la.

Abriu a porta com o ombro, deixando cair o martelo. A ferramenta balançou por um instante sobre sua pesada cabeça e por fim se deteve com o cabo para cima.

Procurou a caixa de primeiros socorros na gaveta e rapidamente seguiu as instruções. Com a lâmina de barbear traçou cruzes sobre as marcas das presas e aplicou a bomba de sucção. Depois estendeu-se no catre e ficou observando a ampola de borracha que o sangue enchia lentamente.

Não temia a morte. Tudo aquilo era somente um aborrecimento. As pessoas haviam-lhe dito e repetido que não andasse sozinho pelas montanhas. "Leve um cachorro", acrescentavam. Mas ele sempre havia rido. Os cachorros brigavam constantemente com os javalis ou com as raposas e além disso não gostava deles. Agora os conselheiros se sentiriam satisfeitos.

Revolveu-se na cama, como se estivesse febril. "Talvez", diria a eles, "o perigo me atraia". Isso parecia heroico. Podia dizer também, mais sinceramente: "Amo esta solidão, longe dos problemas da vida comum". Entretanto, pelo menos nesse último ano, somente o trabalho o havia levado às montanhas. Preparava uma tese: A Ecologia da Zona de Black Creek. Devia pesquisar as relações passadas e presentes entre os homens, as plantas e os animais da região.

Procurar um companheiro ideal teria levado muito tempo. Ademais, nunca lhe pareceu que ali houvesse grandes perigos. Embora em um raio de oito quilômetros não vivesse um só ser humano, dificilmente se passaria um dia sem que aparecesse algum pescador que subia de carro pela estrada rochosa, ou simplesmente remontava a corrente.

Entretanto, pensando um pouco, quando tinha visto algum pescador? Não nesta semana, claro. Nem tampouco nas últimas semanas. Tinha ouvido um automóvel durante a noite. Surpreendeu-o que alguém subisse por aquela estrada na

escuridão. Comumente, eles acampavam após o cair da tarde e partiam pela manhã. Mas talvez desejassem chegar logo a algum rio favorito e iniciar a pesca ao amanhecer. Não, realmente não havia visto nem falado com ninguém nas duas últimas semanas.

Uma pontada de dor o devolveu ao presente. Podia ter acontecido uma catástrofe na Bolsa, ou outro Pearl Harbor. Talvez isto explicasse a escassez de pescadores. De qualquer forma, não podia esperar que viessem ajudá-lo. Entretanto aquela perspectiva não o alarmava, no pior dos casos, continuaria deitado ali. Tinha água e comida para dois ou três dias. Depois, quando a mão desinchasse, iria de carro ao rancho de Johnson, o mais próximo.

Passou-se a tarde. Na hora da ceia, preparou café sem vontade e bebeu algumas xícaras. Sofria bastante, mas apesar da dor e do café, adormeceu...

Despertou de repente, com a luz, notando que alguém havia aberto a porta. Dois homens de terno, quase elegantes, esquadrihavam ao redor de uma forma estranha, como se estivessem assustados.

— Estou doente! — disse ele da cama.

O medo dos homens se transformou em pânico. Voltaram-se rapidamente e, sem fechar a porta, puseram-se a correr. Momentos depois ouviu-se o ruído de um motor, que depois se perdeu nas montanhas.

Então ele sentiu medo pela primeira vez. Levantou-se e olhou pela janela. O carro havia desaparecido na curva. O que estava acontecendo? Por que essa fuga?

A luz chegava do oriente. Havia dormido até o amanhecer. A mão ainda lhe doía, mas não se sentia doente. Esquentou o bule de café, preparou um pouco de aveia e deitou-se de novo. Depois iria à casa de Johnson... se antes não passasse alguém que quisesse parar e ajudá-lo.

Mas logo começou a piorar. Sem dúvida, tratava-se de um recaída. No meio da tarde estava realmente assustado. Deitado na cama, redigiu uma nota explicando o que havia acontecido. Não se passaria muito tempo sem que alguém a encontrasse. Seus pais,

sem notícias, telefonariam para Johnson. Conseguiu escrever umas poucas palavras com a mão esquerda e depois assinou: Ish. O esforço para escrever o nome completo, Isherwood Williams, lhe pareceu inútil. Além disso, todo mundo o conhecia por aquele diminutivo.

À meia-noite, como um naufrago em uma balsa que vê passar ao longe um transatlântico, ouviu um ruído de carros, dois carros, que subiam pelo caminho. Aproximaram-se e logo seguiram adiante, sem parar. Chamou-os, mas se sentia muito fraco e sua voz, tinha certeza, não atravessaria aqueles duzentos metros.

Antes do crepúsculo, não sem esforço, levantou-se cambaleando e acendeu a lâmpada. Não queria ficar no escuro. Então inclinou-se apreensivamente para o espelhinho que pendia do teto inclinado. O rosto não parecia mais comprido e fraco que antes, mas suas bochechas estavam avermelhadas. Os grandes olhos azuis, congestionados, que o olhavam com um ardor febril, e o hirsuto cabelo castanho, completavam o retrato de um homem muito doente.

Voltou para a cama, sem medo, mas quase com certeza de que ia morrer. De repente se sentia gelado; em seguida, devorado pela febre. A lâmpada sobre a mesa iluminava os cantos da cabana. O martelo continuava no chão, com o cabo para cima, em um equilíbrio precário.

Se fizesse um testamento, um testamento como os de antigamente, divagou, no qual se descreviam todos seus bens, diria: "Um martelo de mineiro; peso da cabeça, quatro libras; cabo, trinta centímetros; madeira rajada, estragada pela intempérie; metal enferrujado, ainda utilizável." Havia encontrado o martelo pouco antes de encontrar a serpente, recebendo com alegria aquele legado do passado, de uma época em que os mineiros brandiam o martelo com uma mão e sustentavam o buril com a outra. Quatro libras é quase o peso máximo que um homem pode manejar desse modo. Naquele delírio febril, pensou que uma fotografia do martelo podia muito bem ilustrar sua tese.

A noite foi um longo pesadelo: torturado por acessos de tosse, sufocado, consumido primeiro pelo frio e depois pela febre. Uma

erupção semelhante ao sarampo lhe cobriu o corpo.

Ao amanhecer mergulhou novamente em um sono profundo.

Nunca aconteceu" não é igual a "Não acontecerá"... Seria como dizer: "Nunca morri, portanto sou imortal." Assistimos aterrados a uma invasão de gafanhotos ou de grilos. E de repente esses insetos, que pulularam de um modo alarmante, de repente desaparecem da face da terra. Os animais superiores estão sujeitos a flutuações parecidas. Os lêmingues têm ciclos regulares. As lebres da montanha se multiplicam durante anos e achamos que vão invadir o mundo. Então, rapidamente, uma epidemia acaba com elas. Alguns zoólogos sugeriram, inclusive, uma lei biológica: o número de indivíduos de uma espécie não é constante, diminui e sobe. Quanto mais desenvolvida for a espécie, mais lenta é a gestação e mais prolongadas as flutuações.

Durante a maior parte do século XIX o búfalo abundou nas estepes africanas. Era um animal resistente, com poucos inimigos naturais, e um censo realizado a cada dez anos teria demonstrado que continuavam se propagando. Então, no final do século, quando eram mais numerosos, foram atacados repentinamente pela peste bovina. O búfalo se transformou em uma curiosidade naqueles territórios. Há cinquenta anos, reconquista lentamente sua supremacia.

Quanto ao homem, não se deve esperar que escape, em sua longa trajetória, à sorte dos animais inferiores. Se há uma lei biológica de fluxo e refluxo, sua situação agora é muito perigosa. Durante dez mil anos seu número vem aumentando constantemente, apesar das guerras, das pestes e da fome. Biologicamente, a prosperidade do homem foi muito longe.

Ish despertou no meio da manhã com uma inesperada sensação de bem estar. Havia temido o pior, mas já estava quase curado. Já não sufocava e o inchaço da mão havia desaparecido. No dia anterior havia se sentido muito doente e não tinha pensado na mordida. Agora a mão e sua doença eram somente recordações, como se uma houvesse curado a outra. Ao meio-dia havia recobrado a lucidez e quase todas suas forças.

Depois de um almoço leve, decidiu que podia ir à casa de Johnson. Não se preocupou em empacotar suas coisas. Levaria seu importante livro de notas e sua câmara fotográfica. No último instante, obedecendo a um impulso, pegou também o martelo. Entrou no carro e se pôs lentamente em marcha, tentando não usar a mão direita.

No rancho de Johnson reinava o silêncio. Parou o carro junto à bomba de gasolina. Ninguém saiu para recebê-lo, mas isso não era estranho, pois a bomba de Johnson, como muitas outras nas montanhas, poucas vezes era usada. Tocou a buzina e voltou a esperar..

Após um instante, saltou do carro e subiu a escada desengonçada que levava à moradia-armazém. Ali os pescadores podiam comprar cigarros e conservas. Entrou, mas não havia ninguém.

Ficou um pouco surpreso. Como acontecia frequentemente em seus períodos de solidão, não sabia exatamente que dia era. Quarta-feira, achava, ou terça-feira, ou quinta. Qualquer dia da semana, menos domingo. Nos domingos, e às vezes em alguns sábados, os Johnson fechavam o armazém e saíam para fazer excursão. Eram pessoas desinteressadas que não misturavam os prazeres com os negócios. Entretanto, viviam das vendas do armazém na temporada de pesca e não podiam ausentar-se por muito tempo. E se tivessem saído de férias, teriam fechado a porta com chave. Mas aqueles montanheses às vezes eram desconcertantes. O incidente bem que podia merecer um parágrafo em sua tese. De qualquer forma, a garagem do carro estava quase vazia. Colocou trinta litros de gasolina no tanque e, não sem esforço, preencheu um cheque. Deixou-o sobre o mostrador com uma nota: "Não encontrei ninguém. Levo trinta litros. Ish".

Enquanto descia pela estrada, foi assaltado por uma vaga inquietação: os Johnson estavam fora em um dia de trabalho; a porta sem chave, nenhum pescador, um automóvel na noite e, algo ainda mais estranho, aqueles homens que tinham fugido ao encontrarem um homem doente em uma cabana solitária. Mas o

sol brilhava e a mão quase já não doía. E aquela febre esquisita, admitindo que fosse devida à ação do veneno, havia desaparecido.

A estrada descia por entre bosques de pinheiros, bordejando um riachinho tormentoso. Ao chegar na central elétrica de Black Creek, Ish sentiu-se novamente sereno e lúcido. Na central tudo estava como sempre. Os dínamos zumbiam, a água borbulhava. Uma luz brilhava no poente. Ish achou que estaria continuamente acesa. Ali havia excesso de eletricidade.

Por um momento, pensou em cruzar a ponte e chegar no edifício. Lá encontraria alguém e se livraria daquele estranho temor. Mas o ruído dos geradores o tranquilizava. Ao fim e ao cabo, a central trabalhava como sempre. Certo, não se via ninguém, mas aqueles mecanismos automáticos precisavam de poucos homens e eles quase nunca saíam.

Já estava se afastando, quando um cão ovelheiro saiu do edifício. Separado de Ish pelo riachinho, ladrou furiosamente, correndo de um lado para outro, excitado.

Que cachorro esquisito!, pensou Ish. Que estará acontecendo com ele? Estará pensando que vou roubar a central? Realmente, as pessoas subestimam a inteligência dos cachorros.

Dobrou uma curva e os latidos se perderam ao longe. Mas a cólera do cão tinha sido outra prova de normalidade. Ish começou a assobiar alegremente. Quinze quilômetros e chegaria à primeira cidade, uma pequena cidade chamada Hutsonville.

Consideremos o caso do rato do Capitão Maclear. Esse interessante roedor habitava a ilha de Christmas, um berçário tropical a uns trezentos quilômetros ao sul de Java. A espécie havia sido descrita cientificamente pela primeira vez em 1667. No crânio, muito desenvolvido, sobressaíam notavelmente os arcos supraorbitárias e a aresta anterior da placa zigomática.

Um naturalista observou que os ratos povoavam a ilha em "miríades", alimentando-se de frutas e raízes tenras. A ilha era seu universo, seu paraíso terrestre. Mas naquela vegetação não precisavam brigar entre eles. Todos os exemplares estavam bem alimentados e até demasiadamente gordos. Em 1903 foram atacados por uma doença nova. Excessivamente numerosos,

vulneráveis por causa do próprio bemestar, os ratos não puderam resistir ao contágio e logo morriam aos milhares. Apesar do seu número, apesar da sua facilidade em se reproduzir, a espécie se extinguiu.

Chegou ao alto da encosta e viu Hutsonville aos seus pés, a um quilômetro de distância.

Já estava descendo, quando vislumbrou algo que lhe gelou o sangue. Freou automaticamente. Saltou do carro e correu para trás, incrédulo. Ali, junto à estrada, à vista de todos, jazia o cadáver de um homem em terno de passeio. As formigas cobriam-lhe o rosto. O cadáver estava ali há um dia ou dois. Como não o tinham visto? Ish não se aproximou para examiná-lo. Tinha que avisar imediatamente o comissário de Hutsonville e então voltou rapidamente para o carro.

Entretanto, já no carro, teve a curiosa impressão de que aquilo não concernia ao comissário e que possivelmente nem sequer haveria comissário. Não tinha visto ninguém no rancho de Johnson nem na central e não havia encontrado carro algum na estrada. Os únicos restos do passado eram, ao que parecia, a luz do poente e o tranquilo ruído dos geradores.

As primeiras casas já apareciam ao longo do caminho. Ish respirou aliviado. Ali, em um solar vazio, uma galinha escarvava o chão, rodeada por meia dúzia de pintinhos. Um pouco mais adiante, um gato preto e branco passeava tranquilamente pela calçada, como se aquele dia de junho fosse igual a qualquer outro.

O calor do meio-dia pesava sobre a rua solitária. Como em uma cidade mexicana, pensou Ish, todo mundo está fazendo a siesta. Então, de repente compreendeu que seu pensamento havia sido como um assovio, para se animar. Chegou ao centro da cidade, parou o carro junto à calçada e desceu. Não havia ninguém.

Empurrou a porta de um pequeno restaurante. Estava aberto e ele entrou.

— Olá! — chamou.

Ninguém saiu ao seu encontro. Nenhum eco veio tranquilizá-lo.

O banco estava fechado, apesar da hora. E aquele dia só podia ser (agora tinha certeza) terça-feira ou quarta-feira, ou quinta. Quem sou eu na verdade?, pensou. Rip van Winkle? Mas Rip van Winkle, após dormir por vinte anos, havia encontrado uma cidade animada e com pessoas.

A porta da loja de ferragens por trás do banco estava aberta. Entrou e voltou a chamar. Silêncio. Tentou na padaria vizinha. Desta vez ouviu um leve ruído. Um rato, sem dúvida. Uma partida de beisebol teria atraído toda a população? Mas assim, teriam fechado as lojas.

Voltou ao seu carro, sentou-se ao volante e olhou ao redor. Estaria delirando e ainda deitado na cabana? Não se atrevia a continuar investigando. Notou então que havia vários carros parados ao longo da rua, espetáculo comum em um meio-dia.

Não podia partir, decidiu, antes de informar sobre o cadáver..

Tocou a buzina e voltou a tocar mais duas vezes. E outra vez, e outra, com crescente pânico.

Enquanto isso olhava ao seu redor, esperando que alguém assomasse em uma porta ou colocasse a cabeça em uma janela. Parou e encontrou-se novamente naquele silêncio de morte, somente interrompido pelo cacarejo de uma galinha. O medo a fez botar um ovo, pensou.

Um cachorro gordo apareceu na esquina e avançou pesadamente; o inevitável cachorro que passeava pelas calçadas das cidades. Ish desceu do carro e aproximou-se do animal. Pelo menos não esqueceram de alimentá-lo, disse para si mesmo. Em seguida se fez um nó em sua garganta, pensando no que o cachorro poderia ter comido. O cachorro não parecia disposto a entabular relações amistosas; esquivou-se, mantendo-se distante, e seguiu pela rua abaixo.

Ish deixou-o ir-se. Afinal, o cachorro nada poderia lhe dizer.

Poderia entrar em todos esses negócios, procurando algum indício, como um detetive, pensou. Então teve outra ideia. Na calçada em frente havia um quiosque onde às vezes comprava algum jornal. Cruzou a rua. A porta estava fechada, mas através dos vidros viam-se pilhas de jornais. O reflexo da luz nos vidros

incomodava bastante, mas conseguiu ler um título. Os caracteres eram tão grandes como os do dia de Pearl Harbor:

GRAVE CRISE

Que crise? Voltou rapidamente ao carro e pegou o martelo. Um instante depois o levantava diante da porta. Mas deteve-se, como se a própria civilização se houvesse mobilizando, segurando-lhe o braço e dizendo-lhe: não pode fazer isso, um cidadão honesto não força uma porta. Olhou para a direita e para a esquerda, como se esperasse que um policial ou um destacamento caíssem sobre ele.

A rua solitária devolveu-o à realidade e o medo varreu seus escrúpulos. Diabos, pensou, se for preciso pagarei pela porta.

Sentindo que queimava as naves, que deixava para trás o mundo civilizado, levantou o pesado martelo e golpeou com força a fechadura. A madeira se fez em estilhaços, a porta se abriu e Ish entrou no quiosque.

Pegou um jornal e teve a primeira surpresa. O Chronicle tinha habitualmente vinte ou trinta páginas. Este exemplar parecia um semanário caipira, uma simples folha dupla. A data era da quarta-feira da semana anterior.

As manchetes revelavam o essencial: uma epidemia desconhecida, que se propagara com uma velocidade sem precedentes, levando a morte a todos os lugares, havia devastado os Estados Unidos de costa a costa. As cifras recolhidas em algumas cidades, e de valor relativo, indicavam que havia morrido entre vinte e cinco e trinta por cento da população. Não havia notícias de Boston, de Atlanta ou de New Orleans. Os serviços informativos dessas cidades pareciam estar interrompidos. Examinou rapidamente o resto do jornal, obtendo assim uma ideia geral, embora muito confusa. Pelos sintomas, a doença parecia com o sarampo... um sarampo mortal. Ninguém conhecia suas origens. O ir e vir dos aviões a havia feito aparecer quase que simultaneamente nos centros mais importantes, frustrando toda tentativa de quarentena.

Em uma entrevista, um célebre bacteriologista assinalava que a possibilidade de novas doenças preocupava há muito tempo os homens da ciência. No passado tinha havido exemplos curiosos, embora de escassa importância, como a febre inglesa e a febre Q. Quanto à sua origem, três hipóteses eram possíveis: alguma doença animal; algum micro-organismo novo, um vírus, possivelmente produzido por mutação; um acidente talvez provocado em um laboratório de guerra bacteriológica. Esta última parecia ser a culpada, era a crença popular. Presumia-se que o próprio ar transmitia a enfermidade, possivelmente com as partículas de pó. O isolamento do doente não servia de nada.

Em uma entrevista telefônica, um velho e rude sábio inglês havia comentado: "Durante vários milhões de anos o homem desenvolveu sua estupidez. Não derramarei uma lágrima sobre sua tumba."

No outro extremo, um crítico americano, igualmente rude, havia dito: "Só a fé pode nos salvar agora; passo as horas rezando."

Assinalavam-se alguns saques, sobretudo em bares. Em geral, entretanto, o medo havia ajudado a manter o povo em ordem. Em Louisville e Spokane, os incêndios varriam a cidade, pois não havia bombeiros.

Ainda naquela edição, que (os jornalistas não poderiam tê-lo ignorado) seria a última, haviam sido incluídas algumas notícias pitorescas. Em Omaha, um fanático havia corrido nu pelas ruas, anunciando o fim do mundo e a abertura do Sétimo Selo. Em Sacramento, uma louca havia aberto as jaulas do circo, temendo que os animais morressem de fome, e tinha sido devorada por uma leoa.

Seguia-se uma nota de maior interesse científico. Segundo o diretor do zoológico de San Diego, os macacos morriam como moscas, mas os outros animais não tinham sido afetados.

Ish sentiu que desfalecia diante daquele acúmulo de horrores. Sua solidão o aterrava. Entretanto continuou lendo, como que hipnotizado.

Pelo menos a civilização, a raça humana... havia desaparecido elegantemente. Muitos haviam escapado das cidades, mas os

outros de acordo com aquelas notícias da semana anterior não tinham sido arrastados pelo pânico. A civilização havia batido em retirada, mas levando seus feridos e sem deixar de se defender. Os médicos e as enfermeiras tinham continuado em seus postos e muitos milhares tinham se oferecido como voluntários. Cidades inteiras haviam servido de hospitais e pontos de concentração. Todo o comércio tinha parado, mas os alimentos ainda eram distribuídos, como em uma cidade sitiada. Embora a população houvesse diminuído em uma terça parte, o serviço telefônico, a água, a luz e energia elétrica continuavam funcionando. Para evitar certos horrores, que talvez tivessem levado a uma completa desmoralização, os mortos deviam ser enterrados imediatamente em fossas comuns.

Ish chegou à última linha e voltou a reler tudo com mais cuidado. Sobrava-lhe tempo. Então saiu e sentou-se no carro. Não havia motivo algum, refletiu, para que sentasse em seu próprio carro e não em outro qualquer. Os direitos de propriedade haviam desaparecido, mas ali ele se sentia mais cômodo.

O cachorro gordo voltou a passar pela rua, mas Ish não o chamou. Ficou ali por um instante, ensimesmado. Mal conseguia pensar; a mente dava-lhe voltas e voltas, sem chegar a parte alguma.

Caía a tarde quando ligou o motor e levou o carro rua abaixo, parando de vez em quando para tocar a buzina. Dobrou em uma rua lateral e deu uma volta à cidade, chamando regularmente. Passou assim quase um quarto de hora e se encontrou outra vez no ponto de partida. Não tinha visto ninguém, nem havia recebido nenhuma resposta. Havia encontrado quatros cães, alguns gatos, várias galinhas extraviadas, uma vaca que pastava em um solar vazio com um pedaço de corda no pescoço e um rato que farejava em um umbral.

Ish se dirigiu então para uma casa nas cercanias que (havia-lhe parecido) era a melhor da cidade. Desceu do carro com o martelo na mão. Desta vez não hesitou um minuto. Golpeou três vezes com força e a porta cedeu. Tal como supunha, havia no vestíbulo um grande aparelho de rádio. Inspeccionou rapidamente o térreo e o

andar superior. Não encontrou ninguém e voltou ao vestíbulo. A eletricidade ainda funcionava. Esperou por uns instantes e depois procurou cuidadosamente. Só ouviu uns fracos ruídos parasitas. Tentou a onda curta, mas sem êxito. Metodicamente, explorou todas as frequências. Claro, pensou, se alguma estação ainda funciona, provavelmente não transmitirá vinte quatro horas por dia. Deixou o rádio em uma frequência que correspondia ou havia correspondido a uma potente emissora. Então deitou-se no sofá.

Apesar daqueles horrores, sentia a curiosidade desinteressada de um espectador, como se assistisse ao último ato de uma tragédia. Continuava sendo o que era, ou o que tinha sido o tempo do verbo não importava: um intelectual, um sábio incipiente, mais inclinado a observar os acontecimentos que participar deles.

Assim, aconteceu de contemplar a catástrofe com uma satisfação irônica, embora momentânea como a demonstração de um aforismo enunciado um dia por seu professor de economia política: "O desastre temido nunca chega, a telha cai onde menos se espera". Havia-se temido uma guerra destruidora, o pesadelo de cidades arrasadas, hecatombes de homens e animais, terras estéreis. Mas na realidade só a humanidade havia sido suprimida, e quase com limpeza, com um mínimo de transtornos. Os sobreviventes, se é que haviam, seriam os reis da terra.

Instalou-se comodamente no sofá. A noite era quente. Esgotado fisicamente pela doença e por tantas emoções, não demorou a adormecer.

Lá em cima, no céu, a lua, os planetas e as estrelas percorrem suas longas e tranquilas órbitas. Não têm olhos e não vêem. Entretanto, alguma vez o homem havia imaginado que olhavam para a terra.

Mas se vissem realmente, que veriam esta noite?

Nenhuma mudança. Embora o fumo das chaminés já não turvasse a atmosfera, pesadas labaredas ainda surgem dos vulcões e dos bosques incendiados. Visto da lua, o planeta teria esta noite seu resplendor de costume; nem mais brilhante nem mais escuro.

Despertou em pleno dia. Abriu e fechou a mão. A dor da mordida era agora um pequeno aborrecimento local. Sentia a cabeça leve e

compreendeu que a outra doença, se tinha havido outra doença, também desaparecia. Ocorreu-lhe algo. A explicação era evidente: havia padecido aquela enfermidade, combatendo-a com o veneno que tinha no sangue. Micróbio e veneno haviam se destruído mutuamente. Pelo menos aquilo explicava porque continuava vivo.

Continuou no sofá, tranquilo e imóvel, e os fragmentos isolados do quebra-cabeça começaram a se ordenar. Os homens que havia visto na cabana... eram somente uns pobres fugitivos, que fugiam da peste. O carro que havia subido pela estrada no meio da noite, levava talvez outros fugitivos, possivelmente os Johnson. O excitado cão ovelheiro havia tentado comunicar-lhe os acontecimentos da central.

Mas a ideia de ser o único sobrevivente não lhe perturbava demais. Havia vivido sozinho durante um certo tempo. Não havia assistido à tragédia, nem tinha visto morrer seus semelhantes. Ao mesmo tempo não podia acreditar (e não havia porque acreditar) que fosse o último homem sobre a terra. Segundo o jornal, a população havia diminuído de um terço. O silêncio que reinava em Hutsonville demonstrava somente que seus habitantes havia se dispersado ou se refugiado em outra cidade. Antes de chorar pelo fim do mundo e pela morte do homem, tinha que descobrir se o mundo já não existia e se o homem havia morrido. Antes de tudo, evidentemente, devia voltar à casa paterna. Talvez seus pais ainda vivessem. Assim, com um plano definido para o dia, sentiu a tranquilidade que sempre se seguia às suas decisões, ainda que temporárias.

Ao levantar-se, procurou outra vez nas ondas do rádio, sem resultado.

Explorou a cozinha. O refrigerador ainda funcionava. Na despensa havia alguns alimentos, embora não tantos como podia se esperar. As provisões, aparentemente, haviam escasseado nos últimos dias. Ainda assim, havia meia dúzia de ovos, uma libra de manteiga, um pouco de presunto, alguns alfaces e algumas poucas sobras. Em um armário encontrou uma lata de suco de toranja e, em uma gaveta, um pão duro de uns cinco dias atrás; a data, sem dúvida, em que a cidade havia sido abandonada.

Estas provisões e um fogo ao ar livre lhe teriam bastado para preparar uma boa refeição, mas quando ligou os controles do fogão elétrico, notou que as chapas ainda esquentavam. Preparou um copioso desjejum e transformou o pão em torradas aceitáveis. Quando voltava das montanhas, sempre sentia necessidade de comer legumes frescos; e ao costumeiro desjejum de ovos, presunto e café, acrescentou uma abundante salada de alface.

Voltou para o sofá. Em uma mesinha havia uma caixa de laca vermelha; abriu-a e tirou um cigarro.

Até agora, refletiu, a vida material não apresenta problemas.

O cigarro estava bastante fresco. Com um bom desjejum e um bom cigarro, o humor de Ish mudou sensivelmente. Na realidade, havia afastado as inquietações, deixando-as para mais tarde, se descobrisse que eram justificadas.

Quando acabou de fumar, achou que não valia a pena lavar os pratos; mas, como era naturalmente cuidadoso, verificou se havia fechado a geladeira e os controles do fogão. Então pegou o martelo, que lhe havia sido tão útil, e saiu pela porta destruçãda. Entrou no carro e partiu para a casa paterna.

A quase um quilômetro da cidade, passou diante do cemitério e se assombrou por não ter pensado nele no dia anterior. Sem descer do carro, notou uma nova e longa fileira de túmulos e uma escavadeira junto a um monte de terra. As pessoas que haviam abandonado Hutsonville, pensou, talvez não fossem muito numerosas.

Mais além do cemitério, a estrada atravessava um terreno plano. Ante aquele espaço deserto, Ish sentiu-se deprimido outra vez; Desejaria ouvir pelo menos o barulho de um caminhão colina acima; mas não houve tal caminhão.

Em um campo, alguns novilhos e cavalos balançavam as caudas, espantando os insetos, como em qualquer manhã de verão. Mais adiante, as pás de um moinho giravam lentamente e diante de um cocho crescia o mato. E isso era tudo.

Entretanto, aquela estrada não era muito transitada e em qualquer outro dia Ish teria percorrido vários quilômetros sem ver ninguém. Por fim chegou à estrada principal. As luzes vermelhas

do cruzamento estavam acesas. Freou automaticamente. Mas as quatro pistas, onde havia corrido um rio de caminhões, ônibus e automóveis, estavam desertas. Depois de parar um momento diante da luz vermelha, Ish pôs-se novamente em marcha.

Um pouco mais adiante, enquanto corria livremente pela estrada, sentiu-se envolto em uma atmosfera lúgubre, espectral. Inclinou-se sobre o volante, como que dominado por um torpor. De vez em quando, algum espetáculo insólito parecia despertá-lo.

Alguma coisa saltou à sua frente, no caminho. Acelerou rapidamente. Um cão? Não; notou as orelhas pontiagudas e as patas finas, de cor clara, um cinza amarelado. Era um coiote que corria tranquilamente pela estrada em pleno dia. Um instinto misterioso havia-lhe avisado que o mundo havia mudado e que podia tomar novas liberdades. Ish aproximou-se, tocando a buzina, e o animal deu meia volta, passou para o outro lado da estrada e se afastou sem parecer muito assustado...

Dois carros virados, em um ângulo extravagante, bloqueavam parcialmente o caminho. Ish parou. O cadáver esmagado de um homem assomava por baixo de um dos automóveis. Não havia outros corpos, mas o sangue cobria a estrada. Mesmo se lhe tivesse parecido necessário, não teria podido levantar o carro para tirar o corpo e dar-lhe sepultura.

Seguiu adiante.

Em uma cidade importante (Ish não gravou seu nome) parou para abastecer o carro com gasolina. Ainda havia eletricidade. Encheu o tanque em um posto de combustível. Como o carro havia andado muito tempo pelas montanhas, revisou o radiador e a bateria e escutou o ruído do motor.

Sim, o homem havia desaparecido, mas todos seus engenhosos aparelhos ainda trabalhavam, sem sua vigilância...

Na rua principal de outra cidade, tocou a buzina por longo tempo. Realmente não esperava conseguir resposta alguma, mas esta rua, sem saber porque, lhe parecia mais normal. Os carros estavam estacionados ao longo das calçadas. Parecia um do mingo pela manhã, com os negócios fechados, quando as pessoas ainda não tinham iniciado suas idas e vindas. Mas não era tão cedo, pois

o sol já havia subido no céu. Imediatamente compreendeu porque havia parado e porque a rua parecia ilusoriamente animada. Em frente a um restaurante chamado The Derby, ainda funcionava um letreiro luminoso: um cavaleiro que movia as patas, galopando. À lua do dia, só o movimento chamava a atenção; a lua rosada mal era visível. Ish olhou por uns instantes e notou o ritmo: um, dois, três. E as patas do cavaleiro quase se recolhiam debaixo do tronco. Quatro... as patas reapareciam e o ventre parecia tocar o solo. Um, dois, três quatro. Um, dois, três, quatro. Galopava freneticamente; e essa corrida sem testemunhas não levava a parte alguma. Era um cavaleiro valente, pensou Ish, embora fosse insensato e inútil. Símbolo, talvez, dessa civilização que havia orgulhado o homem e, que lançada a galope, não alcançava meta alguma, destinada algum dia, já sem forças, a parar para sempre...

Uma fumarada se elevava no ar. Ish sentiu que o coração lhe saltava no peito. Dobrou rapidamente em uma rua lateral. Mas antes de chegar, já sabia que não encontraria ninguém. Com efeito, era somente uma granja que começava a arder. Mesmo em um lugar desabitado, muitas coisas podiam provocar um incêndio. Um monte de lixos oleosos que se inflamavam espontaneamente, ou algum aparelho elétrico ainda ligado, ou o motor de um refrigerador. A granja estava condenada. Não havia modo de apagar o fogo nem motivos para se preocupar. Deu meia volta e voltou à estrada.

Dirigia lentamente e frequentemente parava para investigar, sem muitas esperanças. Às vezes via alguns cadáveres, mas geralmente só encontrava solidão e vazio. A incubação parecia ter sido bastante lenta, pois os doentes tinham caído pelas ruas.

Uma vez atravessou uma cidade onde o fedor dos corpos putrefatos envenenava a atmosfera. Lembrou de ter lido no jornal que certas zonas tinham sido pontos de concentração, transformando-se assim em enormes morgues. Tudo falava de morte naquela cidade. Não era necessário deter-se.

Ao cair da tarde chegou ao alto da colina e a baía se abriu diante dele, envolta no esplendor do sol poente. Em diferentes pontos da cidade, que se estendia até se perder de vista, alçavam-se

algumas colunas de fumaça. Foi para a casa dos seus pais. Não tinha esperanças. Só um milagre o havia salvo. Seria o milagre dos milagres se a epidemia houvesse perdoado sua família!

Saiu do bulevar e dobrou na avenida San Lupo. Tudo tinha a mesma aparência, embora as calçadas não estivessem muito limpas. Mas a rua ainda mantinha seu decoro. Não havia cadáveres, embora isso fosse inimaginável na avenida San Lupo. Viu a velha gata cinzenta dos Hatfieldes, que dormia ao sol nos degraus da varanda, como tantas outras vezes. Despertada pelo ruído do motor, levantou-se, estirando-se preguiçosamente.

Parou em frente à casa, tocou a buzina por duas vezes e esperou. Nada. Saiu do carro e subiu as escadas. Somente depois de entrar foi que notou que não haviam fechado a porta. A casa estava em ordem. Deu uma olhada, apreensivamente, mas tudo estava normal.

Talvez lhe tivessem deixado uma nota, indicando-lhe para onde haviam ido. Procurou em vão na sala. Em cima, tampouco havia nada diferente; mas no quartos dos seus pais as duas camas estavam por fazer. Sentiu um vazio e saiu do quarto cambaleando. Segurando-se na grade, voltou a descer as escadas.

A cozinha, pensou, e sua cabeça aliviou-se um pouco diante da perspectiva de algo concreto. Ao abrir a porta, teve a impressão de haver vida e movimento. Mas era somente o ponteiro de segundos do relógio elétrico, que neste instante deixava a vertical, iniciando a descida até o número seis. Quase a seguir sobressaltou-se com um ruído repentino. O motor do refrigerador, que havia começado a zumbir, como se a chegada de um ser humano tivesse perturbado seu repouso.

Ish, sacudido por um violento mal-estar, voltou a sair e sentou-se no carro. Não se sentia doente, e sim fraco e tremendamente abatido. Se fizesse uma espécie de investigação policial, revolvendo armários e gavetas, provavelmente descobrisse algo. Mas de que serviria se torturar assim? A história, em suas linhas principais, era clara demais. Lá dentro não havia nenhum cadáver; felizmente. Tampouco haveria espectros, imaginava... Embora o relógio e o refrigerador quase se parecessem com um.

Devia regressar à casa ou continuar a viagem? No primeiro momento pensou que não se atreveria a entrar outra vez naqueles quartos vazios. Ocorreu-lhe então que seus pais, se porventura continuassem vivos, voltariam para casa, como ele. Ao cabo de meia hora, vencendo sua repugnância, franqueou o umbral.

Percorreu outra vez os aposentos, onde se ouvia a linguagem patética das casas abandonadas. De vez em quando algum objeto lhe falava com mais força... a cara enciclopédia que seu pai havia comprado recentemente, após muitas dúvidas... o vaso de gerânios de sua mãe, que agora estava precisando de água... o barômetro que seu pai consultava todas as manhãs antes do café. Sim, era uma simples casa de um humilde professor de história que vivia entregue aos seus livros, e de uma mulher-secretária da YWCA que havia feito dela um lar..

Após um momento sentou-se na sala. Entre os móveis, os quadros e os livros familiares, foi sentindo-se pouco a pouco menos abatido.

Ao cair do crepúsculo, lembrou que não havia comido nada desde a manhã. Não tinha apetite, mas sua fraqueza podia se dever à falta de alimento. Revistou um armário e abriu uma lata de sopa. Não havia mais pão, além de uma crosta mofada. No refrigerador encontrou manteiga e um pouco de queijo. Descobriu bolachas em outro armário. A pressão do gás era fraca, mas consegui esquentar a sopa.

Depois sentou-se no carro, na escuridão. Apesar da comida, mal se mantinha de pé e compreendeu que tinha sofrido um rude golpe.

Na avenida San Lupo, ao pé da colina, via-se uma grande parte da cidade. E nada parecia ter mudado. A produção de eletricidade era, sem dúvida, automática. Nas usinas hidroelétricas, a água ainda alimentava os geradores. E alguém havia ordenado, quando tudo começou a piorar, que não apagassem as luzes. Lá em baixo brilhava a ponte da baía e, mais ao longe, o resplendor de San Francisco e o marco luminoso da Golden Gate dissipavam as névoas da noite. Os sinais de trânsito ainda funcionavam, os refletores enviavam silenciosos avisos para aviões que não voariam

mais. Longe, na direção do sul, em algum lugar de Oakland, havia entretanto uma zona escura. Um comutador quebrado, talvez, ou um fusível queimado... Os anúncios luminosos, alguns pelo menos, continuavam acesos. Lançavam pateticamente seus reclames publicitários a um mundo sem clientes nem vendedores. Um enorme cartaz, que uma casa próxima ocultava em parte, continuava transmitindo: Beba... Mas Ish não via o que devia beber..

Continuou olhando, quase hipnotizado. Beba... escuridão. Beba... escuridão. Beba... Bem, por que não?, pensou. Foi buscar a garrafa de conhaque do seu pai. Mas o conhaque era fraco e não encontrou nele nenhum consolo. Não sou homem, pensou, de buscar a morte no álcool.

O anúncio que brilhava lá em baixo era mais interessante.

Beba... escuridão. Beba... escuridão. Beba. Por quanto tempo brilhariam essas luzes? Como se apagariam? Que mecanismos continuariam funcionando? Que destino teria esta obra edificada ao longo dos séculos e que agora sobrevivia ao seu criador?

Suponho, pensou Ish, que a melhor solução seria o suicídio. Mas não, é muito cedo. Estou vivo e talvez haja outros sobreviventes. Somos como moléculas de gás que flutuam sem se encontrarem em um pneumático vazio.

Caiu novamente em um desalento próximo ao desespero. Sim, podia viver alimentando-se como um necrófago dos víveres dos armazéns. Podia unir-se a outros homens. E depois? Se tivesse encontrado meia dúzia de amigos, tudo seria diferente. Mas agora não poderia evitar os imbecis, ou ainda os canalhas.

Levantou os olhos e viu outra vez o anúncio que brilhava ao longe: Beba... escuridão. Beba... escuridão. Beba. E voltou a se perguntar por quanto tempo ainda brilhariam aquelas inúteis letras de fogo. E aquilo que havia visto durante o dia. Que seria do coite que corria aos saltos pela estrada? As vacas e os cavalos passeavam lentamente ao redor do bebedouro ou sob as pás do moinho. Durante quanto tempo giraria o moinho, tirando água das profundezas da terra?

Então teve um sobressalto. Parecia que o desejo de viver despertava nele. Não seria um ator, talvez; não restavam papéis para ele no mundo, mas pelo menos seria um espectador a mais; um espectador já habituado a observar o mundo. A cortina havia caído, era certo; mas agora, ante seu olhar de pesquisador, ia desenrolar-se o primeiro ato de um drama insólito.

Durante milhares de anos o homem havia sido o senhor indiscutível da terra. E eis que esse rei da criação desaparecia agora, talvez por muito tempo, talvez para sempre. Embora a raça humana não houvesse se extinguido de todo, os sobreviventes levariam séculos para retomar as rédeas do poder. Que seria do mundo e das suas criaturas sem o homem? Bem, ele, Ish, ia ver..

2

Mas quando se deitou não conseguiu dormir. O frio abraço da névoa estival envolveu a casa e a consciência da sua solidão se transformou em medo e pânico. Levantou-se e, colocando uma bata, foi sentar-se diante do aparelho de rádio. Procurou freneticamente em todas as ondas. Só ouviu ruídos fracos.

Então lembrou-se do telefone. Tirou do gancho e ouviu o zumbido familiar. Discou um número; um número qualquer. A campainha soou em uma casa distante. Ish achou ter ouvido um despertar de ecos nas residências vazias. Na décima chamada, desligou o telefone. Tentou um segundo número, e um terceiro... e parou de ligar.

Ocorreu-lhe então outra ideia. Acrescentou um refletor à lâmpada e, de pé na varanda, lançou uma mensagem para a cidade noturna: três pontos, três traços, três pontos, o S.O.S., em que haviam posto suas esperanças tantos homens ameaçados pela morte. Mas não houve resposta. Após um momento, compreendeu que seus sinais passariam inadvertidos entre as luzes da cidade.

Entrou em casa tremendo de frio. Ligou uma chave e o motor da calefação se pôs em marcha. A eletricidade ainda funcionava e no tanque ainda havia combustível. Nesse sentido não tinha problemas. Sentou-se e depois de poucos minutos apagou as luzes, com a curiosa sensação de que eram visíveis demais. A névoa e a escuridão o protegeriam com seus véus impenetráveis. Entretanto, angustiado pela solidão, colocou o martelo ao alcance da mão.

Um grito espantoso afastou a escuridão. Tremendo da cabeça aos pés, Ish demorou em reconhecer a chamada de amor de um gato, um som familiar nas noites de estio, mesmo no aristocrático

San Lupo. Os miados continuaram por algum tempo e por fim os latidos de um cão interromperam o idílio. O silêncio voltou a apoderar-se da noite.

Para eles também termina um mundo de vinte mil anos. Jazem nos canis, com as línguas inchadas, mortos de sede. Perdigueiros, ovelheiros, pequineses, lebreiros. Os mais afortunados vagam pela cidade e pelos campos, bebendo nos riachos, nas fontes, nos tanques povoados de peixes vermelhos. Buscam por todas as partes alguma coisa para comer, perseguem uma galinha, pegam um esquilo no parque. E pouco a pouco as torturas da fome apagam séculos de servidão. Furtivamente, acercam-se dos cadáveres insepultos.

O animal de raça já não se distingue pela altura, pela forma da cabeça ou pela cor do pelo. Fora do concurso, Príncipe de Piedmont IV não supera o último cuzco de rua. O prêmio, o direito a sobreviver, é obtido pelo mais engenhoso, com maior vigor, com uma mandíbula mais forte, ou aquele que sabe adaptar-se às novas condições de vida e que, de volta à selvageria, vence seus rivais, assegurando sua subsistência; Pêssego, o poodle cor de mel, permanece deitado, triste e aflito, debilitado pela fome, pouco inteligente, de patas curtas demais para perseguir as presas... Spot, o mestiço predileto das crianças, tem a sorte de encontrar uma ninhada de gatinhos e os mata, não por crueldade, e sim para comê-los... Ned, o terrier de pelo duro, independente por natureza e amigo de correrias, persegue sem dificuldades... Bridget, o setter vermelho, estremece, e de vez em quando lança para o céu um uivo que termina em um queixume. Sua alma bondosa não tolera um mundo sem deuses.

Naquela manhã Ish traçou um plano. Em um distrito urbano de milhões de habitantes, outros deviam ter sobrevivido. A solução era evidente: tinha que encontrar alguém, em qualquer lugar. Mas, como?

Percorreu toda a vizinhança, esperando descobrir algum desconhecido, Mas as casas pareciam desabitadas. As flores murchavam nos jardins ressecados.

Regressou, cruzou o parque das suas brincadeiras infantis, e subiu nas rochas. Duas delas se tocavam em cima, formando uma espécie de gruta, um refúgio natural, primitivo, onde Ish frequentemente tinha se escondido. Olhou. Não havia ninguém.

Em uma larga superfície rochosa que seguia a inclinação da colina, os índios haviam aberto uns buracos com seus martelos de pedra. O mundo dos pele vermelhas desapareceu, pensou Ish. E agora desaparece também outro mundo. Serei eu seu último representante?

Entrou no carro e traçou mentalmente a rota que poderia seguir para que a buzina fosse ouvida em toda a cidade. Partiu tocando a buzina a curtos intervalos, parando para esperar uma possível resposta.

As ruas tinham o aspecto das primeiras horas da manhã. Havia muitos carros estacionados e pouca desordem. De vez em quando via um cadáver; algum doente a quem a morte havia surpreendido na rua. Dois cachorros vagavam perto de um corpo. Em uma esquina, um cadáver de um homem pendia da cruzeta de um poste telefônico, com um cartaz no peito que dizia: Ladrão. Ish entrou logo em uma zona comercial e então viu alguns sinais de violência. A vidraça de uma loja de bebidas fora transformada em estilhaços.

Saiu da zona comercial, tocando a buzina outra vez. Meio minuto mais tarde, ouviu-se outra buzina, distante e fraca. Por um momento pensou que seus ouvidos o enganavam. Tocou outra vez e a resposta chegou de imediato. O seu coração deu um salto. O eco, pensou. Chamou com uma buzinação curta e outra longa e escutou. A resposta foi um som breve e único. Deu meia volta e foi para o lugar de onde vinha o som, a não mais de setecentos ou oitocentos metros. Três ruas mais adiante, tocou de novo e esperou. Mais à direita, entrou em um beco sem saída, voltou atrás e tentou outra rua. Lançou a chamada e a resposta chegou de mais perto. Avançou rapidamente em linha reta e a resposta seguinte soou às suas costas. Retrocedeu e entrou em uma ruazinha margeada de lojas.

Havia longas filas de carros junto às calçadas, mas não viu ninguém. Era esquisito que aquele outro sobrevivente não

estivesse no meio da rua fazendo sinais. Tocou a buzina e a resposta quase o deixou surdo. Parou o carro, desceu e correu. O homem estava dentro de um automóvel. Quando Ish se aproximou, ele desabou sobre o volante e então caiu de lado. A buzina emitiu um longo queixume. Um bafo de uísque chegou ao nariz de Ish. O homem, de barba longa e hirsuta, o rosto sujo e vermelho, estava completamente bêbado.

Ish, logo furioso, sacudiu o corpo caído. O homem entreabriu os olhos e grunhiu, como se perguntando o que estava acontecendo. Ish sentou o corpo inerte. Tateando, a mão do homem procurou a garrafa de uísque em um canto do assento. Ish adiantou-se a ele e jogou a garrafa na rua, onde quebrou-se ruidosamente. Sentia-se amargurado e furioso. Havia ali uma terrível ironia. Havia encontrado um único sobrevivente, que era um pobre velho bêbado que não servia para nada neste mundo nem em nenhum outro.

Os olhos do homem então se abriram e a ira de Ish transformou-se em uma enorme piedade. Aqueles olhos tinham visto demais. Havia neles espanto e horror. O corpo sujo e doente escondia de algum modo uma mente sensível que agora só desejava esquecer.

Ish sentou-se junto ao bêbado. Os olhos do homem olharam aqui e ali, como que perdidos, e a tragédia pareceu crescer neles. Ish imediatamente pegou na sua mão e procurou o pulso. Estava fraco e irregular. Não lhe restavam senão algumas horas de vida. Bem, pensou Ish, o sobrevivente podia ter sido uma garota, ou um homem inteligente, mas era esse bêbado a quem ninguém podia ajudar.

Após uns instantes, Ish saiu do carro e entrou no bar. Havia um gato no balcão. Ish achou que estivesse morto, mas o animal logo se moveu. Tinha estado dormindo, simplesmente. O gato olhou para Ish com a fria insolência com que uma duquesa olha para sua camareira. Ish sentiu-se incomodado e teve que recordar que os gatos sempre haviam sido assim. O animal parecia contente e bem alimentado. Ish olhou para as prateleiras e notou que o bêbado não havia se preocupado em escolher sua garrafa. Um uísque qualquer lhe tinha bastado.

Saiu e viu que o homem havia encontrado outra garrafa em algum lugar e que bebia em grandes tragos. Não havia muito o que fazer, mas Ish decidiu tentar.

Apoiou-se na janela. O homem, talvez animado outra vez pelo álcool, parecia mais lúcido. Olhou para Ish e sorriu pateticamente.

— Ho... ho... ah — disse, com voz pastosa.

— Como se sente? — perguntou Ish.

— Bar... el... low — balbuciou o outro

Ish tentou decifrar aqueles sons. O homem esboçou novamente seu patético sorriso infantil e repetiu com uma voz um pouco mais clara:

— No... Bar'l... low.

Ish mal compreendeu.

— Seu nome é Barlow, não? — perguntou Barlow?

O homem assentiu, sorriu e, antes que Is pudesse impedi-lo, tomou outro trago. Ish sentiu-se mais triste que furioso. Que importava agora um nome? Não obstante, o senhor Barlow, submerso nas névoas do álcool, tentava cumprir com uma norma de civilizada cortesia.

Em seguida, muito lentamente, o senhor Barlow desabou outra vez no assento e a garrafa caiu e esvaziou-se no chão do carro.

Ish estava hesitante. Uniria sua sorte à do homem, tentando curá-lo ou reformá-lo? O senhor Barlow parecia um caso sem esperanças. E se ficasse ali podia perder a chance de encontrar algum outro.

— Fique aqui — disse ao homem deitado, talvez inconsciente.

— Eu voltarei.

Os gatos tinham sido dominados pelo homem por somente cinco mil anos e nunca haviam aceito de bom grado essa dominação. Os exemplares encerrados nas casas logo morreram de sede. Mas os que ficaram na rua se arranjaram melhor que os cães.

A caça ao rato deixou de ser um jogo para transformar-se em uma indústria. Os gatos caçam pássaros, rondam pelas ruas e

avenidas, procurando alguma lata de desperdícios que os ratos ainda não tinham saqueado. Saem dos limites da cidade e invadem as guaridas de codornizes e coelhos. Ali se encontram com outros gatos realmente selvagens; e o fim é sangrento e rápido, pois os vigorosos habitantes dos bosques despedaçam os gatos citadinos.

Desta vez o som era mais insistente.

O homem que tocava a buzina não parecia bêbado. Ish aproximou-se e viu um homem e uma mulher. Riam e faziam-lhe sinais. Desceu do carro. O homem era corpulento e vestia um deslumbrante paletó esportivo. A mulher era jovem e bonita com a boca pintada com uma espessa camada de carmim. Nos seus dedos reluziam vários anéis.

Ish deu alguns passos e então se deteve. Dois são um casal, três uma multidão. O olhar do homem era decididamente hostil. A mão direita não deixava o avultado bolso do paletó.

— Como estão? — disse Ish, sem se mover.

— Oh, muito bem — disse o homem. A mulher deu um risinho idiota e olhou provocativamente para Ish. Ish sentiu-se outra vez em perigo. — Sim, prosseguiu o homem, sim, estamos muito bem. Muita comida, muita bebida e muitíssimo...fez um gesto obsceno e olhou para a mulher com um sorriso. A mulher riu outra vez.

Ish se perguntou o que teria sido a mulher na antiga vida. Parecia agora uma prostituta acomodada. Tinha nos dedos diamantes bastantes para instalar uma joalheria.

— Há outros sobreviventes? — perguntou.

O homem e a mulher se olharam. A mulher riu. Não parecia conhecer outra linguagem.

— Não nos arredores — disse o homem. Fez uma pausa e deu uma olhada na mulher. — Não até agora, pelo menos.

Ish olhou para a mão do homem, ainda no bolso do paletó. A mulher movia os quadris e semicerrava as pálpebras, como dizendo que ficaria com o vencedor. Nos olhos do casal não havia aqueles sinais de dor que nublava os olhos do bêbado. Mas talvez também estivessem sofrendo demais e, de algum modo, haviam perdido a

razão. Ish entendeu de imediato que nunca tinha estado tão perto da morte.

— Para onde vai? — perguntou o homem.

— Oh, só estava dando uma volta — disse Ish.

A mulher voltou a rir. Ish voltou-se e caminhou para o carro, pensando que a qualquer instante receberia um tiro nas costas. Chegou ao carro, entrou e distanciou-se...

Desta vez não ouviu som algum, mas ao virar a esquina, ali estava ela, plantada no meio da rua: uma adolescente de pernas longas e cabeleireira loira. Durante um momento não se moveu, como um cervo surpreendido em uma clareira do bosque. Então, como a rapidez de uma amedrontado animal acossado, dobrou-se em duas e, protegendo-se da luz do sol, tentou ver através do para-brisas. Em seguida correu, como um animal, e escapuliu através das tábuas de uma cerca.

Ish desceu do carro, foi até a cerca e chamou várias vezes mas não houve resposta. Se tivesse ouvido uma risinho brincalhão em uma janela, ou se tivesse visto o revolteio de uma saia em uma esquina, talvez teria continuado procurando. Mas, evidentemente, a fuga da garota não era um flerte. Talvez tivesse aprendido dolorosamente que somente assim podia se salvar. Ish esperou por um momento, mas como a garota não apareceu, pôs-se outra vez a caminho...

Ouviu outras buzinas, mas silenciavam antes que pudesse localizá-las. Por fim viu um velho que saía de um armazém com carrinho de bebê, onde estavam empilhadas latas e caixas. Ish se aproximou e viu que ele não era tão velho. Sem a barba branca e emaranhada, não aparentaria mais que sessenta anos. Usava uma roupa enrugada e suja. Devia dormir vestido há algum tempo.

Ish descobriu que o velho era mais comunicativo que os outros, mas não muito. Levou Ish para sua casa que não era muito distante. Nos cômodos se amontoavam todo tipo de coisas: algumas úteis, outras totalmente inúteis. Dominado por uma mania possessiva, o velho logo se transformaria em um ermitão avarento. Antes do desastre ele tinha tido uma mulher e havia

trabalhado em uma loja de ferragens; embora provavelmente sempre tivesse se sentido desgraçado e só, com muitos poucos amigos. Na verdade, agora ele era mais feliz do que nunca, pois não havia ninguém que estorvasse suas ânsias de rapina nem que o impedissem de se retirar e viver rodeado de pilhas de mercadorias. Guardava alimentos enlatados; às vezes caixões inteiros, ou simples montes de latas. Mas havia também uma dúzia de cestos de laranjas, que ele não poderia consumir antes que apodrecessem. Alguns sacos de celofane haviam se rasgado e as ervilhas já cobriam o piso. Ish viu também várias caixas de lâmpadas elétricas e válvulas de rádio, um violoncelo embora o homem não soubesse música, mais de cem exemplares de uma mesma revista, uma dúzia de despertadores e muitas outras coisas que o velho havia reunido, não com a intenção de utilizá-las algum dia, e sim porque essa acumulação lhe dava uma agradável sensação de segurança.

Às vezes o velho era simpático, mas já não pertencia ao mundo dos vivos, pensou Ish. A catástrofe o havia transformado um homem taciturno e solitário, em um maníaco a um passo da loucura. Continuaria, no futuro, empilhando coisas ao seu redor e encerrando-se cada vez mais em si mesmo.

Mas quando Ish se levantou para ir embora, o velho, presa do pânico, pegou-o pelo braço.

— Que sentido tem tudo isto? — perguntou, excitado — Por que a vida me perdoou? Ish contemplou o rosto deformado pelo terror, a boca aberta de onde pendia um fio de baba.

Sim — respondeu irritado e aliviado ao mesmo tempo, por poder dar rédea solta à sua cólera. Sim. Por que você está vivo e morreram tantos homens capazes?

O velho olhou involuntariamente ao redor. Seu terror era abjeto, quase animal.

— É isso mesmo que me assusta — gemeu. Ish se compadeceu.

— Vamos— disse, não há motivo para se assustar. Ninguém sabe porque sobreviveu. Não foi mordido por alguma cascavel?

— Não.

— Bem, não importa. A questão da imunidade natural é um mistério. As epidemias mais graves não atacam todo mundo.

Mas o outro balançou a cabeça.

— Devo ter sido um grande pecador — disse.

— Nesse caso, o teriam castigado.

— Talvez...o velho interrompeu-se e olhou ao redor. — Talvez me reservem um castigo especial.

O velho estremeceu da cabeça aos pés.

Ao se aproximar da barreira de pedágio, Ish se perguntou maquinalmente se teria moedas. Em um segundo de extravio, imaginou uma cena absurda onde deslizava uma moeda imaginária para uma mão imaginária. Mas embora tivesse que diminuir a marcha para cruzar a estreita passagem, não colocou a mão pela janela.

Havia decidido chegar a San Francisco. Mas logo compreendeu que o que o havia atraído era a ideia de ver a ponte. Era a mais audaz e a maior de todas as obras do homem naquela região. Como todas as pontes, era um símbolo de unidade e segurança. San Francisco só havia sido um pretexto. Na verdade, desejava somente renovar algum tipo de comunicação com o símbolo da ponte.

Agora a ponte estava deserta. Onde antes seis filas de carros haviam corrido para o leste o oeste, as faixas brancas se prolongavam até se unirem. Uma gaivota que havia pousado no corrimão, sacudiu preguiçosamente as asas quando o carro se aproximou e desceu planando sobre a água.

Ish teve o capricho de dobrar à esquerda e avançou sem encontrar obstáculos. Atravessou o túnel e as altas e magníficas torres e as longas curvas da ponte pênsil alçaram-se diante dele. Como de costume, tinham estado pintando algumas partes; um

cabo vermelho alaranjado se destacava sobre o cinza prateado comum.

Então viu algo estranho. Um carro esportivo, verde, estava estacionado junto ao parapeito, na direção leste. Ish olhou-o ao passar. Dentro não havia ninguém, nada. Seguiu adiante. Em seguida, cedendo à curiosidade, descreveu uma longa curva e parou junto ao cupê. Abriu a porta e examinou os assentos. Não, nada. O motorista, desesperado, atacado pela doença, teria se arrojado na água, saltando por cima da grade? Ou talvez o motor teria se quebrado e ele, ou ela, teria parado outro carro, ou havia continuado a pé. As chaves ainda estavam no painel; a carteira de motorista pendia do volante: John Robertson, número tal, rua Cinquenta e Quatro, Oakland. Nome e endereço comuns. O carro do senhor Robertson era agora dono da ponte.

De volta ao túnel, Ish pensou que poderia ter resolvido parte do problema tentando ligar o motor. Mas na realidade não importava... como não importava, tampouco, que partisse outra vez para o leste. Tendo dado meia volta para se aproximar do cupê, Ish simplesmente seguiu em linha reta. San Francisco, estava certo, nada poderia oferecer-lhe.

Um pouco mais tarde, como havia prometido, Ish voltou à rua onde havia conversado se aquilo podia chamar-se conversar com o bêbado. Encontrou o corpo caído na calçada em frente ao bar. Depois de tudo, refletiu Ish, o corpo humano só pode absorver uma quantidade limitada de álcool. Ish lembrou dos olhos do bêbado e não conseguiu sentir pena. Não havia cães nos arredores, mas Ish não podia deixar o corpo ali. Afinal havia conhecido o senhor Barlow e havia conversado com ele. Embora não soubesse onde enterrá-lo. Tirou umas mantas da uma loja e envolveu o corpo cuidadosamente. Então levou-o para o carro e fechou as janelas.

Seria um mausoléu hermético e duradouro. As orações fúnebres pareciam fora de lugar. Mas ao observar de fora o rolo de mantas, pensou que o senhor Barlow havia sido, sem dúvida, um bom homem que não conseguiu sobreviver à queda do mundo. Então tirou o chapéu e assim ficou por uns instantes...

Agora, como na antiguidade, quando a queda de um poderoso monarca alegrava os povos submetidos, regozijavam-se os abetos e os cedros entoam: "Caíste e o machado já não ameaça nossa existência". E os cervos, as raposas e as codornizes cantam: "Agora és como nós. É este o homem que estremeceu a terra?" ("A tumba devorou tua soberba e a música das tuas violas; os vermes se movem sob teu corpo e te cobrem.")

Não, ninguém disse estas palavras, ninguém pensa nelas, e o livro de Isaías se confunde com o pó. O gamo, sem saber porque, se atreve a sair da espessura; as raposas brincam junto à fonte seca da Praça; a codorniz choca seus ovos na grama alta, perto do relógio do sol.

Lá para o fim do dia, após dar uma volta para evitar um lugar nauseabundo onde se amontoavam os cadáveres, Ish voltou para casa em San Lupo.

Havia aprendido muito. O Grande Desastre — assim chamava agora a epidemia não havia despovoado inteiramente o mundo. Não havia porque comprometer o futuro unindo-se a qualquer um. Era preferível procurar e escolher. Por outro lado, todos os que havia encontrado até agora estavam no limite da loucura.

Ocorreu-lhe então um novo pensamento, que podia ser expresso com uma nova fórmula: o Golpe de Misericórdia. A maioria dos que haviam escapado ao Grande Desastre, cairia vítima de algum mal que haviam evitado até então. Muitos se matariam bebendo. Havia sido cometidos, suspeitava, alguns assassinatos, e haviam abundado, certamente, os suicidas. Alguns homens que em outro tempo haviam arrastado uma existência comum, como o velho, não poderiam superar e enlouqueceriam. Muitos feridos e doentes morreriam por falta de cuidados. De acordo com uma lei biológica, toda espécie deve contar com um número mínimo de representantes. Abaixo desse número, estará irremediavelmente condenada.

A humanidade sobreviverá? Ponto capital que podia animar Ish. De acordo com o resultado da jornada, as esperanças eram poucas. E quem pode desejar que sobreviva uma humanidade de fantoches?

Havia começado a manhã como um verdadeiro Robinson Crusóé, disposto a aceitar o primeiro sexta-feira que aparecesse. Terminava o dia pensando que se resignaria à solidão se não encontrasse um amigo aceitável. Só uma mulher parecia ter desejado sua companhia, e ali tinha havido uma ameaça de traição e morte. Se Ish tivesse eliminado o homem, teria encontrado nela uma mera companhia física. Quanto à adolescente, teria sido preciso recorrer a um laço ou a uma armadilha de ursos. E provavelmente, como o velho, ela havia perdido a razão.

Não, o Grande Desastre não havia deixado os melhores com vida; e as provas que os sobreviventes haviam suportado não haviam acrescentado suas virtudes.

Preparou uma ceia e comeu sem apetite. Depois tentou ler, mas as palavras tinham tão pouco sabor como a comida. Ainda estava

pensando no senhor Barlow e nos outros. De um modo ou de outro, cada um à sua maneira, todos os que tinha visto naquele dia estavam desmoronando. E ele próprio conservaria todas as suas faculdades mentais? Pegou um papel e um lápis e escreveu uma lista de qualidades que podiam lhe permitir continuar vivendo e, além disto, ser feliz onde todos os outros haviam fracassado.

- 1) Vontade de viver. Desejo de ver o que será da terra sem o homem. Geógrafo.
- 2) Amor à solidão. Pouco falador.
- 3) Ter extirpado um apêndice.
- 4) Habilidade manual. Mas mau mecânico. Vida ao ar livre.
- 5) Não ter visto morrer a família e os outros

Interrompeu-se, com os olhos fixos na última linha. Esperava que estivesse certo. Refletiu por uns minutos. Podia acrescentar outras qualidades à lista. Sua educação, que lhe permitia adaptar-se às novas circunstâncias. Gostava de ler e assim podia distrair-se e esquecer. Ademais, não era um leitor comum. Podia pesquisar em livros e procurar ali os meios de reconstruir o mundo.

Com os dedos crispados no lápis, pensou se devia anotar que não era supersticioso. Podia ser importante. Se não fosse, seria presa, como o velho, de um terror abjeto e chegaria talvez a pensar que o desastre era obra da ira de Deus, que havia arrasado seu povo com uma peste, como antes do dilúvio. E ele, embora não tivesse mulher e filhos, seria um novo Noé, encarregado de repovoar o mundo deserto. Mas semelhantes divagações levavam à loucura. Sim, se um homem se crê mensageiro de Deus, não está longe de acreditar ser o próprio Deus e de enlouquecer..

Não, pensou Ish, aconteça o que acontecer, nunca me acharei um deus. Nunca serei um deus.

Abandonando-se assim ao curso dos seus pensamentos, comprovou, não sem surpresa, que a perspectiva de uma vida solitária não deixava de lhe dar uma sensação de segurança e, e mais ainda, de euforia. No passado, as relações sociais haviam

sido uma das suas maiores preocupações. A ideia de ir a um baile o tinham feito transpirar mais de uma vez; nunca havia pertencido a uma associação de estudantes. Nos velhos dias, este modo de ser era um defeito; agora, ao contrário, parecia uma vantagem. Sempre havia ficado em um canto nas reuniões sociais, entrando muitas poucas vezes em conversas, contentando-se em escutar e observar objetivamente. E agora, do mesmo modo, podia suportar facilmente o silêncio e observar como espectador o curso das coisas. Sua fraqueza havia se transformado em força. Como um cego em um mundo privado de luz. Nessas trevas, onde as pessoas normais andariam aos tropeções, ele estaria muito cômodo e os outros viriam segurar seu braço, implorando-lhe que lhes servisse de guia.

Entretanto, quando se encontrou na cama, na escuridão, a imagem dessa vida solitária perdeu todo seu encanto. As frias mãos da névoa cruzaram a baía e se fecharam sobre a casa de San Lupo Drive. Ish sentiu outra vez aquele medo. Encolhido entre as mantas, com o ouvido atendo a todos os ruídos da noite, pensou em sua solidão; e no Golpe de Misericórdia que pendia sobre ele, ameaçador. Foi assaltado por um violento desejo de fugir com a maior rapidez daqueles enigmáticos perigos. Invocou então o auxílio da razão e disse a si mesmo que a epidemia não podia ter devastado todo o país, que em algum lugar devia ter restado alguma comunidade com vida e que ele a encontraria.

3

O pânico desapareceu com a noite, mas o medo continuou tenazmente alojado no coração de Ish. Levantou-se com cuidado e engoliu saliva apreensivamente, pensando no que aconteceria se adoecesse da garganta.

Desceu lentamente as escadas. Um degrau deslocado podia significar a morte.

Em seguida, começou a preparar a partida e, como sempre que seguia um determinado plano, embora não fosse um plano razoável, sentiu-se satisfeito e tranquilo.

Seu automóvel era velho. Podia escolher algum outro entre as centenas de carros abandonados. Na maioria faltavam as chaves. Mas por fim encontrou em uma garagem uma caminhonete com as chaves, o que respondia aos seus desejos. Ligou o motor; funcionava perfeitamente.

Já se preparava para partir, quando foi assaltado por uma sensação de mal-estar. Não era a pena de abandonar seu velho automóvel. De repente se lembrou. Voltou ao seu carro e pegou o martelo. Levou-o para a camionete e colocou-o no piso, aos seus pés. Então saiu da garagem.

Em um armazém comeu um pouco de queijo e alguns biscoitos, enquanto escolhia algumas provisões nas prateleiras. Os víveres abundariam em todas as cidades. Mas convinha levar algumas reservas no carro. Outras lojas lhe proporcionaram um saco de dormir, um machado, uma pá, um impermeável, cigarros e uma garrafinha de conhaque. Lembrando das aventuras da véspera, entrou em uma loja de armas e escolheu um fuzil leve, uma carabina de repetição, uma pistola automática que podia carregar facilmente no bolso e uma faca de caça.

Já na camionete, e pronto para partir, viu o cão. Tinha visto muitos cães nos últimos dias e afastava-os sempre da sua mente. Ofereciam um patético espetáculo e aparentemente não gostavam do que estava acontecendo. Às vezes pareciam famintos, ou bem alimentados demais. Alguns se encolhiam, assustados, outros mostravam os dentes, muito seguros de si. Este era um pequeno cão de caça, branco e acastanhado, de orelhas longas e caídas. Um sabujo, provavelmente, embora ele soubesse muito pouco sobre raças caninas.

Sentado prudentemente a uns três metros de distância, o cão olhou para Ish, balançou a cauda e choramingou fracamente.

— Fora! — gritou Ish, sentindo como se levantasse um muro contra os laços de afeito que só podiam terminar com a morte. — Fora! — repetiu. Mas o cão avançou alguns passos, deitou-se na calçada com o focinho entre as patas e fixou Ish com olhos suplicantes. As longas orelhas caídas davam-lhe uma expressão de infinita tristeza, como se Ish lhe tivesse partido o coração. De repente, sem querer, Ish sorriu; e pensou que era seu primeiro sorriso sem ironia desde o dia da serpente.

Controlou-se, mas o cão, que havia visto de imediato sua mudança de humor, se esfregava contra suas pernas. Ish olhou para ele e o animal se esquivou, com um temor fingido ou real descreveu um círculo, interrompido por dois saltos de lado, se deixou cair outra vez com a cabeça entre as patas e lançou um curto latido ansioso que terminou em um gemido. Ish sorriu novamente, desta vez abertamente, e o cão compreendeu que sem dúvida havia ganho a partida. Pôs-se a correr outra vez, mudando rapidamente de direção, como se perseguisse um coelho. Por fim arrojou-se ousadamente aos pés de Ish e ofereceu a cabeça, como se esperando uma carícia e dizendo: “Não fiz bem?” Ish compreendeu, colocou a mão na cabeça e lhe acariciou o pelo. O cão lançou um pequeno grunhido de satisfação e balançou a cauda com tanta força, que suas orelhas tremeram. Revirou os olhos claros. Era a própria imagem da adoração. Umas rugazinhas

cruzavam sua testa. Um caso de amor à primeira vista. O cão parecia dizer: “Para mim, não há outro homem no mundo”.

Ish confessou sua derrota. Agachou-se e acariciou francamente o novo amigo. Bem, pensou, queira ou não, tenho um cão. Ou melhor, o cão me tem. Abriu a porta da camionete e o cão saltou e se instalou no assento como se estivesse em casa.

Em um armazém Ish encontrou uma caixa de biscoitos para cachorro e deu-lhe um. O cão aceitou sem demonstrar carinho ou agradecimento. O homem tinha o dever de alimentá-lo e toda demonstração de gratidão era, portanto, supérflua. Ish notou então, pela primeira vez, que na realidade o animal não era um cão e sim uma cadela. Bem, pensou, fiz uma verdadeira conquista.

Voltou à sua casa e recolheu algumas coisas: roupas, um par de óculos de campanha, livros. Se perguntou se precisaria de algo mais. A viagem poderia levá-lo ao outro lado do continente. Finalmente encolheu os ombros. Na carteira tinha dezenove dólares, em notas de cinco e de um. Era mais que suficiente. Pensou em atirar fora a carteira, mas finalmente guardou-a. Estava tão acostumado a levá-la no bolso, que sem ela se sentiria perdido. O dinheiro não atrapalhava.

Sem muitas esperanças, escreveu uma nota e deixou-a bem à vista na sala. Se seus pais regressassem, saberiam que podiam esperá-lo, ou deixar-lhe uma mensagem.

De pé, junto ao automóvel, deu um olhar de despedida para a avenida San Lupo. A rua estava deserta. As casas e as árvores não haviam mudado, mas notou outra vez no gramado e nos jardins a falta de rega e cuidados. Apesar da neblina noturna, o seco verão californiano murchava as plantas.

Era o meio da tarde. Mas Ish decidiu partir de imediato. Desejava distanciar-se e passar a noite em outra cidade.

As plantas e as flores que o homem havia cuidado morrem como os gatos e os cães. Trevos e grama inclinam a cabeça, e os dentes de leão amarelecem. Os ásteres, que amam a água, murcham nos maciços. As ervas daninhas florescem. A sávia se consome nos talos das camélias; não haverá botões na próxima primavera. Nas trepadeiras e nos roseirais, as folhas se retorcem, lutando contra a

seca. As abóboras silvestres estendem seus braços sobre os jardins e terraços. Como os bárbaros, que em outro tempo, desaparecidos os exércitos romanos, invadiram as delicadas províncias, assim as ervas daninhas silvestres avançam e destroem as plantas premiadas que o homem havia mimado.

Um barulho firme e regular subia do motor. Na manhã do segundo dia, Ish dirigiu com prudência exagerada, temendo sempre que estourasse um pneu, que os freios se estragassem, ou que alguma vaca cruzasse o caminho. Com os olhos fixos no velocímetro, tentava não superar os sessenta quilômetros por hora. Mas o motor era poderoso e a agulha subia a cada instante para os sessenta e os oitenta.

A velocidade o foi tirando pouco a pouco daquela depressão. A mera mudança era um alívio; a fuga, um consolo. Mas Ish sabia que estava fugindo, sobretudo, por um tempo, da necessidade de decidir. Inclinado sobre o volante, vendo como se descortinava a cada momento a cortina de uma nova paisagem, não fazia planos para o futuro, não pensava em como ia viver nem se iria viver. Só se preocupava em dobrar a próxima curva.

A cadela estava deitada no assento. De vez em quando botava a cabeça nos joelhos do seu novo dono; geralmente ela dormia calmamente, e sua presença também era um alívio.

O espelho retrovisor nunca mostrava um automóvel. Ish, por costume, olhava-o constantemente e via as imagens da carabina e do fuzil, do saco de dormir e das latas de conserva no assento traseiro. Era como um marinheiro em alto mar, com seu barco cheio de provisões, preparado para qualquer emergência; e sentia também esse profundo desespero do naufrago, a desolação da imensidão.

Seguiu pela rodovia 99, que cruzava o vale de San Joaquim. Não se apressava, mas a velocidade média era excelente. Não havia caminhões que o obrigassem a diminuir a marcha e não era necessário parar, obedecendo aos sinais de trânsito embora a maioria ainda funcionasse, nem diminuir a velocidade nas cidades. Na realidade, apesar dos seus temores, devia reconhecer que a

rodovia 99 agora era mais segura que antes, com seu trânsito denso e enlouquecido.

Não viu homem algum. Se procurasse nas cidades e povoados, talvez pudesse descobrir alguém; mas para que? Podia encontrar algum indivíduo isolado a qualquer momento. Agora queria comprovar se não havia alguma cidade com vida.

A ampla planície estendia-se até o horizonte: vinhedos, hortas, campos de melões, plantações de algodão. O olho experimentado de um camponês talvez pudesse descobrir os efeitos do desaparecimento do homem, mas para Ish não havia mudança alguma.

Em Bakesfield deixou a rodovia 99 e tomou o tortuoso caminho que levava ao passo de Tehachapi. Os campos se transformaram em ladeiras cobertas de carvalhos, e então em pinheirais parecidos com parques. A solidão pesava menos nesses lugares que tinham estado quase sempre desabitados.

Ish chegou ao final do desfiladeiro. O deserto assomava no horizonte. Sentiu medo outra vez. Embora o sol ainda estivesse muito alto, parou na cidade de Mojave e começou a se preparar.

Para atravessar aqueles trezentos quilômetros de deserto, inclusive nos velhos tempos, o motorista devia levar sua provisão de água. Em alguns lugares, se o carro tivesse alguma avaria, tinha que caminhar todo um dia para encontrar um posto de estrada. Ish, que só podia contar consigo mesmo, devia multiplicar as precauções.

Encontrou uma loja de ferragens. A porta maciça estava fechada com duas voltas da chave. Ish quebrou a fechadura com o martelo e entrou. Pegou três grandes cantis e encheu-os em uma torneira de onde ainda saía um fraco fio d'água. Em um armazém pegou um garrafão de cinco litros de vinho tinto. Entretanto, tudo isso não lhe pareceu suficiente.

Sem saber muito bem o que queria, retrocedeu pela rua principal até que encontrou uma motocicleta. Era preta e branca, como as dos guardas de trânsito. Apesar de se sentir assustado e desanimado, sentiu certos escrúpulos. Roubar a motocicleta de um policial era algo por demais insólito. Por fim, após alguma

hesitação, desceu do carro e testou a motocicleta dando algumas voltas pela rua.

Sob o pesado calor das últimas horas da tarde, trabalhou durante uma hora preparando algumas tábuas. Queria subir a motocicleta na carroceria. Não seria só um marinheiro em seu barco; teria também uma chalupa em caso de naufrágio.

Entretanto, seus temores cresciam constantemente e surpreendeu-se várias vezes dando uma olhada por cima do ombro.

O sol se pôs. Esgotado, Ish preparou uma ceia fria e comeu sem apetite. Pensou até nos perigos de uma indigestão. Então foi buscar uma lata de comida para cães. A cadela aceitou o presente impassivelmente e acomodou-se outra vez no assento dianteiro.

Ish procurou então o melhor hotel da cidade e se instalou em um quarto com a cadela. Mal saía água das torneiras. Parecia que naquele povoado o fornecimento de água não era automática, como nas cidades. Lavou-se o melhor que pôde e deitou-se. A cadela enroscou-se no piso.

Mas Ish, quase aterrorizado, não conseguia dormir. A cadela gemia durante o sono, sobressaltando-o. O medo se fez quase intolerável. Levantou-se para se assegurar que havia fechado bem a porta, sem saber exatamente o que temia ou contra que inimigo proteger-se. Pensou em ir procurar um sonífero em uma farmácia, mas a ideia de um sono muito profundo o assustou. A lembrança do senhor Barlow, por outro lado, o impedia de recorrer ao conhaque. Por fim dormiu um sonho agitado.

Acordou com a cabeça pesada. Fazia muito calor e ele hesitou em atravessar o deserto. Ocorreu-lhe então que podia retroceder para o sul, até Los Angeles. Não era uma má ideia dar uma olhada por lá. Mas esses argumentos, ele sabia muito bem, eram simples pretextos. Ainda conservava bastante amor próprio para não voltar atrás enquanto não houvesse um impedimento sério; mas decidiu, de qualquer forma, não se meter no deserto antes do cair do sol. Era, disse para si mesmo, uma precaução elementar. Mesmo nos tempos normais, se costumava cruzar o deserto à noite, para evitar o calor.

Passou o dia em Mojave, nervoso e inquieto, perguntando-se que outras precauções poderia tomar. Por fim, quando o sol baixou sobre as montanhas do oeste, empreendeu a marcha com a cadela ao seu lado.

Ainda não havia percorrido dois quilômetros quando sentiu que o deserto o envolvia. Com os últimos raios de sol, as árvores Judeia projetavam longas e estranhas sombras. Por fim o crepúsculo inundou tudo. Ish acendeu os faróis, que iluminaram o caminho solitário, sempre solitário. Às vezes procurava no retrovisor o reflexo de luzes gêmeas que indicassem que outro carro se aproximava. Logo a escuridão foi total e ele se sentiu ainda mais angustiado. Apesar do motor ronronar regularmente, pensou em todos os acidentes possíveis: o estouro de um pneu, o motor sobreaquecido, uma interrupção da passagem da gasolina. Reduziu a velocidade. Nem sequer podia confiar na motocicleta.

Algumas horas mais tarde agora andava muito lentamente chegou a um posto do deserto, onde anteriormente uma pessoa podia prover-se gasolina, pneus ou bebidas. A casa estava às escuras e Ish passou ao largo. Os raios brancos dos faróis recortavam claramente a rodovia. O motor rugia suavemente. Que seria dele se parasse?

Já estava em pleno coração do deserto, quando a cadela começou a grunhir e a se agitar..

— Cale-se — disse Ish, mas o animal continuou com seus gemidos e sacudidas. — Oh, está bem — continuou ele, e parou o carro, sem se preocupar em sair para o acostamento do caminho.

Ish desceu e a cadela saiu atrás dele. Descreveu rapidamente vários círculos e, levantando repentinamente a cabeça, lançou um ladrido, sonoro demais para um animal tão pequeno, e começou a correr.

— Aqui! Aqui! — gritou Ish. Mas a cadela não lhe prestou atenção. Seus ladridos se perderam ao longe.

Seguiu-se um profundo silêncio. Ish sobressaltou-se de imediato ao notar que havia cessado também outro ruído: o ronronar do motor. Entrou apressadamente no carro e apertou o arranque. O

motor ronronou outra vez. Ish suspirou. O coração lhe batia no peito.

De repente ele sentiu como se milhares de olhos invisíveis o olhassem. Aparou os faróis e ficou ali, sentado na escuridão.

Ao longe, muito fracamente, ouviram-se outra vez os latidos. O som aumentava e diminuía, como se a cadela estivesse dando voltas perseguindo uma presa. Ish pensou em seguir viagem e deixá-la ali. Depois de tudo, era ela quem o tinha procurado. E se agora o esquecia para correr atrás do primeiro coelho que aparecia, ele não podia sentir-se responsável. Ligou o carro, mas parou a poucos metros. De certo modo já tinha certas obrigações com a cadela, embora ela o usasse. Ish sentiu-se deprimido e sozinho e estremeceu.

Depois de algum tempo, um quarto de hora talvez, notou que a cadela tinha voltado sem fazer barulho. Havia se deitado no chão e ofegava, com a língua para fora. Ish sentiu-se furioso. Pensou nos vagos perigos a que podiam expô-lo aquelas idiotices. Deixá-la morrer de sede no deserto teria sido cruel, mas podia livrar-se dela rapidamente e sem fazê-la sofrer. Desceu do carro com o fuzil na mão.

Viu então a cadela, deitada aos seus pés, com a cabeça entre as patas, ainda ofegante. Não levantou-se para recebê-lo, mas Ish notou que ela olhava para ele. Depois de uma caça ao coelho, voltava para junto do seu dono, o homem que havia adotado e que cumpria também com suas funções, servindo-lhe saborosas conservas e levando-a para lugares onde havia autênticos coelhos. Ish de repente cedeu e riu.

Com o riso, algo se rompeu em seu interior. Sentiu como se houvesse se desembaraçado de um terrível peso. Depois de tudo, pensou, O que eu temo? Nada pior que a morte pode me acontecer. E nisto, quase todos se adiantaram a mim. Por que se assustar? É a sorte comum.

Sentiu-se incrivelmente aliviado. Deu alguns passos pela estrada, para que seu corpo se associasse à alegria da sua alma.

Não se contentou em deixar cair o fardo que a qualquer momento podia sentir outra vez sobre os ombros. Pronunciou,

poderia se dizer, sua Declaração de Independência. Avançou audazmente para o destino, esbofeteou-lhe o rosto e desafiou-o a que respondesse o golpe. Jurou que se vivesse, viveria livre de todo temor. Não havia escapado a um desastre universal?

Com duas passadas chegou à parte traseira do carro, desfez os nós e deixou cair a motocicleta. Ao diabo com aquelas precauções excessivas. Talvez o destino só atacasse os muito prudentes. A partir de agora aceitaria sua sorte e pelo menos desfrutaria da vida até o último dia. Não estava vivendo, por acaso, um simples adiamento?

— Bem, vamos Princesa — disse em tom irônico — Em marcha.

E de repente notou que por fim havia dado um nome à cadela. Era um bom nome; sua vulgaridade evocava a serena existência de outros tempos. A cadela seria a Princesa, um animal que esperaria sempre os mais atentos cuidados; e como recompensa, o ajudaria a pensar em outras coisas além das suas próprias desgraças.

Mas, pensando bem, não viajaria mais esta noite. Orgulhoso da sua liberdade reconquistada, se comprazia em expor-se a novos perigos. Tirou o saco de dormir do carro e instalou-se ao abrigo precário de uma algaroba. Princesa deitou-se ao seu lado e adormeceu profundamente logo a seguir, fatigada pela caça.

Ish despertou no meio da noite, mas não sentiu medo algum. Após tantas provas, havia alcançado por fim um porto de paz. Princesa gemia em seus sonhos e agitava as patas como se estivesse caçando algum coelho. Por fim se tranquilizou. Ish adormeceu também.

Quando despertou de novo, a aurora coloria de amarelo limão as colinas desérticas. Fazia frio, e Princesa havia se recostado contra o saco de dormir. Ish se levantou e assistiu o nascer do sol.

Isto é o deserto, a solidão que começou com os primeiros dias do mundo. Mas tarde apareceram os homens. Acamparam nas margens dos riachos e deixaram aqui e ali alguns blocos de pedras. E seus caminhos atravessaram as apertadas fileiras de algarobas, mas ninguém podia assegurar realmente que tivessem estado ali.

Mais tarde ainda, construíram estradas de ferro, estenderam fios elétricas e traçaram longas e retas rodovias. Mas na imensidão do deserto o espaço conquistado mal se via e a dez metros das vias o asfalto ainda reinava sobre a natureza selvagem. Então a raça humana se extinguiu, deixando sua obra para trás.

Não existe tempo no deserto. Mil anos são um dia. A areia voa, os ventos deslocam as pedras; mas as mudanças são imperceptíveis. De vez em quando, talvez uma vez por século, o céu deixa escapar uma tromba d'água, a água borbulha no leito dos falsos riachos e os seixos se entrechocam na corrente. Dez séculos mais, e talvez as gretas da terra se abram outra vez e volte a surgir a lava. Com a mesma lentidão com que cedeu aos homens, o deserto apagará as pegadas humanas. Passarão os anos e ainda se verão blocos de pedra na areia e a longa estrada se estenderá até as colinas recortadas no horizonte. Os trilhos estarão em seu lugar, com um pouco de ferrugem. Tal é o deserto: a solidão; dá lentamente, tira lentamente.

O ponteiro do velocímetro ficou uns instantes nos cento e dez. Ish desfrutou da sua liberdade sem pensar em acidentes. Mais tarde, diminuiu um pouco a marcha e olhou ao redor com interesse renovado. Seu olho experimentado de geógrafo tentou reconstruir o drama do desaparecimento do homem. Ali nada havia mudado.

Em Needles, o indicador de gasolina indicava quase zero. Não havia eletricidade e as bombas não funcionavam. Após procurar um pouco, Ish descobriu um depósito de gasolina em um bairro afastado e encheu o tanque. Então voltou ao caminho.

Cruzou o rio Colorado, entrou no Arizona, e a rodovia subiu entre rochosos e afiados desfiladeiros. Uma meia dúzia de bois e duas vacas com seus filhotes pastavam em uma ravina. Ish parou o carro e os animais levantaram preguiçosamente as cabeças. Aqueles animais do deserto, quando não se aproximavam da rota, passavam meses sem ver um homem. Os vaqueiros vinham juntá-los somente duas vezes por ano. Aqui o desaparecimento do homem passaria quase inadvertido; os rebanhos talvez se reproduzissem mais rapidamente. Depois de algum tempo, as pradarias devastadas não poderiam alimentar a todos e logo o lobo uivaria profundamente e limitaria o número dos rebanhos. E finalmente, entretanto, Ish não tinha dúvidas, gado e lobos chegariam a um acordo inconsciente; e então o rebanho, livre dos donos, cresceria e engordaria como antes.

Mais à frente, perto da vila mineira de Oatman, Ish viu dois burros. Não podia saber se nos dias da catástrofe eles já estavam nos arredores do povoado ou se eram burros selvagens. De qualquer forma, pareciam contentes com sua sorte. Desceu do carro e tentou se aproximar, mas os animais escapuliram, mantendo-se à distância. Ish permitiu então que Princesa descesse do carro e arremettesse contra os estranhos animais. O macho, com as orelhas abaixadas e mostrando os dentes, enfrentou-a levantando as patas. Princesa deu meia volta e correu para buscar a proteção do seu dono. O burro, pensou Ish, poderia medir-se favoravelmente com um lobo e até o puma poderia lamentar o ataque.

Cruzou o cume de Oatman e do outro lado encontrou pela primeira vez o caminho parcialmente bloqueado. Uma violenta tempestade devia ter devastado a região um ou dois dias antes. Sem dúvida, torrentes de água haviam descido pela encosta arrastando areia para o caminho. Ish desceu do carro para examinar os danos. Em tempos normais, uma quadrilha de peões teriam limpado rapidamente os detritos, abrindo as valas de drenagem e colocando tudo em ordem. Agora uma camada de areia cobria a rodovia. Mais abaixo a água tinha danificado o asfalto nas bordas. Passariam alguns anos e o asfalto se racharia e

a areia e pedrinhas formariam uma barreira intransponível. Por hora o obstáculo era pouco sério e Ish passou sem dificuldades. Basta que se rompa um trecho e toda rodovia fica inservível, pensou Ish, perguntando-se durante quanto tempo seria possível passar..

Naquela noite ele dormiu novamente em uma cama, no melhor hotel de Kingman.

O gado, os cavalos e os asnos tinham vivido livremente por milhares de séculos, errando pelos bosques, estepes e desertos. Então o homem conquistou o poder e empregou para seus próprios fins o gado, os cavalos e os asnos. Agora, terminado o reino do homem, os animais recuperavam a liberdade.

Encerradas nos estábulos, as vacas torturadas pela sede mugiram por algum tempo e depois se calaram. Os cavalos morreram lentamente nos estábulos.

Agora os asnos percorrem os desertos como nos velhos dias. Farejam o vento do leste, trotam pelos leitos dos lagos secos, sobem as colinas pedregosas e se alimentam de espinhos, acompanhados pelos carneiros de longos chifres.

Mas os Hereford de focinho branco aprenderam a subsistir nas pradarias, e mesmo nas fazendas o gado quebrou as cercas e recobrou a liberdade, unindo-se a cavalos e asnos...

Os cavalos preferiram a extensão ilimitada das planícies. Comem o pasto verde da primavera e o pasto seco do outono; e no inverno procuram sob a neve algum capim seco, acompanhados por rebanhos de chifres afiados.

As vacas buscam as terras mais verdes e os bosques. Ocultam os recém-nascidos nos matagais até que estes possam seguir as mães. Os bisões são seus companheiros e seus rivais. Entre os machos explodem sangrentas lutas. Vencem os mais fortes; e os bisões recuperam seus antigos domínios. Então o gado se refugia nas profundezas dos bosques.

Em Kingman não havia eletricidade, mas a água ainda corria. Um depósito de gás liquefeito alimentava a cozinha do hotel e a pressão era normal. A falta de refrigeração elétrica privou Ish de ovos, manteiga e leite. Mas após assaltar um armazém, pôde

preparar um excelente desjejum: grapefruit em conserva, salsichas em lata e marmelada. Preparou uma boa quantidade de café e acrescentou leite condensado e açúcar. Princesa fartou-se de carne de cavalo em conserva.

Depois do desjejum, e com o auxílio do martelo e de um cinzel, Ish furou o tanque de um caminhão, recolheu a gasolina em uma lata e transferiu o combustível para seu carro. Na cidade havia alguns cadáveres, mas o calor seco do Arizona os tinha mumificado.

Mais além de Kingman, densos pinheirais perdiam-se ao longe. A rodovia era quase o único testemunho da atividade do homem. Não havia fios telefônicos e as cercas eram raras. As pradarias estendiam-se à direita e à esquerda, verdes pelas chuvas do verão e salpicadas de arbustos.

O pastoreio havia mudado a aparência dos campos e o desaparecimento do homem traria outras modificações. Livres da ameaça dos matadouros, os rebanhos se multiplicariam e, antes que seus inimigos pudessem dizimá-los, teriam devorado o capim até as raízes, mudando a face da terra. Ou também era possível que a febre aftosa cruzasse a fronteira do México, acabando com o gado. E talvez os lobos e os pumas se propagassem muito rapidamente. De qualquer forma, após vinte cinco ou cinquenta anos a situação se estabilizaria e o mundo seria outra vez como antes da chegada do homem branco.

Nos dois primeiros dias Ish havia sentido medo; no terceiro havia reagido lançando-se pelos caminhos a toda velocidade. Hoje não havia nele nada mais além de serenidade e calma. Sentia-se penetrado pelo silêncio que havia caído sobre o mundo. No tempo que havia passado nas montanhas, tinha apreciado o silêncio sem analisá-lo e não tinha notado que o barulho era uma invenção humana. Havia muitas definições do homem, mas ele acrescentaria outra: "O animal que criou o barulho". Agora já não ouvia senão o ronronar quase imperceptível do motor e não precisava recorrer à buzina. Não havia caminhões com ruidosos canos de escapamento, apitos de trens ou rugidos de aviões no céu. Tudo havia se calado. As cidades também haviam emudecido,

sem sirenes, campainhas, vociferantes aparelhos de rádio, vozes de seres humanos. Aquela talvez fosse a paz da morte, mas de qualquer forma era a paz.

Ish dirigia lentamente, mas não por medo. Quando sentia vontade, parava para olhar alguma coisa e às vezes se entretia tentando ouvir algum som. Frequentemente, calado o motor, reinava um silêncio total, mesmo nas cidades. Outras vezes ouvia somente o adejar de um pássaro, ou o fraco ruído de um inseto, ou o murmúrio do vento nas folhas. Certa ocasião, e com uma sensação de alívio, ouviu o apagado rumor de uma tormenta distante.

Agora, nas primeiras horas da tarde, havia chegado a uma meseta coberta de pinheiros. Ao norte assomava um pico nevado.

Chegou a Williams. Na estação havia um aerodinâmico trem de aço.

Em Flagstaff, um incêndio havia destruído grande parte da cidade. Não encontrou ninguém.

Pouco além de Flagstaff, após uma curva, viu dois corvos que alçavam voo, abandonando sua presa. Aproximou-se um pouco atemorizado, mas era somente um carneiro. O animal jazia rígido na rodovia, com o pescoço ensanguentado. Havia outros cadáveres na margem da rodovia. Ish contou vinte e seis. Cães ou coiotes? Não podia dizê-lo, mas não era difícil reconstituir a cena. Encurralados, os carneiros haviam fugido para a pradaria e os que se encontravam nas margens dos rebanhos haviam sido separados dos seus companheiros.

Um pouco mais adiante ocorreu-lhe tomar o caminho que levava ao monumento nacional de Walnut Canyon. A casa do zelador dominava o profundo canyon semeado de ruínas, vestígio de moradias trogloditas. Faltava uma hora para o por do sol e Ish se entreteve em seguir o estreito caminho e contemplar com um sorriso sem alegria aqueles escombros onde haviam vivido outros homens.

Voltou sobre seus passos e passou a noite na casa às margens do canyon. A água de uma tormenta havia entrado por baixo da porta, estragando o piso. Cairiam outras chuvas, ano após ano, e

muito brevemente a formosa casa não seria muito diferente daqueles outros refúgios ao pé da escarpa. E se confundiriam as ruínas das duas civilizações.

As ovelhas também resistiriam por um certo tempo. Embora as feras as atacassem sem descanso, não é possível exterminar milhões de ovelhas em um dia ou um mês e milhares de cordeiros continuariam vindo ao mundo. Entretanto, e não sem motivo, “as ovelhas sem pastor” foram para os homens o símbolo de um povo condenado à extinção. Passará o tempo e as ovelhas desaparecerão.

No inverno vagam sem rumo, cegas pela neve; no verão se distanciam da água e não sabem voltar; na primavera as inundações as surpreendem e centenas delas se afogam. Caem estupidamente nos precipícios e os corpos em decomposição se amontoam lá no fundo. E os assassinos se multiplicam: cães que voltam ao estado selvagem, coiotes, pumas, ursos. Dos grandes rebanhos só restarão alguns grupos desgarrados. Um pouco mais, e os cordeiros terão desaparecido da face da terra. Há milhares de anos atrás, aceitaram a proteção do pastor e perderam sua agilidade e sua independência. Agora, desaparecido o pastor, as ovelhas caminham para a morte.

No dia seguinte Ish atravessou as altas planícies das Montanhas Rochosas. Era uma região dedicada à criação de ovelhas; e havia mais cadáveres. Mais ao longe, no pé de uma colina, achou ter visto umas ovelhas que fugiam rapidamente, mas não podia assegurar.

Outra vez viu uma cena ainda mais estranha. Em um prado verde às margens de um riacho, algumas ovelhas pastavam tranquilamente. Ish olhou, quase procurando o pastor, mas só viu dois cães. O pastor havia desaparecido, mas os cães continuavam com sua costumeira tarefa: juntavam os animais, não permitiam que se distanciassem da água e, sem dúvida, manteriam à distância os vagabundos noturnos.

Ish parou o carro e prendeu Princesa, para que ela não perturbasse a pacífica cena. Os cães, ao ouvirem o automóvel,

ladraram furiosamente e devolveram alguns animais dispersos ao rebanho.

Nas cidades a eletricidade ainda corria pelos cabos após o desaparecimento do homem. Do mesmo modo, nas grandes pradarias, os cães ainda guardavam os rebanhos, Mas, pensou Ish, isso não duraria muito.

A rodovia atravessava amplas planícies. US 66, lia-se nos marcos. Havia sido em outros tempos uma rota importante, o caminho dos Okies para a Califórnia, como dizia a canção. Agora a rodovia estava deserta. Nenhum ônibus ia para Los Angeles; os caminhões não corriam para o leste e para o oeste; não havia carretas carregadas de móveis e pessoas que iam para a colheita de frutas; não passavam brilhantes carros de turistas, nem sequer carroças puxadas por esqueléticos cavalos.

Ish desceu ao vale do Rio Grande, atravessou a ponte e subiu pelo longo caminho de Albuquerque. Albuquerque era a maior das cidades que havia cruzado até então. Tocou a buzina e prestou atenção. Ninguém respondeu e pareceu-lhe inútil se atrasar.

Naquela noite dormiu em um hotel nos arredores de Albuquerque, no alto de uma encosta que descia até a cidade. O hotel estava nas sombras. Já não havia corrente elétrica.

No dia seguinte subiu a montanha e encontrou-se diante de uns picos separados por vastas planícies. Sentiu outra vez o frenesi da velocidade e começou a correr pela reta rodovia. Os picos desapareceram ao longe. Texas abriu-se diante dele com a monotonia do Panhandle. Logo o tempo ficou tórrido. Ao seu redor, estendiam-se até o infinito os campos de palhas. Os segadores haviam segado o trigo pouco antes que a morte os alcançasse.

Naquela noite dormiu no subúrbio de Oklahoma.

Pela manhã, contornou a cidade e tomou a rota 66 para Chicago. Mas após alguns quilômetros encontrou uma árvore bloqueando a estrada. Desceu do carro para estudar a situação. Sem dúvida, um furacão havia cruzado a planície. O álamo fechava a rota em uma confusão de ramos e folhas. Seria necessário meio dia de trabalho para limpar o caminho.

Ish sentiu então que o episódio era como um símbolo do drama que havia se proposto observar. A famosa rota 66 bloqueada por uma árvore! Mesmo que a tirasse do caminho, teria havido outros acidentes similares, e haveria logo. As tormentas cobririam a rota de lama, os taludes desmoronariam, uma enchente levaria uma ponte. Mais alguns anos e somente um pioneiro em uma carroça poderia tomar a rota 66 de Chicago a Los Angeles.

Ish pensou em contornar pelo campo, mas as chuvas recentes haviam amaciado a terra. O mapa indicava que a quinze quilômetros atrás havia um caminho que o levaria de volta à rota principal. Deu meia volta e partiu.

Mas depois de percorrer quinze quilômetros, compreendeu que não precisava voltar à rota 66. O caminho lateral o levava diretamente para leste e esta direção era tão boa quanto qualquer outra. A árvore caída, pensou, talvez tenha mudado o curso futuro da história humana. Quem sabe o que eu poderia fazer em Chicago. Agora aconteceu diferente.

Então cruzou Oklahoma para o leste. Os campos estavam desertos. As colinas onduladas, com verdes carvalhos atrofiados, eram as de sempre. Nas planícies sucediam-se as plantações de trigo e algodão. O cereal estava alto e as espigas assomavam sobre o mato, mas o algodão estava murchando rapidamente.

O calor era sufocante e pouco a pouco destruía em Ish os hábitos da vida civilizada. Ainda se barbeava todos os dias, porque assim se sentia mais cômodo, e não porque se preocupasse com sua aparência. Mas o cabelo, mal cortado, caía-lhe em longas mechas. Vestia calças e uma camisa com o pescoço aberto. Todas as manhãs tirava a camisa e trocava por outra limpa. Havia perdido seu chapéu de feltro cinza e em uma loja de Oklahoma pegou um desses ordinários chapéus de palha que o pessoal da colheita utiliza para se proteger do sol.

Naquela mesma tarde entrou em Arkansas e pareceu notar uma mudança. O tempo era quente e úmido. A vegetação invadia tudo, ruas e edifícios. As heras e as roseiras trepadeiras tapavam as janelas e já pendiam dos tetos e alpendres. As casas menores pareciam estar recuando para se esconderem nos bosques. As

cercas também estavam desaparecendo. A rodovia se confundia com o campo. O capim e as ervas daninhas assomavam entre as rachaduras do cimento. Os longos ramos de algumas trepadeiras chegavam até a linha branca que dividia a rodovia e se uniam aos que vinham do outro lado.

Os pêssegos estavam maduros e Ish variou um pouco seu menu de conservas com uma incursão em uma horta.

Naquela noite dormiu em North Little Rock.

Alguns porcos morrem, resguardados em suas pocilgas e as crias grunhem reclamando alimento. Mas outros passeiam livremente. Não necessitam do homem. Nos dias quentes buscam a lama às margens dos rios e ali se instalam, satisfeitos. As futuras gerações terão patas mais ágeis, um corpo mais delgado e caninos mais longos. A fúria dos machos espantará o lobo e o urso. Como o homem, os porcos comem carne, tubérculos, nozes e frutas. Sobreviverão.

Na manhã seguinte, nos arredores de uma aldeia, Ish quase saltou do assento. O espetáculo era surpreendente: um jardim sem ervas daninhas, bem regado e cuidado. Parou o carro, desceu, e encontrou-se pela primeira vez com o que poderia chamar, generosamente, um grupo social. Era uma família de negros: um homem, uma mulher de idade mediana e um menino. A avultada cintura da mulher prometia a chegada de um quarto cidadão.

Eram pessoas tímidas. O garoto se mantinha à parte, curioso mas assustado, coçando a cabeça. A mulher mantinha silêncio e não falava senão quando lhe perguntavam alguma coisa. O homem havia tirado o chapéu de palha e amassava nervosamente a aba gasta e rota. Gotas de transpiração, devidas ao calor e ao nervosismo, corriam-lhe pela testa negra e brilhante.

Ish mal compreendia o obscuro dialeto, que a perturbação fazia ainda mais ininteligível. Deduziu entretanto que por ali não havia outros sobreviventes. Na realidade, eles sabiam muito pouco, pois depois do desastre não tinham feito mais que curtas caminhadas a pé, sem se distanciarem do lugar. Não eram uma família, e sim uma associação fortuita de três sobreviventes, três seres humanos

que, escapando à lei das probabilidades, haviam se salvado na mesma aldeia.

Ish compreendeu então que eles ainda estavam afetados pela catástrofe e que conservavam os hábitos arraigados da sua existência anterior. Mas se atreviam a falar na presença de um branco e nunca levantavam os olhos.

Apesar da evidente má disposição daquela gente, Ish examinou o lugar. Embora tivessem podido escolher entre todas as casas da aldeia, haviam se contentado com a cabana onde vivia a mulher antes do desastre. Ish viu da porta a cama e as cadeiras desconjuntadas, o fogão de ferro, a mesa com uma toalha de encerado e as moscas que zumbiam sobre a comida. O exterior tinha melhor aparência. O jardim era quase exuberante, havia um bom campo de trigo e também cultivavam algodão. Ish se perguntou que diabos eles pensavam em fazer com aquele algodão. Aparentemente, haviam continuado fazendo as velhas tarefas, obtendo assim uma sensação de segurança.

Também tinham frangos e alguns porcos em um curral. Perturbaram-se tanto quando Ish olhou para os porcos, que era evidente que os haviam tirado de alguma pocilga alheia. Agora o homem branco os obrigaria a devolver os animais.

Ish pediu alguns ovos frescos e deu-lhes um dólar por uma dúzia. Após um quarto de hora, esgotados todos os temas de conversa, voltou ao seu automóvel, para grande alívio dos seus hóspedes.

Ficou por um momento diante do volante, mergulhado em seus pensamentos. Se eu ficasse aqui, refletiu, poderia ser um verdadeiro rei. Eles não achariam a menor graça, mas com a colaboração dos velhos hábitos, acabariam por se resignar. Cultivariam meus legumes, cuidariam das minhas galinhas, e até teríamos uma ou duas vacas. Enfim, fariam todo o trabalho. Eu seria um verdadeiro rei, embora em pequena escala.

Mas o pensamento logo se apagou e ele se pôs em marcha, pensando que os três negros haviam solucionado melhor que ele o problema da nova vida. Como um necrófago, ele vivia dos despojos da civilização. Eles pelo menos levavam uma existência

estável e criativa, apegados à terra, e satisfaziam suas necessidades com o próprio trabalho.

Das seiscentas mil espécies de insetos, somente umas poucas dúzias sentiram o desaparecimento do homem. E destas, as únicas realmente condenadas à extinção foram as três espécies de parasitas humanos. Tão antiga, senão honorável, era essa associação, que havia sido citada para apoiar a teoria da origem única do homem. Os antropólogos, com efeito, indicaram que mesmo nas tribos mais isoladas o homem tem sempre os mesmo parasitas, concluindo-se daí que esses insetos nos foram legados por nossos antepassados, os primeiros homens macacos.

Desde os tempos mais remotos, através de milhares e milhares de séculos, esses parasitas se adaptaram cuidadosamente ao seu universo: o corpo do homem. Formavam três tribos que tinham como respectivos domínios a cabeça, as roupas e as partes sexuais. Deste modo, apesar das suas diferenças de raças, observaram os termos tácitos de uma aliança tripartite, dando ao seu anfitrião um exemplo que ele deveria seguir. Mas esta perfeita adaptação ao ser humano lhes tirou a chance de explorar outros hospedeiros. A queda do homem provocou sua ruína. Quando sentiram que seu universo esfriava, procuraram outro; não encontraram e morreram. Bilhões de criaturas tiveram assim um triste fim.

Poucos lamentos acompanharam o funeral do Homo Sapiens. O Canis Familiaris, como indivíduo, talvez tenha lançado tristes uivos; mas como representante de uma espécie alimentada com açoitões e pontapés, voltou a unir-se alegremente aos seus irmãos selvagens.

Que o Homo Sapiens se console entretanto, pois houve três que choraram sinceramente por ele.

Ish chegou à ponte que atravessava o caudaloso rio de águas escuras. Um caminhão atravessado bloqueava a rodovia de Memphis.

Sentindo-se como um menino que desafia alguma proibição paterna, Ish cruzou à esquerda da linha férrea e lançou-se a toda velocidade para o Tennessee, pelo caminho que leva a Arkansas. Ninguém o deteve.

Memphis parecia tão deserta como as outras cidades, mas o vento sul trazia um bafo fétido do que haviam sido os populosos bairros de Seattle Street. Ish decidiu esquecer as cidades sulistas e voltou outra vez para o campo.

Não tinha ido muito longe quando ao vento sucedeu uma chuva. Ish tinha pouca pressa e parou em um hotel no final de uma vila. Não se preocupou em averiguar o nome. Na cozinha havia gás e ele preparou uma ceia com os ovos. Era um verdadeiro festim e mesmo assim ele não se sentiu satisfeito. Se perguntou se estaria se alimentando direito. Talvez devesse prover-se de vitaminas em alguma farmácia.

Mais tarde soltou Princesa e a cadela desapareceu sob a chuva com um longo latido, como se tivesse encontrado um rastro. Pensou enfastiado que talvez tivesse que esperar uma hora pela senhorita. Mas Princesa voltou quase a seguir, fedendo espantosamente a gambá. Ish encerrou-a na garagem e a cadela ali ficou, latindo e queixando-se amargamente.

Ish se deitou com a impressão de que faltava alguma coisa. Talvez a comoção tivesse sido maior do que tinha pensado. Pensou também que a solidão podia estar pesando, ou que o instinto sexual estava fazendo das suas. Uma emoção violenta, ele sabia, às vezes tinha efeitos curiosos. Lembrou da história de um homem que havia visto sua mulher morrer em um acidente e que ficou impotente durante meses.

Pensou nos negros que tinha visto pela manhã. A mulher, já perto dos quarenta, com a gravidez muito adiantada, e que sem dúvida nunca tinha sido uma beleza, não podia ter despertado nele

inquietação alguma. Não, aquelas pessoas o tinham perturbado pela segurança de que pareciam gozar, graças ao contato com a terra.

Nesse instante Princesa latiu na garagem. Ish lançou-lhe uma maldição e se deitou para dormir.

Na manhã seguinte continuava descontente e inquieto. A tormenta ainda não tinha cessado de todo, mas já não chovia mais. Decidiu fazer um passeio a pé pela rodovia. Antes de partir, olhou dentro da camionete e viu o rifle no assento. Até agora mal o tinha tocado. Sem saber muito bem porque, colocou-o sob o braço e foi caminhar.

Princesa, que o seguia a uns poucos metros, logo descobriu um novo rastro e, apesar da experiência da noite anterior, desapareceu depressa entre as colinas, latindo animada.

— Boa sorte — gritou seu dono. Quanto a ele mesmo, só desejava estirar as pernas ou encontrar alguma árvore com frutas maduras.

De repente viu uma vaca e um bezerro. O espetáculo não tinha nada de especial. Em todos os campos do Tennessee podia ver algo parecido. O excepcional era que agora estava levando o rifle debaixo do braço. Compreendeu então porque estivera ruminando, de algum modo.

Apoiou o rifle sobre um mourão da cerca e apontou cuidadosamente para a testa do bezerro. A distância era curta o suficiente. Apertou o gatilho e o rifle recuou, golpeando-o. Quando o estrondo se apagou, Ish ouviu que o bezerro lançava um longo e rouco gemido. Ainda estava de pé, com as patas separadas, mas cambaleava e um fio de sangue brotava do focinho. Por fim desabou no chão. A vaca, assustada pela detonação, havia corrido alguns metros e agora olhava indecisa. Ish ignorava se ela o atacaria em defesa do bezerro. Mirou outra vez e atingiu-a com uma bala atrás do pescoço. A vaca caiu e Ish arrematou com outros dois tiros.

Foi ao carro pegar a faca de caça e aproveitou para carregar o rifle. Estava assombrado. Até então mal havia usado a arma e

agora declarava guerra à natureza e temia que lhe aplicassem a lei de Talião. Entretanto, quando chegou no lugar onde jaziam a vaca e o bezerros, não encontrou nenhuma resistência. Descobriu consternado que o bezerro ainda respirava. Embora aquela operação o repugnasse, degolou-o.

Nunca tinha gostado da caça e nunca tinha esquartejado um animal. Aquilo foi portanto uma lamentável carnicaria. Coberto de sangue, conseguiu separar o fígado e notou que não tinha em que levá-lo. Deixou a massa sanguinolenta nas entranhas do bezerro e foi buscar um recipiente. Quando voltou, um corvo estava bicando os olhos do animal.

Por fim chegou com o fígado na cozinha, mas já tinha perdido o apetite. Lavou as mãos o melhor que pôde e vagou sem rumo pelo hotel, pois estava chovendo outra vez. Princesa latiu na porta. O temporal tinha tirado seu cheiro de gambá. Ish deixou-a entrar. A cadela estava molhada, enlameada e coberta de arranhões. Deitou-se no chão e se limpou com a língua.

Ish deitou-se em uma cama. As emoções o tinham esgotado, entretanto já não sentia aquela inquietação. Lá fora a chuva assolava. Depois de uma hora, pela primeira vez desde o desastre, Ish sentia algo novo: estava entediado.

Descobriu no quarto uma revista velha, de seis meses atrás, e leu um história onde um casal de jovens enamorados enfrentava um dos problemas dos tempos modernos: a escassez de moradia. Um relato sobre as construções das pirâmides não teria parecido mais antigo. Examinou dez anúncios; nenhum atualizado. Não eram dirigidos a indivíduos isolados e sim a membros de um grupo. O mal hálito, por exemplo, era prejudicial, não porque fosse sintoma de cáries ou transtornos digestivos, e sim porque o atacado do mal seria rechaçado pelas garotas nos bailes e nenhuma iria querer se casar com ele.

Mesmo assim o periódico teve a virtude de distraí-lo.

Ao meio-dia sentiu fome e quando olhou para o fígado, agora em uma caçarola, notou que a lembrança do bezerro ensanguentado já não era uma obsessão. Fritou uma fatia e comeu avidamente.

Tinha simplesmente necessidade de carne fresca, concluiu. Princesa também participou do festim.

Depois de comer, sentiu-se satisfeito e aliviado. Matar um bezerro não era uma façanha heroica e não podia se dizer que tinha merecido a comida. Mas era melhor que abrir uma lata de conserva, e mais real. Havia deixado de se dedicar à pilhagem aproveitando o exemplo dos negros. Entendia agora o paradoxo de que um ato destrutivo pode equivaler a um ato criativo.

Uma cerca é um fato e ao mesmo tempo um símbolo. Entre os rebanhos e os cereais a cerca se levanta como um fato; mas entre o centeio e o milho é somente um símbolo, pois o centeio e o milho não se devoram entre si. As cercas dividiam a terra. Deste lado da cerca estavam as colheitas e do outro o caminho. E mais adiante do caminho, outra cerca, logo depois uma horta e a casa por trás de uma nova cerca. E por fim um curral, também com sua cerca. Destruídas as cercas fatos e símbolos, já não existem separações, nem divisões, nem mudanças bruscas; tudo é uma planície de ondulações imprecisas e cores indistintas onde as plantas e as flores se confundem como nos princípios dos tempo.

Ish perdeu outra vez a noção do tempo. Não viajava muito diariamente, pois chovia frequentemente e as estradas não eram tão retas e lisas como no Oeste. Ademais havia perdido o gosto pela velocidade. Dirigiu-se para noroeste, por entre as colinas do Kentucky, atravessou Ohio e entrou na Pensylvania.

Agora Ish se alimentava de milho verde que cortava nos campos invadidos pelas ervas daninhas e de bagas maduras e frutas que arrancava das árvores e arbustos. De vez em quando encontrava em alguma horta alguns pés de alface que as lagartas tinham respeitado, ou cenouras, que não se dava ao trabalho em cozinhar. Uma vez matou um leitão e duas perdizes. Outro dia, com Princesa encerrada no carro, passou duas horas perseguindo uns perus que escaparam quando estavam na mira. Por fim, conseguiu se aproximar e matou um macho. Há algumas semanas atrás, o peru ainda era sem dúvida hóspede de algum galinheiro; mas agora, acostumado a se proteger das raposas, havia se transformado em um verdadeiro e sagaz habitante dos bosques.

Entre uma chuva e outra, o tempo era sempre quente e Ish tomava banho nu em riachos e rios. Como a água corrente já estava com gosto ruim, bebia de poços e fontes, embora que nos grandes rios, pensava, as águas correriam limpas e livres de desperdícios e resíduos.

Já acostumado a estudar cidades, podia saber de imediato, com alguma certeza, se estavam desabitadas ou se poderia encontrar algum sobrevivente. Frequentemente, os bares e armazéns de bebidas haviam sido saqueados. As outras casas geralmente permaneciam intactas. Entretanto, de vez em quando um banco mostrava sinais de ter sido assaltado; alguém continuava confiando no dinheiro. Pelas ruas às vezes erravam porcos ou cães e, menos frequentemente, algum gato.

Mesmo nessas regiões outrora tão populosas, os cadáveres eram relativamente escassos e o fedor não era tão nauseabundo como ele havia temido. Quase todas as granjas e aldeias tinham sido abandonadas. Os últimos habitantes tinham ido para as cidades em busca de cuidados médicos, quando não haviam fugido para as montanhas na esperança de escapar da epidemia.

Nos bairros das cidades importantes, montes de terra assinalavam os lugares onde haviam trabalhado as escavadeiras até o último dia. No fim, como era de se esperar, muitos corpos tinham ficado sem sepultura, mas isto tinha ocorrido principalmente nos arredores dos hospitais. Ish, prevenido pelo olfato, evitava essas zonas ou passava velozmente.

Os sobreviventes geralmente viviam sozinhos e, mais raramente, em casais. Não deixavam suas antigas casas. Às vezes parecia que desejavam reter Ish, mas nunca se ofereciam para acompanhá-lo. Ish ainda não havia encontrado o companheiro ideal. Se fosse necessário, pensava, podia voltar.

O campo mudava mais rapidamente que as cidades, embora essas mudanças a princípio mal fossem visíveis. As ervas daninhas invadiam tudo. Nessa região, o desastre tinha acontecido antes da colheita e já caía uma chuva de grãos de trigo das espigas carregadas. As vacas e os cavalos erravam livremente; as cercas já começavam a cair. Aqui e alivia-se algum campo de trigo intacto,

com suas cercas sólidas, mas o acontecia mais frequentemente era os animas terem conseguido abrir uma brecha.

Uma manhã, Ish atravessou o rio Delaware e entrou em Nova Jersey. Nas primeiras horas da tarde entraria em New York.

4

Chegou a Pulaski Skyway por volta do meio-dia. Quando tinha quinze anos tinha passado por ali com seus pais. A torrente do trânsito o havia aterrorizado então; os caminhões e carros passavam rugindo em todas as direções e depois desapareciam rapidamente, internando-se nos túneis. Lembrou que seu pai olhava ansiosamente para os sinais luminosos e que sua mãe, nervosa e assustada, dava conselhos continuamente. Agora Princesa dormia placidamente ao seu lado e nenhum carro lhe fechava o caminho.

Viu ao longe as altas torres dos arranha-céus, de um cinza pérola, contra o céu nublado. Havia chovido recentemente e o tempo estava fresco. O aparecimento dos arranha-céus emocionou-o de um modo curioso. Entendia agora porque tinha ido a New York: a cidade era para ele o centro do mundo. O que tivesse acontecido em New York devia ser uma amostra do que havia acontecido em outros lugares.

Quando chegou ao cruzamento de Jersey City, parou no meio da estrada para estudar os sinais. Atrás dele não houve repentinos chiados de freios, nem buzinas, nem insultos de motoristas furiosos, nem vozes de policiais nos alto-falantes.

Pelo menos, pensou Ish, a vida está mais tranquila.

Muito alto no céu, um pássaro, talvez uma gaivota, grasnou duas vezes. O motor ronronava com um zumbido de abelha.

No último instante Ish teve medo de entrar em um dos túneis. Se as águas os tivessem invadido, talvez não pudesse sair dali. Deu meia volta, cruzou a ponte George Washington e chegou a Manhattan.

Estendida entre os braços dos seus rios, a cidade ainda resistiria por muitos anos. O tempo não ataca facilmente a pedra, o tijolo, o cimento, o asfalto e o vidro. A água deixa manchas negras, o mofo as esverdeia, nas brechas assomam folhas de plantas; mas só na superfície. O vento destroça um vidro ou leva algumas telhas. Uma parede se inclina, com a base carcomida pelas chuvas. Alguns anos mais tarde ela cai e os tijolos cobrem a rua. As nevascas fazem seu trabalho em março e com o degelo a pedra descasca.

O desgaste é lento. As águas das chuvas correm das canaletas para os esgotos; e se os esgotos entopem, correm pelas ruas até os rios. A neve se amontoa nos lugares baixos e nas esquinas; ninguém a tira. Na primavera ela se funde e desaparece também nos bueiros. Da mesma forma que no deserto, um ano é como uma hora noturna, um século como um dia.

Na verdade, a cidade se parece muito com o deserto. Pelo solo revestido de cimento e asfalto, a água da chuva se divide para alcançar os rios. Aqui e ali cresce algum mato; mas não há árvores, ou videiras, ou altas gramíneas. As árvores das avenidas morrem por falta de cuidados. Os cervos e coelhos evitam as ruas desertas. Até os ratos se vão. Somente as criaturas aladas encontram refugio ali. Os pássaros fazem ninhos nas altas cornijas; pela manhã e à noite os morcegos saem e entram pelas janelas quebradas. Sim, a cidade resistirá por muito, muitíssimo tempo.

Ish dobrou na Broadway com a intenção de chegar a Battery. Mas na rua 170 um letreiro avisava, RUA FECHADA, e uma flecha apontava para o leste. Nada o impedia de passar, mas desta vez obedeceu. Entrou na avenida Amsterdã e então seguiu para o sul. O cheiro indicou que o Centro Médico devia ter sido um dos últimos pontos de concentração e que o sinal era para desviar o trânsito.

A avenida Amsterdã estava deserta. Em algum lugar daquela vasta acumulação de cimento, tijolos, argamassa e gesso devia haver alguém com vida. A catástrofe tinha sido quase universal, e na superpovoada Manhattan com certeza tinha feito mais estragos que em nenhum outro lugar. E o que ele chamava de golpe de misericórdia devia ter sido sentido mais em uma população urbana. Por outro lado, tinha visto que em todas as cidades

alguém tinha se salvado e o mesmo devia ter acontecido entre os milhões de Manhattan. Mas não se preocupou em tocar a buzina. Um indivíduo isolado não lhe interessava.

Continuou cruzando as ruas sem notar sinal algum de vida. As nuvens tinham se dispersado e o sol brilhava no zênite, mas parecia como se fosse três horas da madrugada. Em outros tempos, mesma a esta hora teria encontrado alguém: um policial que fazia sua ronda ou algum táxi noturno.

Passou diante de um campo de esportes deserto.

Havia alguns carros estacionados nas ruas. Lembrou que seu pai lhe havia mostrado Wall Street na quietude de uma manhã de domingo. O silêncio agora era ainda mais esmagador.

Perto do estádio Lewisohn, dois cachorros magros farejavam a porta de uma garagem. Mais adiante duas pombas alçaram voo. Isso foi tudo.

Seguiu adiante. Passou diante do edifício de tijolos vermelhos da Universidade de Colúmbia e parou em frente à alta catedral. Não havia sido terminada e continuaria assim até o final dos dias. Desceu do carro, empurrou a porta e entrou. Horrorizado, pensou por um momento que na nave principal encontraria os cadáveres de milhares de fieis que com certeza haviam se reunido ali para passar suas últimas horas em oração. Mas seus temores eram infundados.

Caminhou pelas naves laterais e entrou nas capelas de abside, onde ingleses, franceses, italianos e outros habitantes daquela cidade poliglota e movimentada vinham visitar seus santos. O sol atravessava os vitrais. A recordação que guardava de uma distante visita anterior era bastante fiel. Sentiu vontade de se ajoelhar diante de um altar. Não há ateus nas crateras dos obuses, recordou, e agora o mundo inteiro era uma imensa cratera.

Mas o que havia acontecido não parecia demonstrar que Deus interessasse muito à humanidade ou aos seus indivíduos. Sentiu então que sua garganta se apertava. Este era, então, o fim das lutas e aspirações do homem...

Saiu para a rua deserta e entrou outra vez no carro.

Na avenida da catedral dobrou para o leste e, desdenhando os sinais de trânsito, entrou no Central Park e tomou o East Drive. Naquele dia de verão as pessoas talvez tivessem ido ao parque, como em outros tempos. Mas não viu ninguém. Lembrou dos esquilos. Os cães e gatos famintos haviam acabado com eles. Um bisão pastava em uma clareira do parque; mais adiante via-se um cavalo. Ish passou diante do museu Metropolitano e do obelisco de Cleópatra, agora duplamente órfão. Chegou à estação Sherman, entrou na Quinta Avenida e lembrou do estribilho de um salmo: “De que te servem agora tuas vitórias?”

Uma ilha dentro de outra ilha, o retângulo verde do parque não morrerá. Seu solo descoberto recebe o benefício da chuva e do sol. No primeiro ano cresce a grama; as sementes caem de árvores e das moitas e os pássaros trazem outras. Dois ou três anos mais e brotarão árvores novas. Vinte anos mais e o parque terá se transformado em um monte selvagem onde cada árvore tenta crescer acima das suas companheiras para alcançar a luz. As vigorosas espécies nativas, o freixo e o bordo, abafaram as delicadas plantas exóticas cuidadas pelo homem. As marcas de ferradura se apagaram; um espesso tapete de folhas mortas cobre os caminhos. Cem anos mais e o monte será um bosque espesso onde não haverá outro sinal humano além do arco de pedra que cruza o riacho. Os gamos correm entre as árvores, o gato selvagem salta sobre o coelho e as cabeças das percas assomam no lago.

Nas altas vitrines das casas de moda, os manequins ainda posavam com seus alegres vestidos e suas joias brilhantes. Ish olhava para o deserto da Quinta Avenida, silenciosa como uma rua de aldeia em uma manhã de domingo. Alguém havia quebrado a vitrine de uma joalheria. Espero que o homem tenha achado os diamantes saborosos, pobre diabo, pensou Ish, embora talvez o saqueador tivesse se sentido atraído pela beleza das pedras, como uma criança que recolhe seixos na praia. Talvez as safiras e os rubis o tenham ajudado a morrer.

Entretanto, na Quinta Avenida reinava a ordem em geral. Ish achou que a morte tinha sido misericordiosa e a Quinta Avenida era um formoso cadáver.

No Rockefeller Center, assustadas pelo ruído do motor, alçaram voo alguns pombos. Na altura da rua 42 ele parou na metade da avenida e desceu, deixando Princesa no carro. A calçada da rua 42 parecia ridiculamente larga. Entrou na estação Grand Central e ficou contemplando a imensidão da sala de espera.

— Oooh! — gritou e, com uma alegria infantil, escutou o eco que descia da alta abóbada e enchia a sala deserta.

De volta à rua, uma porta giratória atraiu sua atenção. Empurrou-a distraidamente e encontrou-se em um amplo vestíbulo de um hotel com poltronas e sofás encostados nas paredes.

Durante um breve momento teve a ideia de se aproximar do escritório e entabular uma conversa imaginária com o empregado. Havia telefonado de... bem, Kansas City seria um bom lugar... para reservar um quarto. Sim, e sua reserva tinha sido confirmada. Que desculpas eram essas agora? Mas essas fantasias se desvaneceram rapidamente. Tantos quartos vazios; e o empregado, quem sabe onde estaria. Decididamente, a brincadeira não era muito divertida.

Neste momento notou algo. Sobre as poltronas, cadeiras giratórias, cinzeiros e no piso de lajota havia uma capa de pó cinzento. Pouco acostumado às tarefas domésticas, não havia notado o pó. Ou talvez ali houvesse mais pó que em outras partes. De um modo ou de outro, o pó seria parte da sua vida a partir de agora.

Voltou ao carro, ligou, cruzou a rua 42 e continuou para o sul. Nas escadarias da Biblioteca havia um gato cinza estendido, com as patas estiradas, como imitando os leões de pedra.

Mais adiante entrou na Broadway e não parou até chegar a Wall Street. Desceu do carro com Princesa e a cadela se interessou por um rastro que corria ao longo da calçada. Wall Street!

Caminhou pela rua deserta. Olhando com atenção, descobriu que aqui e ali brotava mato entre as fendas do riacho. Lembrou que, segundo a tradição familiar, um dos seus antepassados, um colono holandês, tinha possuído uma granja naquelas paragens. Seu pai costumava dizer nos tempos difíceis: “Que pena que nós não

ficamos na ilha de Manhattan". Agora Ish podia recuperar os domínios ancestrais. Ninguém os disputaria.

Aquele deserto de cimento armado, aço e asfalto não era muito atraente. Trocaria de boa vontade a granja de Wall Street por dez acres no vale do Napa, ou ainda por um cantinho no Central Park.

Voltou ao carro e percorreu os poucos quilômetros que o separavam de Battery. Lá em baixo batia o oceano, fechando-lhe o caminho.

Talvez na Europa, na América do Sul ou em algumas ilhas houvesse grupos de sobreviventes. Mas ele não tinha como saber. Naquela mesma costa, há trezentos anos havia desembarcado seu antepassado holandês. Bem, agora o círculo se fechava.

A estátua da Liberdade erguia-se para o céu. Liberdade, pensou ironicamente Ish, agora tenho de sobra. A dama da tocha não havia exigido tanto.

Um grande transatlântico havia encalhado na praia perto da ilha do Governador, sem dúvida empurrado pela maré. Agora que as águas haviam se retirado, era uma massa enorme curiosamente inclinada. Tendo deixado a Europa com o germe da doença nos flancos e carregado de passageiros e tripulantes mortos ou moribundos, havia tentado desesperadamente chegar ao porto, um porto que já não enviava sinais. Nenhum rebocador tinha saído ao seu encontro. Talvez não houvesse bastantes marinheiros para lançar a âncora. E o capitão, agonizante e com os olhos nublados, havia dirigido o barco para os bancos de areia. O transatlântico continuaria ali por algum tempo. As ondas cobririam o casco de limo e, um século mais tarde, quase invisível, seria uma ilha coroada de árvores.

Ish deu meia volta, cruzou a margem sul e recebeu em pleno rosto o fedor que vinha do hospital Bellevue. Encontrou o mesmo ar pestilento nos arredores da estação Pensylvania. Por fim, tomou a Décima Primeira Avenida, para o norte.

Na Riverside notou que o sol se punha por trás das chaminés apagadas de Jersey. Já se perguntava onde passaria a noite, quando ouviu uma voz que chamava:

— Ei, aqui!

Princesa prorrompeu em furiosos latidos. Ish freou o olhou para trás. Um homem saía de um edifício. Ish desceu, indo ao seu encontro. Princesa ficou dentro do carro, latindo.

O homem avançava com a mão estendida. Era uma figura convencional da cabeça aos pés. Bem barbeado, com traje de verão e de paletó. Nem novo nem velho, a barriga um pouco grande. Sorria amavelmente. Ish quase esperou ouvir a fórmula ritual do comerciante: “Que deseja, senhor?”;

— Me chamo Abrams disse o homem. — Milt Abrams.

Ish mal conseguiu balbuciar seu próprio nome. Quase o tinha esquecido. Feitas as apresentações, Milt Abrams o fez entrar em casa e levou-o para uns agradáveis aposentos do segundo andar. Uma ruiva de uns quarenta anos, bem vestida, quase elegante, estava sentada junto a uma mesa de coquetel com uma coqueteleira ao alcance da mão.

— Apresento-lhe a senhora... — começou a dizer Abrams, e Ish logo compreendeu o porque da hesitação. A catástrofe não havia dado chances para cerimônias matrimoniais. Milt Abrams tinha muitos preconceitos e por isto estava perturbado.

A mulher dedicou a Ish um sorriso, o que desconcertou Milt ainda mais.

— Pode me chamar de Ann — disse ela. — Quer beber algo? Martínis quentes, não posso oferecer-lhe outra coisa. Nem um pedaço de gelo em toda New York.

Ao seu modo, a mulher era tão tipicamente nova-iorquina quando Milt.

— Tenho repetido mais de uma vez disse Milt: — não beba isso. O Martíni quente é um veneno...

— Passar todo o verão em New York sem um pedaço de gelo — queixou-se Ann. Parecia, não obstante, que apesar do seu desagrado ela já havia consumido vários martínis quentes.

— Eu lhe oferecerei algo melhor — declarou Milt. E abriu um armário e exibiu uma prateleira com garrafas de amontijado, conhaque Napoleão e licores selecionados. — Estes não precisam de gelo — comentou. Evidentemente, Milt era um bom catador.

Na hora da ceia ele abriu uma garrafa de Chateau-Margaux. O Chateau-Margaux exigia algo mais que carne em conserva. Mas o vinho corria livremente e Ish mergulhou em uma leve e feliz embriagues. Ann parecia bastante mareada àquela hora.

A noitada passou agradavelmente. Os três jogaram bridge à luz de velas. Beberam licores, escutaram discos em um fonógrafo portátil que não precisava de energia elétrica. Trocaram as frases comuns de três pessoas reunidas em uma mesa de jogo:

— Este disco está chiando.

— Ainda não fiz nenhum naipe...

— Eu tomaria outro copo...

A comédia estava sendo bem interpretada. Ninguém insinuava que por trás dos vidros houvesse um mundo; jogavam cartas à luz de velas porque era mais divertido; não havia recordações nem alusões inconvenientes. Ish compreendeu que assim era melhor. As pessoas normais, e Milt e Ann certamente o eram, não se interessavam muito pelo distante passado nem pelo distante futuro. Viviam sobretudo o presente.

Mas algumas observações fortuitas nas pausas do jogo informaram Ish suficientemente. Milt tinha sido proprietário de uma pequena joalheria. Ann tinha sido casada com um tal de Harry, e tinha tido dinheiro bastante para veraneiar às margens do Maine. Só havia trabalhado uma única vez, vendendo perfumes em uma loja de luxo, no Natal. Agora compartilhavam uma moradia que em outros tempos teria sido suntuosa demais para os recursos de Milt. A eletricidade tinha faltado de repente, pois os dínamos de New York, eram a vapor, mas o serviço de água corrente continuava funcionando e não havia problemas sanitários.

O casal vivia no Riverside como náufragos em uma ilha deserta. Pacíficos habitantes de New York, nunca tinham possuído um

automóvel e não sabiam dirigir. Para eles, um automóvel era um enigma. Com o desaparecimento dos transportes públicos, só podiam contar com seus próprios pés; e nunca tinham sido aficionados às caminhadas. Para eles, o limite leste era a Broadway, com lojas onde abundavam comestíveis e vinhos finos. No oeste corria o rio. Um raio de cinco quilômetros bastava para seus passeios. Este era todo seu mundo.

Neste estreito domínio não havia, acreditavam, outros seres vivos. Do resto da cidade, sabiam tanto quanto Ish. A margem esquerda era tão distante quanto a Filadélfia. O Brooklin era uma região tão fabulosa como a Arábia. De vez em quando escutavam automóveis que cruzavam a avenida e às vezes viam alguns. Mas não se aproximavam. A solidão e o desamparo os inclinavam para a desconfiança e temiam possíveis malfeitores.

— Mas afinal a solidão começou a pesar — explicou Milt, não sem uma certa perturbação. E você não estava correndo. Vi que você estava sozinho e me pareceu simpático. Além disso, a matrícula do seu carro indicava que não era de New York.

Ish abriu a boca para lhe oferecer o revólver, mas se conteve. As armas de fogo podiam resolver dificuldades, mas também podia criá-las. Provavelmente, Milt nunca havia disparado uma arma em sua vida. Quanto a Ann, era uma dessas mulheres nervosas que com um revólver na mão podem ser tão perigosas para os amigos como para os inimigos.

Sem cinema nem rádio, nem o espetáculo de uma cidade animada, mesmo assim Milt e Ann não pareciam entediados. Jogavam cartas interminavelmente, por somas astronômicas; a agora Ann devia vários milhões de dólares a Milt. Escutavam discos durante horas, de jazz, folclore, música de dança, no rouco fonógrafo. Liam inumeráveis novelas policiais, que tiravam das bibliotecas circulantes da Broadway e que deixavam em qualquer lugar da casa. E, notou Ish, sentiam-se atraídos fisicamente.

Mas, embora não estivessem entediados, tampouco sentiam o prazer de viver. Era uma existência sem sentido. Iam de um lado para outro como se estivessem estupefatos. Tinham perdido toda

a esperança. New York, seu mundo, havia morrido e não o veriam vivo outra vez. Não mostraram interesse algum quando Ish quis lhes falar do resto do país. Se Roma perece, perece o mundo.

Na manhã seguinte Ann fez o desjejum com outro martíni e lamentou novamente a falta de gelo. Ela e Milt pediram a Ish que não partisse logo; até lhe suplicaram que ficasse para sempre. Em algum lugar de New York, sem dúvida encontraria uma garota que os acompanharia no jogo de bridge. Desde a catástrofe, Ish não havia encontrado uma gente tão simpática. Mas não tinha desejo algum de compartilhar seu destino... nem sequer com uma companheira, para jogar bridge e outras coisas. Não. Decidiu voltar para o Oeste.

Mas quando se pôs em marcha e o casal se despediu da porta, sentiu vontade de ficar por mais um tempo. Milt e Ann lhe inspiravam simpatia e piedade ao mesmo tempo. Não queria pensar o que seria deles quando chegasse o inverno e a neve cobrisse profundamente os becos entre os edifícios e o vento do norte uivasse no desfiladeiro da Broadway. Não haveria calefação central no próximo inverno em New York. Mas em troca haveria muito gelo e Ann poderia esfriar seus martínis.

Ish tinha dúvidas de que o casal suportasse os rigores inverniais, mesmo que transformassem os móveis em lenha. Estavam à mercê de qualquer acidente ou de uma pneumonia. Eram como os cães d'água e os pequineses que em outro tempo haviam vagado pelas ruas, mas no extremo da cadeia. Os cidadãos Milt e Ann não sobreviveriam à cidade, pagariam o preço que a natureza sempre exige dos organismos demasiadamente especializados. Milt e Anno joalheiro e a vendedora de perfumes eram incapazes de se adaptarem às novas condições de existência. Em troca, aquele negro do Arkansas tinham redescoberto, quase sem esforço, a vida primitiva.

A avenida descrevia uma curva. Ish sentiu que mesmo que voltasse a cabeça já não mais os veria. Seus olhos ficaram úmidos. Adeus, Milt e Ann.

5

O regresso para o Oestepara o lar, pensava Ish foi uma verdadeira viagem de prazer. Um homem e seu cão no automóvel. Os dias deslizaram sem incidentes notáveis.

Nos campos da Pensylvania, o trigo era castanho dourado e as espigas chegavam ao ombro de Ish. Quando viu a barreira de pedágio, apertou o acelerador com todas suas forças e correu pelas curvas a cento e vinte, a cento e tinta quilômetros por hora, ébrio de velocidade, sem pensar no perigo.

Entrou em Ohio.

Nas cidades e povoados já não havia gás, mas Ish tinha encontrado um aquecedor a querosene de dois bicos. Nos dias de tempo bom acampava nos bosques e acendia uma fogueira. As conservas ainda eram seu alimento principal, embora colhesse espigas de milho no campo e, quando podia, legumes e frutas.

Gostaria de poder comer alguns ovos, mas as galinhas tinham desaparecido completamente; o mesmo com os patos. Com ardor, gatos e ratos sem dúvida haviam exterminado aqueles voláteis, que não podiam viver sem proteção. Uma vez, entretanto, Ish ouviu o rouco chamada de uma pintada e, em duas ocasiões, viu alguns gansos que nadavam nas valas de irrigação. Matou um, mas descobriu que o animal era velho e duro demais para uma refeição de acampamento. Não faltavam perus nos bosques e de vez em quando ele caçava algum. Com um cão de caça talvez tivesse conseguido algumas perdizes e faisões. Princesa lançava-se frequentemente no rastro de inúmeros coelhos, mas nunca trazia algum. Ish terminou por se perguntar se esses coelhos, sempre invisíveis, não seriam imaginários.

Nos campos abundava o gado, mas o trabalho de açougueiro o desagradava. E ademais, o tempo quente não convidava a comer carne. De vez em quando via algumas ovelhas. Quando o caminho cruzava algum terreno pantanoso, tinha que ter cuidado com os porcos estendidos à sombra no fresco cimento. Alguns cães famintos ainda erravam pelas cidades. Não se viam muitos gatos, mas à noite às vezes ouvia coros de miados; eles haviam voltado aos seus hábitos noturnos.

Evitando as grandes cidades, Ish corria para o oeste Indiana, Illinois, Iowa e atravessava campos de trigos e povoados ensolarados, desertos durante o dia e escuros e desertos à noite. A natureza selvagem continuava se apoderando do mundo: aqui, entre o mato de uma cerca assomava um rebento de álamo, ali, um fio telefônico cruzava o caminho; mais adiante, pegadas na lama revelavam que um quati tinha bebido na fonte de uma praça, ao pé de uma estátua de um soldado da guerra civil.

Encontrou outros seres humanos, aos pares ou em trios. As moléculas isoladas se reagrupavam. Em geral, todos se aferravam ao lugar onde tinham vivido antes do desastre. Ninguém manifestou desejo de segui-lo; às vezes o convidavam a ficar. A oferta não tentava Ish; aquela pobre gente arrastava uma vida física, mas pareciam a Ish mentalmente mortas. Havia estudado bastante antropologia para saber que anteriormente tinha havido outros casos. Um indivíduo não costuma sobreviver ao quadro da sua existência. Privado de família, amigos, ofícios religiosos, prazeres, hábitos e, inclusive, esperança, não é mais que um cadáver animado.

A catástrofe não havia terminado. Um dia Ish encontrou uma mulher louca. Suas roupas revelavam que tinha sido rica, mas agora não era capaz de atender às suas próprias necessidades e o primeiro inverno acabaria com ela. Muitos sobreviventes diziam que os suicidas haviam sido numerosos.

Mas as emoções e a solidão não haviam transformado Ish de modo algum. Se surpreendia às vezes. Atribuía isto à sua curiosidade, ao seu caráter, à lista de qualidades que havia redigido um dia e que deviam ajudá-lo nessa nova vida.

Às vezes, sentado no automóvel e diante do fogo, sentia-se assaltado por imagens eróticas. Pensava em Ann, na nova-iorquina, com sua beleza loira, fresca e limpa. Mas Ann era uma exceção. Em geral as mulheres estavam desarrumadas e sujas e só deixavam sua apatia para rirem histericamente. Sem dúvida muitas eram acessíveis, mas não lhe inspiravam nenhum desejo. Talvez sua atitude fosse um efeito da catástrofe, mas não estava preocupado, como tempo tudo voltaria à normalidade.

Nas ardentes planícies de Nebraska, o trigo continuava de pé. O ouro da espiga estava escurecendo e os grãos estavam começando a cair. No ano seguinte haveria uma colheita espontânea; mas apareceriam também o capim e as ervas daninhas, que afogariam o trigo com um espesso manto.

O parque de Estes oferecia agradáveis refúgios de sombra depois do calor das planícies. Ish ficou ali por uma semana. As trutas não tinham visto anzol durante todo o verão e a pesca era excelente.

Então vieram as altas montanhas, que foram sucedidas pelo deserto e pelas terras de artemísia. Apertando o acelerador, Ish entrava rapidamente nas curvas da rodovia 40 para o passo de Donner.

Cruzou o paso e viu que espessas cortinas de fumaça cobriam os campos. Em que mês estamos?, se perguntou, agosto? Talvez em princípios de setembro, a época dos incêndios nos bosques. E não havia ninguém para combater o fogo.

Ao se aproximar do passo de Yuba, encontrou-se bruscamente com um sinistro. As chamas elevavam-se em ambos os lados da rota. Decidiu seguir adiante. A rodovia era larga e podia passar sem perigo. Mas depois de uma curva descobriu que um tronco envolto em chamas bloqueava o caminho. O terror que tinha vivido em uma manhã no deserto parecia que já havia transcorrido anos abateu-se outra vez sobre ele. Sentiu-se desesperadamente sozinho, incapaz de afrontar uma emergência, recobrar-se de um acidente. Havia uma única solução: voltar. Deu marcha ré bruscamente e afogou o motor. Após um instante conseguiu por-se outra vez em marcha e fugiu do fogo.

Já fora de perigo, recobrou a calma. Decidiu tentar a rodovia 20. Os incêndios não a haviam perdoado, mas estavam quase extintos. Avançou lentamente, evitando as árvores caídas. Mas quando chegou ao topo, estremeceu ao ver atrás dele a extensão do fogo. Tinha tido sorte.

Tinha planejado passar a noite entre as árvores da montanha, mas achando que o fogo podia cercá-lo, seguiu seu caminho e acampou na praça de uma vila, ao pé de umas colinas. Não havia nenhuma luz acesa. Sentiu-se decepcionado, pois esperava encontrar luzes na Califórnia. Sem dúvida os incêndios haviam destruído as linhas elétricas, pelo menos naquela região.

Deitado no chão, incomodado, sentindo o acre cheiro da fumaça no nariz, tentou conciliar o sono, mas tinha a impressão de ter caído em uma armadilha. Embora todos os incêndios tivessem se extinguido, as árvores queimadas e os deslizamentos das colinas vizinhas deviam ter obstruído o caminho da serra.

Pela manhã, como de costume, sentiu-se mais animado. A Califórnia, se não conseguisse sair, pelo menos era uma prisão espaçosa e cômoda; e se fosse impossível cruzar a serra, podia tomar a estrada do deserto.

Já se preparava para partir, quando Princesa, com seu costumeiro espírito de contradição, começou a latir e desapareceu atrás de um rastro. Irritado, Ish resignou-se a esperá-la e, como a cadela tardava em reaparecer, alterou seus planos e passou a maior parte do dia estendido à sombras de duas árvores, seminu. Retomou a viagem nas últimas horas da tarde.

Chegou em cima da montanha ao amanhecer. A baía abria-se como um leque diante dos seus olhos, com sua coroa de cidades. Sorriu a notar que nas ruas ainda havia muitas luzes acesas. Tinha esquecido do espetáculo. As centrais a vapor haviam parado quase que imediatamente e as pequenas usinas hidroelétricas não tinham funcionado por muito tempo. Sentiu um curioso orgulho: aquelas luzes talvez fossem as últimas.

Durante um instante se perguntou se não teria sido vítima de uma alucinação e agora se encontrava em uma cidade onde tudo funcionava normalmente. A longa estrada deserta o devolveu à

realidade. As manchas negras indicavam que a eletricidade estava faltando em alguns bairros. As luzes da ponte Golden Gate também tinham se apagado. Ou talvez estivessem ocultas pela névoa que subia da baía.

Entrou na avenida San Lupo. Nada parecia ter mudado. Sempre haverá uma avenida San Lupo, pensou, e lembrou dos outros sobreviventes. Ele também tinha decidido refugiar-se em um lugar familiar e regressava com a fidelidade de uma pomba.

Abriu a porta e acendeu a luz. Tudo estava como antes. Não esperava outra coisa, entretanto... sentiu uma surda melancolia. As amareladas folhas secas, pensou. Era um trecho que havia ouvido em um teatro, não lembrava de que obra. Em outros tempos, no passado...

Princesa correu para a cozinha, escorregou no linóleo, lançou um cômico ganido e aprumou-se. Ish seguiu-a, agradecendo-lhe pela interrupção. A cadela estava farejando o rodapé, mas não era possível descobrir o que tanto lhe interessava.

Bem, pensou Ish voltando para a sala, parece que fiquei insensível, mas pelo menos não há espectadores e não tenho que fingir. Tudo isto, sem dúvida é consequência de tantas provas.

A nota que havia deixado sobre a secretária continuava ali, intacta. Pegou-a e, amassando-a, jogou-a na lareira e acendeu um fósforo. Hesitou por um instante, mas por fim aproximou a pequena chama do papel e ficou olhando como ardia. Outro episódio terminado.

Esta geração não conhecerá pais, esposas, filhos e amigos. Será como nas épocas fabulosas, quando os deuses, para povoar a terra, recorriam às pedras ou aos dentes do dragão; e eram todos estranhos, de rosto estranho, e ninguém conhecia o rosto dos seus semelhantes.

Na manhã seguinte decidiu colocar sua vida em ordem. A comida, como já tinha comprovado, não era um problema. Examinou as lojas do bairro. Os ratos tinham destruído caixas e roído os alimentos que cobriam os pisos de lajotas. De repente, viu em um balcão caixões de frutas de cores brilhantes e legumes

apetitosos e frescos que pareciam recém-colhidos. Incrédulo, aproximou o rosto do vidro empoeirado. Em seguida, primeiro irritado e logo divertido, descobriu que aquelas laranjas, maçãs, tomates e peras reluzentes eram frutos de papelão com que o comerciante tinha decorado sua vitrine em outro tempo.

Um pouco mais adiante, encontrou uma loja que aparentemente os ratos não tinham conseguido assaltar. Abriu com cuidado uma janela e entrou.

O pão já não estava comestível e os vermes pululavam nas caixas de biscoitos hermeticamente fechadas. Mas as frutas secas e todos os alimentos guardados em recipientes de vidro ou em latas estavam intactos. Enquanto pegava alguns vidros de azeitona, ouviu o zumbido de um motor elétrico. Abriu o refrigerador e achou manteiga perfeitamente conservada, carne fresca, vegetais congelados. Saiu com seu saque e fechou a janela cuidadosamente, para evitar pelo menos uma invasão de ratos.

De volta à sua casa, examinou novamente a situação. A vida material não apresentaria dificuldades por muito tempo. Nas lojas abundavam os alimentos e as roupas, não precisava mais que servir-se. A água ainda saía das torneiras. Já não havia gás e com outro clima talvez tivesse que conseguir algum combustível, mas o aquecedor a querosene lhe bastava para cozinhar. Acenderia a lareira no inverno e, se isso não bastasse, podia recorrer a toda uma bateria de aquecedores. Sentiu-se tão orgulhoso de não precisar de ajuda, que temeu transformar-se em um ermitão, como o velho que havia encontrado há algum tempo atrás.

Naqueles dias, quando o próprio ar transmitia a morte e a civilização vivia seus últimos momentos, os homens encarregados do fornecimento de água se olharam e disseram: "Podemos adoecer e morrer, mas o povo continuará precisando de água". Lembraram então dos planos que haviam traçado em outra época, quando se vivia com o temor dos bombardeios. Abriram as válvulas e canais. A água que descia das montanhas serpenteou nos longos sifões, entrou nos encanamentos subterrâneo e finalmente nos depósitos, pronta para sair em todas as torneiras. "Agora disseram os homens, a água correrá até que a ferrugem corroa os

encanamentos, e isso não acontecerá durante a vida dos nossos filhos.” Depois morreram. Mas morreram como homens honrados que cumpriram suas tarefas até o fim.

A água continuava então brindando seus benefícios e ninguém sofria sede. Ainda corria em abundância quando os últimos sobreviventes erravam tristemente pelas ruas.

A princípio Ish temia morrer de tédio. Mas logo encontrou com que se ocupar. A febre de atividade que havia mostrado na viagem ao Leste havia desaparecido. Dormia muito, passava longas horas sentado, com os olhos abertos, afundado em uma profunda apatia. Mas quando saía desses estados, sentia medo e lançava-se à ação com renovado ardor.

Felizmente, o cuidado com a vida material, embora pouco complicado, absorvia-lhe uma grande parte do tempo. Comia em casa, mas logo compreendeu que se deixasse os pratos se amontoarem as formigas aumentariam seu trabalho. Por esta razão levava o lixo para longe de casa.

Alimentava Princesa e dava banho nela quando a cadela cheirava mal. Um dia, para sacudir a modorra, foi à biblioteca pública, fez saltar a fechadura com uma martelada e, depois de perambular um pouco, saiu sorrindo com *Robinson Crusóé* e *Os Robinsos Suíços* debaixo do braço.

Mas esses livros não o interessaram muito. As preocupações religiosas de *Crusóé* lhe pareceram aborrecidas e idiotas. Quanto à família suíça já tinha tido essa impressão na infância, o barco naufragado era uma espécie de saco sem fundo que provia todas as necessidades. A falta de um rádio era suprida por um fonógrafo e os discos dos seus pais.

Após algum tempo encontrou um aparelho melhor em uma loja de música. Era pesado, mas conseguiu colocá-lo no carro e instalou-o no vestíbulo da sua casa. Levou também uma grande quantidade de discos. Também se presenteou com um lindo acordeon. Com a ajuda de um manual, conseguiu tirar alguns sons patéticos, que Princesa saudava com terríveis uivos. Reuniu também alguns materiais de pintura, embora nunca os tenha utilizado.

Mas lhe interessava, sobretudo, observar o que acontecia em um mundo liberado do jugo do homem. Percorria de automóvel a cidade e o campo vizinho. Às vezes passeava pelas colinas com seu binóculo de longa distância. Nessas ocasiões, Princesa o abandonava de imediato para lançar-se em perseguição ao seu eterno coelho invisível.

Um dia saiu para procurar o ancião que amontoava tantos objetos heterogêneos. Não sem trabalho, encontrou a casa: um desordenado ninho de ratos. Mas o velho não estava lá e nada indicava que ainda estivesse vivo. Ish, desencorajado por tantas decepcionantes tentativas, não procurou por outros companheiros.

A aparência das ruas mudava lentamente. A seca de verão ainda continuava, mas os ventos traziam pó, folhas mortas e detritos e os amontoava aqui e ali. Não havia muitos animais na cidade, somente cães, gatos ou ratos. Em alguns bairros, entretanto, sobretudo no cais, pululavam os cães, mas pertenciam todos à mesma raça: terriers; terriers ou mestiços de terriers, pequenos e ativos. Haviam abandonado seus velhos hábitos e tinham iniciado uma nova vida. Seguindo talvez o exemplo dos ratos, assaltavam e assolavam as lojas. Os ratos roíam as caixas de papelão; depois vinham os cães e comiam as bolachas. Mas eles também se alimentavam de ratos. Assim se explicava seu número nas zonas onde sempre tinham abundado os roedores antes da catástrofe. Os cães tinham perseguido ou matado os gatos e, sem dúvida às custas de alguns arranhões, tinham conseguido satisfazer sua fome.

Esses cães divertiam Ish. Passeavam com a despreocupação tradicional dos terriers e até com um ar fanfarrão. Embora sujos e fracos, pareciam vigorosos e seguros de si mesmos, com se pensassem ter solucionado o problema da comida. Eram sem dúvida os exemplares mais independentes da espécie, os que nunca haviam se preocupado muito com os homens. Ish não lhes interessava e se mantinham à distância, sem procurá-lo nem evitá-lo.

Um dia Princesa brigou às dentadas com uma cadela e desde então, naqueles bairros, Ish a mantinha sempre presa ou trancada

no carro.

Nos parques e lugares arborizados dos arredores, às vezes via algum gato, quase sempre trepado em um galho, talvez para caçar pássaros ou porque temia os cães.

No curso dos seus passeios pelas colinas, Ish nunca tinha encontrado um cachorro, mas um dia foi surpreendido por uma algaravia de ganidos e latidos. Subiu em um lugar alto e viu oito ou dez cachorros que perseguiram meia dúzia de vacas em um velho campo de golfe.

Levou o binóculo aos olhos e notou que os cães, embora de raças distintas, eram todos de alta estatura. A matilha era formada por um danês, um ovelheiro escocês, um dálmata e vários mestiços, todos robustos e de patas longas. Indubitavelmente, haviam se unido para a caça e não parecia que aquele fosse seu primeiro ataque. Tentavam isolar um bezerro, mas as vacas contra atacavam vigorosamente com chifradas e coices. Por fim elas conseguiram se refugiar em um espesso matagal às margens do campo de golfe e os assaltantes bateram em retirada.

O espetáculo havia terminado. Ish chamou Princesa e se dirigiu para o carro, que havia deixado a mais ou menos um quilômetro. De repente, os latidos da matilha começaram de novo. Aproximavam-se cada vez mais e Ish compreendeu que eles seguiam sua pista.

Sentiu pânico e pôs-se a correr. Mas isto era incitá-los. Tranquilizou-se e recolheu algumas pedras e um ramo caído que poderia lhe servir como uma lança. Então continuou caminhando para o carro.

De repente os cães se calaram e Ish compreendeu que eles o tinham avistado. Esperava que um resto de medo ancestral os impedisse de atacar um homem, mas então se perguntou o que teria acontecido ao velho e aos outros que havia encontrado naquelas paragens. E então um dos cães, um horroroso mestiço negro, saltou para a estrada diante dele. Parou a uns cinquenta metros, sentou-se sobre os quartos traseiros e ficou olhando para ele. Ish levantou o braço como se fosse atirar uma pedra e o

cachorro deu um salto, lançou-se para a beira da estrada e desapareceu no matagal.

A erva daninha se movia como se os cachorros estivessem se preparando para saltar sobre ele. Princesa, como sempre, demonstrava uma exasperante indecisão. Com a cauda entre as patas, se apertava contra seu amo, ou de repente corria para a direita e para a esquerda e latia, como se desafiando o mundo inteiro.

O automóvel estava à vista. Ish se aproximou com um passo regular, sem gastar suas pedras, e dando de vez em quando uma olhada por cima do ombro. Princesa lhe avisaria em caso de um ataque pelas costas. De repente o danês se lançou por uma brecha entre o matagal. Era um cão magnífico, pesado como um homem. Uivando, Princesa se precipitou para ele em um ato suicida. O danês saiu ao seu encontro e ao mesmo tempo o ovelheiro apareceu à direita. Mas Princesa escapuliu com a agilidade de uma lebre.

Os dois cachorrões se chocaram um com o outro e rolaram pelo chão, ganindo.

Princesa voltou a se esfregar contra as pernas de Ish. Apareceu então o dálmata. Cruzou a estrada e se deteve, mostrando uma língua vermelha. Ish não se apressou nem diminuiu a marcha. O recém-chegado tinha a aparência menos feroz que seus companheiros e Ish estava decidido a enfrentá-lo. Um formosa coleira com uma placa de metal rodeava seu pescoço pelado. Não sem inquietação, Ish notou que, apesar da sua magreza e das suas costelas salientes, o animal não havia perdido seu vigor. Evidentemente, não faltava comida aos cães: coelhos, bezerros, ou qualquer carniça. Esperava que ainda não estivessem se devorando entre si e que ainda ignorassem o gosto do homem.

Quando chegou a uns seis metros do dálmata, Ish, sem se deter, levantou o braço em um gesto de ameaça. O cachorro meteu a cauda entre as patas e fugiu. O automóvel estava muito perto e Ish suspirou aliviado.

Abriu a porta, fez Princesa entrar e, reprimindo uma última onda de pânico, seguiu-a com dignidade. Fechou a porta e se sentiu fora de perigo. Sua mão se crispou sobre o cabo do martelo que jazia aos seus pés.

O formoso danês havia se deitado na beira da estrada. Os outros haviam desaparecido. Agora, a salvo, Ish examinou a situação mais imparcialmente. Os cães não lhe tinham feito mal algum; nem sequer o tinham ameaçado. Havia-lhe parecido com feras sedentas de sangue, mas agora lhe inspiravam piedade. Talvez tivessem sido atraídos por uma recordação nostálgica de suculentas comidas, da lenha que crepitava na lareira, das carícias e das palavras carinhosas. E então partiu, desejando sinceramente que eles triturassem um coelho, ou derrubassem algum bezerro.

Na manhã seguinte, o drama se transformou em comédia. Evidentemente, Princesa precisava de um companheiro. Como Ish não queria filhotes, encerrou-a no sótão.

Mas, apesar de tudo, ignorava as verdadeiras intenções da matilha. Perecer entre os dentes de cachorros lhe parecia a menos invejável das sortes. Desde então, não se aventurou outra vez nas montanhas sem um revólver no cinturão ou uma carabina.

Dois dias depois, uma invasão de formigas o fez esquecer do perigo dos cães. Já havia tido algumas dificuldades com aqueles bichos, mas agora elas apareciam por todo lado e invadiam a casa. A luta não era nova. Ish lembrava do grito consternado da sua mãe quando uma formiga preta atravessava a cozinha, a irritação do seu pai, as discussões sobre como destruí-las. Agora as formigas vinham com exércitos cem vezes mais poderosos; e sem encontrarem irritantes donas de casas sempre dispostas a combatê-las e até mesmo levar a guerra aos próprios ninhos. Em alguns meses haviam se multiplicado incrivelmente. Sem dúvida estava faltando comida para elas.

Saíam por todos os lados. Ish deplorava que os limites dos seus conhecimentos entomológicos não lhe permitisse resolver o mistério desse crescimento. Apesar das suas buscas, nunca soube se as formigas tinham suas metrópoles em algum lugar, ou se elas se multiplicavam um pouco em todos os lugares.

Nada escapava às suas explorações. Ish depressa se transformou em uma furibunda e escrupulosa dona de casa, pois a menor partícula de comida, ou ainda uma mosca morta, atraía imediatamente uma coluna de três centímetros de largura. Passeavam como pulgas no pelo de Princesa, mas não a picavam. Descobriu algumas em suas próprias roupas.

Uma madrugada, despertou com um horrível pesadelo e descobriu uma cortejo de formigas cruzando seu rosto. Não conseguiu saber o que as havia atraído.

Mas a casa era somente uma terra estrangeira aberta às incursões. As fortalezas dos formigueiros alçavam-se do lado de fora, em todas as partes. Se Ish voltava um torrão, milhares de formigas surgiam de galerias subterrâneas. Era possível que acabassem com todos os outros insetos ao tirar-lhes os meios de subsistência. As invasoras não se arredaram. Muitas delas, sem dúvida morriam no campo de batalha, mas alguns milhões a mais ou a menos não era uma grande diferença. Tentou calcular quantas formigas haveria no bairro e chegou a incríveis cifras astronômicas. Não tinham inimigos naturais? Continuariam se multiplicando? Desaparecido o homem, elas herdariam a terra? Não. Afinal eram as mesmas atarefadas formiguinhas que haviam posto à prova as pacientes donas de casa californianas.

Fez algumas pesquisas e descobriu que a praga não se estendia muito mais além dos limites da cidade. Como os cães, os gatos e os ratos, essas formigas também eram animais domésticos que dependiam do homem. Este pensamento o animou. Se somente se preocupasse com sua comodidade, já teria partido. Mas preferia, mesmo que às custas de certos inconvenientes, observar o que estava acontecendo.

Então, uma certa manhã, nada mais de formigas. Olhou atentamente ao seu redor e não descobriu uma só. Deixou algumas migalhas no chão e foi para suas ocupações. Quando voltou, o festim continuava intacto. Surpreso, pressentindo que havia acontecido alguma coisa insólita, saiu para o jardim. Moveu um torrão de terra e não viu a agitação habitual. Continuou procurando. Aqui e ali encontrou alguns exemplares que vagavam

aturdidos, mas eram tão poucos que teria podido contá-los. Entretanto não havia cadáveres. As formigas tinham desaparecido como por artes de encantamento. Se conhecesse a estrutura dos formigueiros, talvez pudesse descobrir seus cemitérios. Lamentou sua ignorância e resignou-se.

Nunca resolveu o mistério, mas adivinhava a verdade. Quando uma espécie se propaga demais, é quase sempre vítima de algum cataclismo. Era possível que as formigas tivessem esgotado os víveres que haviam permitido seu crescimento. Embora talvez fosse mais provável que tivessem sido atacadas por alguma doença.

Nos dias seguintes, sentiu, ou achou ter sentido, um fedor fraco, mas penetrante, que atribuiu à decomposição daqueles milhões de cadáveres.

Tempos depois, após uma jornada dedicada à leitura, sentiu fome. Foi à cozinha e procurou um pouco de queijo na geladeira. Olhou casualmente para o relógio elétrico e surpreendeu-se. Eram nove e trinta e sete. Achava que era mais tarde. Enquanto voltava à sala mastigando o primeiro pedaço de queijo, consultou seu relógio de pulso: os ponteiros assinalavam dez horas e nove minutos. Finalmente o velho relógio se quebrou, pensou. Não era raro. Lembrou de como havia se surpreendido ao chegar depois da catástrofe e viu que os ponteiros se moviam.

Retomou a leitura. Um vento do norte, com um acre cheiro de fumaça, sacudia as janelas. Mas o cheiro não lhe chamava a atenção. Muito frequentemente, a fumaça dos bosques incendiados era negra e espessa como uma nuvem de tempestade. Após alguns instantes, piscou e aproximou os olhos da página. Essa fumaça está me fazendo lacrimejar, pensou, quase não consigo ver. Aproximou o livro dos olhos e lhe pareceu que toda a casa se escurecia. Com um sobressalto, voltou-se para a lâmpada elétrica sobre a mesa de bridge.

Logo a seguir, levantou-se com um sobressalto, com o coração palpitando, e saiu para a varanda. Olhou a ampla perspectiva da cidade. As luzes ainda brilhavam nas ruas. A grinalda de globos amarelos continuava acesa na ponte, e nos altos dos pilares

piscavam as luzes vermelhas. Olhou com mais atenção. As luzes pareciam menos brilhantes que de costume. Seria efeito da sua imaginação, ou elas estavam veladas pela fumaça? Voltou à sua poltrona e tentou ler para esquecer seus temores. Mas logo a seguir piscou de novo. Olhou para a lâmpada perplexo e imediatamente lembrou do relógio da cozinha. Bom, pensou, era inevitável.

No relógio de pulso agora eram dez e cinquenta e dois. Foi à cozinha; o relógio indicava dez e quatorze. Fez as contas rapidamente. O resultado confirmava seus temores. O relógio elétrico havia atrasado seis minutos em três quartos de hora.

Sabia que o relógio de parede funcionava com impulsos elétricos: uma frequência de sessenta por minuto. Agora esses impulsos estavam espaçados. Uma técnico teria calculado facilmente a frequência atual. E ele teria podido fazê-lo também, mas não lhe serviria de nada. Sentiu-se outra vez desanimado. O sistema elétrico estava se deteriorando cada vez mais rapidamente.

Voltou para a sala. Desta vez era indiscutível: a luz havia empalidecido. As sombras invadiam os cantos da casa. As luzes se apagam. As luzes do mundo, pensou, e conheceu o terror de um menino abandonado na escuridão.

Princesa estava cochilando no chão. A diminuição da luz não a perturbava, mas contagiou-se pela inquietação do seu dono e levantou-se gemendo.

Ish foi outra vez para a varanda. A cada minuto as longas guirlandas de luzes eram menos e menos claras, mais e mais amareladas. O vento apressava aquela morte, cortando alguns cabos aqui, interrompendo um circuito mais além. O fogo que se estendia pelas colinas vizinha queimava as linhas, e até talvez alguma central.

Após alguns instantes, as luzes deixaram de empalidecer e se mantiveram em um vago resplendor. Ish voltou à sala e, aproximando outra lâmpada, pôde ler comodamente.

Princesa voltou ao seu sono. Apesar da hora, Ish não tinha vontade de se deitar. Era como se estivesse velando o cadáver do

seu mais caro e velho amigo. “Faça-se a luz. E a luz foi feita”, recordou. Parecia que o mundo tinha chegado ao outro extremo da sua história.

Pouco depois foi olhar o relógio. Havia parado. Os dois ponteiros no alto do mostrador assinalavam onze e cinco. Os ponteiros do relógio de pulso, em troca, haviam passado da meia-noite. As luzes se extinguiriam totalmente dentro de umas poucas horas, ou se manteriam assim por alguns dias.

Ish não se decidia a se deitar. Tentou ler e finalmente adormeceu na poltrona.

Quanto à eletricidade, os dispositivos das centrais elétricas eram tão engenhosos, que mesmo em pleno desastre não foi necessário mudança alguma. Os homens tinham sido vencidos pela doença, mas os dínamos ainda faziam correr suas vibrações regulares ao longo dos cabos. Após a breve agonia da humanidade, as luzes não perderam nada do seu brilho. Quando caía um cabo, privando de eletricidade toda uma cidade, logo a seguir um outro se encarregava da tarefa. Se um dínamo se deteriorava, seus irmãos, ao longo de uma linha de centenas de quilômetros, redobravam seus esforços.

Mas todo sistema, cadeia ou caminho, tem seu ponto fraco. A água pode correr durante anos, os grandes dínamos podem girar sobre seus bem lubrificados mancais; mas há um ponto fraco: os reguladores que governam os dínamos, e que não são totalmente automáticos. Anteriormente eram examinados a cada dez dias. Eram lubrificados uma vez por mês. Passaram-se dois meses sem que os inspetores se apresentassem e as reservas de óleo se esgotaram; um a um, ao longo das semanas, os reguladores deixaram de funcionar.

Quando um regulador para, a torneira muda automaticamente de ângulo e a água não flui. Então o dínamo para e não produz mais eletricidade. Muitos dínamos, um após o outro, ficam assim inativos. Os outros devem fazer um trabalho grande em demasia e poucos dias mais tarde o sistema para totalmente.

Quando Ish despertou, as lâmpadas mal iluminavam. Os filamentos eram de um vermelho alaranjado. Na casa reinavam as

sombras.

As luzes se apagam! Quantas vezes durante o curso dos séculos tinha sido ouvida esta frase, pronunciada às vezes com indiferenças e em outras com pânico, literal ou simbolicamente. Quanto havia significado a luz na história do homem! A luz do mundo. A luz da vida. A luz do conhecimento.

Ish estremeceu. Mas, afinal a eletricidade havia sobrevivido ao homem graças aos sistemas automáticos. Lembrou-se do dia que havia descido das montanhas sem saber nada do desastre. Tinha passado diante de uma central elétrica e concluía que tudo estava normal, porque a água continuava correndo pelas eclusas e os dínamos zumbiam regularmente. E talvez em outros lugares a escuridão já fosse total.

Talvez essas lâmpadas fossem as últimas a se extinguirem; e já não haveria mais luz no mundo.

Não estava com vontade de dormir. Era seu dever ficar acordado. Mas esperava que o último ato do drama fosse breve. A luz diminuiu ainda mais. É o fim, disse para si mesmo. Mas as lâmpadas continuavam acesas. O filamento estava agora era de um vermelho cereja.

E outra vez escureceram. A obra da destruição se acelerava, como um rio que desce uma colina, lentamente a princípio, e então mais e mais rápido. Durante um segundo as luzes pareceram brilhar com mais força, mas logo desapareceram.

Princesa se agitou e latiu sonhando. Era um toque de finados?

Ish saiu de casa, dizendo-se sem convicção que tinha havido uma falha no sistema do bairro. Esquadrinhou a escuridão. Por trás das trevas, que a fumaça fazia mais densa ainda, brilhava fracamente uma lua alaranjada. Não se via outra luz, nem nas ruas nem no poente: era o fim, então. "Apague-se a luz. E a luz se apagou."

Chega de melodrama, se disse. Tateando, entrou em casa e procurou no armário, onde sua mãe guardava as velas. Encontrou somente uma e colocou-a no candelabro. A chama era pequena, mas reta e clara. Ish se deixou cair desanimado na poltrona.

6

O desaparecimento das luzes transtornou Ish. Mesmo em pleno dia acreditava ver sombras que se aproximavam nos cantos. Voltava à Idade das Trevas. Armazenou fósforos, lanternas, velas, quase contra sua vontade, mas sentindo-se curiosamente protegido.

Mas não tardou em descobrir que a luz não era o produto elétrico mais importante. O refrigerador agora era inútil. A carne fresca, a manteiga e os legumes se transformavam em uma massa putrefata e malcheirosa.

Então a estação mudou. Ish já tinha perdido a conta das semanas e dos meses, mas seu olho treinado de geógrafo sabia decifrar as mensagens da natureza. Sem dúvida era outubro; a primeira chuva confirmou suas previsões. Não se tratava de uma tempestade passageira. Fina e contínua, a chuva parecia eternizar-se.

Não saiu durante esse tempo e tentou se distrair em casa. Tocava o acordeon, lia livros que até então não havia se atrevido a olhar por falta de tempo. De vez em quando ia à janela e olhava a chuva e as nuvens baixas que pareciam roçar os tetos.

Uma manhã, ele saiu para ver o que estava acontecendo, que novos episódios tinham sido acrescentados ao drama. A princípio não notou nada de novo. Então viu que na avenida as folhas tinham tapado um bueiro. A água borbulhava na rua e invadia as calçadas, cruzava a selva de mato que tinha sido o jardim dos Hart, entrava na casa por baixo da porta e sem dúvida encharcava o piso e os tapetes. Um pouco mais abaixo, o rio invadia o roseiral e se perdia em um bueiro de outra rua. Os destroços não eram

muito grandes, mas este era só um exemplo do que estava acontecendo em milhares de outros lugares.

Os homens havia construído estradas, bueiros, diques e outros obstáculos para opor-se ao curso natural das águas. Esses trabalhos precisavam de cuidados constantes. Dois minutos teriam bastado para Ish tirar as folhas e desentupir os bueiros, mas não lhe parecia necessário. Valetas, bueiros e diques tinham sido construídos para o uso do homem. O homem havia desaparecido e já não tinham utilidade.

Que a água seguisse seu curso e cruzasse o roseiral. Encharcados de água e de lama, os tapetes dos Hart logo desapareceriam. Tanto pior. Afligir-se seria continuar vivendo no mundo do passado.

Ish estava voltando para casa quando tropeçou com uma cabra que comia tranquilamente a cerca viva do senhor Osmer, em outros tempos tão bem cuidada. Divertido e curioso, se perguntou de onde viria a intrusa. Ninguém tinha possuído semelhantes animais naquele bairro. A cabra, talvez também divertida e intrigada, parou de comer e olhou para Ish. Os homens agora eram bichos raros. Depois de tê-lo examinado sem medo nem respeito, a cabra julgou que os suculentos brotos da cerca eram mais interessantes que aquele bípede.

Princesa, que voltava de uma expedições, apareceu de repente e lançou-se para a desconhecida com latidos frenéticos. A cabra baixou a cabeça e ameaçou-a com os chifres. Princesa não era um animal combativo e, saltando de lado, correu para seu protetor. A cabra deu uma mordiscada na cerca.

Alguns minutos mais tarde, Ish a viu passeando pela calçada como se toda a avenida San Lupo lhe pertencesse. E por que não?, pensou. Talvez seja assim mesmo. O mundo está trocando de donos.

Quando a chuva o retinha em casa, a mente de Ish se voltava para a religião, como no dia em que tinha visitado a catedral. Folheava frequentemente a volumosa bíblia que seu pai tinha coberto de anotações. Os Evangelhos o decepcionaram, provavelmente porque tratavam dos problemas do homem na

sociedade. "Dai a César..." Era uma ordem supérflua, pois nem sequer havia um inspetor de tributos que representasse o César..

"Vendei vossos bens e dai de esmola... Fazei aos homens tudo que quereis que eles vos façam... Ama teu próximo como a ti mesmo." Todos esses preceitos só podiam ser aplicados a multidões. Nesse mundo reduzido à sua mais simples expressão, um fariseu ou um saduceu ainda teria sido capaz de cumprir os ritos de uma religião formalista; mas, baseada na na caridade, a doutrina cristão agora carecia de sentido.

Recuou para o Antigo Testamento, começou por Eclesiastes, e achou-o mais atual. O velho, o predicador, Cohelet, assim o chamavam em uma nota de rodapé, tinha a arte de pintar com crueza e realismo a luta do homem contra o universo. Às vezes, suas palavras se aplicavam exatamente a Ish. "Quer a árvore caia para o sul ou para o norte, no lugar em que a árvore cair ali ficará." Ish lembrou-se daquele tronco em Oklahoma, que fechava a rodovia 66. Mais adiante, leu: "Melhor serem dois do que um. Porque se um cair, o outro levanta seu companheiro; mas ai do que estiver só, pois, caindo, não há outro que o levante". E Ish lembrou-se do seu terror quando se sentiu só, sem ninguém que pudesse ajudá-lo em caso de acidente. Leu sem descanso, maravilhado ante aquela compreensão realista, e até clarividente, das leis do universo. Até encontrou esta frase: "Seguramente a serpente morderá antes de estar encantada".

Chegou ao final do primeiro capítulos e seus olhos pousaram em uns versículos do Cântico dos Cânticos, de Salomão. "Que ele me beije com os beijos da sua boca; porque é melhor teu amor do que o vinho", leu.

Agitou-se nervosamente. Durante aqueles longos meses havia se sentido assim em muito raras ocasiões. Compreendia agora, outra vez, que o desastre o tinha afetado mais do que imaginava. Assim, nas antigas lendas de encantamentos, um rei olhava passa o cortejo da vida sem poder unir-se a ele. Outros homens tinham procurado uma solução para o problema. Mesmo aqueles que haviam procurado a morte pelo álcool haviam participado de algum modo da vida. Mas ele, o observador, havia rechaçado a vida.

E o que era a vida? Milhões de homens haviam-se feito a mesma pergunta. Cohelet, o predicador, não havia sido o primeiro. E todos haviam encontrado uma resposta diferente. Salvo aqueles para quem a pergunta não tinha resposta. Ele, por exemplo, Isherwood Williams, era uma rara fusão de desejos e reações, realidades e quimeras.

Lá fora estendia-se a vasta cidade deserta, onde a chuva golpeava as longas avenidas solitárias, já nas sombras do crepúsculo. E entre os dois, o homem e o mundo, havia um raro e invisível vínculo: mudava um, mudava o outro.

Aquela era uma grande equação de vários termos e duas grandes incógnitas. De um lado estava Ish, chamemos-lhe X, e do outro o mundo, o mundo e seus pertences. E as duas incógnitas buscavam um equilíbrio que só era alcançado com a morte. Este era provavelmente o pensamento do desiludido Cohelet, quando escrevia: "Os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem coisa nenhuma". Mas deste lado da morte o equilíbrio era sempre instável.

Se X mudava, se alguma glândula afetava seu humor, se Ish se sentia comovido, ou simplesmente se entediava, ou fazia um gesto, esse gesto modificava a equação, embora levemente, estabelecendo um equilíbrio provisório.

Se, ao contrário, o mundo mudava, se uma catástrofe destruía a raça humana, ou mais simplesmente, se a chuva deixava de cair, Ish, ou seja, X, se transformava também, e novos atos ordenavam um novo e precário equilíbrio. Quem poderia dizer qual das incógnitas se imporia à outra?

Quase inconscientemente, levantou-se da poltrona e compreendeu que esse movimento traduzia sua inquietação. O equilíbrio da equação havia se quebrado e ele havia se levantado para restabelecê-lo. Mas seu estado de ânimo também mudava o mundo. Princesa, arrancada do seu sonho, deu um salto e correu pela sala. Ish ouviu que a chuva batia com mais força nos vidros. Elevou os olhos para o céu. Assim se lhe apresentava o mundo, obrigando-o a agir. Foi à cozinha para preparar a ceia.

O desaparecimento quase completo da raça humana, catástrofe sem precedentes na história do mundo, não alterou as relações da terra com o sol, a extensão e a distribuição dos oceanos e continentes, os períodos de chuva e bom tempo. Assim, a primeira tempestade de outono, que partiu das ilhas Aleutianas para bater a costa da Califórnia, foi como muitas outras. A umidade apagou os incêndios dos bosques; a chuva lavou a fumaça e o pó do ar. Chegou o vento nordeste, fresco e de uma pureza cristalina e a temperatura desceu rapidamente.

Ish se agitou durante o sono e despertou lentamente. Tinha frio. A outra incógnita da equação mudou, pensou, e cobriu-se com uma manta. Oh, filha de reis, murmurou sonhadoramente, teus seios são... E adormeceu outra vez.

Pela manhã a casa estava gelada. Colocou um colete de lã enquanto preparava o desjejum. Pensou em acender a chaminé, mas o frio parecia tê-lo reanimado e decidiu que este dia não ficaria em casa.

Depois de tomar café, foi para a varanda e admirou a cena. Lavado pela chuva, o céu estava mais limpo. O vento tinha amainado. A vários quilômetros de distância, as colunas vermelhas da Golden Gate, sobre o fundo do céu azul, pareciam quase ao alcance das mãos. Ish se voltou para o norte para olhar o pico de Tamalpai e se sobressaltou. Entre a montanha e ele, às margens da baía, elevava-se uma fina cinta de fumaça. Talvez aquela coluna tivesse se elevado cem vezes sem que ele pudesse vê-la na atmosfera de fumaça e brumas.

Agora era um sinal. Sim, o fogo podia ser espontâneo. Anteriormente, outras colunas de fumaça haviam atraído Ish inutilmente. Mas o dilúvio dos dias passados tinha que ter apagado os incêndios.

De qualquer forma a fumaça não estava a mais de três quilômetros e Ish pensou em entrar imediatamente no carro e ir investigar. Nos pior dos casos, só perderia alguns minutos; e o tempo lhe sobrava. Mas uma lembrança o deteve. Tinha tentado se aproximar de outros homens e sempre tinha fracassado. Sentiu uma daqueles acessos de selvageria tão frequentes em outra

época, quando a perspectiva de um baile o fazia transpirar. Procurou algum pretexto. Assim fazia antes: alegava um trabalho urgente e mergulhava em um livro em vez de ir ao baile.

Robinson Crusóé desejava realmente deixar a ilha deserta onde era monarca absoluto? A pergunta não era nova. E embora Robinson amasse a sociedade humana, por que ele, Ish, deveria se parecer com ele? Talvez amasse sua ilha. Talvez temesse os laços humanos.

Quase com medo, como se fugisse de uma tentação, chamou Princesa, entrou no carro e saiu na direção oposta.

Durante horas errou sem rumo pelas montanhas. Os efeitos da chuva já eram evidentes. Não se podia saber com clareza onde terminava a estrada e onde começavam os campos. Os ventos do outono faziam cair as folhas. No cimento viam-se alguns ramos mortos. A água havia arrastado a lama. Ao longe ele ouviu, ou achou ter ouvido, os latidos de uma matilha. Mas os cães não apareceram e nas primeiras horas da tarde voltou para casa. No lado das montanhas, já nenhuma fumaça subia ao céu. Sentiu um certo alívio, mas também uma grande decepção.

A outra incógnita da equação tinha mudado e ele havia respondido, fugindo. O fio de fumaça talvez reaparecesse na manhã seguinte, mas não era certo. Ou talvez aquele ser humano, quem quer que fosse, tinha simplesmente passado pela cidade e não voltaria.

Nas primeiras horas do crepúsculo olhou outra vez e viu uma luz fraca mas inconfundível. Não hesitou. Chamou Princesa, entrou no carro e foi na direção do sinal.

Andava lentamente. A janela iluminada parecia olhar para a varanda. As árvores a tinham ocultado, até que caíram as folhas. Mas quando Ish se distanciou alguns metros, a luz desapareceu. Errou meia hora ao acaso e por fim voltou a vê-la. Desceu lentamente a rua e passou diante da casa. As persianas estavam abaixadas, mas alguns raios de luz iluminavam a calçada. Parecia uma luz de uma lamparina a óleo.

Ish desligou o motor no outro lado da rua e esperou. Não apareceu ninguém. Hesitou por um minuto. Então, em um

repentino impulso, abriu a porta e desceu do carro. Mas Princesa adiantou-se e correu para a casa ladrando furiosamente. Seu olfato talvez lhe revelasse uma presença desconhecida. Com uma maldição, Ish a seguiu. Desta vez a cadela o obrigava a agir. Parou por um segundo, lembrando que não levava armas. As normas de cortesia recomendavam não se apresentar em casa alheia empunhando um revólver. Pegou impulsivamente o velho martelo e cruzou a rua. Atrás da persiana desenhava-se uma sombra.

Já estava na calçada, quando a porta se abriu uns centímetros e o fecho de uma lanterna caiu sobre ele. Ish, cego, parou e esperou. Princesa, muda de medo, bateu em retirada. Ish teve a desagradável impressão de que lhe apontavam um revólver. E aquela luz que não o deixava ver. Tinha se precipitado. A chegada de um desconhecido no meio da noite sempre assusta as pessoas. Felizmente tinha se barbeado naquela manhã e estava usando um terno bastante limpo.

O silêncio não terminava nunca. Ish esperava pela pergunta, inevitável mas um pouco ridícula: "Quem é você?", ou a ordem "Mãos ao alto!". Surpreendeu-se realmente quando ouviu uma voz de mulher que dizia somente:

Que cachorro bonito!

A voz era suave e modulada e Ish sentiu-se invadido por uma quente ternura.

A lanterna elétrica finalmente baixou e iluminou a calçada. Princesa perambulou pela luz, movendo alegremente a cauda. A porta da casa se abriu de par em par, recortada contra a vaga luz do vestíbulo. Ish viu a silhueta de uma mulher ajoelhada que acariciava a cadela. Deu um passo adiante, levando na mão o ridículo martelo.

Princesa, excitada, deu um salto e entrou na casa. A mulher se levantou e deu um grito que era também uma risada e lançou-se em sua perseguição. Meu Deus, tem um gato! Pensou Ish, aproximando-se. Mas quando entrou, Princesa simplesmente corria ao redor da mesa, farejando as cadeiras e a mulher protegia uma lâmpada a óleo dos saltos do animal.

Era uma mulher, alta, morena, de uns trinta anos. Observava as cabriolas de Princesa e em seu riso vibrava o eco do paraíso perdido. De repente algo se quebrou no coração de Ish e ele riu alegremente.

Quando a mulher voltou a falar, não fez perguntas nem deu ordens.

— É magnífico ver alguém — disse.

Ish não encontrou nada melhor para se desculpar pelo martelo que ainda levava não mão.

— Perdão pela ferramenta — disse, e deixou-a no chão com o cabo para cima.

— Não se preocupe, eu entendo muito bem — disse ela. — Já conheci isso. Temos que levar alguma coisa, a moeda da sorte ou a pata de um coelho, lembra? Não mudamos muito.

Ish agora tremia. Sentia-se sem forças. Tinha a impressão quase física de que outras barreiras desabavam: essas indispensáveis barreiras defensivas que havia levantado nos meses de solidão e desesperança. Dominado pelo irresistível desejo de um contato humano, fez um cumprimento convencional e estendeu a mão direita. A mulher apertou-a e, notando que Ish tremia, levou-o para uma cadeira e quase o obrigou a se sentar. Então bateu ligeiramente em suas costas.

— Vou lhe preparar alguma coisa para jantar — disse.

Ish não protestou, apesar de já ter jantado antes de sair. O propósito do convite tão sereno não era para acalmar uma exigência corporal. A comida em comum era um símbolo: sentar-se na mesma mesa, compartilhar o pão e o sal, o primeiro laço que unia os seres humanos.

Agora eles estavam sentados um em frente ao outro. Comeram um pouco sem apetite, cumprindo um ritual. O pão era fresco.

— Eu mesma fiz disse ela, mas é cada vez mais difícil encontrar farinha sem vermes.

Não havia manteiga, mas tinha mel e marmelada para o pão e uma garrafa de vinho tinto.

E então, como um menino, Ish se pôs a conversar. Desta vez não era como em New York, com Ann e Milt. Naquele tempo ele havia se refugiado atrás das suas barricadas. Agora, pela primeira vez, contava sua vida depois do desastre. Até mostrou a cicatriz dos dentes da serpente e as marcas maiores, onde havia aplicado a ventosa. Descreveu seu terror, sua fuga, e essa solidão que agora sua imaginação e seu pensamento rechaçavam. E de vez e quando ela o interrompia para murmurar:

— Sim, eu sei. Também passei por isso. Continue.

A mulher tinha assistido a catástrofe. Entretanto, adivinhava Ish, tinha sido menos afetada. Não parecia sentir necessidade de falar, mas incentivava Ish a contar suas experiências.

E enquanto falava, Ish compreendeu que, pelo menos para ele, aquele não era um encontro fortuito, um breve parêntese. Todo seu futuro estava ali. Tinha encontrado homens e mulheres em seu caminho, mas nunca quis se unir a eles. Talvez o tempo tivesse curado suas feridas. Ou talvez aquela mulher fosse diferente.

Além de tudo, era uma mulher. Esta ideia penetrava cada vez mais profundamente em Ish e ele não conseguiu impedir um estremecimento. Entre dois homens, partir o pão era uma realidade, e sentar-se na mesma mesa, um símbolo suficiente. Mas entre um homem e uma mulher, a partilha, realidade e símbolo, devia ir mais longe.

Então se deram conta de que não sabiam seus nomes. Somente Princesa havia tido a honra de uma apresentação.

— Isherwood — declarou ele. — Era o nome de solteiro da minha mãe. Horrível, não? Todos me chamam de Ish.

— Eu me chamo Em — disse ela. — Ou seja, Emma. Ish e Em não são nomes muito poéticos.

A mulher riu e Ish uniu-se a ela no riso. Rir juntos, outro ato de comunhão. Mas não o último acordo. Havia uma técnica para chegar a esse acordo. Ish havia conhecido homens experimentados, tinha-os visto atuar, mas ele, Ish, não era dessa espécie. Todas aquelas virtudes que lhe haviam permitido sobreviver agora o embaraçavam. Embora que as técnicas de

antes, refletiu, estivessem fora de lugar. Tinham servido em outro tempo, quando havia garotas em todos os bares em busca de aventuras. Mas agora a vasta cidade era só um deserto; e esta mulher tinha suportado a catástrofe, o medo, a solidão. Sim, e depois de tantas provas ainda havia coragem em seus olhos, e determinação, e alegria.

Em seu desvario, Ish se perguntou se não deveriam celebrar algum tipo de cerimônia matrimonial. Os Quackers se casavam sem sacerdotes. Por também não eles? Por exemplo: de pé, juntos, olhariam para o leste, esperando a saída do sol. E adivinhou que o contato dos joelhos sob a mesa pareceria menos inconveniente que palavras e juramentos. Notou que tinham se calado fazia algum tempo. A mulher olhava para ele serenamente e Ish soube que ela havia entendido seu silêncio.

Perturbado, levantou-se tão bruscamente que derrubou a cadeira. A mesa já não era um símbolo de união, e sim um obstáculo. Foi para perto dela. Em também se levantou e os braços de Ish se fecharam sobre aquele corpo quente.

Cântico dos Cânticos. São ternos teus olhos, meu amor, e teus lábios doces e firmes. Teu ventre é de marfim, e teus ombros polidos como o marfim. Teus seios são suaves como a lã. Teus músculos firmes e fortes como os cedros. Oh Cântico dos Cânticos.

Em havia passado para o quarto vizinho. Ish, com o coração palpitante, esperava. Só tinha um temor: em um mundo onde não havia médicos nem outras mulheres, podiam correr esse risco? Mas ela já estava no quarto. Também havia visto o perigo e tinha decidido enfrentá-lo.

Oh Cântico dos Cânticos. Meu amor, teu leito é fragrante como os ramos do pinho e quente é teu corpo. És Astarté.^{1} És Afrodite, que guarda o templo do amor. Em mim está a força. As torrentes estão contidas. É chegada a minha hora. Oh, recebe me em teu ser infinito.^{2}

7

Em dormia ao seu lado. Os pensamentos se avolumavam na mente de Ish, impedindo-o de conciliar o sono. Estava lembrando das palavras que havia dito algumas horas antes: pouco importavam os acontecimentos que haviam mudado o mundo; ele não havia mudado e continuaria sendo o mesmo. Sim, era certo, apesar da tragédia que não o tinha abalado profundamente, ele era sempre o pesquisador, o espectador que um pouco afastado observava os fenômenos sem confundir-se com eles. Era algo incomum, no mundo de outros tempos não teria acontecido nunca. Para ele, o amor havia nascido das ruínas.

Adormeceu. Quando acordou já era de dia e estava sozinho. Deu uma olhada assustada ao redor. Sim, o quarto era pobre e estava mal arrumado. Talvez o que ele supunha uma notável experiência de amor, em outro tempo não seria mais que uma vulgar aventura no quarto de qualquer hotel barato. Ela... certamente não era uma deusa, uma ninfa dos bosques que assoma entre as sombras do crepúsculo. Exceto nos momentos de desejo, nunca seria Astarté ou Afrodite. Quem sabe como será à luz do dia, se perguntou, estremeando. Era maior que ele; talvez não houvesse procurado nela senão um pouco de ternura maternal. Oh, tanto pior, se disse, a perfeição não é deste mundo. O universo não vai transformar suas leis para me agradar. Lembrou então que as primeiras palavras de Em não tinham sido nem uma pergunta nem uma ordem, e sim uma afirmação. Sim, estava bem assim. É necessário aceitar sem protestos os dons do destino.

Levantou-se e vestiu-se. E enquanto se arrumava, um cheiro gostoso chegou ao quarto. Café! Era também um símbolo... um pouco mais moderno, nada mais.

Em tinha posto a mesa do desjejum na cozinha, como a mulher de um empregado qualquer. Ish olhou-a quase com timidez. E à luz da manhã ele viu ainda mais claramente seus grandes olhos negros e afastados, no rosto moreno, os lábios carnudos, a curva dos seios sob a bata verde clara.

Ish não a beijou e ela não fez nenhum movimento. Mas trocaram um sorriso.

— Onde está Princesa? — perguntou Ish.

— Deixei ela sair por um momento.

— Perfeito. Será um lindo dia, me parece.

— Sim, acho que sim. Desculpe mas não temos ovos.

— Não importa. Oh, presunto!

— Sim.

Essas frases não tinham muito significado, mas os enchia de alegria; talvez ainda mais do que se fizessem juras de amor. Uma tranquila felicidade invadiu Ish. Não, não tinha sido uma aventura qualquer em um quarto alugado. Interrogou aqueles olhos serenos e suas incertezas se dissiparam. Seria uma coisa duradoura.

Algumas horas mais tarde se instalaram na casa da San Lupo. Ish tinha mais bens que ela, sobretudo livros. Parecia menos complicado unirem-se aos livros que levá-los para a casa de Em.

Desde então os dias se passaram mais rápidos e tranquilos. Havia muito o que compartilhar. Sim, lembrou Ish: "Um amigo dobra as alegrias e reduz as penas."

Em nunca falava do seu o passado. Uma ou duas vezes Ish lhe fez algumas perguntas, pensando que talvez ela necessitasse de falar. Mas Em lhe respondeu entrecortadamente e Ish achou que ela já se havia adaptado à nova vida e só pensava no porvir.

Mas ela não estava envolvida em nenhum mistério. Por observações casuais, Ish soube que ela havia tido um marido, a quem havia querido, sem dúvida, e dois filhos. Tinha estudado no liceu, mas não tinha frequentado a universidade. Sua sintaxe nem sempre era perfeita. O sotaque, que o tinha surpreendido desde as primeiras frases, lembrava o Kentuck ou o Tennessee. Mas ela nunca

mencionava se tinha vivido fora da Califórnia. Seu nível social, supunha Ish, devia ser inferior ao seu. Mas agora os velhos preconceitos já não contavam mais.

E os dias se sucediam apazivelmente.

Uma manhã, Ish foi procurar provisões. Entrou no automóvel e apoiou o polegar sobre o botão do arranque. Ouviu-se então um leve ruído metálico e nada mais. Tentou outra vez, sem resultado. Nenhum melodioso ronronar, nenhum barulhinho tranquilizador indicou que os frios cilindros tinham começado a funcionar. Sentiu pânico. Apertou o botão por várias vezes e só obteve o mesmo ruído. A bateria descarregou, pensou. Desceu do carro, levantou a tampa do motor e contemplou com desespero o complicado emaranhado de cabos e peças. Era demais para ele. Desanimado, voltou para a casa.

— O carro não funciona — disse. — A bateria descarregou ou alguma coisa parecida. Tinha falado em um tom tão lúgubre, que quando Em explodiu em uma gargalhada, não podia acreditar em seus ouvidos.

— Não estão nos esperando em parte alguma — disse ela. — Olhando pra você, alguém acharia que tudo está perdido.

Ish também riu. A contrariedade, depois de compartilhada, lhe pareceu então sem importância. Era cômodo ter um carro para percorrer as lojas e transportar os pacotes. Mas podiam viver sem ele. Em tinha razão: ninguém os apressava.

Tinha imaginado uma jornada exasperante, com longas horas passadas escolhendo um carro novo ou reparando o antigo. Mas a procura foi como um jogo, embora só tenham encontrado o que precisavam já no final da manhã. A maior parte dos carros não tinha chave. Ish podia ter usado algum arame, mas lhe pareceu que não seria muito cômodo. Em outros a bateria não funcionava. Por fim encontraram um carro quase completo em uma colina. A carga da bateria estava muito baixa para pôr em funcionamento o motor, mas os faróis chegaram a se acender, então Ish achou que a corrente faria funcionar as velas de ignição.

Empurraram-no colina abaixo e após uns instantes os cilindros bateram e crepitaram. Ish e Em riram alegremente. Por fim a gasolina circulou, o motor esquentou e começou a funcionar. Desceram pela avenida deserta a noventa quilômetros por hora. Em inclinou-se para Ish para beijá-lo. E de repente Ish sentiu, assombrado, que nunca tinha sido mais feliz em sua vida.

O automóvel não era tão bom como a caminhonete, mas permitia ampliar a área das explorações. Procuraram no guia telefônico os endereços das lojas de baterias. Por fim, forçaram a entrada de um depósito e encontraram dúzias de baterias e reservas de ácido. Embora pouco soubessem de mecânica, se arriscaram a verter o ácido em uma bateria apropriada e então a colocaram na camionete. Os primeiros testes foram um êxito. O motor ronronava suavemente, assim que Ish apoiava o pé no acelerador.

Ish se disse alegremente que havia resolvido dois problemas. Primeiro que tudo, havia aprendido a consertar um automóvel. E o que era mais importante, tinha comprovado que não precisava de um carro para viver feliz e sem medo.

No dia seguinte a nova bateria tinha deixado de funcionar. Estava em mal estado, ou haviam cometido algum erro ao instalá-la. Entretanto desta vez não sentiu pânico nem se apressou. Dois dias depois decidiu solucionar o problema. Foi ajudado pela sorte, ou teve mais cuidado, mas por fim as baterias funcionaram satisfatoriamente.

Envoltas em laca polida e cromo brilhante, as peças do motor dispostas em ordem milimétrica, os comutadores exatos como cronômetros, tinham sido o orgulho de uma civilização, seu símbolo. E agora estavam trancados ignominiosamente nas garagens, abandonados nos parques de estacionamento ou junto às calçadas. O vento os cobre de folhas mortas e pó. E a chuva transforma esse pó e essas folhas em lama, de onde caem pó e outras folhas. Os para-brisas são vidros opacos. No interior, as mudanças são mais lentas. As superfícies sólidas resistem à ferrugem. As bobinas, os comutadores, os carburadores e as velas se mantêm em bom estado.

Nas baterias, dia e noite operam lentas reações químicas, decompondo e neutralizando. Passam-se alguns meses e os acumuladores morrem. Mas, separados, os acumuladores e os ácidos não se alteram. E colocar ácido e adaptar o novo acumulador não é tarefa fácil. Os acumuladores não são, portanto, o ponto fraco.

O Ponto Fraco são os pneus. A borracha se decompõe lentamente. Os pneus vivem um ano, cinco anos, mas carregam em si o princípio da morte. As câmaras murcham, ficam logo inúteis. A borracha se altera, mesmo sob um teto. Os pneus armazenados durarão dez, vinte anos, talvez mais ainda. Mas então já não haverá mais rodovias, e os homens não saberão dirigir um automóvel; e até terão perdido o desejo de fazê-lo.

A cabeça de Em repousava sobre o braço dobrado de Ish e ele olhava para seus olhos negros. Estavam sentados no divã da sala. O rosto de Em parecia ainda mais escuro à luz do crepúsculo.

Um problema, pensava Ish, ainda estava sem solução. E ela o tinha trazido à luz.

— Seria maravilhoso.

— Não estou tão certo.

— Oh, sim.

— Não gosto.

— Por mim?

— Sim, seria perigoso. Você só conta comigo e eu não lhe serviria de muita coisa.

— Mas você pode ler todos os livros.

— Os livros — repetiu Ish, com um breve sorriso. A Parteira Prática, Patologia do Parto. Não, não gostaria, embora você pense de outro modo.

— Também poderia procurar os livros e lê-los. Seria útil. E eu na verdade não precisaria de muita ajuda. Passei por isso duas vezes, você já sabe. E não foi nada terrível.

— Talvez. Mas seria diferente sem médicos e hospitais. Por que você pensa tanto nisso?

— É uma lei biológica, suponho. Algo natural.

— Acredita que é necessário perpetuar a vida, que é nosso dever assegurar o porvir?

Ela se calou. Ish adivinhou que ela estava refletindo e que a reflexão não era uma das suas virtudes. Suas decisões nasciam espontaneamente, do mais profundo do seu ser.

— Não sei — disse ela por fim, — não sei se é necessário que a vida continue. Por que deveria continuar? Não, é puro egoísmo. Quero um filho, isto é tudo. Oh, é difícil explicar. Quero um beijo também Ish beijou-a. — Gostaria de saber falar — continuou ela.

— Gostaria de poder expressar o que penso.

Estirou um braço para a mesa e pegou um fósforo da caixa. Fumava mais que ele, e Ish achou que também pegaria um cigarro. Mas se enganou. Era um fósforo grande de cozinha. Em o fez girar entre o polegar e o indicador, sem falar. Então esfregou-o contra a caixa. Surgiu uma chama, que enfraqueceu logo a seguir e correu pela madeira do fósforo. Imediatamente Em soprou e apagou-o.

Ish compreendeu vagamente que Em, por falta de palavras, havia tentado talvez inconscientemente expressar algo que não conseguia dizer. E achou ter adivinhado. O fósforo não estava vivo na caixa, e sim quando queimava... e não podia queimar para sempre. Era o mesmo com os homens e as mulheres. Viver era consumir a vida.

Lembrou-se então do seu terror nos primeiros dias e do momento em que havia vencido esse terror, quando tinha tirado a motocicleta do carro, deixando-a cair na beira do caminho. Lembrou com que exaltação havia desafiado a morte e os poderes das trevas.

O corpo de Em estremeceu em seus braços. Sim, pensou Ish com humildade, de vez em quando ele representava o papel de herói, mas para ela o heroísmo era o pão cotidiano.

— Muito bem — disse. — Acho que tem razão. Lerei livros.

— Sim — disse ela. — Talvez precise realmente de um pouco de ajuda.

Ish sentiu o contato do corpo quente de Em e sentiu-se golpeado outra vez pela solidão e pelo terror. Quem era ele para levar a humanidade pelo longo e incerto caminho do futuro? Mas isso durou muito pouco. A coragem de Em o animou. Sim, pensou, ela será a mãe das nações. Sem coragem tudo está perdido.

E então, de repente, ficou consciente outra vez do corpo de Em.

E tua será a glória, pois no amor da vida teu rosto brilha de tal modo que apaga as trevas e o medo da morte. És Demeter, Hertha, Isis, Cibele dos Leões, e a mãe Montanha. Dos teus filhos nascerão as tribos e dos teus netos as nações. Teu nome é Mãe, e serás bendita. Haverá outra vez cantos e risos. Os adolescentes passearão pelas pradarias; os jovens saltarão os riachos. Os filhos dos teus filhos serão tão numerosos quanto os brotos dos pinheiros no sopé da montanha. Serás bendita, pois nas horas escuras teu rosto estará voltado para a luz.

Ainda estavam hesitantes, quando uma manhã Em olhou para fora e disse:

— Oh, ratos!

Ish olhou. Dois ratos corriam ao longo da cerca, procurando algo para comer, ou investigando.

Em mostrou os ratos a Princesa através da janela e abriu a porta. Fiel aos instintos da sua raça, a cadela precipitou-se para fora latindo e os ratos desapareceram.

Ao meio-dia vieram outros ratos, perto da casa, nas ruas e nos jardins.

Na manhã seguinte foi uma invasão. Havia ratos em todas as partes. Eram ratos comuns, nem menores nem maiores que antes, nem mais magros nem mais gordos.

Ish lembrou-se da invasão das formigas e estremeceu. Decidiu empreender uma pesquisa científica; o melhor remédio para vencer aquele horror era estudá-lo.

Percorreram a cidade de carro, esmagando aqui e ali algum rato que caía sob as rodas. Na primeira vez o horrível ruído os estremeceu, mas o incidente se repetiu tantas vezes que logo se acostumaram. Os ratos ocupavam quase toda a cidade, mas chegavam também ao campo e haviam conquistado mais terreno que as formigas. A situação era clara. Ish lembrava das estatísticas onde se afirmava que o número de ratos em uma cidade é aproximadamente igual ao número de habitantes.

— Quantos ratos haverá na cidade?

— Não posso calcular agora, mas tentarei mais tarde.

À noite, em casa, embarcou no problema. A enciclopédia do seu pai lhe informou que os ratos davam à luz uma ninhada de dez filhotes, quase todos os meses. Aos dois meses de reprodução, haveria na cidade dez milhões de ratos. Os filhotes fêmeas, por sua vez, eram fecundadas na idade de dois meses. Sim, a média de mortalidade era sem dúvida bastante elevada, e Ish não pôde determinar quantos ratos chegariam à idade adulta. Mas de qualquer forma o crescimento era prodigioso. Renunciou a continuar calculando.

Mesmo admitindo que o número de ratos só se duplicara a cada mês apreciação ridiculamente moderada, já existiria uns cinquenta milhões de ratos. Se o número triplicasse, já teriam chegado a um bilhão.

E por que, se perguntou Ish, dispendo de quantidades quase ilimitadas de comida, não se quadruplicariam todos os meses? Antes, o homem, único inimigo dos ratos da cidade, havia lutado constantemente para impedir sua multiplicação.

Desaparecido o homem, só restariam como adversário alguns cães caçadores de ratos e os gatos. Mas as circunstâncias os favoreciam. Os cães, havia notado Ish, lançavam-se sozinhos ao combate sem a ajuda dos gatos. E sem tinham matado os gatos antes de se dedicarem aos ratos, eliminando assim o mais eficaz meio de destruição. E os próprios cães por fim tinham caído sob essa maré. Não eram mais vistos. Os ratos não podiam tê-los matado, embora que com aqueles dentes pontiagudos teriam dado

conta, talvez, de muitos filhotes. Provavelmente os cães haviam batido em retirada, aterrorizados pelo número de roedores, refugiando-se nos arredores da cidade.

Um bilhão de ratos ou cinquenta milhões, que importava? O certo era que havia demais e Ish e Em sentiam-se sitiados. Vigiavam cuidadosamente as portas.

Um rato, vindo não se sabe de onde, apareceu na cozinha e houve uma perseguição aloucada. Ish pegou uma vassoura e esmagou-o contra o solo, mas não antes que o rato subisse pela vassoura e deixasse no cabo a marca dos seus dentes.

Entretanto, alguns dias depois notou-se uma mudança no aspecto e atitude dos roedores. Aparentemente, os víveres, apesar da sua abundância, não conseguiam satisfazer o apetite dos assaltantes. Pareciam mais fracos e corriam febrilmente em busca da alimento. Puseram-se a escavar no jardim. Desenterraram antes de tudo os bulbos das tulipas, que pareciam achar particularmente saborosos. Depois lançaram-se sobre outras raízes e bulbos. Chegaram a roer a casca dos troncos das árvores, como se fossem coelhos.

Ish aproximava o carro de casa e, protegido por suas altas botas, saía ou entrava precipitadamente. Mas na realidade os ratos nunca tentaram atacá-lo. Princesa ficava em casa, embora tampouco tivessem tentado nada contra ela.

Ish já não se sobressaltava quando um surdo rangido lhe anunciava que as rodas tinham passado sobre um roedor. Tinha a impressão de estar deixando para trás uma longa fileira de ratos esmagados. Uma vez ele viu um objeto branco estranho no ângulo de dois muros. Parou o carro para olhar mais e perto e reconheceu o crânio de um cãozinho. Os dentes ainda longos e brilhantes eram de terrier. Os ratos haviam encurralado o cachorro, ou ele mesmo havia se refugiado ali para se defender melhor. Teriam ousado atacar um cão vigoroso e sadio? Talvez o terrier fosse velho, ou estivesse doente, ou tinha sofrido algum acidente. De qualquer forma, os roedores tinham dado conta do caçador de ratos. Sé restavam os ossos maiores; os outros tinham sido roídos ou levados para algum esconderijo. Nos arredores, alguns crânios

diminutos indicavam que o animal tinha vendido caro a sua vida. Ish imaginou os corpos cinzas rodeando o cão, incapaz de se livrar dos que lhe tinham saltado em cima. Outros ratos, entretanto, teriam cortado os tendões, como os lobos que atacam os bisões velhos. Uma dúzia, uns cinquenta roedores haviam caído na luta; os outros, enfurecidos pela fome, tinham roído a pele e os músculos e o cão tinha desistido de se defender. Ish afastou-se, pensativo e decidido a cuidar de Princesa com mais atenção.

Lembrou, esperançoso, que as formigas tinham desaparecido quase em uma única noite. Aconteceria o mesmo a esses ratos, mas nada anunciava esse fim.

— Os ratos serão donos do mundo? — perguntou-lhe Em. — Ocuparão o lugar dos homens?

— Não sei — respondeu Ish, mas acho que não. Eles contam com as reservas de víveres da cidade e se reproduzem muito rapidamente. Mas no campo terão que procurar alimentos e serão perseguidos por raposas, serpentes e corujas, que já não são mortos pelo homem.

— Nunca tinha pensado nisso — disse Em. — Quer dizer que os ratos são animais domésticos porque os homens lhes forneciam comida e matavam seus inimigos?

— Na realidade, parasitas do homem, é o que me parece — disse Ish e, então notando que Em parecia interessada, acrescentou: — A propósito dos parasitas, eles não faltam nos ratos. Como as formigas. Quando uma espécie cresce demais, sempre cai sobre ela alguma peste... quer dizer... — de repente lembrou-se de algo. Tossiu para ocultar sua hesitação e terminou com um tom indiferente: Sim alguma peste cairá sobre eles.

Parecia que Em não havia notado nada.

— Então — disse, só nos resta cruzar os braços e esperar o triunfo dos parasitas dos ratos.

Ish não lhe transmitiu sua inquietação. A peste de que tinha lembrado era a peste bubônica tão comum entre os ratos. E a

peste era transmitida pelas pulgas, pulgas infectadas que trocavam facilmente os ratos mortos pelos homens. A perspectiva de viverem rodeados de milhões de ratos que podiam propagar a peste era horrível e podia enlouquecer qualquer um. Ish banhou a casa com DDT e até passou pelas roupas dele e de Em.

Naturalmente, ela se surpreendeu, e ele confessou seus temores. Em não pareceu impressionada. Era de uma coragem capaz de enfrentar provas ainda mais duras que a peste; e talvez também houvesse nela uma sombra de fatalismo. A prudência dizia que deviam deixar a cidade e, em seguida, se instalarem em qualquer lugar no deserto, por exemplo onde os ratos não pudessem viver.

Entretanto ambos já haviam decidido que não poderiam viver uma vida baseada no medo. Mas Em era mais valente que Ish. Os ratos horrorizavam tanto Ish, que às vezes, dominado pelo pânico, queria arrastar Em para o carro e fugir rapidamente. Nesse momentos, a energia de Em o sustentava.

Ish examinava atentamente os ratos todos os dias, procurando neles algum sintoma da doença. Mas eles pareciam mais ativos que nunca.

Um dia logo cedo, Em o chamou da janela:

— Olhe, estão brigando!

Ish se aproximou sem muito interesse. Provavelmente tratava-se de algum tipo de jogo amoroso. Mas não era assim.

Um rato grande havia se lançado sobre outro menor. Este se defendia e aparava os golpes com a energia do desespero. Já ia entrar em um buraco, pequeno demais para o outro, quando um terceiro rato, ainda maior, apareceu e imediatamente o atacou. Da garganta da vítima saiu um fio de sangue e o atacante o levou arrastado, enquanto que o que tinha começado a luta continuava por perto.

Usando botas e luvas e armado de um pau, Ish saiu em busca de comestíveis. Ficou surpreso de encontrar poucos ratos nas lojas, mas logo descobriu que não havia restado nada que os roedores pudessem levar ou comer. O chão estava semeado de papéis, papelões amassados e excrementos. Tinham até roído as etiquetas das latas de conserva e às vezes era difícil saber o que elas continham. Por enquanto a fome ameaçava mais aquelas hordas do que a doença. Levou as novas para Em.

Na manhã seguinte, soltaram Princesa para que ela desse seu passeio cotidiano. Alguns minutos mais tarde, viram-na regressar precipitadamente, uivando, perseguida por uma vanguarda de ratos e já com dois ou três no lombo. Abriram a porta e três ou quatro ratos aproveitaram para entrar. Princesa se escondeu debaixo do divã, tremendo e gemendo.

Abandonados pelo principal protagonista do drama, Ish e Em passaram um quarto de hora perseguindo os intrusos. Depois examinaram a casa toda, de cima a baixo, desta vez ajudados por Princesa que mal havia saído do seu susto, para se assegurarem de que não havia restado rato algum atrás dos armários ou da biblioteca. Daí em diante, não deixaram Princesa sair e até lhe colocaram uma focinheira, para o caso em que adoecesse de hidrofobia.

Mas já não havia dúvidas: os ratos devoravam-se entre si. Às vezes muitos uniam suas forças contra um só. Pareciam menos numerosos, ainda que se escondessem deles mesmos.

Apesar da decepção que ele não conseguia superar, a invasão ofereceu a Ish um interessante estudo de ecologia, quase um problema de laboratório. As provisões que o homem havia acumulado haviam se transformado em alimentos para ratos.

Então, após se esgotarem os cereais, os frutos secos e os sacos de feijão, ainda lhes restava o recurso de se devorarem entre eles. E a espécie continuaria vivendo sem que ninguém sofresse de fome.

— Primeiro desaparecerão os velhos, os doentes e os fracos — comentou Ish. — Depois aqueles um pouco menos doentes, menos velhos e menos fracos, e assim sucessivamente...

— E por fim — concluiu Em, que às vezes mostrava uma lógica desconcertante, não restarão mais que dois grandes ratos para brigar, como os gatos de Kilkenny. {3}

Ish explicou que, sem chegar a esse caso extremo, os ratos, já mais escassos, encontrariam outros meios de subsistência.

Era indubitável que os ratos não destruíam a espécie em benefício de alguns indivíduos; na realidade, salvavam a espécie. Se tivessem sido animais sentimentais, resignando-se a morrer de fome antes de devorar um companheiro, teriam corrido um grande perigo. Mas eram realistas. E o futuro da espécie estava assegurado.

O número de ratos diminuía dia a dia. Uma manhã, pareceu que não havia restado um só. Mas Ish sabia que ainda havia muitos na cidade e que seu desaparecimento era um fenômeno comum. Em tempos normais, os ratos viviam escondidos e habitavam preferencialmente os buracos e valetas cobertos de lixo. Só quando se propagaram demais e os velhos refúgios foram insuficientes, é que saíram à luz.

Provavelmente, pensou Ish, alguma doença tenha contribuído para seu desaparecimento. Mas era só uma conjectura. Graças à sua ferocidade fratricida, os cadáveres eram poucos numerosos. Ish suspeitava que os ratos tinham servido de túmulos vivos para muitos seres humanos vítimas da epidemia.

Assombrava-se com a discricção dos guabirus. Primeiro haviam aparecido as formigas, depois os ratos. Entre os dois, podiam ter se apresentado os guabirus. As circunstâncias lhes favoreciam e eles se reproduziam mais rapidamente que os ratos. Ish nunca conseguiu se explicar o fenômeno e se contentou em felicitar-se.

Tanto Ish como Em demoraram muito em se recobrem daquele horror. Por fim decidiram que Princesa não havia contraído raiva. Soltaram-na e ele recuperou sua normalidade. E esqueceram a contínua atividade daqueles corpos cinzentos.

As fábulas nos induziram ao erro. O rei dos animais não era o leão e sim o homem. E seu reinado foi frequentemente cruel e tirânico. Mas quando se ouviu o grito de "O rei morreu", ninguém respondeu: "Viva o rei!"

Em outros tempos, quando um monarca morria sem deixar herdeiros, seus capitães disputavam o trono. E se algum deles não superava os outros em força, o reino se desmembrava. E assim acontecia agora, pois a formiga, o rato, o cão e a abelha têm inteligência similar. Durante um certo tempo haverá lutas, rápidos encontros, bruscas quedas. Então a terra desfrutará de uma calma e uma paz que não conhece há vinte mil anos.

Outra vez a cabeça de Em se apoiava na dobra do braço de Ish e ele olhava ternamente seus olhos negros.

— Bem — disse ela, — é hora de você começar com esses livros de medicina.

Ish não teve tempo de dizer uma palavra. Em estremeceu e começou a chorar. Ele nunca havia imaginado que o medo pudesse dominá-la. Sentiu então sua própria fraqueza. Que aconteceria se ela se acovardasse?

— Querida — disse Ish. — Talvez haja tempo de fazer alguma coisa. Por que sofrer essa prova?

— Oh, não é isso, não é isso! — protestou Em, ainda estremeendo. — Eu lhe menti. Não com minhas palavras e sim com meu silêncio. Mas dá no mesmo. Você é tão bom... Diz que eu tenho mãos formosas, mas em sequer reparou na cor azul da lúnulas.^{4}

Ish não conseguiu ocultar seu desconcerto. Agora tudo se explicava: a tez morena, a limpidez dos olhos negros, a brancura dos dentes, a sonoridade da voz, a flexibilidade do caráter.

— Sim— sussurrou ela, a princípio não parecia importante. Você não é o primeiro homem que ama uma mestiça. Mas a raça da minha mãe nunca teve muita sorte na terra. Não queria que as crianças que devem repovoar a terra levem essa maldição. Embora eu sinta sobretudo por não sido leal com você.

Ish já não a ouvia; as conversas do mundo civilizado agora pareciam uma farsa hilária. Não conseguiu se dominar e começou a rir. E então ela riu com ele, abraçando-o.

— Querida — disse Ish, por fim, — Tudo acabou. New York é um deserto. Já não há mais governo em Washington. Senadores, juízes e presidentes não são nada mais que pó. Os que perseguiram os judeus e os negros estarão apodrecendo com eles. Somos somente dois pobres náufragos que vivem dos restos da civilização e que ignoram se não serão presas das formigas, dos ratos ou de outros animais. Talvez dentro de mil anos as pessoas possam se dar ao luxo de se preocupar e de se incomodar outra vez com essas coisas, mas eu duvido. Por enquanto somos somente nós dois, ou talvez três.

Ish beijou Em, que continuava chorando em silêncio. E compreendeu que pelo menos desta vez tinha sido mais perspicaz e mais forte que ela.

8

No dia seguinte foi à universidade e parou o carro em frente à biblioteca. Não tinha ido ali desde o Grande Desastre. Tinha se contentado com os livros da biblioteca municipal. O edifício estava intacto. Os arbustos e árvores ao redor não haviam crescido apreciavelmente naqueles meses. Os canos de esgoto pareciam em perfeito estado, pois não se via uma mancha nos brancos muros de granito. Mas Ish teve uma impressão de sujeira, desordem e abandono.

Não desejava abrir um buraco em um vidro, por onde entrariam os animais e a chuva. Mas teve que se resignar. Deu leves marteladas e conseguiu abrir uma brecha pequena, o que lhe permitiu passar a mão e alcançar o trinco da janela. Mais tarde taparia a abertura com madeira e o edifício ficaria novamente protegido dos ratos e da chuva.

Seu filho não seria educado como um parasita; não viveria das ruínas de um mundo morto. Não, não seria necessário. Estava tudo aqui. Todo o saber humano. Tinha vindo procurar alguns livros de obstetrícia, mas se contentou em examinar algumas estantes da grande sala de leitura. A obstetrícia podia esperar.

Voltou para casa como que hipnotizado. Os livros! Todos os conhecimentos científicos estavam nesses livros. Mas os livros não bastavam. Antes de tudo, precisavam de homens capazes de lê-los e de utilizá-los. E era necessário também salvar outras coisas, as sementes, por exemplo. Ish prometeu vigiar a preservação das principais plantas do país.

Compreendeu de imediato que a civilização não dependia somente do homem, e sim de todos os parentes, amigos e companheiros que o acompanhavam. Como São Francisco, que

havia saudado o sol como um irmão, por que não diria ele: “Oh, meu irmão trigo”, “Oh, minha irmã aveia”? Ish sorriu. Sim, essa ladainha podia prolongar-se indefinidamente. “Oh, minha avó roda; oh, primo compasso; oh, amigo teorema de Newton”. Todas as descobertas da ciência e da filosofia podiam ser personificadas e transformadas em aliadas do homem, embora essas evocações fossem um pouco ridículas.

Pisou fundo no acelerador, animado por um entusiasmo juvenil; queria comunicar logo seus pensamentos a Em.

Em estava tentando, sem muito êxito, que Princesa aprendesse a pegar um objeto.

— A civilização! — disse Em. — Oh, os aviões que voam mais e mais alto e rapidamente.

— Sim, mas também a arte, a música, a literatura, a cultura.

— Ah sim. As novelas policiais e essas orquestras de jazz que ferem meus ouvidos. Ela, indubitavelmente, estava brincando, mas Ish sentia-se um pouco decepcionado.

— Falando em civilização — disse Em, — estamos perdendo a conta do tempo. Já não sabemos em que mês estamos. Seria necessário fixar as datas, senão não poderemos festejar o aniversário do menino

Eis aqui a diferença, pensou Ish. A diferença entre o homem e a mulher. Para Em só interessa o imediato. O futuro da civilização lhe parece menos importante que uma data de nascimento. Sentiu-se outra vez muito superior a ela.

— Não li um único livro de obstetrícia — disse. — Desculpe, mas não há pressa, não é mesmo?

— Oh, não. E talvez seja inútil. Nos velhos tempo, lembra?, havia nascimentos nos táxis e nos elevadores. Quando eles querem sair, nada os detêm.

Mais tarde, teve que confessar que a sugestão de Em tinha sua importância. Sim, era indispensável medir a passagem do tempo. Afinal, o tempo, a história, a tradição e a civilização eram uma coisa só. Perder a continuidade do tempo era perder algo

insubstituível. Talvez já se tivesse perdido, se outros sobreviventes não tinham sido mais cuidadosos. Os sete dias da semana, com seu dia de descanso, eram uma valiosa tradição. Existia há pelo menos cinco mil anos. E ninguém sabia se não remontava a épocas anteriores. Poderia situar alguma vez, exatamente, o domingo?

Achar o primeiro dia do ano não seria difícil. Conhecia bastante de astronomia. E se descobrisse o dia do solstício e o relacionasse com o calendário do ano anterior, talvez chegasse a estabelecer a data e o dia da semana.

Já era tempo de envolver-se no problema. De acordo com as condições atmosféricas e o tempo que havia passado desde a catástrofe, imaginava que estariam em meados de dezembro. Observando os poentes, poderia descobrir o dia do solstício.

No dia seguinte procurou um círculo meridiano e, embora não soubesse muito bem como empregá-lo, instalou-o na varanda da casa, a oeste. Obscureceu as lentes com fuligem, para proteger os olhos da luz, e suas primeiras observações lhe mostraram que o sol desaparecia por trás das montanhas de San Francisco, ao sul da Golden Gate. Segundo lembrava, o extremo Meridional do trânsito não estava muito distante. Imobilizou o círculo meridiano e anotou o ângulo do poente.

Na manhã seguinte, o sol declinou um pouco mais ao sul. Logo seu sistema, como acontece com todos os sistemas, se fez em pedaços. Uma violenta tempestade veio do oceano e Ish teve que interromper suas observações por toda uma semana. Quando o céu clareou, o sol já se punha ao norte.

— Bem — declarou Ish, — o erro não pode ser muito grande. Se acrescentarmos um dia à última hora do poente, estaremos muito perto do solstício. E se acrescentarmos dez dias, teremos entrado no ano novo.

— Isso não é meio idiota? — perguntou Em.

— Por que?

— O ano não deveria começar quando o sol se dirige outra vez para o norte? Não se pensou nisso no começo e logo houve uma

confusão e se perderam dez dias?

— Sim, acho que aconteceu algo parecido.

— Pois bem, por que não fazer coincidir nosso ano novo com esse, como você chama, solstício? Seria mais simples.

— Sim, mas ninguém pode tomar liberdades com o calendário. É muito antigo. Não vamos mudá-lo agora.

— Ele não foi mudado por um tal de Júlio? Houve algumas dificuldades, eu me lembro, mas as mudanças foram feitas.

— Sim, tem razão. Poderíamos reformá-lo se quiséssemos. Me sinto realmente um homem importante.

Então, deixando que a imaginação corresse, decidiram que na colina onde viviam havia todo um calendário. Os meses, as semanas e os dias não tinham muita importância, pois o sol descrevia seu arco diante deles. Para datar os acontecimentos, só tinham que observar se o sol se punha no meio da Golden Gate, se alcançava a primeira torre do norte, ou os outros pontos da montanha. Para que dividir o tempo em meses?

— Espere — disse Em de repente. — O Natal não pode estar muito longe. Não tinha pensado nisso. Acha que pode ir à cidade antes que fechem as lojas e comprar uma gravata?

Ish olhou-a, sorrindo.

— Este natal deveria ser bastante lúgubre, mas mesmo assim estou contente.

— No próximo ano será melhor — disse Em. — Nós lhe presentearmos com o primeiro rebento.

— Sim, e um chocalho, não acha? Mas será mais bonito quando tiver um trem elétrico, que eu farei funcionar. Não, pobrezinho, não haverá trens elétricos para ele. Embora nossos netos possam desfrutar outra vez da eletricidade dentro de vinte e cinco anos.

— Vinte e cinco anos! Nesse tempo já serei uma velha. Eu penso agora no futuro, mais que no passado. Há pouco tempo estava obcecada com o passado. Mas agora... E os anos? Teremos que assinalar os anos. Os naufragos nas ilhas desertas

fazem marcas nas cascas das árvores, não é assim? O menino vai querer saber em que dia nasceu. Isto lhe servirá para votar ou para tirar um passaporte. Embora talvez você não queira estabelecer essas formalidades. Em que anos estamos realmente?

É uma coisa bem feminina, pensou Ish, subordinar ideias tão importantes ao futuro de uma criança que ainda não nasceu. Entretanto, como sempre, ou quase sempre, o instinto de Em era infalível. Seria uma pena que o fio da história se rompesse. Sem dúvida, os arqueólogos poderiam retomá-lo alguma vez, mas se poderia evitar a partir de agora esse trabalho.

— Tem razão — disse. — Por outro lado, é muito simples, sabermos em que ano estamos. E quando tivermos decidido que começou outro, gravaremos a data na rocha.

— Não é meio bobo começar por um ano de quatro algarismos? Para mim, este ano será o ano um.

Naquela tarde parou de chover. As nuvens ainda estavam muito baixas, mas o ar estava claro e límpido. Teriam podido ver as luzes de San Francisco, se elas estivessem acesas. Ish, de pé na varanda, olhava para o escuro oeste e aspirava profundamente o ar fresco e úmido. Ainda sentia aquela exaltação.

Terminamos com o passado, disse a si mesmo. Estes últimos meses, este resto de ano, são somente passado. É a hora zero e estamos entre duas eras. Começa uma nova vida. Começa o ano um. O ano um!

Agora, diante dele, na escuridão, já não se estendia um mundo deserto e em perpétua mudança. Os próximos anos assistiriam à luta de uma sociedade que renascia das cinzas e que se punha outra vez a caminho. E ele, Ish, não seria o único espectador, ou não seria somente isto. Sabia ler e já tinha bastantes conhecimentos. Acrescentaria outros, técnicos, psicológicos, políticos, caso fosse necessário.

Outros sobreviventes se uniriam a ele, homens de valor que colaborariam na criação do novo mundo. Prometeu-se procurá-los. Procuraria com cuidado, descartando todos os desequilibrados e doentes.

Mas lá no fundo do seu ser ainda espreitava um profundo terror. Em podia morrer; e o espírito do futuro desapareceria com ela. Mas esse terror não era real. O coração de Em era uma chama muito clara. Em era a própria vida. Era impossível associá-la à ideia da morte. Era a luz do futuro e seus filhos participariam dessa glória.

Oh, mãe das nações. Teus filhos te abençoarão.

Ele, se estivesse sozinho, teria continuado vivendo, sentindo que a morte de acercava furtivamente, como a escuridão que uma vez, ao desaparecerem as luzes, o havia assaltado de todos os lugares. Mas Em, com seu esforço, rechaçava a morte. E a vida já renascia em seu seio. Naquela claridade não havia temores.

Era esquisito, e ainda assim lógico, que o pensamento de um menino mudasse assim todas as coisas. Ish tinha conhecido o desespero e agora o iluminava a esperança. Imaginou o dia em que o sol se poria outra vez no extremo meridional do seu arco; e os dois ou os três iriam esculpir em uma rocha o número que comemoraria o fim do ano Um. Nem tudo havia terminado. A chama da vida continuaria acesa.

Oh, mundo sem fim, pensou. E, com os olhos fixos no extremo oriental da cidade deserta, aspirou em golfadas o ar fresco e úmido e escutou as palavras que cantavam em seu interior. Oh, mundo sem fim. Mundo sem fim!

Anos fugidios.

Não longe de San Lupo tinha havido um jardim público. Algumas grandes rochas compunham um pitoresco cenário. Duas delas, unidas pelo topo, formavam uma gruta estreita e alta. Uma superfície rochosa, lisa e espaçosa como o chão de uma pequena habitação e onde uma pessoa podia se sentar comodamente, cobria o alto da colina. Em outros tempos, muito antes do que chamavam agora os velhos dias, ali havia habitado uma tribo. E na superfície rochosa ainda se viam alguns buracos onde os índios maceravam grãos com pedras.

As estações tinham completado seu ciclo. E o sol, pela segunda vez, declinava ao sul da Golden Gate quando um dia Ish e Em subiram pela colina até as rochas. Era uma serena e ensolarada tarde de inverno. Em levava o bebê envolto em uma manta macia. Embora já estivesse grávida outra vez, conservava sua leveza de movimentos. Ish carregava um martelo e um cinzel. Princesa tinha ido com eles, mas, como de costume, tinha desaparecido atrás de alguns dos seus coelhos.

Quando chegaram nas rochas, Em se sentou ao sol para alimentar o bebê e Ish golpeou com o martelo e o cinzel na lisa superfície. A rocha era dura, mas logo conseguiu traçar uma linha reta. Mas seria divertido adorná-la um pouco. E a comemoração do primeiro circuito do sol, do sul ao sul, bem que merecia alguma cerimônia. Acrescentou então um traço na base da linha reta e um gancho na cabeça. E a figura ficou parecida assim a um "I" dos velhos tempos da imprensa.

Terminada sua obra, Ish sentou-se ao sol junto a Em. O bebê satisfeito sorria feliz.

Brincaram com ele.

— Bem, passou-se o ano um — disse Ish.

— Sim respondeu Em, — mas eu o chamaria de o ano do bebê.

A memória recorda melhor os nomes que os números. Assim, desde o princípio, às vezes chamavam um ano, não com um número, e sim por algum acontecimento.

Na primavera do segundo ano, Ish semeou sua primeira horta. Nunca tinha gostado de horticultura, e talvez por isso, apesar dos seus bons propósitos e de duas tentativas pouco entusiastas, não conseguiu nada no primeiro ano. Não obstante, ao revolver com sua enxada o solo úmido e negro, sentiu que o contato com a terra o satisfazia de algum modo.

Por outro lado, esta foi a única alegria que lhe deu sua horta. Algumas sementes era muito difícil encontrá-las por causa das depredações dos ratos eram velhas e não germinavam. Logo apareceram os caracóis e as lesmas. Uma caixa de veneno os eliminou rapidamente. Mas quando as alfaces começaram a brotar,

uma cabra saltou a cerca e só deixou umas poucas folhas. Ish reforçou a cerca. Então apareceram os coelhos com suas galerias subterrâneas. Mais destroços e mais trabalho. Uma tarde Ish ouviu um barulho e chegou justamente a tempo de afugentar uma vaca que tentava derrubar a paliçada.

À noite, Ish despertava com pesadelos de corvos vorazes, coelhos e vacas que rondavam a horta e olhavam os legumes com olhos brilhantes como olhos de tigre.

Em junho chegou a vez dos insetos. Borrifou os legumes com inseticidas, até que se perguntou se se atreveria a comê-los depois, quando amadurecessem.

Os corvos foram os últimos a encontrar a horta, em julho, embora compensassem o atraso com o número. Ish matou alguns, mas parecia que eles colocavam sentinelas: quando ele lhes dava as costas, caíam sobre as plantas. Ish não podia vigiá-los o dia todo. Os espantalhos e os espelhos os afastaram por algumas horas, mas os corvos logo perderam o medo.

Por fim, Ish decidiu proteger os legumes com telas de arame e colheu um pé de alface e algumas cebolas e tomates raquíticos. Deixou amarelar algumas plantas e guardou as sementes para o futuro.

Seu labor de horticultor amador o tinha desencorajado profundamente. Cultivar legumes quando outros milhares de cidadãos fazem o mesmo, é relativamente fácil; mas isto não acontece quando a sua horta é a única em muitos quilômetros ao redor e todos os vegetarianos do mundo animal, mamíferos, pássaros, moluscos e insetos chegam a galope, voando, rastejando ou saltando, e aparentemente chamando seus companheiros com o grito universal de: "Vamos comer!"

Lá para o fim do verão nasceu o segundo filho. Como haviam chamado John ao primeiro, chamaram-na Mary, para que os velhos nomes não desaparecessem da face da terra.

A recém-chegada tinha somente algumas semanas quando se produziu outro acontecimento memorável.

No curso desses primeiros anos, Ish e Em, que levavam uma vida doméstica e feliz, haviam recebido de vez em quando a visita de

algum forasteiro que passava de automóvel e via a fumaça de San Lupo. Esses sobreviventes, com uma única exceção, pareciam ainda sofrer a comoção da catástrofe. Pareciam abelhas que tivessem se perdido da colmeia, cordeiros sem rebanho. Sem dúvida, pensou Ish, os poucos que tinham conseguido se adaptar tinham se fixado em algum lugar. Por outro lado, homem ou mulher, a presença de um terceiro era sempre incômoda. Ish e Em se alegravam quando o intruso decidia seguir seu caminho.

A exceção foi Ezra. Ish nunca esqueceu o quente dia de setembro em que Ezra apareceu rua acima. O rosto rubicundo, a cabeça um pouco calva, mais vermelha ainda, o queixo pontiagudo. Ele viu Ish e de imediato e sorriu, descobrindo os dentes cariados.

— Bom dia, amigo! — gritou, com um traço de acento inglês.

Ficou até depois das primeiras chuvas. Sempre estava de bom humor, mesmo quando seus dentes o torturavam, e possuía o dom inestimável de fazer as pessoas sentirem-se cômodas. Os meninos sempre tinham um sorriso para Ezra.

Ish e Em teriam gostado de retê-lo, mas temiam a vida em triângulo, mesmo com alguém tão discreto como Ezra.

Um dia em que a vida sedentária parecia pesar-lhe, despacharam-no entre brincadeiras, dizendo-lhe que procurasse uma garota bonita e viesse viver perto deles. Sua partida deixou um grande vazio na casa.

O sol já se dirigia para o sul. E quando foram gravar o número 2 na rocha, ainda lembravam de Ezra, embora ele tivesse ido sem esperanças de regressar. Ele era, achavam, um amigo sempre disposto a ajudar, um bom companheiro. Em sua memória, o ano se chamou ano de Ezra.

O ano 3 foi o ano dos incêndios. Em pleno verão, a fumaça escondeu o céu, mais ou menos espesso, e não se dissipou durante três longos meses. Os meninos às vezes despertavam com ataques de tosse e com o olhos irritados e lacrimejantes.

Ish imaginou facilmente o que estava acontecendo. Já não havia naquele lugar os vastos bosques de árvores gigantescas que o fogo

mal podia atingir. Nas regiões das florestas, exploradas e saqueadas pelo homem, abundava sobretudo a vegetação secundária, espessa e muito inflamável, e montes de ramos deixados pelos lenhadores. Essas florestas eram uma criação do homem, precisavam dele, e só tinham sobrevivido mercê da sua vigilância. Agora as mangueiras estavam enroladas e se oxidavam nos depósitos. O verão estava particularmente seco. Em todo o norte da Califórnia, e sem dúvida também no Oregon e em Washington, os incêndios provocados por raios se propagavam rapidamente, transformando em brasas os troncos mortos.

Durante toda uma horrível semana, Ish e Em, consternados, viram à noite, ao norte do golfo, chamas altas e vivas que devastavam os flancos da montanha e que só se apagavam quando não tinham mais o que devorar.

Por sorte um braço de mar os separava das montanhas do norte e no sul não houve tempestades elétricas. Finalmente tudo passou. E Ish achou que os danos alcançariam a maioria dos bosques da Califórnia. Passariam-se séculos antes que recobrassem seu perdido esplendor.

Naquele ano houve um novo sintoma de adaptação: Ish retomou o hábito da leitura. Por enquanto a biblioteca municipal lhe bastava; guardava na reserva, para mais tarde, o milhão de volumes da universidade. Talvez fosse mais útil aumentar seus conhecimentos de medicina, agricultura e mecânica, mas somente a história da humanidade o atraía. Devorou inúmeras obras de antropologia e de história. Então passou à filosofia, especialmente a filosofia da história. Mas leu também novelas, poemas e obras de teatro que, de um modo ou de outro, lhe revelavam os mistérios da alma humana.

Lia à noite. Em bordava; Os meninos dormiam em quarto do primeiro andar; Princesa se espreguiçava diante de fogo. De vez em quando Ish levantava a cabeça e lembrava que seus pais tinham passado muitas noites assim. Depois pousava os olhos na lamparina a óleo e levantava-os para olhar as outras lâmpadas apagadas.

O ano 4 foi o ano da chegada... Em um formoso dia de primavera, perto do meio-dia, Princesa correu para a rua latindo com todas suas forças e uma buzina lançou uma sonora chamada. Ezra havia partido há mais de um ano e já ninguém pensava nele. Mas ali estava ele... em um automóvel desconjuntado, cheio e bagagens e utensílios domésticos.

Ish não pôde deixar de se lembrar naqueles caminhões que na época da colheita de frutas chegavam à Califórnia em outros tempos.

Depois de Ezra, desceram do carro uma mulher de uns trinta e cinco anos, outra mais jovem, uma garotinha assustada e um menino. Ezra apresentou as duas mulheres: a mais velha se chamava Molly; a segunda, Jean. E depois de cada nome, ele acrescentou, naturalmente e sem nenhum embaraço: "minha mulher".

Aquela confissão de bigamia impressionou muito Ish. Ele já tinha tido muitas experiências e não ignorava que no passado a pluralidade de mulheres tinha sido comum em muitas grandes civilizações. A mesma coisa podia ocorrer no futuro. Sem dúvida era a melhor solução em uma sociedade destruída onde havia duas mulheres e somente um homem. Por outro lado, Ezra era capaz de sair-se muito bem nas situações mais embaraçosas.

O garoto, Ralph, era filho de Molly. Tinha nascido algumas semanas antes do Grande Desastre e o leite da sua mãe ou a herança genética o tinham imunizado. Ish nunca tinha visto antes, entre os sobreviventes, dois membros de uma mesma família. Quanto à menina, chamavam-na Evie, mas ninguém sabia seu verdadeiro nome. Ezra a havia encontrado sozinha e suja; se alimentava de conservas, de caracóis e até de minhocas. Devia ter cinco ou seis anos na época do Grande Desastre. Ninguém poderia dizer se ela era idiota de nascença ou se o horror e a solidão haviam alterado sua mente. Tremia e gemia quase sem cessar, e somente Ezra conseguia arrancar-lhe algum sorriso de vez em quando. Balbuciava algumas poucas palavras. Após algum tempo, tranquilizada pela bondade dos seus novos companheiros, começou a falar um pouco mais; mas nunca se desenvolveu normalmente.

No mesmo ano, mais para diante, Ish e Ezra fizeram uma viagem na velha camionete de Ish. Não foi uma viagem de lazer; tiveram muitas dificuldades com os pneus e com o motor e os caminhos estavam em mau estado. Mas pelo menos cumpriram a missão a que tinham se proposto.

Encontraram George e Maurine, casal que Ezra havia descoberto quando vagava pelo mundo. George era alto, de movimentos lentos, grisalho, e estava sempre de bom humor. Não tinha a palavra fácil, mas era hábil em seu ofício, a carpintaria. Que pena, pensou Ish, um mecânico ou um fazendeiro nos teria sido mais útil. Maurine, por volta dos quarenta anos de idade e dez anos mais jovem, era sua cópia. As tarefas domésticas a entusiasmavam tanto como a George a carpintaria. George tinha uma inteligência pouco brilhante e Maurine era totalmente estúpida.

Ish e Ezra discutiram em particular o caso de George e Maurine e concluíram que o casal, gente de boa vontade, era aceitável. Ish pensou, sorrindo, que era como admitir um novo sócio em um clube, mas os candidatos eram escassos e não se podia ser exigente demais. Levaram George e Maurine para San Lupo.

Ish e Maurine descobriram que tinha lhes acontecido algo parecido. Quando Maurine era menina, e vivia na Dakota do Sul, tinha sido mordida por uma cascavel.

No fim do ano, Em deu à luz outro filho a quem chamaram Roger. Os habitantes de San Lupo agora eram sete adultos e quatro meninos, sem contar Evie. Nesse tempo, a modo de brincadeira, começaram a chamar a si mesmos de A Tribo.

O ano 5 não trouxe nenhum acontecimento extraordinário. Molly e Jean tiveram cada uma um filho. Ezra, duas vezes pai, estava muito contente. Esse ano foi batizado como o ano dos touros. Com efeito, os bovinos se multiplicaram, como as formigas e os ratos anteriormente.

Poucas vezes se via um cavalo e raramente um carneiro. Mas nas ainda intactas pradarias, o número de cabeças de gado vacum alcançou proporções catastróficas. Os membros da Tribo podiam comer carne à vontade, embora algumas vezes dura como sola.

Mas quando alguém saía a passeio, corria o perigo de encontrar-se cara a cara com um touro furioso. Um tiro de revólver podia resolver o problema, mas logo depois tinham que arrastar o cadáver para longe das casas, ou então aguentar o fedor. Todos ficaram especialistas na arte de se esquivar dos chifres pontiagudos. Finalmente isso se transformou em um esporte a que chamaram "o jogo das touradas".

O ano 6 foi memorável. No curso dos doze meses, as quatro mulheres deram à luz. Até Maurine, que parecia ser muito velha para isto. Em havia predicado com o exemplo e agora ter filhos era uma honra. Todos os membros da Tribo tinham vivido sozinhos por algum tempo e tinham conhecido o que chamavam a Grande Solidão. A recordação daquelas horas de horror ainda não havia se apagado. Mesmo agora, a Tribo não era mais que uma pequena chama ameaçada pelas trevas. Cada nova criança parecia reanimar

aquela claridade hesitante e reafirmar a esperança de vencer a escuridão e a morte. Ao terminar o ano, o número de crianças elevava-se a dez e já superava o dos adultos. Sem contar Evie, que não participava de grupo algum.

Mas também foi um ano memorável por outras razões. Houve uma grande seca e poucos pastos, e os fracos bovinos, numerosos demais, iam de um lado para outro em busca de comida. Enlouquecidos pela fome, uma certa noite eles botaram abaixo a cerca da horta. O ruído despertou os homens, que descarregaram seus fuzis quase à queima-roupa contra os assustados animais. Mas a horta ficou arrasada e, amarga ironia, sem que um só animal satisfizesse sua fome.

Então apareceram os gafanhotos. Um dia eles caíram do céu e devoraram tudo o que havia escapado do gado. Comeram as folhas das árvores e as frutas, até que apenas os caroços ficaram pendurados nos ramos desnudos das árvores. Pouco depois os gafanhotos morreram e um cheiro nauseabundo empestou a atmosfera.

E centenas de cadáveres das vacas cobriam os leitos secos dos rios e pântanos. O fedor se fez insuportável. E a terra estava tão escura e desnuda, que parecia que não se recuperaria.

A colônia estava horrorizada. Ish tentava explicar aos seus companheiros que eram calamidades naturais naquele período de transição. Em condições atmosféricas adequadas, a invasão dos gafanhotos, por exemplo, era inevitável, pois os insetos proliferavam nos campos onde ninguém os perseguia. Mas a fetidez e o aspecto desolado da terra os fazia surdos a todas as explicações. George e Maurine buscaram consolo nas rezas. Jean ridicularizou-os abertamente e declarou que os incidentes dos últimos anos não levavam a confiar em Deus. Molly, presa de uma verdadeira neurastenia, tinha crises de choro. Apesar da lógica dos seus razoamentos, Ish desesperava pelo futuro. Somente Ezra e Em pareciam estar resignados.

Os meninos mais velhos se mostravam pouco afetados. Bebiam com entusiasmo seu leite condensado e o fedor da decomposição não parecia tirar-lhes o apetite. John a quem chamavam Jack, de

mãos dadas com seu pai, olhava distraidamente para um vaca que agonizava ao sol. O espetáculo lhe parecia natural.

Mas as crianças de peito, salvo o último bebê de Em, pareciam absorver a angústias das suas mães junto como leite. Se agitavam e choramingavam e as mães se inquietavam ainda mais. Era um círculo vicioso.

Outubro foi um longo pesadelo.

E então aconteceu um milagre: duas semanas depois das primeiras chuvas, um tapete verde cobriu as colinas. Renasceu a felicidade. Molly e Maurine choraram de alegria. O próprio Ish sentiu-se aliviado, pois o desespero dos outros havia feito cambaleiar sua confiança no poder de recuperação da terra. Até havia se perguntado se todas as sementes não teriam morrido.

Quando chegou o solstício de inverno, todos se reuniram outra vez ao pé das rochas para gravar um número e batizar o ano. Hesitaram por alguns instantes. Se quisessem guardar uma boa recordação, podiam chamá-lo de o ano das quatro crianças. Mas era também o das vacas morta e dos gafanhotos. Afinal tinha sido um ano de desgraças, por isso foi chamado simplesmente de o ano ruim.

O ano 7 não foi melhor. De repente os pumas invadiram toda a região. Não se podia sair sem um fuzil e um cão que dava o alarme e não se afastava dos pés do dono. Os pumas não se atreveriam a atacar o homem, mas mataram quatro cachorros. E ninguém podia saber se alguma fera não lhe cairia em cima pulando do ramo de uma árvore. As crianças ficaram encerradas nas casas. Ish adivinhava facilmente as causas da invasão: o ano dos touros havia sido um ano bom para os pumas e eles haviam se multiplicado. A seca tinha dizimado então os rebanhos e as feras carnívoras desceram das montanhas.

Um dia aconteceu o acidente que todos temiam. Ish apontou mal para um puma com o fuzil e só roçou o ombro do bicho. O animal, furioso, saltou sobre ele e feriu-o seriamente antes que Ezra pudesse intervir. Ish coxeou um pouco desde então, e não podia ficar sentado por muito tempo na mesma posição. Se cansava muito ao dirigir o carro, mas nesse tempo as rodovias já

estavam muito estropiadas, os carros se quebravam facilmente e não havia muitos lugares aonde ir. Aquele ano foi batizado como o ano dos pumas.

O ano 8 foi relativamente tranquilo. Foi chamado de o ano da visita à igreja. O nome divertia Ish, pois implicava que a experiência havia começado e terminado ao mesmo tempo.

Aqueles sete americanos pertenciam a cultos muito distintos e não havia entre eles nenhum crente fervoroso. Ish tinha estudado catecismo durante sua infância, mas quando Maurine lhe perguntou a que religião pertencia, disse que era cético. Ela, que nunca tinha ouvido a palavra, não a entendeu, e desde então chamou Ish de membro da igreja cética.

Quanto a Maurine, ela era católica, como Molly. As duas mulheres se persignavam de vez em quando, ou rezavam uma Ave Maria, mas não podiam se confessar nem assistir missa. Aparentemente, pensava Ish, a igreja católica não havia previsto que um dia não haveria ninguém no trono de São Pedro e que os fiéis seriam somente ovelhas sem pastor. George era metodista e diácono, mas carecia de eloquência e era incapaz de organizar uma congregação. Suas convicções, portanto, não eram muito profundas.

Jean tinha sido membro de uma vociferante seita moderna, os Filhos de Cristo. Mas no momento do Grande Desastre as orações dos fiéis haviam ficado sem resposta e ela havia perdido a fé.

Em, que nunca recordava o passado, era reticente. Para Ish, parecia que ela não rezava nunca. Mas de vez em quando, e aparentemente sem entusiasmo religioso, entoava alguns cânticos espirituais com sua linda voz de contralto.

George e Maurine, esquecendo a longa inimizade das suas igrejas, foram os primeiros a falar em ofícios religiosos, "por causa das crianças". Então apelaram para Ish, que era uma espécie de chefe, sobretudo nas questões intelectuais. Maurine, demonstrando um amplo critério, declarou que não se oporia a que os serviços fossem celebrados "à maneira cética".

Ish sentiu-se tentado. Pouco lhe custava fundar uma religião mesclando os rituais de cultos diferentes. Daria assim aos seus companheiros uma sensação de comodidade e confiança, que na verdade necessitavam com frequência; Jean se converteria; Ezra não faria objeções. Mas a mentira repugnava a Ish e, ele não podia esquecer, Em não se deixaria enganar.

Por fim celebraram um ofício todos os domingos. George havia levado a conta exata dos dias da semana. Cantavam hinos, liam passagens da Bíblia e, de pé e com a cabeça descoberta, elevavam ao céu uma prece silenciosa.

Mas durante esses minutos de silêncio Ish nunca rezou. Em e Ezra provavelmente fizeram o mesmo. Jean, resolutamente hostil, não se uniu aos seus companheiros. Com mais fervor, ou com mais hipocrisia, Ish teria podido convencê-la. Mas na realidade aqueles ofícios dominicais favoreciam mais as querelas que a unidade, a impostura mais que a religião.

Um certo dia, de repente Ish decidiu interromper os ofícios. Diplomáticamente, declarou que as rezas em silêncio se prolongariam indefinidamente, pois "cada um falaria ao seu coração segundo seu desejo". Molly opinou que a ideia era comovedora e derramou algumas lágrimas. Assim a experiência religiosa teve um bom fim.

No princípio do ano 9, a colônia se compunha de sete adultos, incluída Evie, e treze crianças de diferentes idades, desde os recém nascidos até Ralph, o filho de Molly, que tinha nove anos, e Jack, o filho de Ish e Em, com oito. Todos olhavam com otimismo para o futuro da Tribo, nome que haviam adotado definitivamente. Os nascimentos eram sempre recebidos com grande regozijo, como se as sombras recuassem um pouco mais e o círculo de luz se ampliasse.

Pouco depois do ano novo, um velho de boa aparência chegou pela manhã na casa de George. Era um desses viajantes que de vez em quando, mas cada vez mais raramente, vinham pedir asilo. Receberam-no de braços abertos, mas ele não pareceu se emocionar como os outros com essa hospitalidade. Só ficou por uma noite e partiu sem se despedir..

Quase em seguida, todos se sentiram mal e irritáveis. Os bebês choravam. De repente se declararam anginas, resfriados e dores de cabeça. Uma epidemia tinha caído sobre a tribo. Nos últimos anos a saúde de toda a comunidade tinha sido incrivelmente boa. Ezra e alguns outros tinham dores de dentes. George se queixava de dores articulares, a que dava o velho nome de reumatismo. Às vezes uma ferida infeccionava.

Mas até os resfriados não eram mais que uma recordação. E somente duas doenças realmente apareciam de vez em quando. Uma delas atacava os meninos; mostrava muitos sintomas do sarampo, e talvez fosse mesmo isto. A outra começava com uma violenta dor de garganta, mas as sulfamidas a faziam desaparecer tão rapidamente que ninguém conhecia seu curso. Enquanto houvesse sulfamida nas farmácias, Ish não achava necessário permitir que a doença evoluísse para satisfazer uma mera curiosidade científica.

Essa ausência quase total de enfermidades, para as pessoas inclinadas à superstição, como George e Maurine, era um verdadeiro milagre. Imaginavam que Deus tinha castigado a raça humana com uma terrível epidemia e que agora, à guisa de compensação, tinha decidido suprimir os males menores... Da mesma forma, depois do dilúvio Deus havia mostrado no céu mais formoso arco-íris, indicando assim que sua ira havia se acalmado.

Para Ish a explicação era mais simples. A morte de tantos seres humanos havia quebrado a cadeia da maioria das infecções. E muitas doenças haviam morrido, podia se dizer, junto com suas bactérias. Continuavam existindo, claro, as doenças dos organismos desgastados, como o aneurisma, ou o câncer, ou o reumatismo de George. E os animais também transmitiam alguns males, como a tularemia.^{5} Aqui e ali, algum sobrevivente afetado por alguma enfermidade crônica a transmitia para os outros. Assim, sem dúvida, havia sobrevivido o sarampo.

O velho, lembraram todos um pouco tarde, assoava o nariz muito frequentemente, tinha os seios frontais provavelmente infectados e havia passado aos seus hóspedes aquela infecção que

se acreditava desaparecida e que em outros tempos era conhecida como “resfriado de cabeça”.

De qualquer forma, era um espetáculo cômico ver aquelas pessoas, que até então tinham desfrutado de uma saúde tão extraordinária, tossindo, espirrando, assoando o nariz e gemendo. Felizmente o resfriado seguiu seu curso normal sem complicações e algumas semanas mais tarde todos estavam curados.

Durante o resto do ano, Ish ficou temendo outra epidemia. A infecção, latente, podia reaparecer e propagar-se por toda a Tribo. Mas o calor daquele verão particularmente seco acabou com os últimos micróbios. Ish se felicitou. Nos velhos tempos ele tinha se resfriado muito frequentemente. E agora dizia, não totalmente brincando, que o desaparecimento do resfriado compensara amplamente a perda da civilização.

Entretanto, o outono trouxe desgraças maiores. Sem que se soubesse exatamente por que, três crianças sofreram fortes diarreias e morreram. Provavelmente tinham ido brincar em alguma casa dos arredores e haviam encontrado algum veneno, um inseticida, talvez. Tinham-no provado por curiosidade, tinham-no achado gostoso e tinham-no repartido. Mesmo depois de morta, a civilização ainda tinha suas armadilhas.

Entre essas crianças achava-se um dos filhos de Ish. Ish sempre havia temido uma desgraça semelhante e havia pensado na dor de Em. Em chorou seu filho, mas Ish ainda não conhecia toda sua fortaleza. Seu amor pela vida era tão apaixonado, que ela chegava a aceitar a morte como parte da vida. Molly e Jean, mães das outras crianças, manifestaram ruidosamente sua dor e rechaçaram qualquer consolo.

Haviam nascido nove crianças; não obstante, pela primeira vez, o número total de pessoas de Tribo havia diminuído no curso de doze meses. Esse ano foi chamado de o ano dos mortos.

O ano 10 se passou sem incidentes e tiveram dificuldades em encontrar um nome para ele. Mas quando chegaram à rocha e Ish pegou o martelo e o cinzel para gravar os números, os meninos, pela primeira vez, manifestaram sua vontade e decretaram que esse ano seria o ano da pesca. Alguns meses antes eles tinham

descoberto que na baía abundavam magníficos robalos e haviam organizado alegres excursões de pesca. Esses peixes eram um bom alimento e tinham sido uma autêntica fonte de diversão. Em geral, pensava Ish, bastante surpreso, ninguém parecia procurar distrações. Havia tanto o que fazer para assegurar o bem estar material. E esta tarefa dava tanta satisfação que as brincadeiras não os tentavam.

No ano 11, Molly e Jean tiveram filhos, mas o filho de Molly não sobreviveu ao parto. Foi uma grande desgraça; era a primeira criança que morria ao nascer. Agora todas as mulheres eram hábeis parteiras. Talvez Molly já estivesse velha.

Quando chegou a hora de batizar o ano, houve uma discussão entre os velhos e os jovens. Os pais tinham escolhido um nome: o ano da morte de Princesa... A cadela tinha morrido após alguns meses doente. Ninguém sabia sua idade exata; quando Ish a tinha recolhido, tanto podia ter um, como três ou quatro anos de idade. Ela tinha sido até o fim a mesma Princesa, pela qual todos tinham grande consideração. Caprichosa, sempre disposta a seguir a pista de algum coelho imaginário quando alguém precisava. Apesar de tantos defeitos, sabia fazer-se querer, e durante um tempo tinha vivido em San Lupo quase como um ser humano.

Agora havia dúzias de cães, quase todos filhos, netos e bisnetos de Princesa, que desaparecia de vez em quando para se encontrar com um velho amigo entre os cães selvagens ou para escolher um novo pretendente. Após tantos cruzamentos, seus descendentes eram de uma raça incerta e não se pareciam nem pelo tamanho nem pela cor ou pelo caráter.

Mas para os meninos, Princesa era somente uma velha cadela, não muito interessante, com a qual não se podia contar. Segundo eles, o ano devia se chamar o ano das esculturas de madeira. Então, após algumas dúvidas, Ish se mostrou de acordo, embora Princesa tivesse sido sua amiga. Ela o tinha arrancado a tantos tristes pensamentos, o tinha livrado do medo e o havia levado, com saltos e latidos, para a casa onde havia encontrado Em. E talvez sem ela tivesse seguido seu caminho. Mas agora Princesa estava morta, pertencia ao passado.

Logo os meninos nem sequer lembrariam seu nome. Princesa mergulharia no esquecimento. O coração de Ish gelou. Ele também envelheceria e seria uma sombra do passado. Chamariam-no durante um tempo de velha múmia, então morreria e o esqueceriam. Era assim que sempre acontecia.

Depois, enquanto os outros discutiam, pensou nas esculturas de madeira que chegou a ser uma mania, como as bolhas de sabão ou o mah-jong dos velhos tempos. De repente todos os meninos tinham invadido as serrarias em busca de bonitas madeiras de abeto para nelas talhar bois, cães ou homens. As primeiras tentativas foram tortas, mas alguns meninos logo se mostraram muito destros. O entusiasmo se apagou com os dias, mas continuou sendo um passatempo agradável para as tardes de chuva.

Ish tinha estudado bastante antropologia para saber que todos os povos tentam expressar-se artisticamente. E se preocupava porque a Tribo não manifestara nenhum talento especial e se contentara em viver à sombra do passado: escutando discos nos fonógrafos de corda e olhando velhos livros ilustrados. Alegrou-se portanto com aquela moda da escultura.

Aproveitou uma pausa na discussão para apoiar os garotos. O ano se chamou ano da escultura em madeira. Segundo Ish, esse ano tinha um valor simbólico, pois marcava uma ruptura com o passado e um passo para o futuro. Entretanto, o nome talvez não tivesse tanta importância e ele estivesse exagerando seu significado.

No ano 12 Jean deu à luz uma criança morta. Em compensação, Em teve o primeiro casal de gêmeos. Chamou-os de Joseph e Josephine, logo, Joey e Josey. Aquele foi pois, o ano dos gêmeos.

O ano 13 viu nascer dois meninos robustos. Foi um ano tranquilo e agradável, sem acontecimentos importantes. Na falta de outro melhor, foi chamado o ano bom.

O ano 14 foi parecido com o ano 13 e foi o segundo ano bom.

O ano 15 foi excelente e poderia ter sido o terceiro ano bom. Mas tinha havido algumas diferenças. Ish e todos os mais velhos sentiram outra vez a velha solidão e a ameaça das trevas. Não aumentar é diminuir. E aquele era o primeiro ano sem nascimentos. Todas as mulheres — Em, Molly, Jean e Maurine — estavam envelhecendo, e as meninas ainda eram jovens demais para se casar, Exceto Evie, a idiota, que nunca deveria ter descendência. O ano não tinha sido, portanto, inteiramente bom, e não merecia esse título. Os meninos recordaram que Ish havia encontrado seu velho e asmático acordeon. Agrupados ao seu redor, tinham cantado velhas canções, como O Lar da Montanha e Ela Vem Pela Montanha, e os meninos propuseram o nome de o ano que cantamos. Ninguém, exceto Ish, pareceu notar no nome uma confusão gramatical.

No ano 16 foi celebrado o primeiro casamento. Os noivos foram Mary, filha mais velha de Ish e Em, e Ralph, filho de Molly, nascido pouco antes do Grande Desastre. Nos velhos tempos, um casamento entre pessoas tão jovens teria parecido prematuro e até um pouco indecente. Mas as antigas norma já não estavam em vigor..

Na intimidade, Ish e Em pesaram os prós e os contras. Mary e Ralph não estavam perdidamente apaixonados, mas desde o início tinham sido destinados um ao outro. Era um casamento de conveniência, como as antigas bodas reais. O amor romântico, pensou Ish, também havia caído vítima da epidemia.

Maurine, Molly e Jean queriam “uma verdadeira boda”, segundo suas próprias palavras. Separaram um disco de Lohengrin e prepararam um vestido de noiva de seda branca, com véu e grinalda. Mas para Ish esses rituais seriam uma horrível paródia do passado. Em, com sua reserva habitual, mostrou-se de acordo. Afinal, Mary era filha deles e impuseram sua vontade.

Como toda cerimônia, Mary e Ralph se apresentaram perante Ezra, que pronunciou um discurso sobre os deveres e responsabilidades dos esposos.

Mary teve um bebê antes do final de dezembro; e o ano foi o ano do neto.

O ano 17, os meninos sugeriram que fosse chamado de o ano da casa derrubada. Com efeito, uma das casas vizinhas desabou estrepitosamente diante dos olhos dos meninos, que haviam acudido aos primeiros ruídos. Depois de um exame, o acidente pareceu normal. Os cupins eram donos do prédio há dezessete anos e tinham corroído os alicerces. Esse acontecimento impressionou muito os meninos e, apesar da sua escassa importância, designou o nome do ano.

No ano 18 Jean teve outro filho. Foi a última criança nascida da velha geração, mas haviam sido celebrados novos matrimônios e nasceram mais duas crianças.

Esse foi o ano dos estudos. Quando os primeiros meninos chegaram à idade escolar, Ish tentou ensinar-lhes a ler e escrever e transmitir-lhes algumas noções de aritmética e geografia. Mas era difícil reunir seus alunos, ocupados com suas tarefas e brincadeiras, e os estudos não se adiantaram muito. Entretanto, os mais velhos sabiam ler e escrever corretamente, ou tinham sabido ler em outra época. Ish se perguntava se a maioria por exemplo, Mary, agora mãe de duas crianças saberia soletrar polissílabos.

Mary era sua filha mais velha e, embora gostasse muito dela, tinha que reconhecer que na verdade ela não era nenhuma intelectual.

Nesse mesmo ano 18, Ish fez um esforço e tentou reunir todos os meninos em idade de aprender para que não ficassem totalmente ignorantes. Teve êxito por algum tempo, então os escolares o abandonaram. Jamais soube se tinha obtido algum resultado e sofreu uma amarga decepção.

O ano 19 foi chamado de o ano do alce, por causa de um incidente que impressionou os meninos. Uma manhã, Evie, que estava na janela, gritou alguma coisa com sua voz esquisita e rouca, apontando para fora com o dedo. Olharam e viram um animal desconhecido. Era um alce, o primeiro que tinha se aventurado nessas paragens. Sem dúvida os rebanhos tinham se multiplicado e agora estavam descendo do norte para recuperar as possessões que o homem lhes tinha arrebatado.

No ano 20, todos estiveram de acordo: o ano do terremoto. O velho vulcão San Leandro tinha voltado à atividade. Em uma madrugada, um violento abalo seguido por um estrépito de chaminés que caíam, despertou a Tribo. As casas habitadas suportaram o fenômeno, graças a George que as mantinha em excelente estado. Mas as que tinham sido corroídas pelos cupins, minadas pelas águas das chuvas ou carcomidas pelo mofo, desabaram rapidamente. Os escombros cobriram as ruas e o terremoto acabou assim o lento trabalho do tempo.

Para o ano 21 Ish havia escolhido um nome: o ano da maioria de idade. Os membros da Tribo eram agora trinta e seis: sete avós, Evie, vinte e um filhos e sete netos.

Entretanto, esse ano, como muitos outros, comemorou um incidente sem importância. Joey, um dos gêmeos os mais jovens dos filhos de Ish e Emera um garoto esperto, embora pequeno para sua idade, e menos dotado para os jogos que a maioria dos outros meninos. Como Benjamim, era o favorito dos seus pais. Mas naquela tropa de meninos ele passava um pouco despercebido, e acabara de completar nove anos. Mas no final do ano eles notaram que Joey sabia ler, não lenta e trabalhosamente como os outros garotos, e sim com facilidade e prazer. Ish sentiu-se invadido por

uma onda de ternura e orgulho. Só em Joey ardia realmente a chama da inteligência.

Os outros também o admiravam e, todos de acordo, declararam que o ano seria chamado de o ano em que Joey leu.

Segunda parte - O Ano 22

Seus laços sociais sem dúvida devem ser de uma
força
singular,
muito superiores aos que tanto nos orgulham;
pois milhares de europeus se tornaram índios, e nunca vimos que
um só desses aborígenes se fizesse voluntariamente
europeu.

J. HECTOR ST. JOHN DE CRÉVECOEUR
Cartas de um fazendeiro americano.

1

Depois da cerimônia da rocha, quando Ish terminou de gravar os números 2 e 1 na superfície lisa, os membros da Tribo regressaram para suas casas. Os meninos corriam na frente, excitados, pensando na fogueira tradicional que coroava os festejos do ano novo.

Ish caminhava junto de Em, mas os dois guardavam silêncio. Como em todos os anos nessa época, Ish mergulhava em suas reflexões e se perguntava o que traria o próximo ano.

Ouviu os meninos que gritavam:

— Vamos na casa que caiu. Lá tem muita madeira seca... Eu sei onde encontrar uma lata de óleo... Eu vou buscar papel higiênico, que queima muito bem.

Os adultos, como de costume, reuniram-se na casa de Ish e Em e sentaram-se para conversar um pouco. Ish abriu uma garrafa de porto e todos brindaram, inclusive George, que comumente não bebia álcool. Como momentos antes na rocha, todos concordaram que o ano 21 tinha sido um bom ano e que o ano 22 se anunciava um bom ano.

Entretanto, em meio à alegria geral, Ish sentiu renascer em seu interior um vago descontentamento. Por que?, pensou, sobrecitado, como se quisesse convencer um adversário. Por que hei de ser eu quem prevê ou tenta prever o que acontecerá nos próximos cinco, dez, vinte anos? Nesse tempo eu talvez já não esteja vivo. Nossos descendentes... deverão resolver seus próprios problemas. Embora não tenha sido assim, totalmente. Todas as gerações contribuem para criar ou resolver os problemas das gerações futuras. De qualquer forma, não podia deixar de se perguntar o que aconteceria com a Tribo nos próximos anos.

Depois do Grande Desastre, tinha imaginado que os sobreviventes ressuscitariam pouco a pouco o mundo civilizado. Havia sonhado com o dia em que se acenderiam outra vez as lâmpadas elétricas. Mas suas esperanças tinham se desvanecido e a pequena comunidade ainda vivia dos despojos do passado.

Passeou o olhar ao redor, como fazia comumente, e examinou seus companheiros. Eles eram, podia-se dizer, os tijolos que serviriam para levantar uma nova civilização. Ezra, por exemplo. Ish sentia-se inundado pela simples alegria da amizade toda vez que olhava para aquele rosto magro e aceso, de um sorriso tão agradável, apesar dos dentes cariados. Ezra tinha talento, sem dúvida, mas era o talento de viver cordialmente com seus semelhantes, e não a força que cria as novas civilizações. Não, não Ezra.

Junto a Ezra estava George, o bom George... pesado, de andar vacilante, ainda vigoroso apesar do cabelo grisalho. À sua maneira, George não carecia de coragem.

Era um excelente carpinteiro e tinha aprendido sobre encanamento e pintura e todos os ofícios que podem ter utilidade no cuidado de uma casa. Era um homem indispensável e, graças a ele, os trabalhos manuais haviam sobrevivido. Entretanto, e Ish não ignorava, George era muito pouco inteligente e provavelmente nunca tinha aberto um livro em sua vida. Não, não era George.

Ao lado de George havia se sentado Evie, a débil mental. Molly cuidava da sua aparência e Evie, esbelta e loira, pareceria bonita se alguém não olhasse para seu rosto inexpressivo. Ali estava ela, olhando para a direita e para a esquerda, como se estivesse interessada na conversa, embora Ish soubesse que ela não entendia nada ou quase nada. Evie não seria essa pedra angular. Não, não Evie.

Os olhos de Ish pousaram a seguir em Molly, a mais velha das mulheres de Ezra. Sem ser boba, Molly tinha pouca instrução e nenhum dom intelectual. Por outro lado, como as outras mulheres, tinha consagrado todas suas energias em dar filhos ao mundo e em educá-los. Tinha cinco filhos. Havia desempenhado seu papel e não se podia exigir mais dela. Não, não Molly.

Em? Ish olhou para ela e sentiu uma imensa ternura que lhe enchia o peito. Qualquer julgamento que fizesse sobre ela não teria muito valor. Em havia decidido que tivessem um filho. A catástrofe não havia debilitado sua coragem nem sua confiança. Era para ela que todos se voltavam nos momentos de dor. Sem seu apoio, nada teria sido feito. Mas sua força só agia no terreno da ação material e imediata. Embora capaz de devolver aos seus companheiros a esperança e a coragem, raramente oferecia um a ideia. Ish a sentia frequentemente superior a ele e tinha necessidade da sua ajuda; mas sabia também que não podia contar com ela para modelar o futuro. Não, não Em.

Atrás de Em, Ralph e Roger estavam sentados no chão. Sempre os chamava de "os meninos", embora já estivessem casados e fossem pais de família. Ralph, filho de Molly, havia se casado com Mary, filha de Ish. Jack e Roger eram filhos de Ish. Mas sentia-se muito distanciado deles. Eram somente vinte anos mais novos, mas para Ish esses anos pareciam séculos. Eles não tinham conhecido os velhos tempos e não podiam imaginar uma civilização no futuro. Não, provavelmente, tampouco os meninos.

O olhar de Ish havia completado o círculo e agora pousava em Jean, a mais nova das esposas de Ezra. Ela havia dado à luz dez filhos, dos quais sete ainda estavam vivos. Não lhe faltava personalidade nem vontade. Sua negativa em assistir os ofícios religiosos era uma prova. Mas não tinha ideias novas. Não, não Jean.

Quanto a Maurine, a mulher de George, não tinha se dado ao trabalho de ir à reunião. Da rocha, ela tinha diretamente para sua casa, para varrer, esfregar ou completar qualquer uma das mil tarefas domésticas que eram sua vida. Qualquer outro, menos Maurine.

Havia outros três adultos ausentes: Mary, Martha e a pequena Jeanie, esposas dos três meninos. Mary sempre tinha sido a menos expressiva das filhas de Ish, o passar dos anos e as sucessivas maternidades pareciam ter-lhe aumentado a apatia. Martha e Jeanie também eram mães e só pensavam em seus filhos. Não, nenhuma das três.

Presentes ou ausentes, doze adultos no total. Ish não podia acreditar que não houvesse mais reservas humanas.

Uma meia dúzia de meninos tinha se sentado com seus pais ou corriam ao redor da mesa. Tinham preferido a reunião na casa de Ish à fogueira e, embora se entediassem, sentiam orgulho em imitar os mais velhos. Ish olhou para eles, pensativo. De vez em quando eles deixavam de prestar atenção à conversa para se empurrarem ou dar murros. Mesmo assim, despreocupados como pareciam, não havia outra esperança a não ser eles. Os mais velhos, provavelmente se contentariam em seguir os velhos hábitos. E assim, até o dia da sua morte. Mas os meninos teriam que fazer um esforço e se adaptarem. Brotaria em algum deles a fagulha inicial?

De repente, enquanto olhava para os meninos, Ish viu um deles que em vez de brigar com seus amigos, não perdia uma palavra da conversa; em seus grandes olhos brilhavam a inteligência e a curiosidade. Era Joey.

Vivaz e alerta, o olhar de Joey não tardou em encontrar o do seu pai e o seu rosto se iluminou com o radiante sorriso dos nove anos. Ish piscou-lhe dissimuladamente um olho. O sorriso de Joey, que chegava até as orelhas, se fez ainda mais amplo e, como resposta, o acompanhou com um piscar de olhos. Então, para não intimidar o menino, Ish desviou o olhar. George, Ezra e os rapazes prosseguiram em uma lenta discussão. Ish já conhecia o tema e não tinha interesse algum em intervir.

— Não deve pesar mais que duzentos quilos — dizia George.

— Talvez — replicou Jack, mas já é difícil o bastante para trazê-la para cá.

— Oh, nem tanto — acrescentou Jack, que gostava de exibir sua força.

Ish já tinha ouvido muitas vezes a mesma discussão. George propunha ir buscar um refrigerador a gás e levá-lo para San Lupo. As reservas de gás engarrafado não iam faltar e eles disporiam de gelo. Tudo isso ficaria nas palavras, e não porque o projeto fosse irrealizável ou apresentasse dificuldades

extraordinárias. Mas ninguém sentia a necessidade de uma mudança e naquele clima temperado não havia tanta necessidade de gelo. Não obstante, sem saber exatamente porque, Ish sentiu que a velha discussão o aborrecia.

Olhou outra vez para Joey. O menino era baixo para sua idade. Seu olhar vivaz interrogava todos os rostos e, percebeu Ish, até adivinhava o pensamento de que falava, particularmente quando este era George, que tinha a fala lenta. Aquele dia era memorável para Joey. O ano que acabava de terminar levava seu nome: o ano em que Joey leu. Nenhum outro menino tinha recebido tal honra. Talvez o fizesse demasiado orgulhoso. Mas a ideia havia nascido espontaneamente dos outros meninos, como uma homenagem à sua inteligência.

A discussão continuava fracamente. George estava falando agora.

— Não, não traria muitas vantagens conectar o encanamento.

— Mas George — interrompeu a voz rápida de Ezra, que apesar dos anos ainda conservava um pouco do sotaque de Yorkshire, — o gás não terá perdido pressão depois de tanto tempo? Eu acho que...

Seu protesto se perdeu no barulho de uma briga entre os meninos. Weston, o filho de doze anos de Ezra, se pegava com Betty, sua irmã fêmea.

— Basta, Weston — ordenou Ezra. — Basta, já falei, ou esquentarei suas calças.

A ameaça carecia de convicção. E Ish lembrava que o pacífico Ezra jamais tinha batido em um menino. Não obstante, a briga terminou e Weston se contentou em choramingar:

— Foi Betty quem começou...

— E para que você precisa de Gelo, George? — perguntou Ralph.

Assim sempre terminava a discussão. Os garotos, que nunca tinham visto para que servia o gelo, não entendiam tampouco porque deviam se dar a tanto trabalho para procurá-lo. George já

tinha ouvido a mesma pergunta várias vezes. Devia ter uma resposta preparada, mas não era homem de se apressar. Ficou um momento de boca aberta, pondo em ordem as palavras, e Ish olhou outra vez para Joey. O menino olhava para o hesitante George, para Ezra e Jack, como querendo ler-lhes os pensamentos. Por fim seus olhos se encontraram outra vez com os de Ish. Pai e filho trocaram uma silenciosa mensagem de camaradagem e compreensão. Joey parecia dizer que o seu pai já teria encontrado a resposta.

Alguma coisa explodiu então na mente de Ish. Não ouviu as palavras que finalmente brotavam da boca de George.

Joey”, pensou, e o nome pareceu despertar mil ecos em seu espírito. Joey! É ele o indicado!

“Não sabes — escreveu Cohelet em sua sabedoria, como se formam os ossos da criança no seio da mãe.”

Passaram-se séculos desde que Cohelet observou as coisas do mundo; e achou-as tão inconstantes como o vento. E ainda não conhecemos o segredo do destino humano. Ignoramos particularmente porque a maioria só vê o mundo visível e porque são tão raros os escolhidos que, além das coisas materiais, vêem o que ainda não é e imaginam assim o que poderia ser. Sem essas raras criaturas, entretanto, os homens são semelhantes aos animais.

Nas sombrias e úmidas profundezas unem-se as duas metades; e cada uma delas leva em si a perfeita metade do gênio. Mas isto ainda não é o suficiente. A criança deve vir ao mundo em tempo e lugar propícios para cumprir sua tarefa. E isto não é tudo. No mundo onde vive a criança, a morte cavalga dia e noite.

Quando nascem milhões de crianças todos os anos, se cumpre alguma vez o raro milagre e um profeta aparece entre os homens. Mas que esperança pode haver quando a humanidade foi dizimada e os meninos são poucos?

Ish notou imediatamente que havia se levantado sem saber porque nem como. Falava. Na realidade, pronunciava um discurso:

— Escutem — dizia, — chegou a hora de agir. Já esperamos bastante.

Estava na sala da sua casa e se dirigia a um grupo de amigos. Entretanto, lhe parecia estar em um palanque, em um anfiteatro imenso, e dirigindo-se a toda uma nação, à humanidade inteira.

— Temos que acabar com isto — continuou. — Não podemos continuar nesta vida acomodada, sugando os restos dos velhos dias, não criando nem fazendo nada nós mesmos. Esses tesouros se esgotarão algum dia; se não em nosso tempo, na dos nossos filhos ou dos nossos netos. Que acontecerá então? Que será deles se nada produzem: Encontrarão sempre de que se alimentarem, suponho. As vacas e coelhos não desaparecerão da manhã para a noite. Mas, e os objetos manufaturados, as ferramentas: Como acenderão o fogo quando não houver mais fósforos?

Interrompeu-se para passear o olhar ao redor. Todos sorriam, aprovando. Joey olhava para ele excitado, com os olhos brilhantes.

— Esse refrigerador de que vocês falavam a um momento atrás — continuou Ish — é um bom exemplo. Discutimos e cruzamos os braços. Estamos nos parecendo com aquele velho rei encantado, que via o ir e vir das pessoas. Mas ele nunca podia se mover para quebrar o encantamento. Parece que ainda pesa sobre nós o Grande Desastre. Pode ter sido assim no começo. Uns seres humanos que viram o mundo desaparecer não podem se recobrar rapidamente. Mas já se passaram vinte e um anos e aqui existem jovens que não conheceram a catástrofe.

Temos muito o que fazer. Necessitaremos de mais animais domésticos e de mais cães. Deveríamos nos alimentar dos nossos próprios cultivos, em vez de assaltar os velhos armazéns. Deveríamos ensinar os meninos a ler e escrever corretamente. Nenhum de vocês me apoiou. Mas não podemos viver como parasitas. É preciso avançar.

Fez uma pausa, buscando palavras que renovassem o velho aforismo “o que não avança, retrocede”, e houve um coro de aplausos. Ish pensou que os havia entusiasmado com sua

eloquência, mas viu logo em seguida que em quase todos os rostos havia um sorriso irônico.

— Um discurso velho, mas bom, papai — disse Roger.

Ish olhou-o com fúria. Chefe da Tribo há vinte e um anos, não lhe agradava que zombassem dele. Ezra começou a rir e a tensão desapareceu em seguida.

— Bem, faremos alguma coisa? — perguntou Ish — Talvez o discurso seja velho, mas continua sendo tão verdadeiro como antes.

Esperou. Jack, seu filho mais velho, sentado no chão, levantou-se pesadamente. Já era mais alto e mais forte que seu pai e tinha vários filhos.

— Desculpe, papai — disse, — mas tenho que ir.

— Por que? Para onde você vai? — perguntou Ish um pouco irritado.

— Tenho uma coisa a fazer esta tarde.

— Não pode esperar?

— Sim, talvez pudesse esperar — disse, colocando a mão no trinco. — Mas será melhor que eu vá.

Houve um momento de silêncio. Ouviu-se o barulho da porta que se abria e se fechava. Ish sentiu seu rosto queimar.

— Continue, Ish — disse alguém. E, apesar da sua ira, Ish reconheceu a voz de Ezra.

— Diga o que devemos fazer. Gosto das suas ideias.

Sim. Era a voz de Ezra. E Ezra, como de costume, tentava restabelecer a paz, pensou Ish, e até o adulava.

Ish serenou. Como negar a Jack sua independência? Jack era um homem agora, e não o menino que deve obedecer seu pai. Mas Ish ainda se sentia inquieto e tinha necessidade de falar. Pelo menos, o incidente podia se converter em tema de meditação.

— A atitude de Jack — disse — é um verdadeiro símbolo. Temos vivido dia a dia, todos esses anos, sem nos esforçar em

produzir alimentos nem ressuscitar a civilização material. Não é este, sem dúvida, o único aspecto da questão. A civilização não era somente uma coleção de artefatos. Era também uma organização social, um conjunto de normas, de leis, de hábitos individuais e sociais. De tudo isso só conservamos a família. É natural, suponho. Mas quando nosso número aumentar, a família não bastará. Se um menino vai por um mal caminho, os pais o corrigem. Mas quando o menino cresce, escapa da nossa tutela. Não temos leis, não somos nem uma democracia, em uma monarquia, nem uma ditadura, nem nada. Se alguém, Jack por exemplo, decide não assistir a uma reunião importante, ninguém pode impedi-lo. Embora votássemos e decidíssemos levar a cabo algum trabalho, não haveria uma forma de assegurar sua execução. Só podemos contar com a boa vontade.

Tinha terminado seu discurso, pensou Ish, sem nenhuma conclusão. Somente a cólera nascida pela partida de Jack havia inspirado suas palavras. Ignorava as regras da eloquência e raras vezes improvisava um discurso. Entretanto, todos haviam escutado com simpatia. Ezra foi o primeiro a expressar sua aprovação.

— É isso mesmo! — disse. — Que tempos maravilhosos aqueles. O que eu não daria para ligar o grande aparelho de rádio de George e ouvir de novo Charlie McCarthy! Lembra como o homenzinho brincava com o outro e como este lhe respondia?

Ezra pegou a moeda que era seu amuleto. Lançou-a no ar e pegou-a no voo, entusiasmado pela recordação dos velhos cômicos.

— E o cinema — continuou. — Uma pessoa pagava e se sentava tranquilamente. E as músicas dos filmes. E na tela se via Bob Hope e Dotty Lamour. Que tempos aqueles! Não poderíamos encontrar aqueles filmes e passá-los para os garoto? Como eles iam rir! Talvez até possamos descobrir algum filme de Chaplin!

Ezra pegou um cigarro, esfregou um fósforo e dele brotou uma pequena chama clara. Conservados em lugares secos, os fósforos pareciam não se estragar nunca. Mas ninguém sabia como se fabricavam. E cada vez que uma pequena chama se acendia, havia

um fósforo a menos. E Ezra pensava que o retorno da civilização era ressuscitar o cinema; e ao mesmo tempo acendia um fósforo.

— Se dois ou três rapazes me ajudarem — interveio George, — poderíamos ter o refrigerador aqui dentro de alguns dias.

George se calou. Ish supôs que ele não tinha mais o que dizer, pois não era muito eloquente. Mas para a surpresa de todos, ele prosseguiu:

— Mas essas leis de que você falava... Não sei. Não me desagrada viver em um lugar sem leis. Agora nós podemos fazer o que quiser. Você pode parar o automóvel onde lhe der na telha, até junto de um hidrante. Nenhum policial virá incomodá-lo. Bem, pode deixar o carro junto ao hidrante se você tiver um carro que funcione.

Era a primeira vez, pensou Ish, que George se permitia uma piada. George festejava sua gracinha agora com um fraco cacarejo. Os outros lhe fizeram coro. O nível de humor da Tribo nunca havia sido muito alto. Ish abriu a boca mas Ezra se adiantou.

— Muito bem, proponho um brinde — disse. — À lei e a ordem!

Os velhos receberam com um sorriso essa velha fórmula, mas para os jovens ela nada significava. Todos beberam e a conversa voltou à trivialidade que convinha a uma reunião mundana.

Depois de tudo, pensou Ish, esta é uma reunião mundana e a discussão dos problemas sérios está fora de lugar. Seu veemente pequeno discurso talvez desse frutos no futuro. Mas ele duvidava. Em outros tempo, se dizia que para se reparar o teto temos que esperar que chova. E agora as pessoas eram menos previdentes que antes. Continuariam assim até que um dia algum acontecimento desagradável, ou até grave, os obrigasse a agir.

Ish brindou com os outros e escutou a conversa distraidamente, enquanto seguia o fio dos seus próprios pensamentos. Tinha sido um dia importante. Havia gravado o número 21 na superfície lisa da rocha e o ano 22 tinha se iniciado. E o nome dado ao ano 21 parecia prometer um brilhante futuro para sua filha mais nova.

Voltou-se para Joey e viu que o garoto olhava para ele com admiração. Sim, somente Joey compreendia realmente.

Naquele sistema imenso e complexo de represas e túneis, de aquedutos e diques, que levava a água das montanhas para a cidade, um segmento do encanamento foi a falha fatal. Ainda na fábrica, já deviam ter notado suas imperfeições, mas o inspetor tinha revisado o tubo no fim de uma jornada esgotante, quando a fadiga obscurecia seus sentidos e seu julgamento.

O dano foi muito grande. Os trabalhadores instalaram o encanamento e este cumpriu suas funções. Poucos antes do Grande Desastre, um capataz notou naquela seção uma pequena perda de água. Soldaram o cano e não houve mais dificuldades.

Então passaram-se os anos sem que ninguém inspecionasse a seção. O delgado fio de água que brotava da fissura cresceu pouco a pouco. Mesmo nos verões mais secos o mato crescia junto ao cano; os pássaros e outros pequenos animais iam ali para beber. Enquanto isso, a ferrugem corroía a superfície externa e no interior atuava a ação corrosiva da água.

Por fim abriram-se alguns minúsculos orifícios na dura pele de aço. Cinco anos mais e nasce um riacho da terra, o único curso de água naquelas áridas regiões. A ferrugem havia esburacado o cano como uma colmeia.

Abaixo, o solo é macio e lamacento há muito tempo e os pés dos animais abriram uma pequena valeta. Por fim a erosão conclui sua tarefa: o chão onde se apoiava o pilar de cimento que sustentava o aqueduto agora é um pântano. O pilar afunda e o encanamento desgastado não suporta o peso da água. Uma longa rachadura abre-se no aço e uma torrente enche a valeta. O pilar desce um pouco mais. O encanamento se abre outra vez e a água que escapa do aqueduto agora corre como um rio.

Naquela mesma noite, Ish acabava de se deitar quando ouviram-se alguns disparos de armas de fogo. Ele levantou-se de um salto. Ouviu-se outra detonação e em seguida um estrondo de fuzilaria atroou na noite. A cama estremeceu suavemente. Em estava rindo.

— A piada de sempre — disse Ish, mais tranquilo.

— Desta vez você realmente se assustou.

— Estive pensando demais no futuro. Sim, meus nervos estão à flor da pele. Ouviu-se uma descarga cerrada, como em uma luta de guerrilha.

Ish deitou-se outra vez. Como nos anos anteriores, quando já não havia ninguém junto à fogueira, um dos rapazes tinha jogado algumas caixas de cartuchos nas cinzas quentes. As caixas tinham se queimado e agora os cartuchos explodiam. A brincadeira não era totalmente inofensiva, embora que naquela época o capim alto evitava qualquer perigo de incêndio. As pessoas, advertidas de antemão, mantinham-se longe das brasas.

Provavelmente, pensou Ish, a brincadeira era destinada a ele e todos ou outros estavam sabendo. E, bem, tinha mordido o anzol. Sentiu-se irritado, mas por razões mais sérias.

— Bemele disse a Em, continuamos como sempre. Caixas inteiras de cartuchos desperdiçados e ninguém sabe fabricá-los.

Vivemos em uma região infestada de pumas e touros selvagens e somente as armas de fogo podem nos proteger. E nos alimentamos de vacas, coelhos e codornizes que matamos a tiros.

Em não respondeu e Ish, irritado, pensou nas fogueiras. Imaginou as madeiras tiradas de alguma serraria e os rolos de papel higiênico. As caixas de fósforo davam formosas chamas azuis. Em outro tempo, aquela fogueira teria custado dez mil dólares. Hoje em dias esses materiais eram ainda mais preciosos, pois não podiam ser substituídos.

— Não se atormente, querido — sussurrou Em. — Está na hora de dormir.

Ish se aproximou dela e apoiou a cabeça em seu peito. E lhe pareceu que, como nas outras vezes, Em lhe transmitia força e confiança.

— Não estou me atormentando muito — disse ele. — Talvez eu devesse ver o futuro muito negro e imaginar que vivemos perigosamente.

Calou-se por um momento. Em não respondeu e Ish pensou em voz alta:

— Lembra? Eu dizia isso mesmo há muito tempo. Devemos criar e não viver de pilhagem. Não nos convém, inclusive psicologicamente. Eu já dizia isso antes de Jack nascer.

— Sim, eu me lembro. Você repetiu bastantes vezes. Entretanto, é muito mais fácil abrir uma lata de conservas, enquanto houver latas nos armazéns e lojas.

— Mas qualquer dia as reservas se esgotarão. Que farão então as pessoas?

— Então as pessoas resolverão o problema elas mesmas. Querido, eu lhe peço, não se atormente tanto. Seria diferente se aqui vivessem outros homens como você, homens que preveem o futuro. Mas todos nós somos pessoas comuns: Ezra, George e eu. Darwin disse, me parece, que descendíamos do chipanzé ou do orangotango. E creio que os chipanzés não pensam muito no futuro. Se descendêssemos de abelhas ou formigas, seríamos mais

previdentes; e se nossos antepassados fossem os esquilos, armazenaríamos nozes para o inverno.

— Talvez. Mas nos velhos tempos todos pensavam no futuro. Pense na civilização que chegaram a edificar.

— E desfrutavam dela, com Dotty sei lá das quantas e com Charlie McCarthy, como disse Ezra. Em mudou de assunto: — E essa pilhagem, como você chama, porque lhe atormenta tanto? Era tão diferente antes? Se você precisava de cobre, entrava em uma loja de ferragens e levava. Nos velhos tempos tiravam cobre nas montanhas. Minério de cobre, é certo, mas era a mesma pilhagem. Quanto aos alimentos, exploravam as riquezas do solo e as transformavam em trigo. Nós conseguimos o que precisamos nos armazéns. Não vejo uma grande diferença.

Esse raciocínio desconcertou Ish por um instante. Mas logo a seguir ele voltou à carga.

— Não, não era assim — disse. — Nossos predecessores criavam mais que nós. O mundo estava em contínua atividade. Produziam o que consumiam.

— Não estou tão certa disto — replicou Em. — Lembro de ter lido nos suplementos dominicais dos jornais que um dia se acabaria o coque e o petróleo; e o solo se esgotaria e não teríamos o que comer.

Uma longa experiência dizia a Ish que Em desejava dormir. Não respondeu. Mas não conseguiu conciliar o sono e ficou pensando. Lembrou das horas que tinham se seguido ao Grande Desastre, quando imaginava como ressuscitar a civilização. E suas reflexões filosóficas sobre a transformação do mundo. Algumas vezes o homem lutava tenazmente contra o meio; em outras, o meio mudava o homem. Somente uma inteligência muito poderosa podia impor-se ao mundo.

Lembrou então do pequeno Joey, o menino precoce de olhar claro, o único que parecia compreendê-lo inteiramente. Imaginou um Joey adolescente, a quem poderia falar sem reticências. E até preparou um discurso: Você Joey, e eu, lhe diria, somos da mesma

rama. Ezra, George e todos os demais são boa gente. Gente simples e normal. A humanidade precisa de muitos como eles, mas lhes falta a fagulha que acende o fogo. Nós somos essa fagulha!

E de Joey, lá em cima, Ish passou rapidamente em revista os outros, até chegar em Evie, lá em baixo. Não haviam se equivocado ao conservar Evie com eles? Havia um remédio para esses casos, recordou, a eutanásia. A morte misericordiosa, como diziam antes.

Mas naquele grupinho, quem podia arrogar-se o direito de suprimir um ser como Evie, mesmo que ela não conhecesse a felicidade nem fizesse ninguém feliz? A responsabilidade dessa decisão só podia recair sobre um chefe supremo. A simples autoridade de um pai americano ou a opinião de um grupo de amigos não bastava. Não com relação a Evie, talvez, mas nasceria uma organização e se agiria energicamente.

Viu com tanta clareza aquele mundo futuro, que se agitou bruscamente, como se já estivesse ordenando fazer frente a alguma eventualidade.

Em ainda não tinha dormido. O movimento de Ish a tinha despertado.

— Que está havendo, querido? — perguntou. — Está dando saltos como um filhote que sonha com um leão.

— Algum dia as coisas mudarão — disse Ish, como se Em tivesse seguido seus pensamentos.

— Sim, já sei — disse ela. — Temos que fazer alguma coisa. “Organizar-nos”, creio que é esta a palavra. Prevenir-nos para o futuro.

— Você adivinha pensamentos?

— Bem, querido, você já disse tantas vezes... É como uma ideia fixa. Sempre que chega um ano novo, George fala do refrigerador e você fala das mudanças e dos perigos. E nada ainda mudou.

— Sim, mas um dia acontecerá alguma coisa. É inevitável. Verá que tenho razão.

— Tem razão, querido. Continue se atormentando. Você não pode viver sem se preocupar. E me parece que essa preocupação não lhe causa danos.

Em não disse mais nada. Abraçou Ish e apertou-o contra seu corpo. Ish se tranquilizou e adormeceu.

No encanamento quebrado continua manando água, que forma um rio. Nem uma só gota chega aos depósitos. Ao mesmo tempo, por mil fissuras que apareceram no curso dos anos, pelas torneiras que ninguém fechou no momento do Grande Desastre, pelas fendas que o tremor de terra abriu, escorre constantemente a água e o nível desce nos depósitos.

2

Como Ish havia anunciado, nada foi feito. Passaram-se as semanas e nenhum homem se cansou tentando levar o refrigerador para o alto da colina, nenhuma enxada revolveu a terra. De vez em quando Ish ficava inquieto, mas no geral a vida seguia seu caminho e ele próprio se deixava arrastar pela despreocupação dos seus companheiros. Com seus velhos hábitos de pesquisador científico, mesmo mantendo-se à parte, continuava se perguntando o que aconteceria.

Às vezes pensava que o brusco desaparecimento da sociedade secular continuava afetando todos seus companheiros. A antropologia citava muitos exemplos similares. Os caçadores de cabeças e outros índios, privados das suas ocupações tradicionais, haviam perdido até a vontade de viver. As novas leis os proibiam de roubar cavalos ou de caçar baleias; e eles já nada desejavam. Outras vezes, um clima suave e abundância de alimentos tiravam do homem toda ideia de progresso. Assim, nos trópicos, em algumas ilhas dos mares do sul, os ilhéus se alimentavam exclusivamente de banana. Ou haveria outra causa?

Na realidade, Ish tentava resolver um problema que intrigava os filósofos desde os albores da civilização humana: o problema das forças dinâmicas da sociedade. Por que a sociedade se transforma? O estudioso Ish era mais afortunado que Cohelet, Platão, Malthus ou Toynbee. Tinha diante dos olhos uma sociedade reduzida que podia submeter-se a verdadeiras experiências de laboratório.

Não obstante, toda vez que alcançava este pondo do seu raciocínio, Ish sentia que a simplicidade era só aparente. Deixava de ser um sábio para se tornar um homem; e adotava uma atitude não muito distinta da de Em. Essa sociedade de San

Lupo não era o macrocosmos puro e simples de um filósofo, um pequeno aquário arrebatado ao oceano da humanidade. Não, era um grupo de indivíduos. Era Ezra, era Em, era os rapazes... sim, e Joey.

Se trocassem os indivíduos a situação já não seria a mesma. Bastaria trocar um só indivíduo. Por exemplo, no lugar de Em... Dotty Lamour. Ou então, no lugar de George, um dos grandes pensadores que havia conhecido na universidade, o professor Sauer. Tudo também seria diferente. Podia assegurar? Talvez não. Talvez o ambiente se impusesse a todos, inclusive aos gigantes.

Mas Em se equivocava quando temia que as preocupações trouxessem a Ish alguma úlcera ou uma doença nervosa. Ao contrário, apaixonando-se por suas observações, Ish se interessava mais ainda pela vida. Desde os dias do Grande Desastre, ele se havia atribuído o papel de testemunha em um mundo que havia perdido seus donos.

Tinham se passado vinte e um anos e as mudanças ainda eram lentas demais para que fossem visíveis de um dia para outro, ou mesmo de um mês para outro. O problema da sociedade sua adaptação, seu renascimento ocupava agora toda sua atenção.

E outra vez tinha que corrigir seu pensamento. Não podia nem devia limitar-se a ser um observador, um sábio. Platão e os outros filósofos tinham podido se permitir olhar o mundo e fazer comentários mais ou menos sarcásticos. Suas obras tinham influenciado as gerações futuras, mas não tinham sido responsáveis pelo desenvolvimento e crescimento da sociedade. Raramente o pensador tinha sido também um chefe: Marco Aurélio, Thomas Morus, Woodrow Wilson. Ish não se achava um chefe no sentido exato do termo, mas era um intelectual, um pensador de uma pequena comunidade. Inevitavelmente, os outros recorriam a ele para resolver as dificuldades; nos casos de grandes perigos, todos lhe pediam proteção.

Obcecado por essa ideia, tinha procurado muitas vezes na biblioteca municipal por biografias de pensadores que também tivessem sido chefes. A sorte desses homens não era invejável. Marco Aurélio havia se esgotado, em corpo e alma, em sangrentas

campanhas nas fronteiras do Danúbio. Thomas Morus tinha subido ao cadafalso; e mais tarde, destino irônico, tinha sido canonizado como mártir da Igreja. Aos olhos dos seus biógrafos, Wilson também tinha sido um mártir, mas nenhuma Igreja da paz o havia declarado santo. Não, o intelectual não havia se distinguido no poder. Entretanto, em uma sociedade que só contava com trinta e seis membros, Ish podia influenciar no futuro mais que um imperador, um chanceler ou um presidente dos velhos dias.

Na primeira semana do ano, chuvas torrenciais ajudaram a manter o nível da água nos tanques. Depois, um pouco antes que de costume, iniciou-se o período de seca dos meados do inverno.

Como o sangue de um leviatã que brotasse por milhares de orifícios, diminutos como picadas de alfinetes, a água vital escorreu pelas torneiras abertas, pelas conexões folgadas e pelos buracos do encanamento. E agora no tanque, onde o indicador móvel assinalava um nível de seis metros, só havia uma fina camada de água.

Naquele manhã, Ish despertou e viu que era um formoso dia de sol. Tinha dormido bem e sentia-se descansado. Em já tinha se levantado e os ruídos familiares que vinham da cozinha anunciavam que o desjejum não tardaria. Ficou deitado por alguns minutos, desfrutando do sem bem estar. Agradava-lhe ficar assim na cama; e não somente aos domingos, como antes. Na nova vida não consultavam os relógios ansiosamente e ninguém se apressava para tomar o trem das 7,53. Esta liberdade, desconhecida nos velhos tempos, convinha à independência do seu caráter.

Por fim se levantou e se barbeou. Não havia água quente, embora ele não precisasse. Um queixo hirsuto não teria perturbado ninguém, mas depois de fazer a barba sentia uma agradável sensação de limpeza e bem estar.

Vestiu então uma camisa limpa e calças de sarja azul, calçou chinelos cômodos e desceu para fazer o desjejum. Quando estava entrando na cozinha, em, com uma voz mais alta que de costume, dizia:

— Josey, minha pequena, por que não abre mais essa torneira?

— Mas mamãe, não pode abrir mais.

Ish entrou e viu Josey com a chaleira debaixo da torneira. A água caía gota a gota.

— Bom dia — cumprimentou. — Vou dizer a George para revisar o encanamento. Josey, vá buscar água na torneira do jardim.

Josey correu e Ish beijou Em e lhe falou dos seus planos para o dia. Após um instante, Josey voltou com a chaleira cheia.

— Saiu muita água no começo — disse, — mas acabou logo.

— Que chateação! — queixou-se Em — Não temos água para lavar os pratos.

Ish reconheceu o tom de voz. A situação era crítica e Em esperava que os homens a ajudassem.

Serviram o desjejum na sala de jantar. Ish sentou-se na cabeceira da mesa e Em em frente a ele. Agora só restavam quatro filhos em casa. Robert, de dezesseis anos, quase um homem segundo as normas da Tribo, estava em uma extremidade; ao seu lado sentava-se Walt, de doze anos, alto e ativo; em frente a ele, perto da porta da cozinha, Joey e Josey, que ajudavam a preparar o desjejum, pôr a mesa, servir e lavar as vasilhas.

Ish não pôde deixar de pensar que essa cena familiar não era muito diferente de outras dos velhos dias. Em sua juventude, certamente não havia desejado tantos filhos. Mas a família continuava sendo a mesma, como em todos os tempos e em todas sociedades: o pai, a mãe e os filhos; uma célula mais básica e biológica que social. Afinal, pensou, a família era a mais duradoura de todas as instituições. Havia precedido a civilização e agora sobrevivia a ela...

Havia suco de grapefruit, engarrafado, claro. Ish duvidava que aqueles sucos insípidos ainda conservassem alguma vitamina. Mas mesmo assim eram refrescantes e pelo menos não causavam danos. Não havia ovos, pois as galinhas não tinham sobrevivido ao Grande Desastre. Tampouco havia presunto, difícil de encontrar, e

não se viam porcos nos arredores. O presunto tinha sido substituído com vantagem, mesmo para o gosto de Ish, por saborosas costeletas de boi. Os meninos preferiam isto a qualquer outro alimento.

Acostumados desde sua infância a se alimentarem de carne, eram definitivamente carnívoros. Ish, em troca, preferia torradas e cereais. Mas como os ratos e os vermes tinham devorado os pacotes de farinha e de aveia, contentavam-se com sopas de sêmola de milho. Colocavam leite condensado na sêmola e a adoçavam com algum xarope, pois os ratos e a umidade tinham acabado com o açúcar. Os adultos também bebiam café. Ish colocava leite e xarope no seu; Em preferia amargo e preto. O café, assim como o suco de grapefruit, tinha perdido quase todo seu aroma.

Esse desjejum tinha sido adotado pouco a pouco. Era bastante satisfatório e, para acrescentar-lhe vitaminas, comiam frutas frescas. Além das geadas, os insetos e os coelhos tinham devastado as hortas e eles tinham que recorrer a morangos e framboesas silvestres, maçãs não muito bichadas e ameixas ácidas que cresciam nas árvores silvestres.

Quando Ish terminou de tomar o café da manhã, sentou-se em uma poltrona, pegou um cigarro e o acendeu. Mas os cigarros não tinham suportado bem a prova do tempo. Já não se encontrava mais latas de cigarros e os pacotes comuns estavam muito secos. Tinham que umedecê-los, as às vezes então pareciam muito úmidos. Era isso que acontecia com o cigarro que Ish tinha nos lábios. Por outro lado, não tinha a consciência tranquila e não conseguia fumar em paz.

Na cozinha, em e os gêmeos pareciam estar se queixando e ele deduziu que não tinham água. Será melhor que eu vá ver George e lhe pedir que limpe o encanamento, pensou. Levantou-se e saiu para a rua.

Mas antes de ir procurar George parou na casa de Ezra. Não porque Ezra soubesse consertar alguma coisa ou precisasse dele para tratar com George; mas lhe agradava sua companhia. Chamou e Jean chegou na porta.

— Ez não está — disse a mulher. — Esta semana ele está na casa de Molly.

Ish ficou um pouco perturbado, como ficava cada vez que se encontrava com a prática real da bigamia. Assombrosamente, Jean e Molly eram grandes amigas e se ajudavam nos afazeres domésticos. Era um triunfo daquela virtude de Ezra, capaz de se entender com todos e de criar ao seu redor uma atmosfera de afabilidade.

Ish deu meia volta, mas logo se lembrou do propósito da sua visita a George e voltou outra vez.

— Jean — disse, — há água nas torneiras?

— Não — respondeu Jean. — Não. Um fio, nada mais.

Jean fechou a porta e Ish desceu a escada da varanda e foi para a casa de Molly. Sentiu um leve calafrio.

Molly não estava com dificuldades com suas torneiras. Mas sua casa estava em uma rua mais baixa e podia haver um pouco de água no encanamento.

Ish e Ezra foram juntos ver George, que vivia em uma casa elegante e bem cuidada, protegida por uma grade recém pintada. Maurine os fez passar para a sala e convidou-os a se sentarem enquanto ia buscar George, que estava consertando alguma coisa. Ish sentou-se em uma poltrona fofa de veludo. Depois, como sempre, olhou ao redor, sentindo outra vez o mesmo assombro e um prazer quase perverso. Essa sala de George e Maurine correspondia exatamente aos ideais de um próspero carpinteiro dos velhos tempos. Havia lustres elétricos com telas de miçangas rosadas, um luxuoso relógio elétrico, um magnífico aparelho de rádio de quatro faixas de frequência e um aparelho de televisão. Nas duas mesas havia porta-revistas artisticamente dispostas e em uma delas via-se uma pilha de revistas populares.

As lâmpadas não iluminavam, pois não havia eletricidade, e os ponteiros do relógio elétrico marcavam eternamente 12:17h. As revistas eram de pelo menos vinte anos atrás. O aparelho de rádio nada podia transmitir, mesmo que houvesse corrente.

Mas todos esses objetos eram símbolo de prosperidade. Nos velhos dias, George tinha sido carpinteiro. A posição econômica do marido de Maurine devia ter sido similar. Sempre haviam desejado ter lustres, relógios elétricos e aparelhos de rádio. E agora que estavam ao seu alcance, eles os haviam trazido para casa. À noite Maurine acendia uma lamparina a óleo e punha um disco no fonógrafo manual. Era ridículo e também um pouco emocionante.

Ish se lembrou de um comentário de Em: “Nos velhos tempos, lembra, tinha dito Em, as pessoas colocavam um piano na sala, às vezes um piano de cauda, embora ninguém na casa soubesse nada de música.

E eles tinham uma coleção daqueles livros... os clássicos de Harvard, que não liam jamais. E instalaram uma lareira sem chaminé. Queria mostrar que podiam se permitir aqueles luxos. Eram o símbolo do êxito. Esses lustres de George e Maurine não são outra coisa além disso, embora não iluminassem.

As pisadas de George ressoaram no vestíbulo e sua silhueta maciça apareceu na porta. Trazia uma chave inglesa na mão e estava vestido com seu costumeiro traje de carpinteiro, amassado e manchado de tinta. Poderia colocar uma roupa nova todos os dias, mas se sentia mais cômodo com roupa usada.

— Olá, George — disse Ezra, que sempre falava antes de todos.

— Bom dia, George — disse Ish.

George movimentou a boca por um instante, como se procurasse palavras mais adequadas. Por fim se decidiu:

— Bom dia, Ish... Bom dia, Ezra.

— Escute, George — prosseguiu Ish. — Não tem água na minha casa nem na de Jean. E aqui?

Uma pausa.

— Aqui também não — respondeu por fim George.

— E então? — perguntou Ish, o que você acha?

George hesitou. Moveu a boca como se tivesse entre os lábios um cigarro imaginário. Sua estupidez era exasperante. Mas Ish

dominou sua irritação, pois George era um bom homem, sempre disposto a ajudar.

— E então — repetiu Ish, — o que acha, George?

— Bem, se lá em cima tampouco tem água, é inútil eu tentar desentupir meu encanamento. Alguma coisa aconteceu no cano principal.

Ezra olhou para Ish de lado e a sombra de um sorriso desenhou-se em seus lábios. A conclusão de George era óbvia demais, ou pelo menos parecia notável.

— Talvez você tenha razão, George — disse Ish, — mas o que vamos fazer: Antes de responder, George moveu o cigarro para o outro lado da boca.

— Não sei.

Como Em, George achava que essa dificuldade não era da sua incumbência. Se lhe pedissem para consertar uma torneira folgada ou totalmente entupida, ele se poria imediatamente a trabalhar. Mas ele não era um mecânico e menos ainda um engenheiro. Como sempre, Ish era a pessoa indicada.

— De onde vinha a água? — perguntou Ish de repente.

Os outros se calaram. Era curioso, tinham usado a água durante vinte anos sem se perguntarem de onde saía. Era um dom do passado, tão gratuito como o ar, as caixas de fava e as garrafas de molho de tomate que se empilhavam nos supermercados. Ish tinha se perguntado uma vez, vagamente, por quanto tempo correria a água e o que deveriam fazer para assegurar novas reservas. Mas não tinha tomado nenhuma decisão. A água não acabaria da manhã para a noite e não havia pressa. Pela primeira vez tinha uma razão imediata para dizer: "Temos que nos ocupar das reservas de água".

Interrogou sucessivamente, com o olhar, George e Ezra, e não obteve resposta. George se apoiava, ora em um pé, ora em outro. Os olhos maliciosos de Ezra pareciam dizer que aquele não era seu terreno. Ezra conhecia as pessoas. Vendedor em uma loja de vinhos, sem dúvida sabia fazer piadas com seus clientes e vender-

lhes as marcas que mais favoreciam a casa. Mas, quanto a ideias, Ish era superior a ele.

E Ish compreendeu que devia responder a sua própria pergunta.

— Com certeza, a água vem da velha rede da cidade — disse.

— Quer dizer, vinha. Acho que o melhor será subir nos depósitos para ver se tem água.

— Muito bem — disse Ezra, sempre de acordo. — E se falássemos com os rapazes?

— Não — disse Ish. — Se fosse uma excursão de pesca, tudo bem, mas eles não entendem nada de reservas de água.

Saíram, chamaram os cachorros e prepararam os arneses. Os depósitos estavam a uns mil e quinhentos metros, mas desde o seu encontro com o puma, Ish não fazia longas caminhadas e os anos tinham endurecido as pernas de George.

Os preparativos foram bastante demorados. Em ocasiões semelhantes, Ish lamentava que a arte de domar cavalos tivesse sido perdida. Não havia cavalos selvagens nas cercanias, mas deviam abundar no vale de San Joaquim. Infelizmente, os três homens eram pessoas acostumadas aos automóveis e não sabiam tratar com cavalos. Os cães eram mais convenientes; exigiam menos cuidados e comiam qualquer pedaço de carne. Os cavalos, em troca, precisavam de bons pastos e tinham que ser protegidos das raposas e dos pumas. Enfim, na falta de automóveis, os carrinhos puxados por cães satisfaziam as modestas necessidades da Tribo; e George se sentia feliz fazendo e consertando os carrinhos.

Durante algum tempo, quando se sentava em um daqueles veículos puxados por quatro cães, Ish achava estar participando de uma grotesca cavalgada e dando um espetáculo ridículo. Mas os outros não tinham tantos escrúpulos e, pouco a pouco, ele havia se habituado. Não tinha existido antes os trenós de cães? E por que não carrinhos?

Deixaram os cães no pé da última ladeira e subiram pelo velho caminho, abrindo caminho entre os espinhos. Inclinarão-se sobre o

depósito. Havia somente uma pequena camada de água em dois ou três lugares baixos e o encanamento de drenagem tinha ficado no ar. Olharam longamente e Ezra suspirou:

— Então era isso.

Fizeram alguns planos, mas sem interesse nem convicção. A estação das chuvas estava chegando ao fim e havia poucas chances de que a água enchesse outra vez o depósito.

Desceram pelo caminho, subiram nos carrinhos e voltaram para casa.

Ao se aproximarem, os cães dos carrinhos puseram-se a latir e os que tinham ficado nas casas lhes fizeram coro. Toda a colônia havia se reunido na casa de Ish. Quando Ish lhes comunicou a notícia, os rostos dos mais velhos se ensombreceram. E um menino, jovem demais para apreciar a gravidade das circunstâncias, começou a chorar.

Todos falavam ao mesmo tempo. Ninguém temia morrer de sede, mas as mulheres não conseguiam admitir que não haveria mais água nos banheiros, não em apenas um dia, mas nunca mais. Era voltar ao estado selvagem.

Somente Marine aceitou a catástrofe resignada.

— Passei meus primeiros dezoito anos de vida em uma fazenda de Dakota — declarou. — Nunca vi um sanitário, exceto em algum domingo na cidade; e tínhamos que sair de casa. No fim, papai nos levou todos para a Califórnia no velho automóvel, mas eu achava que isso não podia durar e que logo teríamos que sair outra vez, embora debaixo de chuva ou neve. Os sanitários estavam muito bem, mas isso acabou. Agradeço a Deus que o tempo aqui não seja tão frio como em Dakota.

O problema da água potável preocupava sobretudo os homens. A princípio, como velhos cidadãos, pensaram em reunir todas as garrafas de água mineral que pudessem encontrar nos armazéns e nas lojas. Mas logo compreenderam que, mesmo no verão, a água não faltaria. Apesar dos longos períodos de seca, a região era um deserto e havia riachos nos cânions, aos quais até então ninguém tinha prestado atenção, onde bebiam as vacas e outros animais.

Precisamente nesse ponto assomou a diferença entre a velha e a nova geração. Ish, um geógrafo, não sabia se havia um manancial ou um rio nos arredores, embora pudesse localizar qualquer lugar pelos nomes das ruas. Os jovens, ao contrário, podiam indicar rios, lagoas e fontes. Ignoravam os nomes das ruas, mas se orientavam sem hesitação.

Ish descobriu então que seu filho Walt lhe avisava sobre a existência de um riacho que ele nunca tinha notado, pois suas águas se perdiam nos esgotos sob San Lupo. Logo a consternação inicial se transformou em alegria febril. Os mais jovens foram com os carrinhos encher latas de vinte litros no manancial vizinho. Os mais velhos se puseram a cavar poços que substituiriam os sanitários.

O entusiasmo durou por várias horas e a obra realizada foi considerável. Mas ninguém estava acostumado a manejar a picareta e a pá. E ao meio-dia todos estavam se queixando de bolhas e de cansaço. Quando se separaram para almoçar, Ish compreendeu que ninguém voltaria ao trabalho. Tinham outros projetos: excursões de pesca, matar um touro que podia ser perigoso, caçar codornizes para a ceia. Por outro lado, os jovens tinham trazido água bastante para satisfazer as necessidades imediatas. Pelo menos psicologicamente, havia uma enorme diferença entre um pouco de água e nada de água. A presença de um recipiente de vinte litros na cozinha apagava todas as inquietações.

Depois do almoço, Ish sentou-se outra vez em uma poltrona com um cigarro. Não tinha vontade alguma de continuar o trabalho sozinho. No manual de moral poderia ser um bom exemplo, mas na prática ele se cobriria de ridículo.

O pequeno Joey aproximou-se balançando-se nervosamente sobre um e outro pé.

— O que você quer, Joey? — perguntou Ish.

— Não vamos trabalhar mais um pouco?

— Não, Joey, não esta tarde.

Joey continuava se balançando. Seu olhar passeou pela sala e fixou-se outra vez em seu pai.

— Vá brincar, Joey — disse Ish com doçura. — Está tudo bem. Eu lhe darei a lição na hora de sempre.

Joey se foi, mas sua muda simpatia havia emocionado Ish. O menino não podia compreender todos os problemas, mas sua viva inteligência lhe dizia que seu pai não estava satisfeito, embora não tivesse discutido com os outros. Si, Joey era o predestinado.

Desde que Ish havia tido essa ideia no dia do ano novo, havia multiplicado as lições e Joey estudava com avidez. Até podia temer-se que ele se transformasse em um pedante. Ademais, ele não mostrava nenhuma das virtudes do chefe e Ish frequentemente ficava na dúvida. Este pequeno incidente, por

exemplo, podia revelar intuição e previsão, ou o simples desejo de reunir os meninos da sua idade, mais hábeis que ele nos jogos, e sentir-se seguro junto ao seu pai.

Ish esperava que os outros meninos não notassem seu carinho por Joey. Um pai não tem direito a preferências, mas seu caçula como havia se revelado de repente era a encarnação dos seus sonhos. Oh, por que se preocupar tanto, pensou. E de repente foi como se estivesse explicando tudo a Em. "No dia do ano novo me pareceu que Joey era o eleito. Agora não estou tão seguro. Talvez seja somente os sentimentos de um pai para com seu filho mais novo. É possível que um dia eu brigue com ele como com Walt. Mas eu tenho esperanças. Os outros nunca demonstraram essa inteligência, essa vivacidade de espírito. Não, sei. Quisera saber. Continuarei testando."

Acendeu outro cigarro mas logo se sentiu irritado. Ele próprio não havia mostrado muita inteligência. Há anos que repetia que alguma coisa grave ia acontecer. Os outros riam dele, profeta das desgraças, e seus oráculos nunca se cumpriam. E naquela manhã tinha acontecido! De repente havia caído um raio sobre a Tribo. Podia lembrar das caras espantadas, quando Ezra, George e ele haviam trazido as notícias. Havia sido o momento de lembrar suas profecias, de meter o dedo na chaga. Devia ter pintado o futuro com cores mais negras. Talvez assim tivesse conseguido algo.

Na realidade e talvez ele tivesse compartilhado a consternação dos outros, todos tinham procurado as soluções mais fáceis e haviam ocultado a realidade com a despreocupação de costume. Ou, recorrendo a uma velha comparação bastante adequada, o problema havia resvalado sobre eles "como a água sobre o lombo de um pato". Quatro ou cinco horas depois, todos haviam esquecido a ameaça para se dedicarem aos prazeres de sempre. Na aparência, pelo menos. Com certeza todos ainda estavam surpresos e inquietos. Uns tinham ido pescar, outros caçar codornizes. Ish já tinha ouvido dois disparos de escopeta. Mas provavelmente eles sentiam um mal-estar, um remorso. Regressariam ao entardecer, talvez mais fatigados, e o momento

seria favorável. Ish os reuniria. O ferro estava ao vermelho vivo, mas seria possível esquentá-lo mais um pouco.

Então, com uma certa inconseqüência, esmagou o cigarro e abandonou-se ao descaso; livre de toda preocupação, comodamente estirado no sofá.

Que agradável, pensou. É como...

Em um desses dias, os homens olham para o mar e gritam:

— Um barco! Um barco! Não está vendo a fumaça da chaminé?

Sim, ele vem para cá e todos se regozijam e dizem alegremente:

— Por que desconfiamos? A civilização não podia ter se perdido totalmente, era insensato... Sim, eu sempre disse... Na Austrália, ou na África do Sul, em alguma região solitária do norte, ou em alguma das ilhas...

Mas não era navio algum e sim uma nuvenzinha no horizonte.

Ou alguém desperta da sua sesta e levanta os olhos.

— Sim! Eu sabia que não tardaria! É o motor de um avião... Não estou enganado. Mas são os gafanhotos nas ervas daninhas. Não há aviões no céu.

Ou algum outro equipa um aparelho de rádio com baterias e, com os fones, procura por uma estação.

— Sim — exclama de repente. — Silêncio... Aqui está! Exatamente na frequência 920! Alguém está falando... Eu escuto muito bem, parece espanhol... Ah, agora se perdeu...

Mas não existem vozes no ar, e sim o eco de uma tormenta distante.

Sim, que agradável, pensou Ish estirado no sofá.

E de repente um sobressalto! Na rua ouvem-se duas detonações; o cano de escape de um poderoso caminhão que ocupa quase metade da rua. É um lindo caminhão pintado de vermelhos e com adornos azuis; e na carroceria aparecem letras brancas: U.S.GOV.T. Desce um homem, é o motorista, que entretanto usa... roupas que convêm à sua hierarquia: terno de etiqueta e chapéu de copa. O recém-chegado não pronuncia uma sílaba, mas Ish sabe que ele é o governador da Califórnia. E sente

uma inefável felicidade. Este homem representa a segurança, a autoridade constituída. Vem socorrer umas pobres pessoas afundadas nas trevas. Ish já não é um menino fraco e abandonado em um mundo hostil.

Essa felicidade excessiva o despertou. Tem as palmas das mãos úmidas; o coração bate no peito. Está na sala familiar. Sua felicidade se extingue como a chama de uma vela e sente uma desolação indizível.

Por fim pareceu despertar de todo e a desolação também desapareceu. Quantas vezes, no curso daqueles vinte e um anos, havia tido este sonho em diferentes formas, embora não nos primeiros anos; a sensação de solidão e insegurança pareciam ter crescido progressivamente. E o nascimento dos meninos não tinha conseguido impedi-lo.

Sentiu-se voltar outra vez à realidade e se mexeu na poltrona. De acordo com a posição do sol, achou que tinha dormido uma hora. Ouviram-se outros disparos. Os caçadores de codornizes, disse a si mesmo, com um sorriso fraco. Era essa a origem dos ruídos do caminhão. Bem, convocaria a reunião esta noite.

Os recipientes de água estavam quase vazios ao terminar o dia, mas pelo menos ninguém tinha passado sede. À noite, os mais velhos, e também Robert e Richard, de dezesseis anos, atenderam o convite de Ish. Ninguém parecia muito inquieto. Quase todos opinavam que a melhor solução era cavar um poço em San Lupo e não se mudarem para perto de um manancial. Sim, seria necessário vigiar a higiene e instruir os meninos.

A assembleia não tinha presidente. De vez em quando alguém pedia um conselho a Ish, reconhecendo sua superioridade intelectual, ou simplesmente por cortesia ao dono da casa. Ninguém tomava notas. Por outro lado, não tinha sido apresentado nenhuma moção, nem tinha sido votado nenhum projeto. A reunião era mais mundana que parlamentar. Ish escutava.

- Mas como saber que o poço dará água?
- Não seria um poço se não tivesse água.
- Bom, esse buraco na terra, se você prefere.

— Está certo!

— Seria melhor puxar um cano de um rio ou de um manancial e uni-lo ao nosso encanamento.

— Qual sua opinião, George? Acha que está bem?

— Sim, sim... acho... Sim... acho que poderia.

— O pior é que precisamos de água agora mesmo.

— Seria preciso levantar uma represa de terra para conter as águas do manancial.

— Não é impossível.

— Não, mas seria um bom trabalho.

A conversa saltava de um tema para outro e Ish sentia-se cada vez mais perturbado. Naquele dia havia sido dado um passo atrás, talvez definitivo. De repente notou que tinha se levantado e que estava fazendo um verdadeiro discurso para as dez pessoas do grupo.

— Este acidente não devia ter acontecido — declarou. — Nos deixamos surpreender. Nesses últimos seis meses deveríamos ter notado que a água estava baixando nos reservatórios, mas não nos demos ao trabalho de olhar. E aqui estamos, presos. Retrocedemos vários séculos e talvez não possamos recuperar o que perdemos. Cometemos erros demais. É preciso que os meninos aprendam a ler e a escrever. Ninguém me apoiou. É preciso enviar uma expedição para saber o que está acontecendo no mundo. Não é prudente ignorar o que está acontecendo do outro lado da montanha. Devíamos ter mais animais domésticos, galinhas por exemplo. Deveríamos produzir o que comemos...

E nesse momento, quando Ish já começava a se sentir arrebatado por sua própria oratória, alguém aplaudiu. Ish se calou, agradecido. Mas então ouviu que todos riam alegremente e compreendeu outra vez que o aplauso era puramente irônico.

— O bom velho! Outra vez com seu discurso! — disse um dos rapazes. E outro entoou:

— George vai falar do refrigerador:

Ish riu com os demais. Desta vez não se sentia irritado, mas tinha pena de ter se repetido. Tinha fracassado outra vez. Ezra se apressou a tomar a palavra. O bom Ezra, sempre disposto a ajudar seus amigos.

— Sim — disse, — o velho discurso mas com algo novo. Que lhes parecer enviarmos uma expedição?

Para a surpresa de Ish, iniciou-se uma acalorada discussão. Decididamente, pensou ele, as reações dos seres humanos, sobretudo quando pertencem a um grupo, são imprevisíveis. A ideia da expedição havia-lhe ocorrido espontaneamente e talvez houvesse nascido dos acontecimentos do dia e dos tristes resultados do descuido geral. Para ele era a menos importante das suas sugestões, mas tinha despertado a imaginação do grupo. Todos a aceitaram e Ish uniu-se a eles. Pelo menos era um modo de sacudir a apatia da Tribo.

Logo se deixou tomar pelo entusiasmo. Sua ideia inicial era simplesmente a de explorar a região em torno de uns cinquenta quilômetros quadrados, mas os outros tinham atribuído a ela projetos mais ambiciosos. E ele os apoiou. Logo todos estavam falando sobre uma expedição transcontinental.

Lewis e Clark ao inverso, pensou Ish, mas não disse nada. Quantos dos presentes conheciam os nomes de Lewis e Clark?^{6}

A conversa continuou animada.

— Longe demais para ir a pé!

— Ou mesmo com cães.

— Os cavalos seriam mais inúteis, isso se tivéssemos algum.

— Com certeza existem muitos no vale.

— Mas teríamos que capturá-los e domá-los.

De repente Ish lembrou do seu sonho habitual, o que havia tido aquela mesma tarde. Como poderiam saber realmente se o governo tinha desaparecido? Talvez tivesse se formado outra vez.

Ainda pequeno e fraco, não tinha podido se comunicar com a costa oeste. Mas a Tribo podia tentar algum contato.

Curiosamente, todos queriam ir. Os homens, ao que parece, não podiam estar quietos, sempre ansiosos por novos cenários. Mas era necessário escolher. Ish foi eliminado e não protestou, pois desde que tinha sido ferido pelo puma, custava-lhe muito se mover. George era muito velho. Ezra, apesar dos seus protestos, não foi aceito, pois não sabia disparar um fuzil e não conhecia a arte de viver no campo. Quanto aos rapazes, todos, exceto eles próprios, declararam em coro que suas mulheres e seus filhos precisavam deles. Por fim a escolha recaiu sobre Robert e Richard, ainda adolescentes, mas capazes de cuidar deles próprios. As mães — Em e Molly — não pareciam muito convencidas, mas o entusiasmo geral anulou qualquer objeção. Robert e Richard estavam contentíssimos.

Algumas questões ainda tinham que ser resolvidas: o itinerário e o meio de transporte. Há anos que ninguém andava de automóvel e ao longo da avenida San Lupo via-se uma fila de carros com os pneus murchos, onde os meninos brincavam. Nas ruas e avenidas havia árvores caídas e restos de chaminés, lembrança do último terremoto. Por outro lado, os jovens não conheciam o prazer de devorar quilômetros e quilômetros sem outro trabalho além de mover alguns dispositivos. E aonde ir, mesmo com um Rolls Royce? Nenhum amigo esperava nos outros bairros da cidade, nem nenhum cinema. Para levar caixas de conservas ou para as excursões de pesca na margem da baía, bastavam os carrinhos de cães.

Mas os fundadores da Tribo afirmavam que era possível consertar um automóvel e fazê-lo percorrer longas distâncias, mesmo com os pneus murchos. Bastava dirigir a baixa velocidade, quarenta quilômetros por hora, algo enorme, se comparado à velocidade que os cães alcançavam. Em uma palavra, podia-se chegar a New York, pelo menos se as rodovias estivessem transitáveis.

Só faltava resolver a segunda dificuldade: o itinerário. Ish estava em seu elemento e mostrou seus conhecimentos geográficos. A leste, na Sierra Nevada, as árvores e os deslizamentos de terra tinham obstruído todos os caminhos; provavelmente as rotas no norte não estavam melhor. O sul oferecia mais possibilidades. Era a rota que Ish tinha escolhido vinte anos antes para chegar a New York. Os caminhos do deserto não teriam mudado muito. As pontes do rio Colorado podiam ter desabado. Mas só havia um modo de sabê-lo: indo até lá.

Com uma crescente emoção e ajudado por velhos mapas de viagens, Ish traçou o itinerário. Depois do Colorado os viajantes não teriam montanhas muito íngremes nem grandes rios. Somente o Rio Grande em Albuquerque. Em seguida, atravessadas as montanhas, chegariam às altas planícies e poderiam escolher entre vários caminhos. A gasolina não era problema, pois encontrariam em todos lugares. Uma vez nas planícies, atravessariam sem dificuldades o Mississippi e o Missouri. As grandes pontes de arco eram sólidas, conforme provava a ponte da baía.

— Que aventura! — exclamou Ish — Eu daria o que quer que fosse para acompanhá-los. Vocês devem procurar sobreviventes. Não um ou dois, e sim comunidades. Verão como os outros grupos resolveram suas dificuldades e recomeçaram a sobreviver.

Mas depois do Mississippi, voltando ao itinerário, começavam as conjecturas. Era uma região de florestas e os caminhos talvez estivessem obstruídos. A menos que os incêndios não tivessem acabado com as árvores, sobretudo em Illinois. Uma vez ali, decidiriam o que fazer.

As velas tinham se consumido. O relógio marcava dez horas, ou o que correspondia aproximadamente, no velho horário. De vez em quando Ish acertava seu relógio de acordo com o sol e todos o consultavam para acertar seus próprios relógios. Era bastante tarde para pessoas privadas de eletricidade e acostumada a deitar e acordar com o sol. Então todos se levantaram e se despediram.

Quando ficaram sós, Ish e Em mandaram Robert para a cama e arrumaram um pouco a sala. Ish sentiu uma certa nostalgia.

Tantas mudanças! E no entanto as aparências eram as mesmas. Retornavam os grandes dias.

O garotinho que tinha ido se deitar era ele, e não Robert. Tantas vezes, espiando entre os barrotes da escada, como Robert fazia, sem dúvida, tinha olhado seus pais que esvaziavam os cinzeiros, batiam as almofadas, colocavam tudo em seus lugares, para que na manhã seguinte não vissem o triste espetáculo de uma casa em desordem. Era um agradável interlúdio familiar que encerrava a jornada e acalmava os nervos, depois do barulho das conversas.

Concluída a tarefa, sentaram-se no divã para fumar um último cigarro. Ish não conseguia esquecer os acontecimentos do dia. As conclusões não tinham sido de acordo com seus planos, mas sentia que tinha conseguido uma vitória.

— As comunicações — disse ele. — As comunicações são o essencial. É provado pela história. Quando uma nação ou uma sociedade se isolam, deixam de progredir e degeneram. São como George e Maurine, que amontoam todo tipo de objetos sem propósito algum. Assim aconteceu na China e no Egito. Mas quando asseguram as comunicações, o mecanismo do progresso pôs-se outra vez em marcha. O mesmo acontecerá conosco.

Em estava calada e Ish pensou que ela não aprovava totalmente seu discurso.

— Em que está pensando, querida?

— Estou pensando que os índios não se alegraram muito em poderem se comunicar com os brancos, nem meus antepassados da costa africana em conhecerem os negreiros.

— Sim, mas talvez isto também me dê razão. Que diria você se em uma manhã descessem da montanha alguns negreiros, sem que nós suspeitássemos da sua existência? Não teria sido melhor que os índios tivessem enviado exploradores à Europa, preparando-se para receber os homens brancos que chegaram com cavalos e fuzis?

Ish sentia-se orgulhoso da sua resposta. A política de Em consistia em deixar as coisas passarem e viver na ignorância. Essa

filosofia podia levar ao desastre.

— Oh, talvez, talvez — murmurou Em.

— Está lembrada? — disse Ish. — Eu digo isso há muito tempo. É necessário criar e não viver da pilhagem. Eu já dizia isto quando esperávamos o primeiro filho.

— Sim, eu me lembro. Você disse isto mil vezes. Mas mesmo assim é mais fácil abrir latas de conserva.

— Mas as latas de conserva algum dia se acabarão. E não podemos ficar desprevenidos, como com a falta de água.

3

Quando Ish acordou na manhã seguinte, Em já havia se levantado. Descansou por algum tempo, imóvel, tranquilo e feliz. Então, de repente se pegou refletindo e fazendo planos. Após alguns instantes, sentiu-se de mau humor. Estou pensando demais, disse a si mesmo.

Por que ele não podia, como os outros, sentir-se satisfeito e feliz sem se atormentar com o futuro e imaginando constantemente o que aconteceria nas próximas vinte e quatro horas, ou nos próximos vinte e quatro anos? Por que não podia desfrutar de sessenta segundos de calma? Não, sua mente era um contínuo torvelinho, uma máquina. Uma máquina? Já era justamente o temo de se pensar em máquinas.

Aquela serena felicidade entre a vigília e o sono havia se desvanecido. Empurrou a manta com uma mãozada. A manhã estava clara e ensolarada. Embora fazendo frio, saiu para o balcãozinho e ficou olhando para o oeste. Com o correr dos anos as árvores tinham crescido, mas ainda via o cume da montanha e a baía com as duas grandes pontes.

Para os meninos, as pontes não eram diferentes das colinas ou das árvores. Estavam ali, e isso era tudo. Mas para ele, Ish, as pontes eram testemunhas do poder e da glória da civilização morta. Assim mesmo em outro tempo, algum bárbaro, borgonhês ou saxão, teria contemplado um aqueduto ou um arco do triunfo romanos.

Não, a comparação não era exata. O bárbaro teria se contentado com suas tradições; era dono do seu próprio mundo. Ele, Ish, se parecia mais com um último sobrevivente do mundo romano — senador ou filósofo — confundido entre os bárbaros, que medita

diante das ruínas de uma cidade deserta, ansioso e indeciso, pois sabe que não entrará outra vez seus amigos nos banhos, nem verá as coortes desfilarem pelas ruas.

A história se repete, pensou, mas sempre vem com variantes.

Sim, constantemente pensava no passado distante. A história não se repetia como um menino lerdo repete uma e outra vez sua tabuada de multiplicar. Como um artista, conservava a ideia, mas mudava os detalhes; como um compositor que desenvolve variações sobre um mesmo tema, sussurra-o em tom menor, retoma-o em um tom mais grave, o faz cantar nos violinos ou explodir nas trombetas.

Estava de pé, de pijama, no balcãozinho e sentia a brisa que lhe acariciava o rosto. Aspirou profundamente e notou que o próprio cheiro do ar havia mudado. Nos velhos dias, a pessoa quase nunca notava o cheiro característico da cidade; gasolina, comidas, lixo, e até o suor humano. Agora o ar tinha essa pureza dos campos e das pradarias montanhosas.

Mas as pontes! Olhou-as como se buscasse uma luz nas trevas. Há anos que não ia à Golden Gate. A pé, ou mesmo em um carrinho, o a distância era considerável e teria que descansar por uma noite. A aparência da ponte não havia mudado. Lembrou como tinha sido em outros tempos: seis fileiras de automóveis, caminhões, ônibus, trens elétricos que corriam ruidosamente pelo nível inferior. Agora só havia um carro na ponte, o cupê abandonado na extremidade oeste. A licença do condutor ainda pendia do volante: Josh S. Robertson (ou talvez James T., não se recordava), rua tal, número tal, de Oakland. Os pneus haviam murchado, a pintura, antes de um verde brilhante, era agora cinza como o musgo.

À primeira vista, as mudanças são evidentes. Os pilares, que escondem os topos nas nuvens de verão, os cabos de vários quilômetros de comprimento, as vigas de aço já não brilham ao sol como a prata. A ferrugem os cobriu com um escuro sudário. Mas os pássaros mancharam de branco a parte de cima dos pilares.

Sim, há mais de vinte anos as aves marinhas gaivotas, pelicanos, cormorões pousam na ponte. E nos molhes correm os

ratos, brigam, se incentivam e se multiplicam; e na maré baixa se alimentam de mexilhões e caranguejos.

Na ampla calçada, por onde ninguém passa agora, há muito poucas mudanças; só algumas poucas rachaduras e asperezas. Arrastado pelo vento, o pó se depositou em fendas e cantos, e ali crescem o mato e o musgo.

A estrutura inferior da ponte ainda está intacta. A ferrugem corroeu apenas a capa protetora. No lado oeste, durante as tempestades, as ondas batem nas despintadas colunas de aço e o sal acelera a obra de corrosão. Um engenheiro, se houvesse engenheiros, balançaria a cabeça e ordenaria a troca de algumas peças. Mas nada mais.

Na resistente estrutura da ponte, a civilização ainda desafia os ataques do mar e do ar.

Ish despertou do seu sonho e foi se barbear. O liso contato do aço era agradável e estimulante ao mesmo tempo. Animado pelas perspectivas do dia, traçou seus planos. Faria com que fosse retomado o trabalho nos poços. Dirigiria os preparativos da expedição ao interior, como o presidente Jefferson, que havia aconselhado Lewis e Clark. Tentaria fazer um carro funcionar. Talvez, pensou alegremente, tomariam outra vez o caminho no sentido literal, mas também no figurado, um caminho que levava ao renascimento da civilização.

Acabou de se barbear, mas a operação tinha sido muito agradável. Passou espuma outra vez e repassou nas bochechas... Agora, os trinta e tantos membros da Tribo tinham em suas mãos o gérmen do porvir. Eram pessoas comuns, não muito inteligentes mas honestos. Os mais velhos, apesar das suas imperfeições, eram realmente exemplares notáveis; afinal, tinham sido escolhidos ao azar de uma enorme arca humana. Ish examinou-os outra vez, um a um, e por fim considerou a si mesmo. Que era ele entre os outros?

Sim, lembrava, há muitos anos, naquela mesma casa, tinha feito uma lista das suas aptidões, as que podiam ser mais úteis na nova vida. Tinha anotado com satisfação, entre outras coisas, que tinha sido operado de apendicite. Ainda se alegrava, embora nenhum

dos seus companheiros tivessem alguma dificuldade com o apêndice.

Mas outras características tinham deixado de ser uma vantagem. Por exemplo, seu amor à solidão. Já não parecia mais uma virtude, e talvez até fosse um vício, embora ele, Ish, tivesse mudado durante o curso dos anos. Se fizesse a lista outra vez, não seria a mesma de antes. Tinha lido muito e aprendido muito. E o mais importante, tinha vivido com Em e agora era pai de família. Havia amadurecido e envelhecido. Tinha mais vontade que George e Ezra. Se alguma dificuldade se apresentava, recorriam a ele. Somente ele pensava no futuro.

Desmontou o aparelho de barbear, tirou a lâmina e jogou-a em uma gaveta do armário. Nunca utilizava duas vezes a mesma lâmina, pois havia milhares dela e aqui a economia não contava. Entretanto, como em outros tempos, não sabia o que fazer com as lâminas usadas. Recordava as velhas piadas sobre esse tema. Era esquisito que semelhante coisa tão pequena persistisse depois de tantas mudanças.

Depois do desjejum, Ish foi ver Ezra. Sentaram-se na escada da varanda e pouco depois chegaram os outros. Falou-se de uma coisa e de outra, fizeram piadas, que entre os jovens terminavam em briga. De comum acordo, todos decidiram concluir o trabalho, mas ninguém mostrou muita pressa. Essa demora irritou Ish, especialmente quando George, com sua parcimônia habitual, lembrou o velho assunto do refrigerador.

Por fim Ezra e os três jovens, escoltados por uma tropa de meninos e meninas, encaminharam-se para o local de trabalho. De repente, como se impulsionados por um entusiasmo frenético, todos, inclusive Ezra, começaram a correr. Ish viu que Evie também corria com o cabelo loiro ao vento. Não soube quem ganhou a corrida, mas logo a terra começou a voar de um lado para outro. Ish sentia-se entre inquieto e divertido. Os membros da Tribo sempre confundiam o trabalho com brincadeira. Ele achava que não era possível conseguir algum resultado sem um esforço penoso. Meia hora mais e aquele ardor esfriaria; os golpes de picareta ficariam

mais lentos. Então, primeiro os meninos e depois os pais, todos procurariam uma ocupação mais agradável.

Para o homem primitivo, perseguir o cervo, encolher-se no pântano e esperar um bando de patos, arriscar a vida nos despenhadeiros, refúgio das cabras, cercar javalis nos bosques... não era trabalho, apesar do suor, da respiração ofegante e da fadiga. A mesma coisa para as mulheres darem à luz, errar pelos bosques em busca de morangos e cogumelos, alimentar o fogo na entrada da caverna.

Mas o canto, a dança e o amor não eram brincadeiras. Com os cantos e as danças eles aplacavam os espíritos das águas e da floresta. E o amor, com a proteção dos deuses, assegurava o futuro da tribo. Assim então, nos primeiros dias da terra o trabalho e a diversão se confundiam e eram designados por uma mesma palavra.

Mas os séculos sucederam os séculos e houve mudanças e transformações. O homem criou a civilização e sentiu um imenso orgulho. E um dos primeiros cuidados da civilização foi o de separar o trabalho da diversão. Essa divisão logo foi mais profunda que a anterior, entre o sono e a vigília. Desde então, o sono foi sinônimo de descanso e "dormir no trabalho" uma falta horrível. A campainha do relógio despertador e o clamor da sirenemais que o gesto de acender a luz e desligar o despertador assinalaram as duas partes da vida humana. Os trabalhadores declararam greves, atiraram pedras, recorreram à dinamite para deslocar uma hora e fazê-la passar de uma categoria para outra. E o trabalho ficou cada vez mais penoso e detestável; e o lazer mais artificial e febril.

Ish e George tinham ficados sozinhos na varanda de Ezra. Ish adivinhou que George estava se preparando para falar. É esquisito, pensou, geralmente a pessoa não faz uma pausa antes que tenha dito alguma coisa. George faz uma pausa antes de falar.

— Bem — disse George, e fez outra pausa. — Bem, eu procurarei umas pranchas... para as paredes dos poços... quanto estiverem mais fundos.

— Perfeito — aprovou Ish.

George faria o seu trabalho. Nos velhos tempos ele tinha adquirido o hábito do trabalho e talvez nunca tenha se divertido de verdade. George foi buscar suas pranchas e Ish se uniu a Dick e Bob, que tinham estado preparando os cães.

Os dois jovens o esperavam diante da sua porta com três carrinhos, prontos para partir. Em uma das carruagens assomava o cano de um rifle.

Ish pensou por um momento. Não estava esquecendo nada? Lhe parecia que faltava alguma coisa.

— Ouça, Bob — disse, — vá buscar meu martelo, pode ser?

— Para que?

— Não sei. Pode servir para abrir alguma porta.

— Para isto um tijolo bastaria — objetou Bob, mas obedeceu.

Ish pegou o rifle e revistou o carregador. Ninguém se distanciava de casa sem uma arma. Havia poucas chances de tropeçar com um touro enfurecido ou com uma urso com sua cria, mas era melhor estar prevenido. Às vezes Ish acordava sobressaltado no meio da noite, lembrando da vez que os cachorros o tinham perseguido.

Bob chegou com o martelo e entregou-o ao seu pai. Ish pegou-o pelo cabo e imediatamente sentiu uma estranha sensação de segurança. O peso da ferramenta, o velho martelo que ele havia descoberto pouco antes que a serpente o mordesse, era tranquilizante. Às vezes Ish pensava em colocar um cabo novo, embora pudesse também procurar outro martelo. Na realidade, a ferramenta era muito prática. Ele o empregava por tradição, todos os anos, para gravar os números na rocha, mas para isto teria sido mais útil um martelo mais leve. Colocou o martelo no carro, aos seus pés, e lhe pareceu que agora estava tudo bem.

— Prontos? — perguntou a Dick e Bob, e neste instante algo lhe chamou a atenção. Um menino oculto entre o matagal observava os preparativos da partida. Ish reconheceu a pequena silhueta.

— Joey — chamou impulsivamente, — quer vir? Joey saiu do mato mas não se adiantou.

— Tenho que ajudar nos poços — disse.

— Tanto pior, eles cavarão sem você.

Ou seja, acrescentou Ish mentalmente, eles não cavarão, nem com você nem sem você.

Joey não esperou mais. Era evidentemente o que ele desejava. Correu para o carrinho de Ish e se acocorou aos seus pés com o martelo nos joelhos.

Os cães partiram a toda velocidade com sua habitual explosão de latidos. Os outros dois carrinhos lançaram-se atrás deles. Os rapazes gritavam e os cães faziam coro. Os cães que guardavam as casas também latiam. Parecia que tinha explodido um motim. Encolhido atrás dos seus seis cachorros, Ish sentiu-se ridículo, com em uma carroça de carnaval.

Já em marcha, os cães não desperdiçaram o fôlego com latidos e adotaram uma passada mais lenta. Ish repassou seus planos.

Fizeram alto pela primeira vez em um velho posto de gasolina. No interior, o sol era de um amarelo mortiço. Depois de vinte e um anos de manchas de moscas e pós, os vidros tinham perdido sua transparência.

O guia telefônico estava pendurado em um prego junto ao aparelho mudo. Ish abriu a porta e uma chuva de papel amarelo caiu no chão. Procurou o endereço do agente local de jeeps. Sim, com as estradas estragadas, o melhor seria um jeep.

Meia hora depois chegaram ao local. Ish olhou através da vitrine e seu coração deu um salto. Um jeep estava esperando. Os rapazes amarraram os cães, que se deitaram no chão ordenadamente, sem enredar as rédeas.

Dick testou a porta; estava fechada com chave.

— Tome o martelo e arrebente a fechadura — disse Ish.

— Oh, eu prefiro um tijolo — declarou Dick, e correu para os restos de uma chaminé derrubada pelo terremoto. Bobo o seguiu.

Ish não conseguiu dominar sua irritação. Que bicho os tinha mordido? Nada melhor que um martelo para abrir uma porta. Ele sabia por experiência própria. Já tinha feito muitas vezes. Com três

passadas cruzou a calçada, brandindo ritmicamente o martelo, e com o último passou deu um golpe que fez saltar a fechadura. Uma boa lição! Não tinha trazido o martelo para nada.

O jeep da sala de exposição estava com os quatro pneus murcho e estava coberto de pó, mas sob a espessa capa ainda se via a brilhante pintura vermelha. No velocímetro lia-se: quinze quilômetros. Ish balançou a cabeça.

— Não — disse. — É novo demais. Quer dizer, era novo demais. Precisamos de um mais usado.

Na garagem de trás havia dois jeeps. Todos os pneus estavam murchos. Um dos jeeps estava com a tampa do motor levantada e suas entranhas estavam espalhadas pelo piso para um conserto que nunca seria terminado. Não havia muita diferença entre os demais. Um deles já tinha percorrido nove mil quilômetros e Ish decidiu testá-lo. Os rapazes seguiam todos seus movimentos e Ish sentiu que seu prestígio estava em jogo.

— Escutem bem disse em tom agressivo. — Não sei se poderei fazer funcionar essa velharia. Não sei se algum outro poderia. Não sou um mecânico e, como quase todo mundo do meu tempo, dirigi muito tempo um automóvel sem saber trocar um pneu ou uma vela. Não esperem milagres. Vejamos primeiro se conseguimos movê-lo.

Assegurou-se de que não estivesse com o freio de mão e que a alavanca de marcha estivesse em ponto morto.

— Bem — disse, — os pneus estão murchos e o lubrificante solidificou-se rolamentos. Talvez os próprios rolamentos estejam esmagados depois de vinte anos de imobilidade. Vamos empurrá-lo para trás, não custará muito... Vamos! Todos juntos... Agora!

O carro moveu-se alguns centímetros, os rapazes gritaram e os cães responderam lá de fora. Mas ainda não tinham ganho a partida. Só sabiam que as rodas giravam.

Então Ish engatou a segunda marcha e empurraram outra vez. O jeep não se moveu. Faltava ver se o motor e as engrenagens funcionavam ou se a ferrugem os tinha estragado. Os rapazes olhavam na expectativa. Ish pensou, procurando uma solução.

Podia tentar outro carro. Podia amarrar os cães ao jeep. Ocorreu-lhe outra ideia.

O jeep do motor desarmado estava a uns três metros, em linha reta. Utilizando-o como catapulta, talvez pudessem mover o outro. Também podiam quebrar alguma coisa, mas isso não importava. Aproximaram o jeep sem motor uns sessenta centímetros do outro e tomaram fôlego. Então empurraram todos de uma vez. Houve um satisfatório estrondo metálico. Foram olhar e comprovaram que o outro jeep havia se movido por alguns centímetros. Então empurraram de novo e conseguiram movê-lo um pouco mais. Ish começou a sentir que havia triunfado.

— Estão vendo? — disse — o mais difícil é colocá-lo em movimento. O resto não é muito difícil.

Naturalmente, os acumuladores estavam descarregados, mas esse problema poderia ser facilmente solucionado. Ordenou aos rapazes que tirassem o óleo e colocassem outro mais leve. Então subiu em um carrinho e saiu. Meia hora mais tarde trazia acumuladores novos. Instalou-os e girou a chave de contato, com os olhos fixos no ponteiro do amperímetro. O ponteiro não se moveu. Talvez os cabos estivessem estragados.

Bateu com a ponta dos dedos no amperímetro e o ponteiro, por tanto tempo imóvel, de repente se moveu, oscilou para além de Descarregado. O jeep ressuscitava. Procurou o botão do arranque.

— Bem, rapazes — disse, — agora o teste principal. Vamos ver como funciona a bateria.

Os rapazes sorriram inexpressivamente; nunca tinham ouvido falar daquela palavra. Ish apertou o botão do arranque e só se ouviu um rangido. E então o zumbido do motor, cada vez mais rápido. O depósito de gasolina estava quase vazio, como em todos os outros carros. Talvez os tanques não fossem realmente impermeáveis, ou então a gasolina não estava entrando no carburador. Ish o ignorava.

Encontraram um depósito de gasolina e colocaram vinte litros no tanque. Ish substituiu as velas, limpou o carburador, orgulhoso da

sua habilidade. Então sentou-se diante do painel, girou a chave de contato e apertou o botão do arranque.

O motor zumbiu, em um tom cada vez mais agudo, e por fim voltou à vida com um rugido. Os rapazes gritaram. Ish pisava feliz no acelerador. Sentia-se orgulhosa desta vitória do mundo civilizado, do trabalho honesto e consciente dos mecânicos e engenheiros que tinham criado um motor que ainda funcionava depois de vinte e um anos.

Mas quando a gasolina do carburador se esgotou, o motor parou bruscamente. Afogaram-no e o puseram em funcionamento várias vezes. E finalmente a velha bomba puxou gasolina do tanque e o motor funcionou sem parar. A maior dificuldade agora eram os pneus.

No salão de vendas havia uma barra metálica onde estavam pendurados vários pneus. Mas depois de tanto tempo, o próprio peso os tinha deformado e a borracha conservava a marca da barra. Poderiam servir durante alguns quilômetros, mas não para longos trajetos. Ish separou os melhor conservados, mas mesmo nesses a borracha estava rachada e endurecida, perdendo toda elasticidade.

Com a ajuda de um macaco, levantaram uma roda. Tirá-la não foi fácil, pois as porcas estavam enferrujadas. Bob e Dick não estavam acostumados a manejar ferramentas; e o pequeno e inquieto Joey era mais um estorvo que uma ajuda. Mesmo nos velhos tempos, Ish só havia desmontado uma roda em uma ou duas oportunidades e tinha perdido o jeito, se é que teve alguma vez.

Demoraram muito tempo para tirar o primeiro pneu. Bob arranhou os nós dos dedos e Dick perdeu metade de uma unha. Colocar no novo pneu foi ainda mais difícil por causa da rigidez da borracha. Por fim, esgotados e exasperados, concluíram a tarefa. Enquanto descansavam, triunfantes mas já sem forças, Ish ouviu que Joey o chamava da garagem.

— Que foi, Joey? — perguntou, um pouco impaciente.

— Venha ver, papai.

— Oh, Joey, eu estou cansado — protestou Ish.

Mesmo assim se levantou e atendeu a chamada. Os rapazes o seguiram arrastando os pés. Joey apontou com um dedo para o estepe de um jeep.

— Olhe, papai, por que não usamos esta roda? Ish deu uma risada.

— Bem, rapazes — disse a Bob e a Dick, — temos que confessar que fomos uns idiotas.

Com efeito, bastava tirar os estepes, enchê-los e colocá-los no jeep. Tinham trabalhado inutilmente. Mas Ish, ainda envergonhado da sua estupidez, sentia uma estranha e nova alegria. Foi Joey quem tinha encontrado a solução.

Aproximava-se a hora do almoço. Eles tinham trazido colheres e abridores de lata. Só faltava encontrar uma loja de alimentos.

Na loja, como em todas as outras, reinava a desordem e a sujeira. O espetáculo entristeceu Ish, embora já tivesse visto muitas vezes. Quanto aos rapazes, ao contrário, não chamava a atenção, pois nunca tinham visto uma loja em outro estado. Os ratos e guabirus haviam roído todas as caixas de papelão e o piso era uma confusão de papéis e excrementos. Tinham até roído o papel higiênico, provavelmente para fazerem ninhos.

Mas seus dentes tinham em vão atacado as latas e os vidros. As garrafas e latas continuavam intactas, e sua limpeza parecia ainda mais notável em meio àquela sujeira. Porém, olhando mais de perto, notava-se que essa limpeza era somente uma ilusão. Os ratos tinham coberto as prateleiras de excrementos e haviam roído quase todas as etiquetas, talvez atraídos pelo sabor da cola. Em outras latas, as imagens tinham perdido sua cor e os tomates, antes de um vermelho vivo, eram agora de um amarelo terroso; os rosados pêssegos mal se viam. Entretanto, algumas palavras ainda eram legíveis. Pelo menos Ish e Joey eram capazes de decifrá-las. Os outros olhavam perplexos para as palavras difíceis, como pêssegos ou aspargos, e escolhiam guiando-se pelos desenhos.

Os rapazes teriam almoçado sem inconvenientes no meio do lixo, mas Ish os arrastou para fora e sentaram-se na calçada, no sol. Não se preocuparam em acender um fogo e comeram um almoço frio de diversas conservas: ervilhas, sardinhas, salmão, patê de foie, carne em conserva, azeitonas, frutas secas e aspargos. Era uma comida rica em proteínas e gorduras, mas pobre em hidrato de carbono, pensou Ish. Mas os alimentos com hidrato de carbono eram raros e exigiam alguma preparação, como a farinha de milho ou o macarrão. A sobremesa foi pêssego com ananás em calda.

Quando terminaram de comer, limparam as colheres e os abridores de lata e colocaram-nos nos bolsos. As latas vazias ficaram ali mesmo. Havia tanto lixo na rua que um pouco mais não importava.

Os rapazes, notou Ish com prazer, estavam ansiosos em voltarem ao trabalho. Pareciam entusiasmados por aquela vitória

sobre o mundo da matéria. Mas Ish, ainda um pouco cansado, tinha se lembrado de outra coisa.

— Rapazes — disse, acham que são capazes de trocarem as rodas sozinhos?

— Claro que sim disse Dick, um pouco perplexo.

— Bem, Joey é muito pequeno para ajudá-los e eu me sinto cansado. A biblioteca municipal é muito perto daqui. Joey poderia me acompanhar. Quer, Joey?

Joey, encantado, já estava de pé. Os outros só queriam voltar aos seus pneus.

Ish se encaminhou para a biblioteca. Joey, impaciente, corria adiante. Era ridículo, pensou Ish, que nunca lhe houvesse pensado em levar Joey ali. Mas não tinha previsto o rápido desenvolvimento intelectual do menino.

Sempre pensando em reservar a biblioteca universitária para mais tarde, Ish tirava livros livro que precisava da biblioteca municipal, da qual havia forçado a fechadura há muitos anos. Empurrou a pesada porta em entrou orgulhosamente, com Joey em seus calcanhares.

Entraram na grande sala de leitura e caminharam entre as estantes. Joey não dizia nada, mas seus olhos devoravam os títulos. Chegaram outra vez ao vestibulo e Ish rompeu o silêncio.

— Bom, que lhe parece?

— São todos os livros do mundo?

— Oh, não, só alguns.

— Posso lê-los?

— Sim, pode ler o que quiser. Mas deve devolvê-los sempre, colocando-os em seus lugares para que não fiquem fora de ordem nem se percam

— O que há nos livros?

— Oh, um pouco de tudo. Se você lesse todos esses, saberia bastantes coisas.

— Eu lerei todos.

Ish sentiu que uma repentina sombra empanava sua felicidade.

— Oh, não, Joey, isto seria impossível. Ademais há livros chatos, estúpidos e até maus. Mas eu o ajudarei a escolher os bons. Agora temos que ir.

Ish tinha pressa em levar Joey para a rua. O espetáculo de tantos volumes poderia causar danos ao menino. Ish se alegrou de não tê-lo levado à biblioteca universitária. Isso ficaria para mais tarde.

Voltaram para a garagem. Desta vez Joey não corria na frente. Caminhava junto ao seu pai, pensando. Por fim se decidiu a falar.

— Papai, como se chamam essas coisas que pendem do teto em casa? Essas bolas brilhantes. Um dia você me disse que antes elas se acendiam e iluminavam.

— Ah sim, são lâmpadas elétricas.

— Se eu ler todos os livros poderei acendê-las outra vez?

Ish sentiu uma alegria emocionada e, logo a seguir, um estremecimento de temor. Não estariam indo rápido demais?

— Não sei, Joey — disse, em um tom que pretendia ser indiferente. — Talvez sim, talvez não. É preciso tempo e o trabalho de muita gente. Não precisamos nos apressar.

Continuaram caminhando em silêncio. Ish estava orgulhoso por Joey satisfazer suas ambições, mas ao mesmo tempo aquela vitória o assustava. O menino se adiantava demais. A inteligência não deveria superar os anos. Joey precisava de maior vigor físico e energia moral. Ele iria longe.

Um ruído seco o tirou do seu ensimesmamento. Joey estava vomitando sobre um monte de restos. Foi esse almoço, pensou Ish, sentindo-se culpado, deixei que ele se fartasse de coisas indigestas. Já lhe aconteceu outras vezes. Mas logo depois pensou que a causa talvez fosse a emoção e não o almoço. Joey logo sentiu-se melhor.

Quando chegaram à garagem, descobriram que os rapazes tinham trocado as rodas e enchido os pneus. Ish sentiu um novo interesse pelo jeep e pela expedição projetada.

Sentando-se ao volante, ligou o carro novamente. Os pneus aguentaram, pelo menos no momento. Ficavam pendentes os problemas da embreagem, da transmissão, da direção, dos freios e de todos os órgãos misteriosos e essenciais, ocultos nas entranhas de um carro e que ele só conhecia pelo nome. Bob e Dick tinham colocado água no radiador, mas podia haver um cano obstruído e bastaria isso para imobilizar o jeep. Outra vez estava se preocupando pelo futuro.

— Perfeito — disse. — Vamos.

O motor murmurava alegremente. Ish pisou no acelerador e o automóvel sacudiu-se, como se uma longa atividade o tivesse paralisado. Mesmo assim avançava, obedecendo às ordens de Ish. Ish freou e o jeep parou. Mas ele tinha se movido e, o que também era importante, tinha parado.

A alegria de Ish se transformou em exaltação. Não era um sonho! Se somente em um dia um homem e três rapazes tinham devolvido a vida a um jeep, o que não poderia fazer a Tribo em alguns anos? Os rapazes soltaram um tiro de cães e amarraram o carrinho a um dos outros. Ish, com Joey ao seu lado, partiu valentemente.

Nas ruas havia montes de escombros, que o vento havia coberto com poeira e folhas. Depois das chuvas invernais, esse montes, onde crescia um mato espesso, pareceriam bancos e montículos naturais. Ish dirigia em zig zag. Já estava se aproximando da meta, quando bateu em um tijolo e ouviu-se uma explosão. O pneu traseiro esquerdo tinha arrebentado. Ish continuou dando tombos e por fim chegou antes dos carrinhos. Apesar desse último incidente, a viagem tinha sido um êxito.

Parou o jeep em frente à sua casa e reclinou-se no assento, aliviado. Apertou a buzina e, depois de um silêncio de tantos anos, ouviu-se o velho som estridente. Esperava que os mais velhos e os meninos acudissem de todos os lados, atraídos pelo som estranho,

mas não apareceu ninguém. Só Ihe respondeu um concerto de latidos. Os cães que puxavam as carroças, que nesse instante alcançavam o cume da colina, uniram-se ao coro.

Ish sentiu uma inquietação estranha. Uma vez, muitos anos atrás, havia entrado em uma cidade deserta e tinha tocado a buzina. E agora parecia que o pesadelo se repetia outra vez. Mas a impressão durou poucos segundos.

Mary, com seu bebê nos braços, saiu sem pressa de uma casa no extremo da rua e saudou com a mão.

— Foram todos à corrida de touros! — gritou.

Os rapazes só pensaram então em se unir ao jogo. Soltaram os cães e foram correndo, sem pedir permissão a Ish. Joey, curado da sua indigestão, os seguiu. Ish sentiu-se bruscamente sozinho e abandonado. Somente Mary foi admirar o carro. Olhou pra ele muda, com os olhos muito abertos, tão inexpressivamente como o bebê.

Ish saltou do jeep e se espreguiçou. Tinha as pernas intumescidas e o balanço do carro tinha deixado dolorida suas costas doente.

— Bem — disse, com orgulho na voz, — que Ihe parece, Mary?

Mary era sua filha, mas não se parecia com ele nem com Em. E sua estupidez o irritava constantemente.

— Muito bom — respondeu ela, com sua habitual falta de entusiasmo.

— Onde é a corrida? — perguntou Ish.

— Perto da noqueira grande.

Ouviram-se gritos distantes. Sem dúvida, alguém havia se esquivado de uma investida do touro.

— Bem, vou admirar o esporte nacional — disse Ish, mesmo sabendo que era uma ironia desperdiçada.

— Sim — disse Mary e, com o menino nos braços, voltou para sua casa.

Ish desceu a colina e atravessou um prado que em outros tempos havia sido o pátio de alguém. O esporte nacional! Sua entrada triunfal tinha sido um fracasso e ele não podia deixar de sentir uma certa amargura. Outro grito mostrou que alguém acabava de escapar por pouco dos chifres do touro.

O jogo era perigoso, embora ninguém tivesse morrido ainda, nem havia sido ferido gravemente. Ish o desaprovava, mas não se atrevia a se opor. Os rapazes tinham excesso de energia e talvez sentissem a necessidade do perigo. A existência em Sal Lupo era serena e monótona demais. Lembrou de Mary: como não se tornar insensível naquelas condições? Os meninos atravessavam as ruas sem medo de automóveis. E haviam desaparecido também outros perigos da vida cotidiana. Os resfriados, por exemplo, e as bombas atômicas. Naturalmente, como pessoas que viviam ao ar livre e usavam machados e facões, eles já conheciam as feridas e machucados. Mary tinha queimado as mãos uma vez, e um dia um menino de três anos havia caído do molhe, quase se afogando.

Ish chegou a um espaço que em outros tempos havia sido um parque, perto da rocha que servia de calendário. O capim, com trinta centímetros de altura, não conhecia outros jardineiros além dos cervos e das vacas.

Harry, o filho de quinze anos de Mary, era o toureiro. Era secundado por Walt, que "trabalhava na retaguarda", termo esportivo herdado dos velhos dias. Ish não era um especialista, mas lhe bastou dar uma olhada para saber que o touro não era perigoso. Era um Hereford de raça quase pura, vermelhos e com manchas brancas no focinho. Esses touros viviam em liberdade há várias gerações e agora tinham patas mais longas, mais finas, e chifres maiores. Nesse instante o touro, já cansado, olhava indeciso para Harry que o provocava sem êxito.

Os espectadores, quase toda a Tribo, inclusive Jean e seu bebê, estavam sentados na margem da clareira. As árvores os protegeriam do touro se o animal decidisse deixar o cercado. Caso necessário, os cachorros seriam soltos e Jack estava com um fuzil nos joelhos.

De repente o touro voltou à vida e investiu pesadamente, com força bastante para derrubar vinte homens. Mas Harry saltou de lado e o touro parou, desconcertado. Uma menina Betty, a filha de Jean levantou-se e gritou que agora era sua vez. Parecia uma pequena selvagem, com a saia levantada até as coxas, as longas pernas bronzeadas. Harry cedeu seu lugar à sua irmã de criação. O touro estava cansado e a menina não corria perigo. Ajudada por Walt, Betty provocou algumas investidas do touro, das quais se esquivou facilmente.

E então um menino gritou com todas suas forças:

— Agora eu!

Era Joey. Ish franziu o cenho, mas sabia que não precisaria exercer sua autoridade. Joey só tinha nove anos e as leis do jogo o proibiam de intervir. Os meninos mais velhos se impuseram, amavelmente mas com firmeza.

— Não, Joey — disse Bob, que tinha dezesseis anos, — você é muito pequeno. Espere alguns anos.

— Sou tão bom quanto Walt — protestou Joey.

Ish achou que Joey tinha praticado por sua própria conta, em segredo, com algum touro manso. E talvez ajudado por Josie, sua irmã gêmea e sua escrava devota. Ish estremeceu diante da ideia de que Joey pudesse sofrer um acidente... Logo Joey, entre todos os outros... Mas depois de alguns fracos protestos, o garoto cedeu.

O touro gordo havia combatido bastante e se contentava em raspar a terra, enquanto Betty dançava ao seu redor. A corrida havia terminado e os espectadores começaram a se dispersar. Os rapazes chamaram Betty e Walt. O touro, sem dúvida aliviado, ficou sozinho na clareira.

Ish foi inspecionar o trabalho do dia. O poço tinha somente alguns poucos centímetros. Pás e picaretas jaziam ao redor. A indolência dos trabalhadores e a atração da corrida havia acabado com as boas intenções. Ish olhou para o buraco e sorriu com uma careta. Mas eles haviam levado para as casas água suficiente para atender às necessidades imediatas.

Em tinha preparado para a ceia um saboroso assado de novilho.

Infelizmente, o Napa Gamay de vinte e cinco anos, se alguém acreditasse no rótulo, tinha virado vinagre.[{7}](#)

4

Ish decidiu que os rapazes partiriam quatro dias mais tarde. Havia aqui outra diferença dos velhos tempos. Antes tudo era tão complicado, que uma viagem longa exigiria muitos preparativos. Agora se decidia uma coisa e se fazia. Por outro lado, a estação era favorável e os atrasos poderiam esfriar o entusiasmo que a expedição despertava.

Enquanto não chegava o dia da partida, trabalhou com os rapazes. Ensinou-lhes a dirigir. Voltou com eles à garagem e lhes mostrou como deviam trocar algumas peças, como a bomba de óleo e as velas.

— Se vocês encontrarem dificuldades — aconselhou — será melhor parar em uma garagem e tentar fazer funcionar outro carro. Assim vocês perderão menos tempo.

Então planejou, entusiasmado, o itinerário. Nos postos de gasolina encontrou alguns mapas de viagem amarelados e descoloridos. Estudou-os atentamente e, ajudado por seus conhecimentos geográficos, tentou imaginar as mudanças que as inundações, os ventos e o rápido crescimento das árvores pudessem ter provocado nos caminhos.

— Primeiro vocês vão para o sul, até Los Angeles — concluiu. — Era um grande centro populacional nos velhos tempo. É possível que encontrem sobreviventes ali, talvez até uma comunidade seguiu com os olhos as linhas vermelhas. — Tentem primeiro a rota 99. Acho que poderão passar. Se tropeçaram com algum obstáculo nas montanhas, voltem até Bakesfield, tomem a 466 e cruzem o desfiladeiro de Tehachapi.

Então interrompeu-se. Sentiu que a nostalgia fechava sua garganta e lhe umedecia os olhos. Aqueles nomes evocavam tantas recordações! Burbank, Hollywood, Pasadena... Cidades vivas e prósperas que ele havia conhecido antes. Agora os coiotes perseguiram lebres nos parques e nos jardins devastados. Mas os nomes ainda estavam ali nos mapas, em grandes letras negras. Controlou-se, pois os dois rapazes o olhavam estupefatos.

— Perfeito — disse rapidamente. — Saindo de Los Angeles, ou de Barstow, se não puderem chegar a Los Angeles, tomem a 66. Eu tomei esse caminho. Vocês atravessarão facilmente o deserto. Não esqueçam das provisões de água. Se a ponte do Colorado ainda existe, tanto melhor. Se não, voltem para o norte e tentem a rota que atravessa a represa Boulder. Com certeza vocês a encontraram intacta.

Ensinou-lhes a ler os mapas, para o caso de terem de trocar de itinerário. Mas sem dúvida lhes bastaria afastar alguma árvore caída de vez em quando, ou trabalhar com picareta e pá durante uma hora para tirar algum monte de terra. Afinal, vinte e um anos de abandono não bastavam para que as rodovias desaparecessem.

— Você terão algumas dificuldades no Arizona — continuou Ish. — Nas montanhas, mas...

— Arizona? O que é isso?

Foi Bob quem fez a pergunta, bastante natural. Ish não soube o que dizer. O que tinha sido o Arizona? Um território, uma entidade ou uma abstração? Como explicar em poucas palavras o que era um Estado? E como explicar o que Arizona era agora?

— Ohdisse por fim, — Arizona é o nome dessa região aqui em baixo, do outro lado do rio — ocorreu-lhe uma ideia. — Olhem aqui no mapa. Esse território rodeado por uma listra amarela.

— Ah — disse Bob. — Há uma cerca ao redor.

— Bom, me parece que não.

— Mas é. Não precisam de cerca, pois lá está o rio.

Inútil insistir, pensou Ish. Acham que o Arizona é uma espécie de pátio grande. Desde então, evitou se referir aos Estados e se contentou em mencionar as cidades. Para os garotos, uma cidade era uma confusão de ruas ladeadas por casas em ruínas. Eles viviam em uma cidade e podiam imaginar outras como comunidades similares à da Tribo.

O itinerário de Ish passava por Denver, Omaha e Chicago. Queria saber o que tinha acontecido nas grandes cidades. Eles chegariam lá na primavera. Aconselhou-os que fossem em seguida para Washington e New York pela rodovia que parecesse mais transitável.

— Vocês poderão atravessar as montanhas pelo paso de Pensilvânia. É difícil que uma rodovia tão larga tenha sido obstruída ou que os túneis tenham sido fechados.

Eles mesmos poderiam escolher por onde voltar. Pois então já conheceriam melhor que ele o estado dos caminhos. Aconselhou-os entretanto que tentassem viajar pelo sul. Talvez ali houvesse pessoas que tivessem escapado ao inverno.

Todos os dias faziam um passeio no jeep. E depois de algumas provas, conseguiram alguns pneus que pareciam bastante resistentes.

Partiram no quarto dia, com o jeep carregado de acumuladores, pneus e peças de reposição. Os rapazes transbordavam de alegria; as mães não conseguiam conter as lágrimas, ante a perspectiva de uma separação tão longa; Ish, muito nervoso, não ocultava que seu desejo seria acompanhar os viajantes.

As fronteiras eram linhas de demarcação tão duras, tão inflexíveis quanto as cercas. Também eram obra do homem, abstrações que se faziam reais. Atravessava-se uma fronteira e a superfície do solo mudava. Uma nova vibração lhe dizia que havia deixado a suave rodovia de Delaware pela mais áspera de Maryland.

Os pneus entoavam outra canção. FONTEIRA DO ESTADO, assinalava a placa. ENTRADA PARA NEBRASKA. VELOCIDADE

MÁXIMA DE 90 QUILÔMETROS. Os próprios regulamentos eram diferentes. E a pessoa apertava o acelerador com mais força.

Em ambos os lados de uma fronteira nacional, agitadas pelos mesmos ventos, flutuavam bandeiras de diferentes cores. Você era submetido às formalidades da aduana e do serviço de imigração e logo era um estranho, um desconhecido. Notava que os policiais usavam outro uniforme. Trocavam seu dinheiro e os selos que colocasse nas cartas mostravam uma face distinta. Será melhor dirigir prudentemente, você pensaria. Não tenhamos dificuldades com a polícia. História curiosa. Você atravessava uma linha invisível e se transformava em outro homem: um estrangeiro.

Mas as fronteiras desapareceram mais rapidamente que as cercas. As linhas imaginárias não são atacadas lentamente pela ferrugem. Em troca, é muito mais rápido e talvez menos desconcertante. Se dirá desde então, como no princípio dos séculos: “No lugar onde os carvalhos começam a ficar raros e crescem os pinheiros”. Se dirá: “Lá embaixo... não sei exatamente onde, nas colinas argilosas, onde crescem umas moitas de sálvia”.

Depois da partida dos rapazes, começou um longo período sem incidentes que se chamou o ano bom. Os dias sucediam aos dias e as semanas às semanas. As chuvas se prolongavam. Foram chuvas torrenciais, seguidas de dias limpos em que as distantes torres da Golden Gate erguiam-se precisas e majestosas contra o céu azul.

Pelas manhãs, Ish conseguia que o pessoal trabalhasse nos poços. No primeiro ensaio, tropeçaram com uma camada de rocha. O segundo poço foi mais profundo e encontraram um bom manancial. Revestiram as paredes do poço com madeira e instalaram uma bomba manual. Mas nesse tempo já haviam se acostumado a não usar os sanitários, então renunciaram a fazê-los funcionar.

Nessa época, os peixes abundavam na baía e se preferia a pesca ao trabalho.

À tarde, todos se reuniam para cantar canções, que Ish acompanhava ao acordeon. Ish propôs que organizassem um coro. Não faltavam vozes bonitas e George era um bom baixo. Mas todos preferiam o caminho do menor esforço. Decididamente, a Tribo não

gostava muito de música, como Ish tinha comprovado há algum tempo. Alguns anos antes ele tinha colocado alguns discos de sinfonias no primeiro fonógrafo. Não se ouvia muito bem, mas os temas podiam ser seguidos. Os meninos permaneceram indiferentes. Às vezes, atraídos pela melodia, abandonavam suas brincadeiras ou a escultura em madeira e escutavam com atenção. Mas não demoravam em voltar às suas ocupações.

Bom, o que se podia esperar de umas poucas pessoas comuns e dos seus descendentes? Estavam um pouco acima da média comum, se corrigia, mas careciam de cultura musical. Nos velhos tempos, apenas dez em cada mil norte-americanos sabiam realmente apreciar Beethoven; e esses poucos, como os cães de raça pura, não haviam sobrevivido ao desastre.

Tentou também com o jazz. O som do saxofone atraiu os meninos outra vez, mas o interesse não durou muito. O jazz hot! Seus intrincados ritmos não podiam atrair mentes simples, e sim ouvidos educados. Era como pedir-lhes que admirassem Picasso ou Joyce. Na realidade e havia aqui uma coisa alentador aos jovens detestavam o fonógrafo. Preferiam cantar eles mesmos. Não gostavam do papel de ouvintes passivos. Entretanto, jamais tentavam compor uma melodia ou alguns versos. De vez em quando, Ish, inspirado por algum acontecimento importante, improvisava uma estrofe, mas ele não tinha gênio poético e suas estranhas tentativas não eram bem recebidas.

Então cantavam a uma só voz. Preferiam as melodias mais simples: Leve-me outra vez para a Virgínia, embora ninguém soubesse quem era Virgínia ou quem o queria ali; ou então, Aleluia, sou um vagabundo, sem se perguntar o que era um vagabundo. Cantavam também os queixumes de Bárbara Allen, embora nenhum deles sofresse as penas de amor.

Ish pensava constantemente nos rapazes do jeep. Os meninos lhe pediam que tocasse Meu lar na planície e Ish tocava a melodia com um nó na garganta. Talvez naquele mesmo instante Dick e Bob erravam por aqueles lugares. Que estaria acontecendo nas vastas planícies? Ainda haveria cervos e antílopes? Gado? Os bisões teriam voltado?

Mas ele lembrava dos rapazes sobretudo nas negras horas da noite. Acordava de repente, sobressaltado, e passava as horas ruminando suas inquietações. Como havia permitido semelhante aventura? Imaginava inundações e tempestades. E o carro! Que loucura, confiar um jeep a rapazes tão jovens. Certamente eles não corriam perigo de se chocar com outro veículo, mas podiam cair em um poço. Os caminhos eram ruins; os perigos, inumeráveis. E os pumas, os ursos, os touros selvagens? Os touros, que inclusive pareciam desprezar o homem, como em outros tempos.

Não, os homens eram o maior perigo. Um suor frio cobria então a fronte de Ish. Com que homens os rapazes podiam tropeçar? E com que sociedade deformadas pelas circunstâncias, livres do freio das tradições? Talvez houvesse nelas rituais religiosos, sacrifícios humanos, canibalismo! Talvez, como Ulisses, os rapazes encontrassem lotófagos^{8}, sereias, estriges.

A Tribo, limitada ao sopé da colina, era estúpida e carecia de poder criador; mas pelo menos conservava uma certa dignidade. Nada garantia que os outros tivessem feito o mesmo. Mas com a luz do dia desapareciam os fantasmas. Ish pensava então nos rapazes e os imaginava felizes, entusiasmados pelas novas paisagens, talvez com novos amigos. Em caso de acidente, caso não encontrassem outro carro, voltariam a pé. Não lhes faltariam víveres. A trinta quilômetros por dia ou pelos menos cento e cinquenta por semana, embora tivesse que caminhas quinze mil quilômetros, voltariam antes do outono. E se o jeep aguentasse, voltariam muito antes. Ante esse pensamento, Ish mal conseguia reprimir sua excitação. Que novidades trariam?

Passaram-se as semanas e cessaram as chuvas. O capim das colinas germinou e amarelou. Pelas manhãs, as nuvens eram tão baixas que roçavam as torres das pontes.

5

Com o passar do tempo, as inquietações de Ish se atenuaram. A ausência prolongada dos viajantes demonstrava que eles tinham ido muito longe. Se tinham atravessado o continente, ainda demorariam para chegar, e não tinha porque se atormentar. Deixou-se arrastar por outros pensamentos e outras preocupações.

Havia reorganizado a escola. Sentia que era seu dever ensinar os meninos a ler, escrever e contar, para que fosse conservada na Tribo as bases primárias da civilização. Mas os desagradecidos escolares se mexiam em seus assentos e voltavam os olhos impacientemente para as janelas. Não pensavam em outra coisa, notava Ish, a não ser correrem pela base da colina, brincar com os touros e pescar. Tentava inutilmente atraí-los recorrendo aos sistemas pedagógicos mais famosos dos velhos tempos.

A talha em madeira, a única arte que a Tribo praticava, era herança do velho George. Apesar da sua escassa inteligência, George tinha conseguido transmitir aos meninos a sua inclinação para a marcenaria. Ish não tinha nenhuma habilidade desse tipo, mas lhe ocorreu utilizar o interesse dos meninos para seus próprios fins. Ensinou-lhes alguns princípios de geometria e a reutilizarem o compasso e a régua para desenhar na madeira. Os meninos morderam a isca, se entusiasmaram com os círculos, os triângulos e hexágonos, e logo estavam esculpindo figuras geométricas. O próprio Ish talhou com seu canivete um grosso ramo de pinheiro.

Mas o entusiasmo logo se acabou. Mover a folha da faca ao longo de uma régua de aço para assim obter uma linha reta, era fácil e tedioso. Seguir o contorno de um círculo era mais difícil, mas a pessoa logo se cansava desse trabalho maquinal e monótono. Uma vez terminada só próprio Ish tinha que reconhecer, as

esculturas pareciam imitações ruins dos adornos que em outros tempos se faziam com máquinas.

Os meninos decidiram voltar de novo à fantasia da improvisação. Era mais divertido e as esculturas tinham melhor aparência. O escultor mais hábil era Walt, que lia aos tropicões. Com mão firme, gravava um friso de animais sobre a lisa superfície de uma prancha sem necessidade de medidas nem de princípios geométricos. Se suas três vacas não cobriam todo o espaço disponível, acrescentava um bezerro. E mesmo assim a obra tinha um perfeito equilíbrio. Trabalhava habilmente em baixo relevo, meio relevo ou alto relevo. Os outros meninos não poupavam sua admiração.

O estratagema de Ish terminou, pois, em um fracasso. E se viu outra vez a sós com o pequeno Joey. Joey não tinha talento algum para a escultura, mas era o único que havia se entusiasmado com as eternas verdades das linhas e dos ângulos.

Um certo dia Ish surpreendeu o menino cortando triângulos de papel de diversas formas, recortava então os vértices e os punha um junto a outro para formar uma linha reta.

— Funciona? — perguntou Ish.

— Sim, você disse que sempre funciona.

— Então por que está testando?

Joey se calou, mas Ish compreendeu que o menino rendia assim sua homenagem às verdades imutáveis e universais. Era um desafio aos poderes da casualidade e da mudança. E quando esses tenebrosos poderes se declaravam vencidos, podia-se atribuir à inteligência uma nova vitória.

Ish ficou somente com o pequeno Joey... no sentido literal e no figurado. Enquanto os outros escolares fugiam lançando gritos de alegria, Joey se inclinava sobre algum livro com maior aplicação ainda. E até com um ar de superioridade.

Os outros meninos eram gigantes fornidos e superavam Joey em quase todos os jogos ao ar livre. A cabeça de Joey era grande para seu corpo, ou assim parecia às pessoas, pois sabiam que estava entulhada de conhecimentos. Tinha olhos grandes e vivos, sofria de dores de cabeça e frequentes indigestões. Ish supunha que

esses mal-estares eram de origem nervosa, mas não podia recorrer a um médico clínico ou a um psiquiatra e devia se contentar com hipóteses. Mas Joey tinha um peso abaixo do normal e qualquer exercício físico o esgotava.

— Isto me preocupa — dizia Ish a Em.

— Sim — concordava Em, — mas você está contente que ele se apaixone pela geometria. Talvez ele seja inteligente porque é fraco.

— Sim, talvez. Ele tem suas alegrias, mas eu gostaria que fosse mais robusto.

— Não sei. Me parece que você gosta tal como é.

E uma vez mais Ish reconhecia que Em tinha razão. Sim, se dizia, não nos faltam mocetões. E embora Joey seja fraquinho, ou neurótico, ou pedante, nele será conservada a tradição intelectual. Joey continuava sendo, portanto, o preferido de Ish. Via nele a esperança do futuro, conversava com ele longamente e lhe ensinava tudo que sabia.

As horas de aula continuaram se arrastando enquanto esperavam o regresso de Dick e Bob. Até Ish as achava intermináveis. Naquele verão ele tinha onze alunos aos quais tentava inculcar algumas noções elementares.

As aulas eram dadas na sala de Ish e os meninos vinham de diferentes casas. Começavam às nove terminavam às doze, com um longo recreio. Ish sabia que não poderia exigir mais deles. Não tendo conseguido dourar a pílula da geometria, agora ensinava aritmética. Mas quando lhes enunciava os problemas, tropeçava com dificuldades práticas. “Se Pedro levanta uma cerca de nove metros...”, dizia o velho livro. Ninguém mais levantava cercas agora e ele tinha que explicar-lhes para que tinham servido as cercas... coisa bastante complicada.

Pensou em seguir os métodos da escola progressiva e instalar uma loja onde os alunos comprariam, venderiam e fariam contas. Mas já não havia lojas e teria sido necessário explicar-lhes todo o velho sistema econômico. Tentou então interessá-los na

matemática pura. Fracassou, mas se convenceu, pelo menos a si mesmo, de que a matemática era a própria base da civilização. Embora não pudesse explicá-lo claramente, a relação que havia entre os números lhe parecia maravilhosa. Dois e dois eram sempre quatro, nunca cinco. Isto não havia mudado... embora os touros selvagens brigassem agora nas ruas. Fazia jogos com progressões aritméticas, encadeando números. Mas, exceto Joey, nenhum menino parecia interessado; e os olhares de lado para as janelas demonstravam a inutilidade dos seus esforços.

Tentou então a geografia, matéria que dominava. Os meninos se divertiam desenhando mapas dos arredores. Mas ninguém se interessou na geografia mundial. Quem poderia condená-los? A volta de Bob e Dick talvez despertasse sua curiosidade, mas no momento só de interessavam por uma área de uns poucos quilômetros. Que importava a forma da Europa com todas suas penínsulas? Que importavam as ilhas espalhadas pelo mar?

Teve um pouco mais de êxito com história e antropologia. Falou-lhes sobre o desenvolvimento do homem, esse lutador que lentamente, durante milhares de anos, tinha criado e aprendido e, apesar dos seus erros e da sua crueldade, antes da catástrofe tinha chegado a oferecer o espetáculo de uma magnífica vitória. Os meninos o escutavam com um certo entusiasmo.

Ish insistiu então na leitura e na escrita, chaves do saber. Mas somente Joey amava ler e deixava para trás todos seus condiscípulos. Entendia rapidamente o significado de qualquer palavra e até o significado dos livros.

Ci-vi-li-za-ção. O tio Ish sempre fala nisso. Hoje há muitas codornizes perto do rio. Dois mais seis? Já sei. Para que dizer? Dois mais nove? É difícil, não tenho bastantes dedos. O tio George é mais divertido que o tio Ish. Ele nos ensina escultura. Meu pai é ainda mais divertido. Diz coisas divertidas. Mas tio Ish tem o martelo. Ali está, sobre a lareira. Joey conta muitas histórias sobre o martelo. Acho que ele inventa. Não estou certo. Estou com vontade de beliscar Betty, mas tio Ish se irritaria. O tio Ish sabe tudo. Me dá medo. Se pudesse dizer quanto é sete mais nove, a civilização voltaria e poderíamos ver as figuras que se movem.

Você as viu, papai? Seria divertido. Oito mais oito? Joey sabe imediatamente. Joey não sabe procurar ninhos de codornizes. Falta pouco para que a aula termine.

Apesar dos repetidos fracassos, Ish redobrava seus esforços e aproveitava qualquer oportunidade para estimular o interesse dos seus alunos.

Um dia, após uma excursão mais longa que de costume, os meninos levaram para a escola algumas nozes de uma espécie bastante rara. Ish viu imediatamente um pretexto para dar uma lição de história natural, que os meninos escutaram prazerosamente. Ordenou que Walt fosse buscar duas pedras para quebrar a grossa casca. Walt trouxe dois tijolos. Em seu pobre vocabulário não havia diferença entre pedras e tijolos. Ish não o corrigiu, mas pensou que se tentasse quebrar as nozes com aqueles tijolos poderia esmagar um dedo. Olhou ao redor e viu o martelo sobre a lareira.

— Traga-me o martelo, Chris — disse ao menino mais próximo.

Habitualmente, Chris inventava qualquer desculpa para deixar sua assento, mas desta vez não se moveu. Olhou para seus vizinhos, Walt e Weston, com um ar embaraçado e assustada.

— Traga-me o martelo, Chris — repetiu Ish, pensando que o menino, distraído, não tinha ouvido chamar seu nome.

— Não... não quero... — balbuciou Chris.

Chris, de oito anos, não chorava facilmente, mas desta vez mal conseguia segurar as lágrimas.

— Traga-me o martelo, qualquer um de vocês — disse.

Walt se voltou para Walt e Bárbara e Betty, as duas irmãs, se olharam. Eram os mais velhos. Os quatro abriam muito os olhos, mas não fizeram um gesto para se levantarem. Os mais novos tampouco se moveram, mas Ish notou que eles lançavam olhares furtivos. Intrigado, Ish, não querendo fazer uma cena, já ia se levantar da sua cadeira quando ocorreu um incidente singular.

Joey se levantou e foi até a lareira. Todos os meninos o seguiram com os olhos. Na sala havia um silêncio de morte. Joey

parou diante da lareira, estirou o braço e pegou o martelo. Uma menininha deu um grito. Seguiu-se um silêncio e Joey voltou, entregou o martelo ao seu pai e sentou-se outra vez.

Ninguém havia pronunciado uma palavra e os meninos olhavam para Joey de boca aberta. Ish quebrou o silêncio quebrando a noz com uma martelada. A tensão, qualquer que fosse sua causa, dissipou-se em seguida.

Meio-dia, depois de se despedir dos seus alunos, Ish lembrou-se do incidente e descobriu, sobressaltado, que era um caso de pura superstição. Os meninos viam o martelo como um símbolo misterioso e místico do passado distante. Só era empregado em grandes ocasiões, no resto do tempo descansava sobre a lareira. Geralmente ninguém o tocava, exceto Ish. O próprio Bob, lembrou agora Ish, havia-o levado de má vontade quando foram buscar o jeep. Aos olhos dos meninos ele era um emblema todo poderoso... infeliz do imprudente que ousasse tocá-lo. Talvez no princípio tivesse sido uma simples brincadeira, mas logo a ideia foi tomada a sério. E Ish compreendeu outra vez que Joey era diferente dos outros. Joey não estava certo de que o martelo de Ish não fosse como os outros martelos, mas sua superstição alcançava um nível mais elevado. Lhe alegrava acreditar que compartilhava das funções sagradas do seu pai. Por acaso não lia como ele? Filho do grande sacerdote, filho do eleito, podia tocar imprudentemente nas relíquias que fulminaria os outros. Era até capaz de ter alimentado o temor dos seus amigos para ser mais importante. Seria fácil, pensou Ish, destruir aquela superstição tola.

Mas no começo da tarde sua certeza se transformou em dúvida. Os meninos brincavam em frente da casa, na calçada. Saltavam de uma lajota para outra cantando uma velha cantilena. Ish a tinha ouvido frequentemente nos velhos dias. As palavras não significavam nada, era somente uma cantiga infantil. E os próprios meninos não demoravam a rir. Mas não lhes pareceria agora uma fórmula mágica? Aquela era uma sociedade sem tradições e não havia chances de que a leitura ressuscitasse.

Sentado em sua poltrona na sala, ouvia os meninos que brincavam e cantavam. Observou a fumaça do cigarro que subia

em volutas e lembrou de outros perturbadores exemplos de superstição. Ezra sempre levava no bolso uma moeda com a efígie da rainha Vitória; e para os meninos, sem dúvida não era muito diferente do martelo. Molly passava o dia “batendo na madeira”. Ish lembrou, não sem inquietação, que os meninos a imitavam. Compreenderiam eles algum dia que este era um costume pueril e que não podia conjurar a má sorte?

Sim, concluiu e má vontade, o problema era grave. Nos velhos dias as crenças dos meninos de uma família, ou de um pequeno grupo de famílias, tinham alguma importância; mas o contato com outras crenças trazia um certo equilíbrio. Por outro lado, havia muitas tradições o cristianismo, a civilização ocidental, o folclore indo-europeu, a cultura anglo-americana, e ninguém, para o bem ou para o mal, podia subtrair-se a essas influências.

Mas agora aquele tesouro humano havia se perdido. Sete sobreviventes Evie não contava não haviam bastado para salvá-lo. E durante muito tempo a Tribo só havia sido um grupo de pais e filhos, sem gerações intermediárias. Os pais haviam ensinado os filhos a brincarem. Portanto, a Tribo era maleável e podia mudar com qualquer influência. Era uma vantagem, mas também uma responsabilidade e um perigo. Seria perigoso, por exemplo e Ish estremeceu permitir que na Tribo atuasse alguma força nefasta. Um demagogo não encontraria oposição. Embora, evidentemente e Ish sorriu com uma careca os meninos não tivessem se mostrado muito maleáveis como escolares.

Alguns anos antes ele tinha organizado serviços religiosos que logo pareceram uma paródia absurda. Ele os tinha interrompido, mas talvez tivesse cometido um erro. Ish compreendeu, mais claramente que nunca, que podia fundar uma religião. Sua palavra era lei. Com um pouco de insistência, poderia gravar qualquer ideia na mente dos seus alunos. Podia dizer-lhes que Deus tinha feito o mundo em seis dias. E eles acreditariam. Podia declarar, como na antiga lenda indu, que o mundo era obra de um velho coite. Eles acreditariam.

Mas, o que poderia ensinar-lhes sinceramente? Uma das teorias do seu professor de cosmogonia. Eles a aceitariam sem resistência,

embora a tradição cristã ou a lenda indiana fossem mais poéticas e atraentes.

Na realidade, qualquer sistema podia dar origem a uma religião. Outra vez, com fizera há vinte anos atrás, rechaçou a ideia. Não podia renegar seu sincero ceticismo. Mais vale, pensou, recordando alguma das suas leituras, não acreditar em Deus que ter uma ideia indigna.

Acendeu outro cigarro e afundou-se na poltrona... Mas ali havia um vazio. Se não o preenchesse, em três ou quatro gerações seus descendentes talvez evocariam demônios, obedeceriam servilmente a supostos bruxos, praticariam os rituais da antropofagia. O vudu, o charlatanismo, os tabus se espalhariam entre eles.

Sobressaltou-se. Sim, a Tribo já tinha seus tabus e, sem querer, ele mesmo tinha sido o instigador. O caso de Evie, por exemplo. Ele o havia discutido há algum tempo atrás com Em e Ezra. As crianças que Evie pudesse dar à luz seriam sempre uma carga para a Tribo. E agora ela era para os rapazes algo assim como uma intocável. Evie, de cabelos loiros e grandes olhos azuis, era talvez a garota mais formosa da Tribo. Mas Ish sabia que nenhum dos jovens da Tribo tinha se aproximado dela. Não temiam ser atingidos por um raio. Não, simplesmente nunca lhes tinha ocorrido. Não se precisava de nenhum lei. Evie era tabu.

Havia outro problema parecido. Temendo que os ciúmes terminassem em desordens, havia feito da fidelidade conjugal, mais que uma virtude, uma necessidade. Os jovens se casavam na adolescência. Ezra, como bígamo, não teve discípulos. A fidelidade certamente era uma vantagem naquelas circunstâncias, mas era aceita mais como uma questão de fé que de razão. A primeira infração que houvesse com certeza haveria poderia comover terrivelmente a Tribo.

Terceiro exemplo, embora de menor importância. A biblioteca universitária era tabu. e era considerada como um templo sagrado. Um dia, quando os rapazes eram pequenos, Ish os tinha levado para passear e assim chegaram ao campus universitário. Enquanto dormia a sesta, dois dos meninos tinham arrancado uma madeira

que substituía um vidro quebrado e haviam entrado na sala de leitura. E, brincando, tinham jogado alguns livros no chão. Aterrado com essa profanação do santuário do pensamento, Ish os tinha castigado de tal forma que mais tarde não conseguia se lembrar daquilo sem vergonha e remorso. Sua fúria e seu horror pelos destroços havia produzido mais efeitos que as pancadas.

Advertidos pelos mais velhos, os outros meninos desde então tinham respeitado a biblioteca, com grande satisfação de Ish. Somente agora ele descobria que tipo de temos os afastava do edifício.

Havia um quarto exemplo, o que levou ao ponto de partida. Levantou-se e se aproximou da lareira. O martelo estava ali onde o tinha deixado. Não tinha pedido a ninguém, nem sequer a Joey, que o devolvesse ao seu lugar. O martelo estava ali, equilibrado sobre a cabeça de aço enferrujado de dois quilos. Ish o possuía há anos. Ele o havia encontrado pouco antes que a cascavel o mordesse. Portanto, era seu mais velho amigo, anterior a Em e Ezra.

Examinou-o com cuidado e atenção. O cabo estava estragado. Mostrava as marcas do tempo e um golpe que havia recebido antes que Ish o encontrasse. Que madeira era aquela? Não sabia. Talvez fresno ou nogueira. Mais provavelmente nogueira branca.

O mais simples, concluiu de maneira quase impulsiva, seria desfazer-se do martelo. Jogando-o no mar, por exemplo. Não, isto seria tratar dos sintomas e não da doença. Os meninos não se livrariam assim da superstição, que poderia fixar-se sobre outros objetos e tomar formas mais sinistras. A destruição do martelo talvez fosse uma lição simbólica, pois provaria que era somente uma ferramenta desprovida de poder. Mas como destruí-lo? Queimar o cabo seria fácil, mas não poderia destruir a cabeça. Podia recorrer a todos os ácidos, mas os meninos pensariam que ele desejava livrar-se de um inimigo perigoso.

E Ish teve então a impressão de estar diante de um objeto de poder maléfico. Sim, aquela união de madeira e aço reunia todas as qualidades necessárias para se converter em um símbolo: solidez, permanência, entidade. A significação fálica era evidente.

Como nunca tinha lhe ocorrido dar-lhe um nome? Os homens tinham prazer em personificar suas armas, que são, de alguma forma, emblemas de força. Durandot, por exemplo. Já se conhecia o martelo como atributo divino: Thor. E com certeza havia outros. E não podia esquecer aquele rei franco que havia rechaçado os sarracenos e que seus guerreiros chamavam Martelo. Carlos do Martelo! Ish do Martelo!

Quando os meninos chegaram na classe na manhã seguinte, Ish preferiu não tocar no assunto da superstição. Esperaria o momento propício, observando-os atentamente durante um dia ou dois, ou uma semana. E, sobretudo, sondaria os pensamentos de Joey.

Passaram-se algumas semanas e Ish concluiu que Joey não era como os outros. Tinha completado dez anos naquele verão. Sua precocidade às vezes dava uma triste impressão. Ele era, como se dizia em outros tempos, "grande demais para suas calças". Na idade, ele se encontrava entre Walt e Weston, de doze anos, e Chris, de oito. Mas ele procurava sempre a companhia dos mais velhos. Era difícil para ele, sem dúvida, competir com rapazes de maior desenvolvimento físico. Quanto a Josey, sua irmã gêmea, ele a deixava de lado, com esse desprezo que os meninos da sua idade demonstram pelas meninas. Josey, por outro lado, carecia de dons intelectuais.

Desse modo, Joey, comprovou Ish tristemente, vivia em uma contínua tensão nervosa. Seus camaradas não ousavam tocar na ferramenta, mas tinham achado natural que Joey se expusesse ao perigo. Ou talvez o achassem invulnerável. Ish se lembrava de ter lido que os selvagens atribuíam a alguns deles uma força sobrenatural. Mana, assim os antropólogos chamavam essa força. Aos olhos dos meninos, Joey estava protegido pelo mana e Joey se imaginava ao abrigo de qualquer perigo.

Ish não deixava de notar, com certeza, os defeitos de Joey, mas ainda colocava neles suas esperanças. Joey representava o futuro. A civilização era obra da inteligência humana e somente a inteligência conseguiria ressuscitá-la algum dia. E Joey tinha inteligência; e era até possível que também tivesse aquele outro poder. O mana talvez não fosse mais que uma invenção de mentes primitivas. Entretanto, mesmo os povos mais evoluídos reconhecem certos homens, marcados pelo destino, como chefes indiscutíveis. E nunca alguém tinha explicado esse mistério.

Joey sabia-se eleito pelo destino? Ish se perguntava frequentemente. Não sabia, mas foi se convencendo cada vez mais. E no fim do verão já acreditava ver em Joey o sinal dos escolhidos. Mas embora rechaçasse a ideia da predestinação, ou mana, indubitavelmente somente Joey era capaz de levantar a tocha que afastaria as trevas. Somente ele era capaz de recolher o tesouro das tradições humana e transmiti-lo aos seus descendentes.

Mas Joey não se destacava unicamente na aquisição de conhecimentos. Com a idade de dez anos e tinha suas próprias experiência e fazia suas próprias descobertas. Tinha aprendido a ler quase sozinho. Embora, claro, seu gênio só se revelasse no terreno da experiência infantil.

O quebra-cabeças, por exemplo. Os meninos, de repente entusiasmados pelos jogos de paciência, haviam esvaziado as lojas. Ish, que se entretinha em olhá-los, verificou que Joey era menos hábil que os outros. Parecia carecer de sensibilidade para as formas e tentava juntar peças que claramente não podiam ser colocadas juntas. Seus camaradas não lhe ocultavam sua

indignação. Joey, humilhado, abandonou o jogo durante algum tempo. Mas logo lhe ocorreu uma ideia. Não se guiaria pelas formas e sim pelas cores. Conseguiu armar seu quebra-cabeças com mais rapidez que os outros. Confessou orgulhosamente o segredo do seu êxito, mas os outros se recusaram a adotar o sistema.

— Para que? — perguntou Weston. — Seu método é mais rápido, mas é menos divertido. Não temos pressa.

— Sim — acrescentou Betty. — Não tem graça juntar primeiro os pedaços amarelos, depois os vermelhos e depois os azuis.

Joey não soube o que responder, mas Ish leu no fundo do seu pensamento. Na verdade, a rapidez não era uma das regras do jogo; mas Joey tinha prazer em fazer um trabalho rapidamente e bem. Preferia correr que caminhar. Parecia ter esse espírito de empresa e competição que havia distinguido alguma vez seus antepassados. Pouco hábil em distinguir as formas, sem vigor físico, tinha recorrido à sua inteligência. “Usava a cabeça”, como se dizia antigamente.

Somente a idade de Joey tornava notável a descoberta, mas Ish não deixava de se dizer, prazeroso, que o menino havia intuído as leis da classificação, instrumento fundamenta do progresso humano. A classificação era a base da lógica e da linguagem, com nomes e verbos que agrupavam e separavam objetos e atos. Graças à classificação, o homem tinha conseguido ordenar a aparente desordem do mundo físico.

E Joey apreciava realmente a linguagem. Não se servia dela somente para expressar desejos e sentimentos, mas lhe parecia o entretenimento mais apaixonante. Fazia jogos de palavras e procurava rimas. As adivinhações o fascinavam.

Um dia Ish o ouviu enquanto apresentava uma adivinhação aos outros meninos.

— Fui eu mesmo que inventei — disse Joey orgulhosamente.

— Qual a semelhança entre um homem, um touro, um peixe e uma serpente?

— Todos comem — disse Betty maquinalmente.

— Assim é fácil demais — disse Joey. — Os pássaros também comem.

Os meninos pensaram por um momento e então procuraram outra distração. Com a ameaça de perder seu auditório, Joey se apressou a dizer:

— Eles se parecem porque nenhum deles tem asas para voar.

No primeiro momento Ish não viu nada de extraordinário nessa adivinhação. Mas depois de pensar, ficou assombrado por um menino de dez anos lhes tivesse chamado a atenção para as semelhanças negativas. Uma velha definição lhe veio à memória: “O gênio é a capacidade de ver o que não existe”. Claro, essa definição do gênio, como tantas outras, não era muito exata, pois podia incluir também os loucos. Mas encerrava uma certa verdade. Os grandes pensadores haviam intuído um mundo que nem sempre era revelado e o haviam procurado até descobri-lo. O primeiro requisito para fazer uma descoberta, a não ser que se conte com a casualidade, é indubitavelmente notar que falta algo.

Joey teve outras aventuras naquele verão. Um dia ele voltou para casa tombando e cheirando a álcool. Descobriu-se mais tarde que ele tinha visitado uma loja de bebidas da zona comercial com Walt e Weston. Após uma hora notou que as reservas mal haviam diminuído. A tarefa era enorme e os meninos deveriam resistir à tentação.

Algo similar havia acontecido com ele em sua juventude. Seu pai sempre tinha um pouco de uísque, conhaque e xerez; e pouco teria custado a Ish fazer uma visita clandestina ao bar. Ele tinha se absterido e agora seus filhos e netos tampouco pareciam mostrar um grande interesse em esvaziar garrafas. O alcoolismo era um deus ignorado pela Tribo. A vida era tão sadia e simples, que não havia necessidade de estimulantes. Ou talvez o álcool tivesse perdido sua atração por estar ao alcance de todos.

Joey Ish se alegrou — não havia bebido muito e não parecia doente nem muito bêbado. Evidentemente, ele havia alardeado

outra vez diante dos meninos mais velhos e havia conseguido impressioná-los. Walt e Weston não haviam se saído tão bem da aventura.

Mesmo assim Joey estava um pouco tocado e não protestou quando o mandaram para a cama. Ish aproveitou a ocasião para falar-lhe sobre os perigos da vaidade. O menino olhava para eles com seus grandes olhos inteligentes. Ele compreendia, apesar do álcool, e seu olhar parecia dizer: Nós entendemos. Sabemos muitas coisas. Não somos como os outros.

Em um repentino impulso de ternura, Ish pegou sua mãozinha. Os olhos de Joey se iluminaram e Ish compreendeu que apesar das suas fanfarronadas, seu filho era um menino tímido e sensível, como ele tinha sido. Sua temeridade não era mais que uma forma de timidez.

— Joey, meu filho — desse então, — Por que você se esforça tanto? West e Walt são mais velhos que você. Não se atormente, dentro de dez ou vinte anos você os terá deixado para trás.

O menino sorriu, mas Ish não se enganava. Joey sorria ao sentir o carinho do seu pai e não pelo que ele pudesse ter dito. Aos dez anos se vive o presente. Os anos futuros se perdem em uma bruma distante.

Inclinado sobre Joey, Ish viu que os grandes olhos piscavam pelo álcool e pelo sono. Sentiu-se outra vez inundado de amor pelo seu filho. Ele é o escolhido, pensou. Ele carregará a tocha.

As pálpebras de Joey se fecharam. O pai ficou na cabeceira da cama segurando sua mão. Então, talvez porque o sono seja a imagem da morte, sentiu um repentino temor. Capricho do destino, pensou, amar é expor-se a sofrer. Até agora os dados o haviam favorecido.

Em Joey... Aquela mãozinha era tão frágil... sentia o pulso fraco e rápido em seus dedos. Qualquer coisa poderia pará-lo. Um menino tão fraco, com uma alma ardente demais, que possibilidades tinha de chegar a ser um homem?

Entretanto, dele e somente dele dependia o futuro. Precisava crescer em idade e sabedoria... e viver.

Entre o sonho e a realidade se interpõe o acaso. Uma síncope no coração, um punhal fere, um cavalo tropeça, o câncer corrói a carne, inimigos ainda mais sutis atacam dissimuladamente.

Então, sentados ao redor da fogueira, na entrada da caverna, os sobreviventes se perguntam: "Que vamos fazer? Ele já não está aqui para nos guiar". Ou, enquanto os sinos dobram, se reúnem na praça e murmuram: "O destino foi cruel ao levá-lo. Quem nos aconselhará agora?" Ou estão em uma esquina da rua e suspiram: "É uma grande desgraça. Ninguém merece ocupar seu lugar".

Ao longo de toda história é essa mesma queixa: "Se essa doença não tivesse atacado o jovem rei... Se o príncipe estivesse vivo... Se o general não tivesse sido tão temerário... Se o presidente não tivesse se esgotado..."

Entre os sonhos e a realidade, a frágil barreira de uma vida humana.

As névoas se dissiparam outra vez e voltou o calor. Quantas vezes, pensou Ish, há desfilado diante de mim o cortejo dos meses. Eis aqui outra vez o tempo da secura e da morte. O deus Pan exalou seu último suspiro. Logo cairão as chuvas e as colinas ficarão verdes. E em uma manhã eu verei, daqui da varanda, que o sol se põe muito longe no sul. Então todos nós deixaremos as casas e eu gravarei outros números na rocha. E como batizaremos o ano?

Dick e Bob logo voltariam. Os remorsos ainda atormentavam Ish; e ele se censurava frequentemente por ter deixado os rapazes partirem, embora tivesse tido tempo de se acostumar com sua ausência e sua ansiedade tivesse se atenuado um pouco. Além disso, outras inquietações, outros remorsos o acossavam continuamente.

Os meninos! Suas superstições e ideias sobre a religião! Não será difícil, havia pensado, restabelecer a verdade. Mas já havia passado o verão.

Teria medo de falar? Desejava que os meninos vissem em Joey uma espécie de bruxo? Não desejaria no mais profundo do seu ser que pensassem nele, Ish, como um deus? Ao fim e ao cabo, não é a todo mundo que se oferece essa tentadora oportunidade. E se

não era um deus, poderia pelo menos se um semideus ou um mago.

Desde o incidente do martelo, observava com curiosidade como os pequenos se comportavam. Às vezes dominavam o respeito e o temor. Havia mana nele, mais ainda que em Joey. Podia realizar notáveis proezas. Conhecia o sentido das palavras e o segredo dos números. Por algum mágico poder, sabia como era aquele mundo do outro lado do horizonte, do outro lado das pontes, e sabia também que havia ilhas no mar mais além das rochas das Farallones, que nos dias claros se perfilavam contra o céu.

Ish compreendeu que aqueles meninos eram mais simples e mais ingênuos que qualquer criança dos velhos dias. Nenhum deles tinha visto mais que umas poucas dúzias de seres humanos. Eram felizes, mas com a felicidade de escassas e agradáveis experiências indefinidamente repetidas. Para eles não havia mudanças imprevistas, essas mudanças que em outros tempos alteravam os nervos dos pequeninos, mas que ao mesmo tempo lhes aguçava a inteligência.

Não era raro que eles acreditasse ver nele um ser sobrenatural que não pertencia totalmente à terra e que às vezes o olhassem com um temor reverente. Mas em outras vezes, com mais frequência, para eles era somente o pai, o avô, o tio Ish que tinham conhecido a vida toda e que em outros tempos tinha ficado de quatro para brincar com eles. Então não lhes inspirava muito respeito. E os mais velhos o consideravam um velho gagá e, embora o temessem, escarneciam dele.

Oito dias depois do incidente do martelo, eles colocaram um prego na cadeira: a clássica brincadeira dos estudantes. E outra vez deixaram a classe contendo o riso; depois Ish descobriu que eles haviam prendido uma fita branca no seu paletó, pendurada como uma cauda.

Ish aceitava de boa vontade essas brincadeiras e não tentava descobrir o culpado. A familiaridade dos meninos o divertia. Mas não podia deixar de sentir um pouco aborrecido. Que o tomem como um herói ou um deus, é sempre agradável. Mas quando colocam um prego na cadeira de um deus ou quando colocam

trapos nas costas? Mas Ish refletiu e compreendeu que as duas atitudes não eram incompatíveis e sem precedentes.

É difícil ser um deus! Os sacerdotes trazem ao seu altar um boi de chifres dourados e o imolam com uma machadada. O sacrifício lhe satisfaz. Mas depois eles separam a cabeça, os chifres e a cauda, envolvem os chifres com as entranhas e queimam no altar essa fedentina. Então se regalam com os melhores pedaços. O engano não passa advertido e excita sua ira divina. Você lança então seus raios, junta suas nuvens mais negras? Não. Você pensa: é meu povo, um povo de homens gordos, orgulhosos e insolentes. Queria que seu povo fosse fraco e humilde?

E se no próximo ano explode uma epidemia, os sacerdotes queimarão o boi inteiro... talvez até vários bois. E você se contenta com um fraco trovão, que se perde na alegre algaravia do festim. "Não sou estúpido, você diz aos seus filhos, "mas há momentos em que um deus deve parecer estúpido". E você se pergunta se faz bem em confessar um segredo. Talvez tivesse sido melhor esmagá-los contra uma montanha. Esses dons que tem ao seu alcance são perigosos demais...

Vós também, divindades terríveis, que exigis sacrifícios humanos, de vez em quando cerrais os olhos. Ah, é magnífico e horrível! Os gemidos da vítima, os gritos da sua mulher e as achas dos verdugos. Ali jaz, coberto de sangue, com a língua de fora. Sofreu uma morte espantosa. Mas de repente o morto se levanta e dança com os outros, e o suor lava a pintura vermelha dos muros. Então tu, o deus terrível, recorres à tua sabedoria e recordas só a morte fingida; embora até os idiotas da cidade riam de ti.

Não, é inútil prostrar-se na lama e beijar a terra. Uma leve inclinação de cabeça é suficiente.

Mesmo assim, não sem apreensão, Ish decidiu fazer uma experiência. Talvez tivesse dado muita importância ao incidente do martelo. Bem, isso se veria.

Escolheu com cuidado o momento, os últimos minutos de aula. Se acontecesse algo embaraçoso, poderia bater em retirada. Direcionou a conversa segundo seus planos e finalmente perguntou em tom indiferente:

— E como vocês acham que tudo isso foi feito? — e fez um vago e amplo gesto — o mundo inteiro?

A resposta não se fez esperar. Era Weston quem falava, mas expressou a opinião de todos.

— Bom, foram os americanos.

Ish prendeu a respiração. Entretanto, compreendeu, era fácil encontrar a raiz da ideia. Quando um menino perguntava quem havia feito as casas, as ruas ou as conservas, os pais sempre lhes respondiam: os americanos.

Fez outra pergunta:

— E o que vocês sabem sobre os americanos?

— Oh, os americanos eram o povo antigo.

Desta vez Ish demorou a compreender. “O povo antigo” não era somente as pessoas velhas, mas também seres sobrenaturais, de outro mundo. Era o momento de esclarecer o problema.

— Eu era... — começou a dizer mas parou, pois não havia razão para empregar o tempo passado. — Eu sou um americano.

Ao pronunciar essas palavras tão simples, sentiu um certo orgulho, como se nesse momento as bandeiras flutuassem ao vento e se ouvisse e canto triunfal das fanfarras. Em outros tempos tinha sido uma honra ser um americano. Não se tratava de amor próprio e sim de um sentimento de confiança, segurança e fraternidade com milhões de homens. Mas agora tinha titubeado.

Seguiu-se um silêncio e Ish sentiu que todos os olhares se cravavam nele. E compreendeu que sua explicação tinha jogado lenha na fogueira. Tinha querido dizer simplesmente que os americanos eram seres de carne e osso. Tinha tentado dizer: Olhem, eu sou Ish, pai e avô de alguns de vocês. Fiquei de quatro brincando com vocês. Vocês puxaram meus cabelos. Oh, eu sou simplesmente Ish. E quando digo que sou um americano, quero dizer que não havia neles nada de sobrenatural. Eram somente homens.

Tal havia sido seu pensamento, mas os meninos tinham interpretado mal suas palavras. Eu sou um americano, havia dito, e os meninos inclinaram as cabeças pensativos. Sim, claro, és um americano. Sabes coisas extraordinárias que nós, humildes mortais, não podemos conhecer. Nos ensinas a ler e escrever. Nos descreves o mundo. Brincas com os números. Carregas o martelo. Sim, é evidente: outros seres como tu fizeram o mundo; és o último sobrevivente da velha raça. És um velho do outro mundo. Sim, é isso, és um americano.

Ish olhou impotente ao seu redor. Reinava um silêncio mortal. Imediatamente, Joey sorriu-lhe, como se dizendo: Há algo em comum entre nós dois. Eu sou uma lembrança dos velhos dias. Sei ler, entendo os livros, toco no martelo e não me acontece nada.

Ish ficou contente de ter feito a pergunta pouco antes do meio-dia. Já não haveria mais perguntas nem respostas.

— Está na hora — gritou. — A aula terminou.

6

Um dia, ao cair da tarde, Ish conversava com Joey, ou melhor dizendo, continuava instruindo-o com alguns jogos. Havia reunido algumas moedas e dava a Joey noções de economia política. Joey admirava as brilhantes e sonoras moedas de níquel com a figura daquele esquisito animal com uma corcunda. Como todos os meninos da sua idade nos velhos tempos, preferia as moedas às cédulas com a imagem do homem barbudo, que se parecia um pouco com tio George. Ish tentava lhe explicar o sistema monetário antigo.

Quando parecia que Joey já havia entendido, Ish ouviu um som insólito, embora familiar. Levantou a cabeça e escutou. O som foi ouvido outra vez, desta vez mais perto. Era a buzina de um carro.

— Em! — gritou Ish. — Eles voltaram!

Levantou-se com um salto e as moedas rolaram pela varanda.

Em e os meninos saíram tropeçando. O jeep apareceu na esquina e os cachorros o saudaram com um concerto de latidos. Os membros da Tribo correram para recebê-los. O carro estava sujo e amassado e mostrava as marcas da longa viagem. Ish prendeu o fôlego por alguns segundos. Em seguida os rapazes desceram do carro gritando alegremente. Ish suspirou aliviado e lembrou que desde o dia da partida não tinha desfrutado de um só minuto de verdadeira tranquilidade. Ali estavam os rapazes, rodeados por um corte de meninos faladores. Ish ficou de lado, um pouco embaraçado.

Então um movimento no jeep atraiu sua atenção. Outro viajante: Sim, e agora ele ia sair. Ish teve um mau pressentimento e observou inquieto o aparecimento do intruso. Primeiro assomou a

cabeça: um crânio calvo, uma barba castanha, abundante mas suja e descuidada. O homem desceu e se endireitou lentamente.

Com temor, quase com pânico, Ish o examinou. Era um homem de estatura elevada, corpulento e pesado. Parecia forte, mas se movia com dificuldade como se estivesse sofrendo de algum mal. Na sua cara de lua mal se viam os olhos. Olhos de porco, pensou Ish.

O homem agora estava rodeado de meninos. Levantou a cabeça, encontrou o olhar de Ish e sorriu. Os olhos do homem eram de um azul pálido.

Ish fez um esforço para responder ao sorriso. E devia ter sorrido antes, pensou, ele é um hóspede e supõe-se que devo dar-lhe as boas vindas.

Para terminar com aquela situação embaraçosa, Ish adiantou-se e apertou a mão de Bob, embora não pudesse esquecer do desconhecido. Aproximadamente da minha idade, pensou.

Bob fez as apresentações.

— Nosso amigo Charlie — disse simplesmente, e deu uma tapinha nas costas dele.

— Encantado — conseguiu articular Ish.

A trivial fórmula de cortesia lhe tinha ficado na garganta. Olhou fixamente para os diminutos olhos azuis. Olhos de porco? Não, de javali. Aquela infantil cor azul dissimulava a força e a ferocidade. Os dois homens apertaram as mãos. Ish sentiu que o outro era mais forte.

Bob já estava arrastando Charlie para apresentá-lo aos outros. Ish sentiu-se ainda mais preocupado. Fiquemos alerta, pensou. Tinha imaginado que aquele regresso como uma festa e agora esse Charlie estragava tudo. Homem agradável, em seu gênero. E bom companheiro, a julgar pelo afeto que lhe demonstravam os rapazes.

Mas Charlie era um homem sujo. Somente isto já justificava sua antipatia. Charlie era um homem sujo; e essa sujeira, pensava Ish, não se limitava somente ao exterior.

Ish, como todos outros, já havia se habituado à sujeira, a eterna sujeira da terra. Mas não era isso o que o incomodava em Charlie. Talvez a causa fossem aquelas roupas. Charlie vestia um traje dos velhos tempos que já não se usava. Usava até colete, talvez porque o tempo estava frio e as nuvens baixas pressagiavam chuva. Mas o terno estava coberto de manchas de gordura, que alguém teria pensado ser de ovo, se as galinhas não tivessem desaparecido há anos.

A pequena multidão foi para a casa e Ish foi atrás. A sala estava repleta. Os dois rapazes e Charlie no centro. Os meninos olham maravilhados para os viajantes que voltavam de uma distante expedição e observavam Charlie assombrados. Não estavam acostumados a ver pessoas estranhas. Nunca tinham desfrutado de uma festa parecida. Era o momento de abrir uma garrafa de champanha, pensou Ish; mas não havia gelo. Em seguida se perguntou por que essa ideia lhe parecia risível.

— Vocês chegaram ao outro lado? — gritavam todos. — Até onde foram? Viram a cidade grande?

Ish não se deixava levar pela alegria geral. Olhava de soslaio para a barba engordurada e para o colete manchado e sentia sua antipatia crescer. Cuidado, pensou, Estou parecendo um aldeão que não confia em nenhum desconhecido. Eu dizia que a Tribo precisava de um estímulo para novas ideias e quando se apresenta um estranho, penso que sua alma deve ser tão suja como o colete.

— Não — dizia Bob, — não chegamos a New York e sim a outra grande cidade... Chicago. Depois os caminhos estavam cada vez mais ruins e tropeçamos com troncos caídos e montes de terra. Além disso, não havia pontes e tínhamos que fazer longos desvios.

Alguém fez outra pergunta antes que Bob terminasse a frase. Todos falavam ao mesmo tempo e os viajantes não sabiam a quem responder. Nesse alvoroço, Ish encontrou-se com o olhar de Ezra e compreendeu que seu amigo compartilhava suas inquietações e também desconfiava de Charlie. Ish sentiu-se ao mesmo tempo aliviado e justificado. Ezra tinha uma grande experiência nessas

questões. Se ele previa algum perigo, tinha que estar preparado. Seu julgamento nesses assuntos era infalível.

Vamos, acalmou-se Ish, você não sabe o que Ezra está pensando. Talvez ele esteja perturbado porque adivinha seus temores. E você perdeu a cabeça. Como um selvagem, tem medo que qualquer estrangeiro venha impor suas ideias e seus deuses.

Os viajantes continuaram o relato interrompido.

— Eram roupas muito cômicas — dizia Dick. — Como batas brancas e longas e mangas largas da mesma cor. Homens e mulheres se vestiam igual. Nos atiraram pedras e gritaram que éramos pessoas impuras. “Somos os eleitos do Senhor!, diziam. Não conseguimos nos aproximar.

Em o interrompeu. Sua voz grave e sonora pareceu dominar os agudos gritos dos meninos. Qualquer outro teria que bater na mesa para que prestassem atenção. Todos se calaram de repente, embora Em não tenha levantado a voz e só tenha dito algumas palavras triviais.

— Está tarde — disse. — Hora de jantar. Os garotos estão com fome...

Evie lançou um dos seus risinhos bobos e calou-se também. Em disse que todos deviam ir para suas casas e voltar mais tarde. Ish observou Charlie e notou que Ezra fazia o mesmo. Os olhos de Charles se detinham excessivamente em Em. Então seu olhar pousou nos cabelos loiros de Evie com uma admiração pouco dissimulada. Todos se levantaram e se dispuseram a sair. Dick convidou Charlie para jantar na casa de Ezra.

Serviram a comida; e quando todos se sentaram à mesa, houve outra vez um atropelamento de perguntas. Ish ficou calado, esperando que Em acalmasse suas inquietações. de mãe. Não tinham adoecido? Tinham comido bem? Não haviam tido frio à noite?

Decidiram que falaria da viagem depois da ceia, quando os outros voltasse. Não parecia bem a Ish sondar Bob a propósito de Charlie, mas ele não pôde se conter. Bob falou sem reticência:

— Oh, Charlie? Nós o encontramos há uns doze dias, próximo a Los Angeles. Existe ali alguns grupos como o nosso, mas Charlie estava sozinho.

— Você ofereceu a ele subir no jeep?

Ish estudou o rosto de Bob. O rapaz não pareceu perturbado.

— Oh, não me lembro. Eu não disse nada, talvez Dick tenha dito.

Ish mergulhou outra vez em suas reflexões. Talvez Charlie tivesse suas razões para deixar Los Angeles, mas não podiam acusá-lo sem permitir que se defendesse.

— Ele conta histórias muito divertidas. É um homem magnífico

— continuou Bob. Histórias divertidas, sim, e de um gênero previsível. A Tribo chamava as coisas por seus nomes e a própria pobreza de vocabulário tinha feito desaparecer o conceito de obscenidade, que talvez tivesse morrido com o amor romântico. Mas Charlie conservava um repertório de boas anedotas. Ish nunca tinha sido moralista, mas sentiu que sua desconfiança se transformava em uma espécie de indignação virtuosa. Repetiu para si mesmo que não sabia nada de Charlie, salvo o que os rapazes disseram. Deplorou amargamente a falta de água que havia-lhes arrebatado a paz, trazendo-lhes aquele intruso.

Depois da ceia, uma fogueira acesa na colina atraiu toda a Tribo. Os mais jovens cantavam e brincavam. Era um dia de festa. E naquele concerto de gritos e risos os rapazes terminaram seu relato.

Na estrada para Los Angeles tinham encontrado alguns obstáculos, mas o jeep os tinha salvo facilmente. Os fanáticos de túnicas brancas, que chamavam a si mesmos de os escolhidos do senhor, viviam em Los Angeles. Algum homem enérgico, pensou Ish, havia-lhes imposto essas ideias. A Tribo, livre dessas influências, em troca havia se desinteressado de toda questão sobrenatural.

Depois de Los Angeles, os rapazes tinham tomado a rota 66, como tinha feito Ish nos dias que se seguiram ao Grande Desastre e não era muito mais velho que eles. A rodovia que atravessava o deserto estava em bom estado, embora coberta de areia em alguns lugares. A ponte sobre o Colorado balançava um pouco, mas ainda se mantinha de pé.

Havia outra comunidade perto de Albuquerque. De acordo com a descrição dos rapazes, Ish concluiu que os membros dessa colônia, embora não fossem muito morenos, eram da raça índia, pois cultivavam milho e feijão, como haviam feito os índios dos pueblos durante séculos. Somente uns poucos os mais velhos falavam inglês. Encerrados em si mesmos, olhavam os estrangeiros com desconfiança. Tinham cavalos, não usavam automóveis e se mantinham longe das cidades.

Dali os rapazes tinham ido para Denver e logo haviam atravessado as planícies.

— Seguimos uma rodovia — explicou Bob — que começava como 66.

Bob calou-se, hesitante. Ish refletiu por um instante e compreendeu que o rapaz estava falando da rota 6. Bob tinha visto um número familiar nas placas ainda intactas, mas não conhecia o nome. Ish teve vergonha da ignorância do seu filho. A rota 6 tinha-lhes permitido chegar aos limites do Colorado e cruzar as planícies de Nebraska.

— Havia muitas vacas — comentou Dick. — Não se via outra coisa.

— Viram também esses touros com corcovas? — perguntou Ish.

— Sim, alguns — disse Dick.

— E o trigo? Era reto e alto, com espigas? Devia estar tenro no caminho de ida e dourado, com grão duro quando vocês voltaram.

— Não, não vimos nada parecido.

— E o milho? Vocês conhecem o milho. Era cultivado perto do Rio Grande.

— Não, não vimos milho.

A partir de então, os caminhos estavam constantemente bloqueados. Naquelas regiões de outonos chuvosos e invernos frios, a umidade favorecia o crescimento das plantas. O cimento, rachado e dividido, tinha sido invadido pelas ervas, pelo mato e até pelos arbustos. Mas por fim, trabalhosamente, tinham conseguido atravessar o que antes tinha sido o Estado de Iowa.

— Chegamos ao grande rio — disse Bob. — O maior de todos. Mas a ponte ainda está sólida.

Por fim haviam entrado em Chicago, um deserto de ruas vazias. A cidade, pensou Ish, era pouco hospitaleira, sobretudo quando os ventos de inverno se abatiam sobre o lago Michigan. Não era estranho que as pessoas, que podiam escolher qualquer lugar do país, tivessem emigrado para o sul. Chicago agora era uma cidade de fantasmas. Ao sair de Chicago, em um dia nublado e cinzento, haviam se perdido no labirinto de estradas que rodeava a cidade e tinham ido para o sul, em vez do leste.

— Então procuramos em uma loja uma dessas máquinas que apontam a direção — disse Bob, que olhou para Ish.

— Uma bússola — disse Ish.

— Bem, a bússola nos ajudou a encontrar o caminho e chegamos às margens de um rio que não pudemos atravessar.

O rio Wabash, pensou Ish. Sucessivas inundações teriam derrubado as pontes, ou talvez um furacão.

Não se podia passar pelo sul e Bob e Dick tinham voltado para a rota 6. A viagem para o leste foi uma verdadeira aventura. As inundações, as tempestades e as geadas tinham destruído a rodovia; e a areia, as plantas e as árvores caídas mal deixavam ver o cimento. O jeep abriu passagem entre matagais ou se esquivando de troncos. Mas frequentemente os rapazes tinham que recorrer à pá e ao machado em uma luta esgotante. Além do mais, a solidão começava a pesar-lhes.

Um dia que fez muito frio, com vento do norte confessou Dick, tivemos medo. Lembramos do que nos havia dito sobre a neve e

pensamos que não voltaríamos mais para casa.

Em algum lugar, provavelmente perto de Toledo, tinham dado meia-volta. A água das chuvas tinha coberto os caminhos e eles se perguntavam se a inundação não teria levado as pontes. Nesse caso, nunca poderiam se reunir novamente com suas famílias.

Em lugar de ir para o sul, como Ish havia lhes aconselhado, tinham voltado pelo mesmo caminho. Portanto, a viagem de volta não tinha lhes ensinado nada de novo.

Ish não lhes fez nenhuma censura. Ao contrário, elogiou sua energia e inteligência. A culpa devia recair sobre ele, que os tinha enviado para Chicago e New York, as grandes cidades dos velhos dias. Teria sido preferível escolher a rota meridional para Houston e New Orleans, distante dos inóspitos invernos do norte. Entretanto, ao leste de Houston as inundações deviam ter sido catastróficas. Talvez Arkansas e Louisiana haviam se transformado em selvas antes de Iowa e Illinois.

Os meninos, com suas danças de roda e canção, rodeavam o fogo. Não havia nesse frenesi algo de primitivo e bárbaro? Ou essa exuberância seria natural? Evie, mentalmente uma criança, também dançava com os cabelos loiros ao vento.

Ish olhava e pensava. Os rapazes tinham descoberto que o país estava voltando ao estado selvagem. Mas não podia se esperar outra coisa. A expedição teve outra utilidade: o contato com duas comunidades, se é que se podia chamar de contato, já que aqueles grupos rechaçavam os estranhos. Seria simples preconceito ou um profundo instinto de preservação? Entretanto, a certeza de que havia seres humanos perto de Albuquerque aliviava um pouco a angústia da solidão.

Duas pequenas colônias descobertas em uma só viagem. Podia-se supor que havia muitas delas no país todo. Ish lembrou dos negros que tinha visto em Arkansas há muitos anos atrás. Naquela região fértil, sem invernos rigorosos, esses três negros talvez fosse o núcleo de um grupo de homens de distintas raças. Evidentemente, por seus costumes e modo de pensar, aquela comunidade pouco se pareceria com as da Califórnia e do Novo México. Essas diferenças gerariam novos problemas.

Mas não era o momento adequado para meditações filosóficas. As danças e os gritos dos meninos haviam se transformado em algo desenfreado. Os meninos mais velhos, alguns inclusive casados, não tinham resistido e tinham se unido à festa. Estavam brincando com um chicote e o que fosse tocado devia saltar o fogo.

De repente Ish ficou tenso. Charlie tomava parte na brincadeira. Entre Dick e Evie, brandia o chicote. A presença de uma pessoa adulta entre eles, e sobretudo desse estranho, redobrava a alegria dos meninos.

Ish procurou argumentos que dissipassem sua desconfiança: Por que Charlie não podia se unir à dança? Não valho mais que essas pessoas de Los Angeles ou de Albuquerque que rechaçam os desconhecidos? Creio, entretanto, que me alegraria que esse Charlie fosse diferente.

Mas apesar dos seus esforços, Ish era incapaz de reprimir sua antipatia. Considerava agora de outra forma a viagem dos rapazes. Embora a descoberta das novas colônias fosse todo um acontecimento, nada lhe parecia mais importante que a presença de Charlie.

Estava ficando tarde e as mães reuniram seus filhos. A festa havia terminado, mas a maior parte dos adultos seguiram Ish e Em para conversar um pouco mais com os dois rapazes e com Charlie.

— Sente-se — disse Charlie, mostrando-lhe a poltrona junto à lareira.

Era o lugar de honra e o mais cômodo. Ezra tinha o dom de fazer com que as pessoas se sentissem à vontade. Ish se censurou por não ter cumprido com seus deveres de dono da casa. Charlie podia haver pensado que não era bem recebido. E Ish se perguntou se não tinha sido precisamente este seu desejo. A noite era fresca e Ezra pediu que acendessem a lareira. Os rapazes trouxeram e lenha e logo o fogo crepitou alegremente, espalhando um agradável calor.

Conversaram e Ezra, como sempre, tomou a liderança. Charlie disse que tinha sede e Jack lhe trouxe uma garrafa de conhaque.

Ele esvaziou vários copos sem que aparentemente sentisse nenhum efeito.

— Decididamente, não consigo me esquentar — disse Ezra.

— Não estaria doente? — perguntou Em.

Ish estremeceu. A doença era algo tão raro na Tribo, que o menor mal-estar preocupava a todos.

— Não sei — respondeu Ezra. — Se estivéssemos nos velhos dias, eu acharia que estava resfriado. Mas não pode ser, claro.

Trouxeram mais lenha; logo o calor estava insuportável. Ish tirou o suéter e ficou em mangas de camisa. Charlie também tirou o paletó e desabotoou o colete. George, largado no sofá, dormiu, mas sua ausência não fez a conversa diminuir. Charlie continuou com suas libações e, por efeito do foto ou do álcool, umas gotas de transpiração lhe perolaram a testa, embora não tenha perdido sua lucidez.

Ish notou que Ezra tentava com que Charlie falasse de si mesmo.

Mas o tato de Ezra foi desnecessário. Charlie não ocultou seu passado.

— Afinal ela morreu — explicou. — Passamos muitos anos juntos, dez ou doze. Bem, não quis ficar ali nem um minuto a mais; como gostei dos rapazes, vim com eles.

Ish sentiu que mudava de opinião. Os rapazes, que haviam passado um tempo com Charlie, realmente o apreciavam. Talvez esse homem forte e alegre seria útil para a Tribo. Olhou para Charlie e viu que a transpiração lhe banhava a testa.

— Charlie — disse, — você se sentiria mais cômodo sem o colete. Charlie teve um sobressalto, mas não disse nada.

— Desculpem — disse Ezra, — não sei o que se passa comigo. Talvez seja melhor que eu vá embora e me dei temas não saiu do lugar.

— Não pode ser um resfriado — disse Em. — Ninguém nunca ficou resfriado aqui. Charlie aceitou se afastar do fogo com sua garrafa de conhaque, mas não tirou o colete. Os cães da casa se

aproximaram para cheirá-lo. Todo cheiro novo os excitava. A princípio pareceram indiferentes, mas quando Charlie acariciou seus lombos e as orelhas, eles se mexeram alegremente, agitando a cauda.

Ish, que nunca havia ficado à vontade com gente desconhecida, hesitava. Algumas vezes, seduzido pela força e pela simpatia de Charlie, ele lhe parecia um homem muito agradável; em outras, essa mesma força e simpatia o desagradavam. Talvez temesse ver ameaçado seu prestígio na Tribo. Então Charlie lhe aparecia como a própria encarnação do mal.

Por fim George acordou, se espreguiçou pesadamente e anunciou que ia se deitar. Os outros se prepararam para partir com ele. Ish notou que Ezra queria lhe dizer alguma coisa e o levou para a cozinha.

— Está se sentindo mal?

— Eu? — disse Ezra. — Nunca estive melhor na minha vida.

Sorriu e Ish começou a entender.

— Você não estava com frio.

— Nunca tive menos frio — replicou Ezra. — Queria ver se Charlie tirava o colete. Por outro lado, eu ficaria assombrado, pois ele é um homem precavido e confirmou minhas suspeitas. Ele aumentou um dos bolsos do colete e carrega um desses brinquedinhos que antes se faziam para as bolsas das mulheres. Só um brinquedinho.

Ish se sentiu aliviado. Um revólver. Algo simples, concreto, conhecido, fácil de manejar. Mas a alegria não durou muito.

— Desejaria saber a que me ater — prosseguiu Ezra. — Às vezes tenho a impressão de que há algo sujo e vil nesse homem. Outras vezes me parece que ele será meu melhor amigo. Enfim, ele é alguém que sabe o que quer e sempre consegue.

Voltaram para a sala. George se despedia.

— Tivemos sorte — dizia-lhe George. — Precisávamos de outro homem forte na tribo. Espero que fique conosco.

Houve um coro geral de aprovação. Depois todos, inclusive Charlie e Ezra, saíram. Ish ficou sozinho com seus pensamentos. Tinha tentado se unir ao coro, mas a língua não tinha lhe obedecido. E repetiu para si as palavras de Ezra: Há algo de sujo em vil nesse homem.

7

Mais tarde, Ish se lembrou de um costume de outros tempos, já abandonado. Foi até à porta da cozinha que descobriu que havia um cadeado. Lembrou que fora sua mãe que colocara, pois não confiava nas fechaduras comuns. Fechou a porta com o cadeado. Depois examinou a fechadura da porta da frente. Ainda funcionava. Nunca, desde o Grande Desastre, tinha-lhe ocorrido fechar com chave. Na Tribo não havia ninguém suspeito e um estranho não teria escapado à vigilância dos cães.

Ish se deitou e comunicou seus temores a Em mas ela não deu muita atenção. Ish pensou que, como das outras vezes, Em tinha uma inercia perigosa.

— E por que não ter um revólver no bolso?— perguntou ela.

— Você mesmo leva uma arma quando sai.

— Mas eu não a escondo e não tenho medo de tirar o paletó e ficar desarmado por um momento.

— Está certo, mas talvez você mesmo o tenha deixado nervoso. Ele lhe causa antipatia e talvez pense o mesmo de você. Está entre pessoas estranhas... sozinho.

— Sim — disse Ish, — mas nós estamos na nossa casa e ele é quem deve se adaptar, e não nós.

— Talvez tenha razão, querido, mas não falemos nisso agora.

Estou com sono.

Se Ish invejava alguma coisa em Em, era sua facilidade em adormecer no mesmo instante em que dizia estar com sono. O sono fugia dele quando o chamava; e não conseguia deixar de pensar. Acabara justamente de ter uma nova ideia. Viu-se envolto

em uma briga com Charlie. Se entre os membros da Tribo houvesse uma união verdadeira ou simbólica, a chegada de um estranho, por mais forte que fosse, teria representado pouco perigo. Mas agora talvez já fosse tarde. O estranho estava ali e estava diante de indivíduos isolados.

E Charlie não era um adversário desprezível. Já tinha conquistado a amizade de Dick e de Bob, sem contar os mais novos. George parecia admirá-lo. Ezra hesitava. Que era esse estranho encanto que parecia apoiar-se na força física:

Era difícil saber por que quase todos simpatizavam com Charlie. Não estaria ele, Ish, cego pelo preconceito? Talvez visse no homem um rival. De qualquer forma, uma coisa era certa: haveria luta entre eles, um duelo talvez, pois a Tribo ignorava a solidariedade própria de um Estado. Ou ainda pior, poderia haver uma luta entre dois partidos, com chefes rivais. Quem o apoiaria? Não era um chefe de verdade, mas não havia outro. George era estúpido demais e Ezra gostava da comodidade.

Oh sim, em inteligência era superior a todos, mas na disputa pelo poder o intelectual sempre havia perdido. Pensou nos olhos de um azul infantil e enganoso. Os olhos negros nunca poderiam ser tão duros e frios.

Quem se alistaria sob seus estandarte? — se perguntou dramaticamente — Até Em poderia abandoná-lo. Ela tinha rido dos seus temores e havia defendido Charlie. Ish sentiu-se outra vez o menino desamparado dos velhos dias. De todos o que rodeavam, unicamente Joey era capaz de entendê-lo. E Joey era somente uma criança, pequeno e fraco para sua idade. De que lhe serviria uma luta contra Charlie? Não, não, pensou de novo nos olhos de porco. Olhos de javali.

Por fim se rebelou contra si mesmo. Não é mais que uma extravagância noturna, disse para si mesmo. Essas ideias nascem nas trevas nas noites de insônia. Conseguiu se livrar dos seus pensamentos e adormeceu.

Na manhã seguinte, ao despertar, a situação lhe parecia, se não cor-de-rosa, pelo menos não tão sombria. Tomou o café da manhã

quase alegremente, contente em ver Bom no seu lugar de costume e de ter mais notícias da viagem.

Então, quando acreditava ter recobrado a calma, tudo ruiu outra vez.

— Bom, vou ver Charlie — disse Bob.

Um conselho paternal chegou à ponta de língua de Ish: “Em seu lugar em deixaria esse homem em paz”. Mas Em, com o olhar, pediu que ele se calasse. E Ish compreendeu que se Charlie se transformasse em algo proibido seria ainda mais atrativo. Se perguntou outra vez que tipo de fascinação Charlie exercia sobre os rapazes.

Bob se foi; e os outros meninos o seguiram depois das tarefas matinais.

— O que os atrai tanto? — perguntou Ish a Em.

— Oh, não se atormente — disse ela. — É somente a novidade. Não me parece estranho.

— Podemos ter dificuldades.

— É possível — admitiu Em. Era a primeira vez que ela se mostrava de acordo. Mas logo a seguir, desviou o curso dos pensamentos de Ish, dizendo: — Mas não as comece você.

— Que está querendo dizer? — perguntou Ish, irritado, embora nunca discutisse com Em. — Acha que vamos disputar a chefia da Tribo?

— Vá ver o que está acontecendo — disse ela, sem responder sua pergunta.

O conselho pareceu bom a Ish, talvez porque realmente sentia curiosidade. Mas quando estava cruzando a porta, hesitou e ficou na varanda por um instante. Sentia as mãos estranhamente vazias, sentia-se indefeso. Pensou em ir buscar o revólver. Nos arredores das casas, as armas de fogo eram inúteis, pois bastava a vigilância dos cães. Podia pretextar uma excursão. De qualquer forma, um revólver equivaleria a uma declaração de guerra e também seria admitir sua fraqueza. Mas não se decidia a sair sem nada.

Entrou em casa e viu o martelo em cima da lareira. Bem, pensou encolerizado, não sou melhor que os meninos. Me deixo arrastar por suas ideias estúpidas. Apesar de tudo, pegou o martelo e levou-o. Seu peso e sua solidez eram tranquilizantes. Já não sentia na mão direita, com que pegava no duro cabo de madeira, aquela sensação de vazio.

Na colina onde na noite anterior tinha ardido a fogueira, agora se ouviam gritos e risos. Dirigiu-se para lá. Não havia ninguém por perto e imediatamente sentiu o peso da solidão.

Lhe faltavam forças para seguir adiante. Mais uma vez era como a formiga perdida longe do formigueiro; a abelha que não podia voltar à colmeia destruída; o menino sem mãe. Parou, com o corpo banhado em suor frio. Os Estados Unidos não eram mais que uma recordação do passado. Não contava com ninguém. Não sabia se encontraria algum apoio entre os membros da Tribo. Não havia policiais, fiscais, juízes a quem pedir ajuda. Apertou o cabo do martelo com tanta força, que os nós dos dedos estalaram. Não quero retroceder, pensou. E, juntando coragem, avançou lentamente.

Quando deu alguns passos, passando do pensamento à ação, sentiu-se melhor. Viu o grupo perto das cinzas da fogueira. Estavam ali todos os jovens e também Ezra. De pé ou sentados, rodeavam Charlie, que falava, ria e contava piadas. Era exatamente o espetáculo que Ish tinha esperado ver. Mas quando chegou mais perto, sentiu que um frio nascia em seu estômago e depois lhe invadia o corpo. O cabo de madeira tremeu em suas mãos. No centro do grupo estava Evie, a idiota, junto a Charlie. E Ish nunca tinha visto aquela expressão em seu rosto.

Ish estava então a uns dez passos de Charlie. Parou. Alguns dos meninos o tinham visto, mas a história que Charlie contava era interessante demais para ser interrompida. Embora Ish estivesse ali em carne e osso, sua presença não havia sido oficialmente reconhecida. Deixou que se passassem alguns minutos, que lhe pareceram séculos. Mas o coração não bateu mais que umas três ou quatro vezes. Já não sentia aquele suor frio. Estava preparado para agir. Estava quase feliz. Seus temores se transformavam em

realidade. E a pior das dificuldades, quando adquire forma, é preferível a uma sombra vaga e confusa. Não se pode lutar contra um mal que é mera aparência.

Esperou ainda, só o tempo de algumas batidas de coração. A crise havia surgido de repente, como acontecia frequentemente naquela nova vida. Nos velhos tempos, as crises se arrastavam interminavelmente e as pessoas pelos jornais, semanas e meses antes que os trabalhadores declarassem greve ou que os aviões deixassem cair suas bombas. Mas nessa sociedade minúscula, o drama explodia em umas poucas horas.

Evie estava no centro do grupo, embora habitualmente se mantivesse afastada. Comumente, ela mal prestava atenção aos seus companheiros. Desta vez ela contemplava Charlie com admiração e parecia beber suas palavras, embora provavelmente não compreendesse nem a metade. Não era a história que a atraía. Seu corpo roçava o corpo de Charlie.

E foi para isso, se perguntou Ish amargamente, que haviam cuidado de Evie: Ezra a tinha encontrado suja, desgredada, vivendo como uma fera e apenas com a inteligência necessária para abrir latas de conserva. Não teria sido melhor colocar ao seu alcance algum veneno açucarado? Bem, eles haviam cuidado dela durante anos e sua existência não tinha sido uma alegria para eles; e, sem dúvida, tampouco para ela. A paixão que Evie inspirava era uma relíquia de outros tempos.

Evie, tal como a via agora no centro do grupo, parecia uma estranha. Acontece frequentemente a pessoa não se fixar no quadro que tem sempre diante do seu nariz e a pessoa a quem se vê durante anos parece perder suas características mais pessoais. Evie, ele notou de repente, era de uma notável beleza loira. Claro, os olhos pareciam vazias e seu rosto carecia de expressão. Mas para um homem como Charlie esses detalhes não deviam ter grande importância. Sim, como Ezra havia dito, Charlie sabia o que queria e conseguia rapidamente. E por que ia esperar?

Os dedos de Ish se crisparam sobre o cabo do martelo. Era tranquilizador, mas ele teria preferido um revólver.

Um coro de gargalhadas saudou as palavras de Charlie. Evie riu com breves gritinhos. Charlie inclinou-se para ela e lhe beliscou a cintura. A jovem lançou um gritinho agudo de menina. Ish se aproximou e logo sua presença se tornou oficial. Todos se voltaram para ele. Aguardavam, notou Ish de imediato. Aquela situação inesperada os surpreendia e não sabia que atitude adotas. Ish se aproximou de Charlie, com o martelo na mão direita e tentando não apertar o punho esquerdo, apesar da sua cólera.

Enquanto Ish se aproximava, Charlie pegou Evie pela cintura com um movimento despreocupado. Surpresa, ela cedeu. Charlie voltou-se então para Ish e olhou-o desafiadoramente. Ish aceitou o desafio e serenou. A necessidade de agir clareava suas intenções.

Deixem-nos a sós por alguns instantes — ordenou em voz alta. Não havia necessidade de pretextos, todos sabiam o que ia acontecer. — Quero falar com Charlie. Ezra, leve Evie para casa. Ela precisa se pentear.

Ninguém protestou. Se dispersaram com uma pressa em que havia algo de temor. Deixar Ezra partir era perder seu melhor aliado, mas tentar retê-lo teria sido uma confissão de fraqueza diante de todos, inclusive de Charlie.

Ficaram sós, frente à frente. Ish de pé e Charlie sentado. Charlie não fez menção de se levantar e Ish também se sentou. Não podia ficar em pé enquanto o outro continuava indolentemente sentado. Charlie não estava usando o paletó e tinha desabotoado o colete, o que lhe dava uma aparência de descuido.

Olharam-se, separados por alguns metros. Ish achou que era melhor deixar de rodeios.

— Só quero lhe dizer isto: deixe Evie em paz. Charlie também foi categórico:

— Quem está ordenando isto?

Ish pensou por um momento. Nós? Era muito vago. Nós, a Tribo? Charlie riria disso. Por fim se decidiu.

Eu estou ordenando.

Charlie não respondeu. Pegou algumas pedrinhas no chão e as fez saltar com a mão esquerda. Nada indicaria melhor sua despreocupação.

— Eu poderia lhe responder com alguma das velhas frases — disse por fim. — Você já as conhece. Não vamos insistir. Mas sejamos razoáveis, por que quer que eu deixe Evie em paz? Ela é sua amiguinha?

— Por uma coisa muito simples — disse Ish rapidamente. — Em nosso grupo com certeza não há gênios, mas tampouco há imbecis. Não queremos nos sobrecarregar com alguns meninos idiotas, como fatalmente seriam os filhos de Evie.

Mal parou de falar e Ish logo compreendeu que tinha cometido um erro. Como todo intelectual, tinha preferido a discussão às ordens, enfraquecendo assim sua autoridade. Agora ele tinha passado a segundo plano e Charlie era o chefe.

— Demônios — disse Charlie, — se ela pudesse ter filhos já teria tido, com todos esses rapazes que andam ao seu redor.

— Os rapazes nunca tocaram em Evie — declarou Ish. — Cresceram com ela e a respeitam. E, por outro lado, casamos os rapazes muito jovens. — sentiu que seus argumentos eram cada vez mais frágeis.

— Bem — disse Charlie, com o aprumo de um homem que domina a situação, — você deveria se alegrar que eu me tenha interessado na única mulher livre. E se eu tivesse gostado de uma das outras? Você deve agradecer.

Ish procurou desesperadamente por uma resposta. Não podia ameaçá-lo com a polícia ou com a justiça. Tinha lançado o desafio e tinha perdido.

Não, não havia mais o que dizer. Ish se levantou, deu meia volta e se foi. Lembrou daquela vez, um dia pouco depois do Grande Desastre, quando havia se voltado para se afastar de outro homem, quando tivera a certeza de que ia receber um tiro pelas costas. Mas agora não estava com medo e isto o mortificava ainda

mais. Charlie não tinha necessidade de matá-lo pois era o vencedor.

Ish voltou para casa arrastando os pés. Tinha esquecido a amargura da humilhação. O martelo era agora uma ferramenta embaraçosa e não um símbolo de poder. Durante anos, a vida havia transcorrido sem incidentes; ele era o chefe e todos o respeitavam. Mas na verdade não era muito diferente daquele jovem que de mal se lembrava. O jovem que ele tinha sido antes do Grande Desastre, o que temia ir aos bailes, que nunca se sentia muito cômodo com as pessoas e que não tinha nenhuma autoridade. Tinha mudado muito, mas não havia perdido totalmente sua timidez.

Chegou assim à porta da sua casa, com uma profunda amargura. Em o esperava. Ish soltou o martelo e tomou-a em seus braços, ou talvez foi ela que se lançou nos deles, não sabia, mas sentiu-se outra vez seguro de si mesmo. Em nem sempre estava de acordo com ele. Na noite da véspera, por exemplo, haviam discutido sobre Charlie; mas ele sempre encontrava novas forças nela.

Sentaram-se no sofá e ele lhe contou toda a história. Mesmo antes que ela abrisse a boca, Ish sentiu sua ternura, como um bálsamo.

— Que imprudência — disse Em, por fim. — Não devia ter mandado os rapazes embora. Ninguém pensa nem entende de tantas coisas como você, mas você não sabe lidar com um homem dessa espécie.

E Em preparou o plano de operações:

— Vá buscar Ezra, George e os rapazes — disse. — Não, mandarei um menino. Ninguém tem o direito de semear a discórdia e dizer-nos o que devemos fazer.

Ish compreendeu que tinha se equivocado. Não tinha porque desanimar e sentir-se sozinho. A Tribo estava ali e o protegeria.

George foi o primeiro a chegar. Depois apareceu Ezra, que olhou primeiro para George e depois para Em. Ele sabe alguma coisa, pensou Ish, um segredo que só contará a mim.

Mas Ezra não tentou lhe falar a sós e se limitou a olhar para Em, embaraçado.

— Molly teve que prender Evie em um quarto do primeiro andar — anunciou.

Parecia como se Ezra estivesse perturbado por falar ali, em público, da paixão que as carícias de um homem haviam despertado na idiota.

— Ela é capaz de saltar por uma janela — disse Ish.

— Podíamos colocar uns barrotes — propôs George, — ou umas tábuas.

Apesar da gravidade da situação, todos caíram na risada. George sempre estava disposto a fazer algum trabalho de carpintaria nas casas. Mas não podiam encerrar Evie pelos resto dos seus dias.

Chegaram então Jack e Roger, filhos de Ish. Depois apareceu Ralph, o último do trio. A presença dos rapazes aliviou um pouco a tensão. Todos se sentaram comodamente. Esperavam, compreendeu Ish, que ele dissesse alguma coisa e lamentou não ter pensado em se preparar. Discutia-se a organização de um novo Estado e não havia tempo de redigir tranquilamente uma constituição. Era necessário agir com rapidez e resolver o problema.

— Que vamos fazer quanto a Evie e esse Charlie? — perguntou diretamente.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo e Ish teve a desagradável impressão de que a vitalidade de Charlie enriqueceria a Tribo. Se Evie gostava dele, tanto melhor. Por fidelidade a Ish, estavam decididos a exigir que Charlie se desculpasse, mas também pensavam que Ish tinha agido precipitadamente. Devia ter consultado os outros antes de discutir com Charlie.

Ish lembrou-os de que não se podia permitir que Evie desse à luz meninos idiotas. Mas o argumento não causou a impressão esperada. Evie havia participado da vida da Tribo e a ideia do que seus filhos pudessem ser não assustava os rapazes. Não

conseguiam imaginar um futuro distante onde os descendentes de Evie se mesclariam com os outros, fazendo baixar o nível intelectual da colônia.

Curiosamente, George, apesar da lerdeza mental, apresentou um argumento mais perturbador.

— Mas como sabemos se ele é verdadeiramente idiota? — disse. — Sofreu tantas desgraças, a pobrezinha... Seus pais morreram e ela ficou sozinha. Qualquer outro em seu lugar teria enlouquecido. Talvez seja mais inteligente que nós e seus filhos serão normais.

Todos pareciam impressionados, exceto Ezra. Charlie já lhe parecia como um benfeitor da comunidade e ia fazer de Evie uma pessoa como as outras. Mas evidentemente Ezra tinha algo a dizer.

Se levantou. Não era homem de cerimônias, e todos se perturbaram por vê-lo um pouco perturbado. Seu rosto estava mais vermelho que de costume. Olhava de um lado para outro e de vez em quando cravava os olhos em Em, indeciso.

— Tenho uma coisa para dizer — anunciou. — Falei longamente com esse homem, Charlie, à noite, em minha casa, antes de nos deitarmos. Ele tinha bebido muito e o álcool lhe soltou a língua — interrompeu-se e olhou para Em. — Ele é um jactancioso, e vocês já conhecem esse tipo de homem. — desta vez voltou-se para os rapazes, pobres selvagens, incapazes de reconhecer as alusões de um homem civilizado. — Ele me falou muito de si mesmo e eu consegui que soltasse a língua.

Ezra parou outra vez. Ish nunca o tinha visto assim.

— Bem, Ezra, fale. Estamos entre nósdisse. A timidez de Ezra se desfez de repente.

— Esse homem, esse Charlie, está podre como um pescado de dez dias. Tem várias doenças, doenças venéreas. Todas a que existiram alguma vez.

George cambaleou, como se tivesse recebido um golpe no peito. O rubor cobriu o rosto moreno de Em. Os rapazes nem piscaram,

não conheciam as doenças venéreas.

Antes de tentar uma explicação, Ezra esperou que Em deixasse a sala, mas não conseguiu se fazer entender, pois os rapazes tinham uma ideia muito vaga das doenças em geral.

Enquanto isso, Ish se abandonava ao torvelinhos dos seus pensamentos. Esta situação não tinha precedentes, nem na antiga nem na nova vida. Lembrou dos leprosos que viviam separados. Podia-se proibir que um homem doente de tifo trabalhasse em um restaurante. Mas para que procurar exemplos: Não já havia leis na terra.

— Que os rapazes saiam — disse-lhe bruscamente Ezra — Nós decidiremos.

Com efeito, os rapazes não conheciam o perigo das doenças e ignoravam que uma sociedade tem o direito de se defender. Um a um deixaram a sala, obedientes como crianças, apesar da sua idade e estatura.

— E nem uma palavra a ninguém — advertiu-lhes Ezra. Os três homens ficaram sós e olharam-se entre si.

— Chamemos Em — propôs Ezra.

Em se reuniu a eles. Ficaram um minuto calados, como se esmagados pela iminência do perigo. Havia uma ameaça de morte no ar; não a de uma morte limpa e digna, e sim degradante e vergonhosa.

— E então? — disse Ish, ao notar que os outros esperavam que dissesse algo. Quebrado o silêncio, discutiram a situação. Logo se puseram de acordo em um ponto: a Tribo tinha o direito a se proteger. Qualquer sociedade ou indivíduo pode agir em defesa própria.

Mas, aceito este direito, a que meios podiam recorrer? Uma simples advertência? Seria insuficiente. Se Charlie contagiasse alguém, o castigo que podiam infligir lhe seria uma simples vingança social que nada remediaría. Encerrá-lo definitivamente seria impor uma pesada carga para aquela pequena sociedade. A melhor solução seria ordenar-lhe que se afastasse, que desaparecesse. Ele não encontraria dificuldades para sobreviver. Se voltasse, o castigo seria a morte.

A morte! Estremecera. Há muito tempo não havia guerras nem execuções. A ideia de que precisassem castigar com a pena capital não podia deixar de perturbá-los.

— E depois? — a voz de Em era a própria voz dos temores dos outros. — E se ele voltar? Nós, os pais, somos uma minoria. Ele poderia entender-se secretamente com os jovens. E se ele ganha a amizade de alguns dos rapazes e eles decidem protegê-lo? E Evie? Ela não encontraria cúmplices entre as mulheres?

— Poderíamos metê-lo no jeep e deixá-lo a cem ou cento e cinquenta quilômetros daqui — propôs Ezra. E depois de uma pausa, acrescentou: — Sim, mas depois de um mês estará de volta e ninguém o impedirá de arrumar um rifle e disparar contra qualquer um de nós. Os rapazes e os cães poderiam afugentá-lo, mas um de nós estaria morto. Eu ficaria tremendo sempre que passasse diante de um matagal.

— Não se pode castigar um homem por um crime que ainda não cometeu — declarou George.

— Por que não? — replicou Em.

Todos olharam para ela, mas ela não disse mais nada.

— Porque... bem, é impossível. — George expunha trabalhosamente seu pensamento.

— É preciso que cometa um crime. Depois se submete o homem a um tribunal. Assim é a lei.

— Que lei?

Todos se calaram.

Depois a conversa se desviou, como se ninguém tivesse coragem de seguir o pensamento de Em.

Ish tentou sem imparcial.

— Não sabemos se ele realmente tem essas doenças. E não temos médicos que possam comprovar isto. Talvez ele tenha se curado com o tempo, ou é um arrogante. Conheci outros homens como ele.

— Com efeito — disse Ezra, não há doutores e nunca poderemos estar seguros. Até podemos pensar que ele se vangloria tolamente. Mas não há provas. Por minha parte, acho que ele está realmente doente. Caminha lentamente, como se sofresse.

— Parece que as sulfamidas são eficazes — observou Ish, que, desejando ser justo, tentava afogar sua secreta alegria.

Voltou-se para George e viu um consternado horror e desgosto em seus olhos. George., o cidadão de classe média, cheio de preconceitos contra as doenças venéreas. George., o diácono, que recitava os versículos da Bíblia sobre os pecados dos pais.

Em falou outra vez:

— Perguntei que lei — disse. — Nos velhos livros há muitas leis, mas já não estão em vigor. Na lei antiga, como disse George, se esperava que alguém cometesse um crime e então se castigava. Mas o mal já estava feito. Podemos assumir esta responsabilidade? Temos que pensar nos meninos.

O argumento era irrefutável. Todos guardaram silêncio, mergulhados em seus pensamentos.

Em não fala em nome de uma filosofia, pensou Ish, pensa nos meninos, um caso particular. Entretanto, talvez haja nela algo mais profundo que uma filosofia. É a mãe; e defende a vida.

O silêncio lhes pareceu muito longo, embora só tivesse se passado uns poucos minutos.

— Estamos aqui de braços cruzados e o problema é urgente. Temos que agir. — e acrescentou, como se pensasse em voz alta:

— Naqueles dias eu vi, sim... vi morrer muita gente boa. Estou quase acostumado com a morte... embora não de todo.

— E se votássemos? — propôs Ish.

— O que? — perguntou George. Houve outra pausa.

— Poderíamos enxotá-lo — disse Ezra, — ou... a outra coisa. Não podemos prendê-lo. Não há muito o que escolher.

Em decidiu rapidamente a questão:

— Podemos votar por expulsão ou morte.

Havia papéis nas gavetas do escritório. Os meninos gostavam de desenhas. Em encontrou quatro lápis. Ish cortou uma folha de papel em quatro pedaços, ficou com um e deu os outros aos seus companheiros. Pensou que eles eram quatro e que podia acontecer um empate.

Pegou seu papel, escreveu a letra E, e se deteve.

Não nos precipitemos, não julguemos apaixonadamente, não odiemos. Ignoramos a fúria do homem que defende encarniçadamente sua vida na batalha. Ignoramos a loucura dos adversários que a ambição ou uma mulher enfrentou.

Aprontar a corda, afiar o machado, lançar o veneno, empilhar a madeira. Matou seu semelhante sem provocação, tirou o filho à sua mãe, esculpiu a imagem do nosso Deus, selou um pacto com o demônio, revelou ao inimigo o segredo das nossas fortalezas. Temos medo, mas nos dominamos. Não discutamos mais. Somos a Justiça, a Lei; Nós, o Povo; o Estado.

Ish mantinha o lápis suspenso sobre a letra E. Sabia muito bem que o desterro de Charlie não resolveria o problema. Charlie voltaria; era um homem forte e insidioso, capaz de conquistar os jovens. Que está acontecendo comigo?, se perguntou — Ainda temo perder meus privilégios? Temo que Charlie me substitua?

Não estava certo, mas sabia que a Tribo encontrava-se em um perigo real que ameaçava sua existência. Sabia, enfim, que o amor aos seus filhos e netos, sua responsabilidade, lhe tirava toda chance de escolha. Riscou a letra E e escreveu a outra palavra. As cinco letras pareciam brilhar sobre o papel branco. Era justo?

Escrever essa palavra não ressuscitava. a guerra, a tirania, o abuso de autoridade, doenças mais graves que todas aquelas que Charles pudesse transmitir? Por que não esperar? Por que não refletir:

Pegou o lápis para riscar a palavra, mas se deteve. Não, apesar de todos seus escrúpulos, não a riscaria. Se Charlie cometesse um crime, ninguém duvidaria em castigá-lo com a pena capital; entretanto, não fariam mais que seguir as convenções do passado: Olho por olho, dente por dente. Executar o assassino não devolvia a vida à vítima, era uma simples vingança. Para ser eficaz, o castigo devia preceder o crime.

Quanto tempo havia se passado? De repente notou que estava olhando para seu papel e que os outros esperavam por ele. Afinal, ele era só uma voz. A maioria talvez estivesse contra ele. Tinha cumprido o seu dever e Charlie seria simplesmente desterrado.

Colocou os papéis sobre a secretária. E quatro vezes leu, em voz alta:

— Morte... Morte... Morte... Morte...

8

Jogaram terra outra vez na tumba sob o carvalho. Então a cobriram com ramos e pedras pesadas para protegê-la dos coiotes. Em seguida voltaram às suas casas, apertando-se uns contra os outros. Ish caminha entre eles com o martelo na mão direita. Embora soubesse desde o princípio que não ia precisar dele, tinha preferido levá-lo. O peso da ferramenta de algum modo o ajudava a manter-se de pé. Tinha-o levado não mão como um emblema de autoridade quando tinham ido buscar Charlie.

Rodeado pelos rapazes, que tinham os fuzis prontos, Ish havia pronunciado a sentença, que Charlie recebeu com maldições obscenas.

A vida já não seria mais a mesma. Ish tentava esquecer; quando lembrava da execução sentia náuseas. Sem a firmeza de George, nunca teriam conseguido chegar até o fim. George, com sua habilidade prática, havia colocado a escada e aprontado a corda.

Não, gostaria de nunca recordar. Era ao mesmo tempo um fim e um princípio. O fim desses vinte e um anos de vida idílica em um velho paraíso terrestre. Tiveram algumas dificuldades, era certo, tinham até conhecido a morte. Mas que simplicidade e que paz! Era um sim, mas era também um princípio e um longo caminho se abria agora diante deles. No passado tinham sido somente um pequeno grupo, apenas algo mais que uma família numerosa. No futuro seriam um Estado.

Havia ali uma ironia paradoxal. O Estado devia ser uma espécie de mãe nutrícia, que protegeria os indivíduos e os ajudaria a viver uma vida mais próspera. E agora o primeiro ato do Estado, seu nascimento, podia se dizer, era uma condenação à morte. Mas talvez no distante passado o Estado tivesse nascido sempre em

uma hora difícil, quando se tinha sentido a necessidade de recorrer ao poder; e o poder primitivo se expressava frequentemente em sentenças de morte.

Foi necessário, foi necessário, repetia para si mesmo Ish. Sim, a morte de Charlie era justificável. Tinha que proteger a segurança e a felicidade da Tribo. Por um ato de violência, embora pudesse parecer desagradável e cruel, haviam impedido ou pelo menos assim o esperava numa série de maldades e perversidades que, uma vez iniciada, nada poderia deter. Agora assim esperavam não haveria meninos cegos, velhos trêmulos e idiotas, matrimônios corrompidos já em sua consumação.

Entretanto queria esquecer. Sim, a sentença podia ser justificada racionalmente, mas não tinha havido provas definitivas. E não sabia se haviam intervindo outros motivos secundários ou pessoais. Lembrou-se, com um sentimento de culpa, como havia se alegrado quando acreditou ver nas palavras de Ezra uma confirmação dos seus temores e apreensões. Pois bem, agora nunca saberia. Agora, de todos os modos, a sorte estava lançada.

Frequentemente assim o provava a história de nada serviam as execuções. Los mortos se levantavam das tumbas e seus espíritos continuavam vivendo entre os homens. Felizmente Charlie parecia não ter espírito.

Ish caminhava junto aos outros. Todos guardavam silêncio, salvo os três rapazes, que haviam recobrado o ânimo e diziam piadas. Entretanto, não havia razão para que se angustiassem menos que os velhos. Hão haviam votado, mas haviam aceito suas consequências.

Sim, pensou Ish, se existe culpa, todos somos culpados; e no futuro poderemos acusar-nos uns aos outros.

Caminhavam pelas ruas sujas, invadidas pelo mato, entre casas quase em ruínas, em embora houvesse apenas dois quilômetros entre San Lupo e a tumba sob o carvalho, a distância lhes parecia enormemente longa.

Tão logo entrou em sua casa, Ish aproximou-se da chaminé e deixou ali o martelo, de cabeça para baixo e com o cabo para cima. Sim, era um velho amigo, mas quando lembrava do dia que

o tinha usado pela primeira vez, sua imagem dos últimos vinte e dois anos mudava um pouco. Uma vida idílica em um paraíso terrestre, talvez; mas também anos de anarquia, onde nenhuma autoridade havia protegido o indivíduo.

Ainda lembrava claramente daquele dia. Tinha descido das montanhas e se detido em uma rua de Hutsonville, hesitando, olhando de um lado para outro, achando que ia fazer uma coisa ilegal e irrevogável. Depois, ainda sentindo apreensão, tinha feito saltar a frágil fechadura e entrado para ler o jornal. Oh, sim, quando o Estado envolve a pessoa, invisível e presente como o ar que se respira, não se pensa nele a não ser para se queixar dos impostos e das leis. Mas quando o Estado desaparece... como era mesmo que dizia o antigo versículo: "Sua mão se levantará contra todos e a mão de todos contra ele." A predição havia se cumprido. Ainda que George e Ezra não fossem mais que precários aliados; não haviam suportado a prova da batalha. E se a vida havia transcorrido aprazivelmente, tinha que agradecer à deusa fortuna.

Do outro lado da rua veio o ruído de uma serra. George havia voltado aos seus queridos trabalhos de carpintaria. Não perdia tempo filosofando. Tampouco Ezra ou os rapazes. Somente ele, Ish, pensava e pensava. Novamente, como tantas outras vezes, se perguntou onde estava a origem da ação. No interior do homem? Ou lá fora, no mundo? Por exemplo, a recente tragédia. Da falta d'água havia nascido a ideia da expedição. Os rapazes tinham trazido Charlie; e a chegada de Charlie parte do mundo exterior, havia determinado o resto. Entretanto, não se podia deduzir que a falta d'água fosse a causa de tudo. Sua mente também havia intervindo, imaginando os possíveis resultados de uma expedição. E pensou outra vez em Joey, o menino que via mais adiante, com os olhos postos no futuro.

Em entrou. Ela não havia assistido à execução; não era coisa de mulheres. Mas ela também havia escrito a palavra no pedaço de papel. Mas Em não se preocupava nem se inquietava. Era como parte da natureza.

— Não pense — disse Em. — Não se atormente.

Ish tomou-lhe a mão e apertou-a contra o rosto. A mão fresca de Em parecia tirar sua própria febre. Haviam-se passado muitos anos desde que tinha visto Em pela primeira vez, de pé em um umbral, envolta em luz. E ela havia lhe falado sem perguntar, sem desafiar, simplesmente afirmando. Vinte e um, vinte e dois anos... O tempo os unia cada vez mais. Já não haveria filhos, mas o amor não enfraqueceria. Dez anos mais velha que ele, talvez agora Em fosse mais uma mãe que uma esposa. E estava bem assim.

— Não consigo evitar — disse por fim. — Me atormento sem descanso. Talvez eu goste. Sempre quero ver o futuro. Nos velhos dias encontrei minha verdadeira vocação: a pesquisa científica. Mas é uma grande piada que eu tenha sobrevivido ao Grande Desastre. Homens como George e Ezra são mil vezes mais úteis. Não pensam; simplesmente vivem. E os homens que agem sem refletir talvez valham ainda mais. Chefes como Charlie. Eu, apesar dos meus esforços, não sou como aqueles que ditaram leis e fundaram nações: Moisés, Solon... Licurgo. Tudo mudaria se eu fosse diferente.

— Eu o quero tal como é.

Sim, esta era a resposta tradicional da esposa devota, uma resposta trivial, mas tranquilizadora.

— Por outro lado — continuou ela, — como você pode saber? Mesmo se fosse Moisés ou um desses outros, não poderia lutar contra as forças da natureza.

Um dos meninos a chamou e Em se foi. Ish se levantou, aproximou-se da secretária e tirou a caixa que os rapazes tinham trazido da comunidade do Rio Grande. Ish sabia o que havia na caixa, mas com o rápido desenvolvimento do drama não tinha tido tempo para examiná-la com calma.

Abriu a caixa e afundou os dedos nos grãos frescos e suaves. Tirou uns poucos, colocou-os na palma da mão e examinou-os. Eram negros e vermelhos, pequenos, pontiagudos, não chatos, grandes e amarelos como ele esperava. Nos velhos tempos, os grãos comuns tinham sido grãos de milho híbrido, uma planta de

cultivo. Os grãos negros e vermelhos eram do tipo primitivo que os índios pueblós cultivavam.

Sentou-se e brincou novamente com os grãos, fazendo-os resvalar entre os dedos. Pouco a pouco, um esquecimento misericordioso lhe trouxe a paz. Naquele milho resultado da expedição estava a vida do futuro.

Levantou os olhos e viu Joey, curioso como sempre, que olhava para ele do outro lado da sala. Chamou carinhosamente o menino e lhe explicou para que era o milho. Ano após ano, a Tribo havia deixado para mais tarde o cultivo do milho. E um dia Ish descobriu que as sementes estavam mortas. Mas agora a experiência seria possível.

Embora sentindo que ia fazer algo insensato, Ish levou a caixa para a cozinha, seguido por Joey. Acenderam uma boca do fogão a óleo e Ish despejou algumas dúzias de grãos em um tostador. Era desperdiçar algumas preciosas sementes, mas o emocionado Ish disse a si mesmo que Joey aproveitaria a demonstração.

O milho, mal assado, mal se podia comer. Mas nem o pai nem o filho se queixaram. Na realidade, Ish não se lembrava de ter comido milho assado senão como acompanhamento de algum coquetel, mas explicou a Joey que esse tinha sido o principal alimento dos antepassados americanos.

Joey escutava apaixonadamente e seu magro rostinho se iluminava com o resplendor dos olhos arregalados.

Como eu queria, pensou Ish, que se fortalecera, e assim poder contar com ele. Desperdicei duas dúzias de grãos, mas semeei na mente de Joey uma semente que nunca morrerá.

O milho e o trigo, assim como o cão e o cavalo, foram por muito tempo amigos e companheiros do homem. Aqui e ali, em algum seco rincão de outro continente, a gramínea de pesadas espigas havia crescido junto de primitivas aldeias onde as condições do solo eram mais favoráveis. Assim, no início, o trigo talvez se adaptou ao homem, mas logo o homem se adaptou ao trigo. Aos atentos cuidados de um, o outro responde com dons generosos. Os talos ficavam mais altos, as espigas davam mais grãos. Mas o trigo

também ficou mais e mais exigente e reclamava campos cuidados e livres de discórdias.

Então cessaram os cultivos. No primeiro ano o trigo cresceu espontaneamente, cobrindo milhares de acres. Mas pouco a pouco foi desaparecendo. Os lobos famintos reapareceram, lançaram-se sobre as ovelhas. E da mesma forma, as erva daninhas, cada ano mais ferozes, atacaram o trigo sem que ninguém as impedisse.

Logo trigo morreu em quase todo o mundo. A gramínea espigada só cresceu em alguns locais da Ásia e da África, como em outros tempos, antes que aparecesse essa ciência passageira chamada agricultura.

O milho seguiu o exemplo do trigo. Nascido nos trópicos americanos, ele também viajou com o homem. Como a ovelha, trocou sua liberdade pelos cuidados e esqueceu de espalhar os grãos que abrigavam as duras espigas. Assim, o milho desapareceu antes do trigo. Somente nas altas planícies do México o teosinte selvagem elevava as cabeças borladas ao sol.

Não haverá então mais espigas, a menos que aqui e ali sobrevivam alguns homens. Pois se o homem vive do trigo e do milho, o trigo e o milho também vivem do homem.

George e Maurine eram os únicos que faziam a conta exata pelo menos assim achavam dos dias e dos meses. Os outros se contentavam em observar a posição do sol e a aparência das plantas. Ish confiava orgulhosamente em seus métodos científicos e quando comparava suas anotações com o calendário de George, nunca encontrava mais de uma semana de diferença; e isto talvez seja, pensava, por algum erro de George. Pouco importava uma semana a mais ou a menos para as sementes de milho. Mas a estação já estava bastante avançada. O frio impediria a germinação. Era melhor esperar pela próxima primavera.

Ainda assim Ish começou imediatamente a procurar um campo ensolarado. Joey o acompanhava e juntos eles discutiam a orientação, a natureza do solo e os métodos que empregariam para proteger as sementeiras das feras selvagens. Na realidade aquela região não era a pior que alguém pudesse imaginar para cultivar milho. A variedade adaptada ao vale seco e quente do Rio

Grande talvez não se acimatasse aos verões frescos e brumosos dos arredores de San Francisco.

Ish nunca tinha se ocupado com questões de agricultura e nem sequer de jardinagem. Não tinha mais que alguns conhecimentos teóricos, próprios de um geógrafo. Recordava como se formavam as vagens e os bulbos e achava que podia reconhecê-los, mas isto não o transformava em um agricultor. Na Tribo não havia nenhum fazendeiro, embora Maurine tivesse sido criada em uma fazenda. A circunstância de todos serem gente da cidade já havia afetado notavelmente a vida da Tribo.

Um dia já tinha se passado uma semana e a lembrança de Charlie sobre o carvalho já começava a se apagar, Ish e Joey voltaram para San Luo, alegres por terem encontrado um campo que lhes parecia conveniente. Em aguardava-os na varanda e imediatamente Ish teve um pressentimento de desgraça.

— Que está acontecendo? — perguntou.

— Oh, nada de grave — disse ela. — Pelo menos assim espero. Bob não se sente muito bem.

Ish parou e olhou para ela, preocupado.

— Não, não acho — disse Em. — Não sou médica, mas não creio que seja uma doença desse tipo. Por outro lado, seria impossível. Venha vê-lo. Ele diz que se sente cansado há alguns dias.

Ish se fazia de médico na Tribo. Tinha adquirido uma certa habilidade para curar as feridas e mau jeitos e uma vez tinha consertado um braço quebrado. Mas sua ciência não ia além disto, pois todas as doenças, exceto duas, haviam desaparecido.

— Está com uma dessas dores de garganta? Perguntou. — Isso sarará logo!

— Não — respondeu Em, — não é a garganta. Ele se deitou e parece muito cansado.

— As sulfamidas o curarão — declarou Ish, animado. — Por sorte não falta nas farmácias. E se as sulfamidas não derem resultado, tentaremos antibióticos.

Entrou em casa. Bob estava deitado, imóvel e virado para a parede.

— Oh, eu não tenho nada — disse ele, irritado. — Mamãe está exagerando.

Mas ele ter ido para a cama, provava o contrário, pensou Ish. Um rapaz de dezesseis anos não toma essa resolução enquanto puder se manter de pé.

Ish se virou e viu Joey, que olhava curiosamente para seu irmão.

— Joey, vá embora! — gritou.

— Eu quero ver. Quero saber o que é ficar doente.

— Não, vá embora. Quando você ficar mais velho e mais forte eu lhe ensinarei a curar as pessoas. Por enquanto não queremos que você adoça também. A primeira coisa que você deve saber sobre as doenças e que são transmissíveis.

Joey saiu de má vontade. Sua curiosidade era maior que o medo, totalmente teórico, do contágio. A Tribo desfrutava de uma saúde florescente e os meninos não haviam aprendido a respeitar a doença.

Bob se queixava de dor de cabeça e de uma fraqueza geral. Estava imóvel, prostrado em seu leito. Ish tirou a temperatura: 38 graus e meio, nada catastrófico. Preparou uma forte dose de sulfamida com um grande copo d'água. Bob se engasgou com os tabletes; não estava acostumada a tomar remédios.

Ish aconselhou a Bob que tentasse dormir, saiu e fechou a porta.

— E então? — perguntou Em. Ish encolheu os ombros.

— Nada que a sulfamida não possa curar, eu acho.

— Não gosto disso. Tão de repente...

— Oh, uma simples coincidência.

— Talvez, mas me assombra você não ficar preocupado.

— Antes eu esperarei o resultado do tratamento. Eu lhe darei uma dose a cada quatro horas.

— Espero que isto bastedissem, e saiu.

Mesmo antes de chegar ao pé da escada, Ish compreendeu o ceticismo de Em.

Como não se atormentar? Nos velhos tempos, apesar dos médicos e dos serviços de assistência pública, o ataque brusco e misterioso de uma enfermidade era sempre aterrador. Quando mais agora. Privado da proteção do Estado, privado do tesouro que a ciência médica havia acumulado durante séculos, o homem se sentia nu, miserável, exposto a todos os perigos.

É minha culpa, pensou Ish. Eu devia ter lido alguns livros de medicina. Devia ter me transformado em um médico. Mas o estudo da medicina nunca o havia atraído, mesmo nos velhos dias, quando estava procurando sua vocação. Os gênios universais são raros. Por outro lado, nunca tinham sentido realmente a necessidade de um médico, pois já não havia enfermidades. Depois de tudo, o Grande Desastre havia trazido algum benefício. De um só golpe, tinha tirado da humanidade quase todos seus males físicos.

Na pré-história, todas as tribos tiveram suas doenças características, propagadas por parasitas. Os homens do Neandertal, se as provas não tivessem desaparecido com eles, teriam sido reconhecidos por seus parasitas, tanto como pelo seu modo de talhar a pedra. Quando os arqueólogos encontravam os vestígios de culturas sobrepostas, decretavam que a tribo B tinha vencido a tribo A. Provavelmente estavam certos, mas a tribo B tinha obtido a vitória graças, provavelmente, à virulência dos seus micróbios.

As reflexões de Ish aumentavam sua inquietação. Meia hora mais tarde, foi ver Bob outra vez. Caía a noite e o doente dormia na escuridão. Ish não quis perturbá-lo e desceu de novo.

Sentou-se em uma poltrona na sala e acendeu um cigarro. Gostaria de discutir a questão com alguém, mas Em não tinha muita instrução e Joey era um menino sem experiência. De todas as doenças, a Tribo só conhecia a escarlatina e as anginas. Os micróbios tinham sem dúvida sido transmitidos por algum dos membros da tribo ou por algum animal, um cão ou uma vaca. Mas os habitantes de Los Angeles talvez tivessem se livrado da

escarlatina e podiam ter conservado a coqueluche e a caxumba, ou talvez ainda houvesse casos de disenteria nos arredores do Rio Grande.

Quanto a Charlie, se ele não havia padecido daquelas enfermidades de que se gabava, pelo menos tinha transportado os micróbios que viviam em Los Angeles. Que má ideia foi aquela expedição! Ish sentiu ódio por todos os estranhos. Teria que recebê-los a tiros!

Uma mosca zumbiu em seu nariz e ele a afastou com um nervosismo que não lhe era habitual.

Josey chamou. A ceia estava servida.

O desaparecimento do homem não havia ameaçado a existência da mosca doméstica, que não estava irrevogavelmente unida, como o piolho, à sorte dos seres humanos. Como o rato, o guabiru, a pulga e a barata, esse habitante das moradias do homem sem dúvida sofreu os rigores do destino. Morreram centenas, milhares das suas irmãs. Mas por fim conseguiu sobreviver.

Pois, como esse senhor a quem o príncipe Halmlet chamara "mosca d'água", a mosca desfrutava da "Posse do lodo", embora aqui não haja referências a terras e domínios, e sim ao lodo, no próprio sentido figurado. Assim, a Bíblia do rei James declara modestamente que Ahod golpeou o rei Eglon no ventre e "saiu lodo". De modo que, embora o homem houvesse desaparecido quase totalmente, a mosca doméstica não corria perigo enquanto houvesse animais. Suas larvas se alimentavam de excrementos, como as serpentes se alimentam de ratos, os pássaros de insetos e os homens da carne dos animais.

Entretanto, quando o homem se eclipsou, os dias foram duros. Nos pátios das fazendas não havia festins abundantes como o dom do Nilo. Já não havia latrinas descobertas, já não havia inumeráveis esgotos atulhados de lixo e desperdícios. Somente aqui e ali uns poucos excrementos permitiam com que a mosca comum pusesse seus ovos, criasse suas larvas e lançasse à ventura suas coortes de zumbidoras e infatigáveis viajantes.

Uma semana mais tarde a doença já havia estendido seus domínios. Dick, que havia acompanhado Bob na expedição, foi a

segunda vítima. Logo caíram Ezra e cinco meninos. Levando em conta o número de membros da Tribo, a proporção de enfermos era aterradora. Agora Ish estava certo de que se havia declarado uma epidemia de febre tifoide.

Alguns dos adultos tinham sido vacinados nos velhos dias, mas a imunidade devia ter acabado há muito tempo. Nada preservava os meninos. Antigamente a febre tifoide tinha sido combatida, sobretudo, com medidas profiláticas. Uma vez declarada a enfermidade, tinham que se resignar.

A explicação era bastante simples, pensou Ish. Charlie tivera ou não outras doenças, mas pelo menos tinha trazido o bacilo de Eberth. Tivera febre tifoide há algum tempo ou recentemente, nunca se saberia. Por outro lado, não tinha nenhuma importância. Era indubitável, pelo menos, que Charlie, homem pouco limpo, tinha comido com os rapazes por uma semana. Logo, as latrinas ao ar livre e as moscas tinham favorecido a infecção.

Então passaram a ferver a água. Queimaram velhas latrinas e taparam os poços. Pulverização de DDT acabaria com as moscas. Mas essas precauções chegavam um pouco tarde. Todos os membros da Tribo já tinham sido expostos à infecção. Os que ainda se mantinham de pé, gozavam de imunidade natural, ou então a doença estava em fase de incubação neles e a qualquer momento se declararia com todas suas forças.

Todos os dias surgiam novos casos. Bob, agora na segunda semana da doença, delirava e mostrava o sombrio caminho que os outros seguiriam. Os que não tinham caído de cama estavam esgotados pelo esforço em cuidar dos doentes. Mal tinham tempo de terem medo, mas o medo rondava, estreitando cada dia mais o seu círculo. Ainda não havia mortos, mas nenhum doente ainda tinha passado pelo crise decisiva.

Nos primeiros anos, um novo nascimento parecia fazer as trevas retrocederem um pouco mais. Agora, cada vez que alguém caía doente, as trevas se aproximavam, ameaçando devorá-los. Não morreriam todos, naturalmente, mas a morte de uns poucos bastaria para que a Tribo perdesse a vontade de viver.

George, Maurine e Molly haviam recorrido às rezas e alguns dos jovens os imitavam. Sem dúvida, Deus os estava castigando pelo crime que haviam cometido. Ralph pensou em fugir com sua mulher e seus filhos, que a epidemia havia perdoado até agora, mas Ish o dissuadiu. Se por infelicidade algum deles estivesse contagiado, o isolamento e a falta de ajuda aumentariam o perigo. Estamos a um passo do pânico, pensou Ish.

Na manhã seguinte ele próprio acordou febril e deprimido. Fez um esforço e se levantou, respondeu de qualquer modo às perguntas de Em e evitou seu olhar. Bob tinha piorado e Em não

abandonava sua cabeceira. Ish cuidava de Joey e de Josey, ainda nos primeiros dias da doença. Walt ajudava em uma casa vizinha.

À tarde, enquanto se ocupava de Joey, Ish sentiu que perdia a consciência. Recorrendo às suas últimas forças, conseguiu chegar até a cama e desmaiou. Quando recobrou os sentidos, Em se inclinava para ele. Ela tinha tirado sua roupa e o deitara. Fraco como uma criança, Ish olhou-a nos olhos, temendo descobrir o medo neles. Se Em ficasse com medo tudo estaria perdido. Mas os grandes olhos negros o olhavam serenamente. Oh, mãe das nações! Ish adormeceu.

Passaram-se dias e noites e o delírio o levou para longe da realidade. Formas vagas moviam-se ao seu redor, formas horríveis que se aproximavam dele, esquivas como a névoa. Às vezes pedia seu martelo ou chamava Joey; outras vezes gritava o nome de Charlie. Mas quando o terror chegava ao ápice, recorria a Em. Então uma doce mão apertava a sua; e nos olhos dela não havia medo.

A semana seguinte foi mais tranquila, mas sentia-se tão fraco e abatido que às vezes parecia que a vida escapava do seu corpo, e não lamentava. Mas quando levantava o olhar para Em sentia-se outra vez animado e forte. E fechava os lábios para reter aquela vida fugidia que queria afastar-se como uma mariposa. Mas enquanto Em estivessem à sua cabeceira, estava seguro, a vida continuaria se fortalecendo nele. Quando Em se afastava, Ish se queixava, pensando que ela não resistiria por muito tempo. A qualquer momento cairia esgotada. A febre talvez a perdoasse, mas a carga era excessiva.

Pouco a pouco ia recobrando a lucidez. Alguns doentes tinham morrido, ele pressentia, mas ignorava quem ou quantos. Mas não se atrevia a perguntar.

Uma vez ouviu que Jeanie chorava aos gritos a morte de um menino. Em a consolou com algumas poucas palavras e animou-a a continuar lutando. George veio à casa, transformado em um velho descuidado e sujo que não tinha tempo de se lavar. Maurine havia tido uma recaída e seu neto estava agonizando. Em não falou de Deus, mas lhe devolveu a confiança e as forças. George se

foi com a cabeça erguida e dizendo algo parecido a uma oração. As trevas avançavam e a pequena chama da vela vacilava e fumegava; mas Em não conhecia o desespero e animava a todos.

É curioso, pensou Ish, faltam-lhe os dons que me parecem mais indispensáveis. Não tem grande inteligência nem grande instrução. Não tem muitas ideias. Mas há nela grandeza e segurança. Sem ela, nestas últimas semanas todos nós já teríamos nos abandonado ao desespero e à morte.

Um dia, entretanto, Em veio sentar-se na cama e trazia nos rosto as marcas de um indizível. Ish sentiu medo. Mas de repente se sentiu feliz, pois sabia que ela nunca teria se mostrado assim se o futuro não estivesse assegurado. Não obstante, nunca tinha visto semelhante fadiga em um rosto humano. E então compreendeu que por trás daquela fadiga existia uma enorme tristeza. Compreendeu também que ele já não estava doente, e sim convalescente, talvez menos cansado que ela, e que podia ajudá-la a carregar aquela carga.

Olhou para ela e sorriu e, apesar do esgotamento, ela sorriu-lhe também.

— Diga, quero saber — murmurou Ish.

Em hesitou e Ish pensou apressadamente: Seria Walt? Não Walt não tinha adoecido. Naquele mesmo dia Em tinha levado um copo de água para ele. Jack? Não, estava certo de ter ouvido sua voz; ele era um rapaz tão forte. Josey, então? Ou Mary? Talvez vários?

— Diga, estou forte o bastante — insistiu, e com desespero pensou: Não, ele não. Ele não era um menino vigoroso, mas às vezes os mais fracos são os que melhor suportam as doenças. Não, ele não.

— Cinco, em toda a rua, morreram cinco.

— Quem? — perguntou Ish, invocando toda sua coragem.

— Todos os meninos.

— E os nossos? — gritou Ish, aterrorizado, sentindo que ela não queria dizer a ele.

— Sim, faz cinco dias — disse Em. E em seus lábios se formou um nome, e Ish compreendeu, antes de ter ouvido. Joey.

Para que continuar vivendo? O resto pouco importava. O escolhido! Os demais podiam ter morrido; só ele era capaz de levar a tocha. O filho prometido! Ish, imóvel, fechou os olhos.

9

A convalescença de Ish durou várias semanas. Recuperava lentamente as forças mas tinha perdido o gosto de viver. O espelho lhe mostrou listras cinzas no cabelo. Já sou um velho?, se perguntou. Não, não era a idade. Mas nunca seria como antes. Tinha perdido a coragem e a confiança da juventude. Sempre teve orgulho de ser sincero consigo mesmo e de encarar a vida de frente. Agora notava que evitava pensar em certos temas. Um resto de fraqueza, sem dúvida. Passaria em algum tempo e seguiria adiante. Outras vezes — e isto o assustava-se negava a admitir a realidade. Fazia projetos como se Joey estivesse ali, refugiando-se em um mundo de fantasias. Sempre tivera essa tendência e assim havia conseguido suportar a solidão após o Grande Desastre. Agora a realidade lhe parecia inóspita demais.

Lembrou-se de um verso das suas leituras daqueles anos. Nunca mais a confiança feliz da manhã.

Sim, nunca mais. Joey havia partido e a sombra de Charlie pesava sobre a Tribo; e havia nascido o imprescindível Estado com a morte nas mãos. E todos os seus projetos, nascidos na alegria da manhã, haviam fracassado. Por que? Cansado, refugiava-se então nos sonhos.

Quando conseguiu pensar com mais calma, sentiu amargamente a ironia da vida. As desgraças esperadas nunca aconteciam. E os planos melhores concebidos não podem impedir uma catástrofe imprevisível.

Ficava sozinho a maior parte do dia. Havia outros doentes que Em cuidava. Teria gostado de falar com Ezra, mas seu amigo ainda estava de cama. Exceto a Em e Ezra, agora que Joey tinha partido, não desejava ver ninguém.

Uma tarde Ish despertou da sua "siesta" e encontrou Em sentada em sua cabeceira. Olhou-a com os olhos apertados, fingindo estar dormindo. Ela parecia fatigada, mas já não com aquele cansaço infinito de um tempo atrás. Embora ainda triste, havia recobrado a serenidade. Em não conhecia o desespero. E Ish já não procurava o medo em seu rosto.

Em levantou a cabeça, viu os olhos abertos de Ish e sorriu. Tinha chegado o momento, compreendeu ele, de enfrentar a realidade.

— Quero falar com você — disse, com uma voz parecida a um sopro, como se ainda estivesse adormecido.

Houve uma pausa.

— Sim — murmurou ela. — Estou aqui... Fale... Estou aqui...

— Quero falar com você — repetiu Ish, sem atrever-se a começar.

Sentia-se pequeno e humilde, como um menino assustado, que antes de interrogar sua mãe tenta se animar e afastar os temores. Mas já não era um menino e teve medo de que ela não pudesse devolver-lhe a paz.

— Queria lhe fazer algumas perguntas — balbuciou. —

Como...

Interrompeu-se outra vez. Em lhe sorriu, com pena da sua fraqueza, mas lhe pediu que adiassem a conversa.

— Sim — disse Ish desesperado. — Sei o que pensam George e os outros. Ouvi algumas coisas, apesar da febre. É... um castigo?

Olhou para Em e, pela primeira vez no curso daquelas semanas, viu medo em seu rosto, ou uma sombra de medo. Eu lhe causei dano, pensou Ish com terror. Não obstante, tinha que prosseguir, ou um muro de dúvidas e mentiras se levantaria entre eles.

— Você sabe o que quero dizer — continuou. — Foi porque matamos Charlie? Deus nos castigou? Olho por olho, dente por dente? Por isto todos... e Joey...? Talvez Deus tenha se servido de Charlie como instrumento para manifestar sua cólera.

Calou-se. O horror contraía o rosto de Em.

— Não, não! — gritou ela. — Você também! Discuti tanto com os outros, sozinha, quando você estava doente. Não podia explicar-lhes, mas sabia que era impossível. Não encontrava argumentos. Só podia dar-lhes coragem.

Em se calou, como se esgotada por sua veemência.

— Sim — continuou, — perdi toda minha coragem, como sangue. Saía de mim, me sentia cada vez mais fraca, e me perguntava: Haverá bastante? Haverá bastante? E você delirava e falava sobre Charlie.

Em se calou de novo e Ish não soube o que lhe dizer.

— Oh — disse ela, — não me peça mais coragem. Não sei raciocinar. Não estudei. Só sei que fizemos o que nos pareceu melhor. Se Deus existe, se nós pecamos, como pretende George, foi porque somos como ele nos fez. E não acredito que ele nos estenda armadilhas. Oh, você é mais instruído, que George. Não traga outra vez o Deus da vingança, o Deus da cólera, o que não nos ensina as regras do jogo e depois nos castiga se nos equivocamos. Não o traga outra vez, eu lhe suplico! Não você!

E outra vez ele se sentiu pequeno e humilde. De algum modo, Em havia atendido aos seus rogos. Agora sentia-se mais tranquilo, com uma nova segurança e uma nova confiança. Sim, não devia ter duvidado.

Pegou a mão de Em.

— Não tenha medo — disse, sem pensar que naquele conselho havia algo de irônico.

— Você tem razão. Tem razão. Não terei outra vez esses pensamentos. São absurdos, eu sei. Mas a morte às vezes é algo terrível e a doença debilita. Não se esqueça. Já não sou o mesmo.

De repente Em o beijou, com o rosto banhado em lágrimas, e deixou o quarto. Tinha recuperado suas forças e todos se apoiariam nela outra vez. Oh mãe de nações!

Ele também se recuperava, talvez ajudado pelas palavras de Em. Joey tinha partido, pensou, nunca mais voltará. Nunca mais se

aproximará de mim correndo, com os olhos brilhantes de curiosidade. Mas o porvir ainda está aí. Tenho os cabelos grisalhos, sim, mas me restam Em e os outros. Ainda posso ser feliz. O futuro não é como eu havia imaginado, mas farei o que puder.

Sentia-se envergonhado por sua própria pequenez. Todas as forças da natureza pareciam se aliar contra ele, o único homem vivo capaz de imaginar e preparar o futuro. Tinha tentado dominá-las e elas o haviam envolvido. Sim, mesmo com a ajuda de Joey não teria podido vencê-las. Modificaria seis planos, os faria mais sutis. Traçaria objetivos menos ambiciosos e mais práticos. Imitaria a raposa e não o leão. O mais urgente era recuperar a saúde, o que levaria duas ou três semanas. Mas antes do fim do ano voltaria ao trabalho.

Sentiu que sua mente voltava a funcionar. Podia contar com ela. Era um excelente instrumento de trabalho, uma máquina um pouco usada, mas ainda útil. Mas ainda se sentia muito fraco e adormeceu em meio às suas meditações.

Talvez os seres humanos, os sistemas filosóficos e os livros fossem numerosos demais. Talvez os cursos do pensamento fossem profundos demais; e os restos do passado se amontoavam como lixo ou roupas velhas. Por que não se alegraria o filósofo se tudo desaparecesse de repente: Os homens começariam outra vez, a partir do zero, e o jogo teria novas regras. As perdas talvez não fossem maiores que os ganhos.

Durante as semanas da epidemia, as poucas pessoas sadias não conseguiram fazer outra coisa além de enterrar precipitadamente os mortos. Quando todos ficaram curados, George e Molly expuseram a questão dos funerais. Para Ish e Em não pareciam necessários, mas Ish compreendeu que os outros encontrariam algum consolo na cerimônia. Além disso, os ofícios religiosos assinalariam o fim daquele período de perigo, de medo e dor, e a volta à vida normal. Quanto a ele, Ish, sentira outra vez a dor da morte de Joey, mas logo olharia resolutamente para o futuro e poria em marcha sus modestos projetos.

Colocou então como condição, que quando acabassem os ofícios todos voltariam à vida normal. Embora não tivesse pensado na

retomada das aulas, os outros assim o entenderam e Ish aceitou.

Escolheram Ezra para que celebrasse a cerimônia e este decidiu que começaria ao amanhecer. Como em quase todos os lugares onde não há luz elétrica, os membros da Tribo levantavam ao raiar do dia.

Antes do sol sair, todos já estavam junto à pequena fileira de montículos. O céu estava claro mas no oeste as trevas ainda cobriam os pés das colinas e os pinheiros ainda arrojavam suas sombras sobre as tumbas.

A estação já estava muito avançada e já não havia flores, mas os meninos, dirigidos por Ezra, tinham cortado ramos de pinheiro para cobrir os montículos. Não havia mais que cinco tumbas, mas a perda era catastrófica. Para a Tribo, cinco mortes equivaliam a mais de cem em uma antiga cidade de um milhão de habitantes.

Estavam ali todos os sobreviventes: os bebês nos braços das suas mães; os meninos e meninas de mão com seus pais. Ish segurava o martelo na mão direita; sua cabeça pendia pesadamente. Tinha deixado a casa com as mãos vazias, mas Josey, achando que era esquecimento, lembrou-lhe da ferramenta. O martelo significava para os jovens a transcendência do ato.

Alguns meses antes, Ish não teria cedido e teria falado dos perigos da superstição, mas agora havia trazido o martelo. Na verdade, devia confessar, ele próprio sentia-se melhor. Os acontecimentos recentes o tinham tornado mais humilde. Se a Tribo precisava de um emblema de força e unidade, e se o martelo os fazia felizes, por que negar em nome do racionalismo: Talvez o racionalismo fosse um luxo da civilização.

Formavam agora um semicírculo irregular de frente para as tumbas, em grupos de famílias. Ish, no centro, olhava de um lado para outro. George vestia um terno cinza escuro, adequado às circunstâncias, talvez o mesmo que costumava usar nos funerais nos velhos dias, ou algum outro parecido. Maurine, toda de negro, usava um véu escuro. Enquanto esses dois vivessem, sobreviveriam as velhas normas. Os outros tinham vestido as roupas que tinham lhes parecido mais cômodas.

Os homens e os rapazes usavam calças de lona azul, camisas esporte e jaquetas leves para se protegerem do frio da alba. As meninas só se diferenciavam dos seus irmãos pelos cabelos mais longos. Mas as mulheres e moças, fieis às tradições da vaidade feminina, usavam saias e cachecóis de cores vivas.

Ezra se separou do grupo e se preparou para falar. Uma luz dourada assomava sobre o perfil das colinas. A natureza parecia segurar o fôlego. Ish sentiu um nó na garganta. A cerimônia lhe parecia sem sentido e sua opinião era que diante da morte todos os discursos eram impertinentes. Entretanto, esses rituais fúnebres respondiam a uma das mais velhas necessidades do coração humano; e talvez estes encontrariam um eco no futuro.

Se passariam milhares de anos e um antropólogo estudaria os costumes dos sobreviventes do Grande Desastre. "Pouco se sabe sobre seu modo de vida", escreveria. "Algumas tumbas descobertas recentemente indicam que praticavam a inumação."

Ish temia o discurso de Ezra. O tema era perigoso e era fácil cair em alguma besteira. Mas desde as primeiras palavras, se repreendeu por sua falta de confiança. Ezra não repetiu velhas fórmulas. Não falava da vida eterna. Esta promessa não teria consolado ninguém, salvo George, Maurine e talvez Molly. Sobre as tradições religiosas do passado pesava a negra sombra do Grande Desastre.

Ezra, que conhecia tão bem o coração humano, se contentou em evocar algumas recordações dos meninos mortos. Contou um caso curioso sobre cada um deles, uma aventura ainda fresca na mente de todos. Quando chegou ao final do discurso, pronunciou o nome de Joey e Ish sentiu que suas pernas se dobravam. Ezra não falou da brilhante inteligência do meninos. Não recordou que um ano tinha seu nome. Narrou somente os incidentes de uma brincadeira.

Enquanto Ezra falava sobre Joey, Ish notou que os meninos o olhavam de lado. Ninguém ignorava que Joey era seu filho preferido. Se perguntavam se ele, Ish, não faria algum milagre; ele, o antigo, o americano, que sabia tantas coisas estranhas, antes da cerimônia terminar, talvez se adiantasse, brandindo seu martelo, para declarar que Joey não tinha partido, que Joey ainda

vivia, que Joey voltaria. E se abriam as tumbas... Mas os meninos se limitaram a lançar aqueles olhares furtivos, sem falar. E Ish sabia muito bem que não podia ressuscitar os mortos.

Quando Ezra acabou de falar sobre Joey, fez ainda algumas considerações gerais. Por que ele não terminava? Era uma falta de tato prolongar inutilmente a cerimônia.

De repente Ezra se deteve, bruscamente, ao mesmo tempo em que o mundo se encheu de luz. Sobre as colinas assomava o primeiro raio de sol!

Ish não sabia se ficava alegre ou chateado. Bem planejado, pensou, mas um truque teatral. Olhou ao redor e viu que todos sorriam e sentiu-se mais animado. A ressurreição do sol! Um símbolo velho como o mundo. Ezra era sincero demais para prometer a imortalidade, mas havia escolhido o momento, e afortunadamente não havia nuvens no céu. Ali estava o símbolo; tanto podia ser aplicado à ressurreição dos mortos quanto à sobrevivência da raça humana. Agora os dourados caminhos solares corriam entre as altas sombras das árvores.

Somos realmente homens, os que honramos os mortos. Nem sempre foi assim. Antes, quando morria um de nós, ficava estendido na entrada da caverna, tão baixa que não podíamos entrar nela sem nos agacharmos. Agora não precisamos nos agachar e honramos os mortos.

Agora, quando um homem morre, não o deixamos no lugar em que caiu, não o pegamos pelas pernas para arrastá-lo até a floresta para que sirva de pasto às raposas. Não, nós o deitamos com cuidado em uma fossa e o cobrimos com folhas e ramos. Torna assim à terra, mãe de todas as criaturas. Ou o colocamos nos ramos de uma árvore e o confiamos aos ventos do céu. E se alguns pássaros o bicarem, está bem, pois os pássaros são criaturas do céu e do ar. Ou o entregamos ao fogo purificador. Depois retomamos nossa vida e logo esquecemos, como as feras.

Mas honramos os mortos. E quando deixarmos de fazê-lo, não seremos homens.

Depois da cerimônia, voltaram a San Lupo envoltos na luz do amanhecer. Ish desejava ficar sozinho, mas achava que devia ficar

junto de Em. Mas então ela adivinhou seus desejos:

— Saia um pouco — disse. — Um passeio lhe fará bem.

Precisa ficar sozinho.

Ish aceitou. Como havia temido, a cerimônia o tinha transtornado. Há pessoas que procuram companhia nos momentos de dor, mas ele preferia a solidão. Em não se inquietava; era mais forte que ele.

Não levou nada para comer; não tinha fome e sempre podia entrar em algum armazém e pegar algumas latas de conserva. Tampouco levou o revólver, embora ninguém se distanciasse de San Lupo desarmado. No último instante, entretanto, após hesitar um pouco, pegou o martelo em cima da lareira.

Não deixou de sentir um certo escrúpulo. Por que esse martelo ocupava tanto seus pensamentos? Afinal, não era o mais velho dos seus bens. Em casa havia muitas coisas que tinha desde sua infância. Mas nenhuma delas era como o martelo: talvez porque este lhe lembrava os primeiros dias que haviam se seguido ao desastre. Embora para ele não fosse um fetiche nem um símbolo.

Afastou-se da casa e caminhou sem rumo, com o único propósito de ficar só. O martelo era um estorvo, pesava-lhe na mão. Não conseguiu impedir um gesto de impaciência. Estava ficando tão supersticioso como os meninos. Bom, por que não deixá-lo simplesmente cair e pegá-lo na volta? Mas não o fez. O mais irritante era o peso do martelo. Aquela ferramenta tinha se transformado em uma ideia fixa. Decidiu livrar-se dela. Não permitiria que o obcecasse. Desceria até o porto e o jogaria na água. O martelo afundaria e não se falaria mais nele. Continuou caminhando. Então lembrou de Joey e esqueceu seu projeto. Após um instante saiu da sua tristeza e sentiu outra vez o martelo na mão. Notou também que não estava indo para o porto. Ia para o sul, e não para o oeste.

A distância é muito grande, disse para si, e ainda me sinto bastante fraco. Não é necessário que eu vá tão longe para me livrar deste velho martelo. Basta jogá-lo em algum matagal e logo o esquecerei. Mas logo compreendeu que estava enganando a si

mesmo. Mesmo que jogasse o martelo em alguma ravina, não esqueceria o lugar. Renunciou às escapatórias. Não, não queria se livrar daquele objeto que agora tinha tanta importância em sua vida. Ao mesmo tempo compreendeu que estava indo para o sul. Seguiu a longa avenida que levava à universidade. Não estava ali há muito tempo. Ainda sentia aquela dor, mas com menos força, como se a decisão de permanecer com o martelo o tivesse aliviado.

Uma vez mais se distraiu observando a ação destrutiva do tempo. O terremoto tinha afetado particularmente aquele bairro. Uma enorme rachadura dividia a calçada em duas e a água das chuvas a tinham transformado em um tanque onde flutuavam folhas de árvores e arbustos. Balançando o martelo, Ish tomou impulso e saltou sobre o fosso de mais de um metro de largura, verificando com alegria que, apesar da doença, suas pernas não estavam muito fracas.

Em ambos os lados da avenida as casas não eram mais que montes de ruínas cobertas por trepadeiras. As árvores tinham invadido as varandas. Em todo lugar as plantas nativas estavam matando as plantas exóticas, em outros tempos orgulho dos jardineiros.

Ao passar, notou as espécies que tinham sobrevivido. Em vez de glicínias e camélias, havia muitas roseiras trepadeiras. Um cedo do Himalaia estendia seus ramos vigorosos, mas ao pé da árvore não havia nenhum rebento. Em troca, sob um eucalipto australiano, jovens talos cresciam em um solo de húmus de folhas mortas onde não teria podido brotar nenhuma outra coisa.

Na entrada do parque universitária havia uns pequenos bosques de pinheiros. Não se via ali a confusão comum nos jardins. As árvores formavam uma abóbada espessa e a sombra favorecia o crescimento de plantas e ervas.

Ao pé de um pinheiro uma cascavel cochilava ao sol. Parecia tonta, como se ainda não tivesse se recobrado do frescor da noite. Ish parou por um instante. Podia matá-la facilmente. Hesitou e seguiu adiante. Não, tinha sido mordido uma vez e ainda lembrava aquele horror, mas não odiava a raça dos crótalos. Na realidade,

era possível que a mordida houvesse salvo sua vida. Até podia se sentir agradecido e escolher a cascavel como totem da Tribo. Mas não, seria neutro.

Por outro lado, sua tolerância não era somente para as cascáveis. E os meninos o imitavam. Nos tempos da civilização, os homens se sentiam realmente os senhores do universo. Escolhiam seus amigos e inimigos. E matavam as cascavéis. Mas agora a natureza tinha recuperado sua independência. Não aceitava ditadores. Matar uma cascavel era um trabalho inútil, pois não havia possibilidade de exterminá-las, nem sequer de reduzir sensivelmente seu número. Se um réptil se atrevesse a se aproximar das casas, eram esmagados para proteger os meninos. Mas não se empreendia nenhuma campanha contra as serpentes ou os pumas.

Desceu por uma escada coberta de musgo e mato e cruzou uma ponde de madeira rangente. Lembrou que a ponte já era velho desde sua infância. Uma espessa erva daninha cobria as margens do riacho. Ish abriu passagem com dificuldade, embora o caminho fosse asfaltado. As moitas de mato estremeceram e Ish se sobressaltou, pois não estava armado. Talvez fosse um puma. Os lobos e os cães selvagens também frequentavam as cercanias dos riachos. Mas quando saiu do matagal não viu mais que alguns cervos que pastavam entre as árvores.

À esquerda elevavam-se alguns edifícios. Não conseguia lembrar que departamento universitário tinha se alojado ali. A cerca viva, antes bem podada, agora escondia suas janelas de baixo.

Seguiu seu caminho. Atravessou outros matagais e o edifício da biblioteca apareceu diante dele, um pouco dissimulado pelos arbustos. Na janela havia um vidro quebrado. Um ramo de pinheiro tinha batido nela durante alguma tormenta. O acidente não tinha acontecido antes da sua última visita há uns anos atrás. Tinha guardado a biblioteca como reserva para o futuro. Tinha até ensinado aos menos a respeitá-la. Sem, até os tinha feito acreditar que era tabu. Na realidade, tinha tentado inculcar-lhes um respeito quase místico pelos livros. Uma queima de livros sempre lhe havia parecido um dos piores crimes que o homem pudesse cometer.

Deu uma volta em torno da biblioteca, não sem alguma dificuldade, pois algumas ervas daninhas lhe fechavam o caminho. Teve até que saltar sobre um tronco de pinheiro caído. O edifício ainda estava em boas condições.

Finalmente chegou à janela que havia quebrado há tantos anos atrás e que logo a havia fechado com uma tábua. Depois de tudo, pensou satisfeito, o martelo me servirá para alguma coisa. Soltou a tábua. e entrou no edifício. Havia entrado assim na primeira vez quando Em esperava o primeiro filho, para levar alguns livros de obstetrícia. O problema que então lhe havia parecido angustiante havia se desvanecido. Devia ter concluído que era inútil se inquietar e que quase todos os problemas se resolvem por si mesmos.

Atravessou o vestíbulo e entrou na sala de leitura. Havia bastante sujeira. Apesar das suas precauções, era evidente que os morcegos tinham conseguido entrar no edifício, talvez pela janela que fora quebrada recentemente. Havia também pegadas de ratos ou de algum outro roedor. Mas os excrementos não tinham danificado os livros. Passou o dedo pelo lombo de um volume e retirou-o cheio de poeira. Mas, menos talvez do que se podia esperar. Sim, ali estavam todos ainda, mais de um milhão de livros, quase todo conhecimento do mundo ao abrigo de quatro paredes. Teve uma sensação de segurança e esperança. Contemplou aquele tesouro com olhos avaros.

Desceu por uma escadinha em caracol e foi para a seção geográfica, que em seus tempos de estudante tinha sido seu refúgio predileto. Nada havia mudado. Sentiu-se ali como em casa. Procurou nas estantes os livros familiares.

Um tomo volumoso, encadernado em vermelho, lhe chamou a atenção. Tirou-o da prateleira e soprou a poeira do lombo. A obra era *O Clima Através das Idades*, de Brooks. Conhecia bem a obra. Abriu o livro, encontrou o cartão e viu que o último leitor um mês antes do Grande Desastre tinha sido um tal de Isherwood Williams. Demorou alguns minutos para compreender que esse tal de Isherwood Williams não era outro senão ele mesmo. Ninguém o chamava pelo nome completo há anos. Sim, tinha lido o volume no último trimestre dos seus estudos. Era uma boa obra, interessante, mas o trabalho de um alemão, Zeimer talvez, a tinha desatualizado.

Soltou o martelo para ficar com as mãos livres. Então, de pé junto a uma janela empoeirada que deixava passar uma vaga claridade, folheou o livro. Na realidade suas teorias não tinham nenhum valor prático. Mesmo que o jogasse fora ou o fizesse aos pedaços, não seria uma grande perda. Mas devolveu o livro respeitosamente ao seu lugar. Deu alguns passos e de repente sentiu que sua mente desabava. Para que servia afinal aquele milhão de volumes? Por que cuidar e preservar os livros? Ninguém sabia lê-los. Celulose e tinta preta, não serviam para nada se não houvesse uma inteligência capaz de interpretá-los.

Afastou-se tristemente e já estava subindo a escada em caracol quando notou que tinha as mãos vazias. Tinha esquecido o martelo. Deu meia volta, dominado pela angústia, e o viu no chão, no mesmo lugar onde o tinha deixado para pegar o livro. Pegou o martelo com um imenso alívio e subiu pela escada.

Saiu pela janela quebrada e, maquinalmente, começou a pregar a tábuas. De repente parou, sentindo outra vez aquela desolação. Para que pregar a tábuas? De nada serviria. Ninguém nunca iria ali para ler. Balançou tolamente o martelo. Por fim, lentamente, sem entusiasmo e sem esperança, pregou novamente os pregos.

George faria trabalhos de marcenaria até o dia da sua morte. Ezra ajudaria seus vizinhos; e ele, Ish, continuaria pensando, iludido, nos livros e no futuro.

Terminou seu trabalho e foi sentar-se nas escadas de pedra. As ervas daninhas assaltavam por todos os lados os edifícios em ruínas. Lembrou de um velho quadro onde se via um homem César? Aníbal? sentado entre as ruínas de Cartago. Deu uma martelada na borda de um degrau, rachando o granito. Era um desses atos de vandalismo que sempre o haviam horrorizado. Bateu com mais força e um pedaço de uns cinco centímetros soltou-se. O degrau parecia dirigir-lhe uma muda censura.

E enquanto martelava o granito, agora com menos força, pensou pela primeira vez em Joey sem sentir-se esmagado pelo tristeza. Joey não teria conseguido mudar o curso das coisas. Não era mais que um menino inteligente. O mundo inteiro teria se aliado contra ele. Teria lutado com todas suas forças até cair vencido. Teria sido

um homem infeliz. Joey, pensou, era como eu. Sempre inquieto, nunca feliz. Levantou o martelo sobre um pedaço de granito e rancorosamente o fez em pedaços.

Preciso de um pouco de descanso, pensou. É hora de descansar.

Thoreau e Gauguin, conhecemos seus nomes. Mas não esquecemos outros milhões de nomes? Eles não escreveram livros nem pintaram quadros, mas também renunciaram ao mundo. E esses outros, esses milhões de outros que rechaçaram a civilização em seus sonhos? Escutamos suas palavras, vimos seus olhos... "Que lindo era a floresta onde acampamos... Às vezes eu gostaria... mas os negócios... George, você nunca pensou em viver em uma ilha deserta? Somente uma cabana na floresta... sem telefone... A praia às margens do oceano... Ficaríamos tão bem... Mas tem Maud e as crianças."

Que estranho! Depois de edificar uma magnífica civilização, os homens só tinham um desejo: fugir dela. Os caldeus acreditavam que Oanes, o deus-peixe, saiu das águas para ensinar as artes e as leis aos homens. Mas ele era um deus ou um demônio? Por que as velhas lendas sempre nos falam da idade de ouro e da simplicidade? Alguém poderia crer que essa grande civilização não é realmente a materialização dos sonhos humanos e sim a obra de uma fatalidade misteriosa. Pouco a pouco, à medida que as cidades crescem, os homens se veem obrigados a renunciar a uma vida livre e feliz; a fácil coleta de frutos silvestres foi substituída pelos penosos trabalhos da agricultura. Pouco a pouco as cidades se tornam mais numerosas e os homens abandonam a excitação da caça e a substituem pelos duros afãs da criação de gado. Assim então, o monstro de Frankenstein impõe sua tirania aos seus aterrorizados criadores. E os homens tentam escapar por mil dissimuladas sendas.

Como renasceria, pois, uma civilização destruída sem o concurso de misteriosas fatalidades?

De repente Ish se sentiu muito velho. Ainda não tinha cinquenta anos e os outros fundadores da Tribo eram mais velhos que ele. Mas entre ele e seus filhos o abismo era muito grande. Não era só

o abismo dos anos, era também o modo de pensar e de viver. Nunca antes houvera tal distância entre duas gerações.

Sentado na escada da biblioteca, enquanto redúzia a pedacinhos o pedaço de granito, Ish viu diante de si a longa perspectiva do futuro. Em suma, tudo se resumia à velha pergunta: o homem influencia o meio ou o meio influencia o homem? A época napoleônica criou Napoleão, ou foi ao contrário: Se Joey tivesse sobrevivido, as confusas circunstâncias que haviam modelado Jack, Roger e Ralph o teriam afetado, e ele não teria podido resistir. Sim, mesmo se Joey houvesse sobrevivido, nada teria podido minorar a vertiginosa queda. E com Joey, a não ser que acontecesse um imprevisto, tinha morrido a última esperança.

Os planetas e as estrelas! Sob as repetidas marteladas, o granito era agora um pó fino. Os planetas e as estrelas! Não, não acreditava em astrologia. Mesmo assim a posição das estrelas mostrava que o sistema solar mudava continuamente e que a terra era cada vez menos propícia para o homem. Talvez a astrologia fosse uma ciência verdadeira e as mudanças que se produziam no céu fossem o símbolo dos acontecimentos terrestres. Os planetas e as estrelas! Como podia o homem modificar o que estava escrito nos céus?

Sim, o futuro era previsível. A Tribo não ressuscitaria a civilização. Não precisava dela. Durante algum tempo continuaria a pilhagem. Abririam latas de conserva e consumiriam cartuchos e fósforos. Todos seriam felizes. Mas não havia criadores. Então, cedo ou tarde, a população aumentaria e os víveres começariam a faltar. Não haveria fome, porque o gado abundava no campo. A vida continuaria.

E de repente ocorreu-lhe outro pensamento. Havia vacas e touros nos campos, sim, mas que aconteceria quando terminassem os cartuchos? Quando não houvesse mais fósforos? Na realidade, não precisaria esperar que se acabassem as munições. A pólvora se estraga com o tempo. Três ou quatro gerações mais e os homens seriam miseráveis criaturas que teriam perdido os segredos da civilização sem ter apreendido as técnicas com que os selvagens vencem as dificuldades cotidianas.

Era possível, e talvez preferível, que depois e três ou quatro gerações a raça humana se extinguisse, incapaz de passar da vida vegetativa e parasita a condições mais estáveis que lhe permitissem um lento progresso.

Bateu de novo com força na borda da escada. Saltou outro pedaço de granito. Ish olhou-o tristemente. Apesar de todas suas resoluções, o pensamento do futuro continuava a atormentá-lo. Mas como sabe o que aconteceria depois de três ou quatro gerações?

Levantou-se e se voltou para San Lupo. Estava mais tranquilo agora.

— Sim — pensou em voz alta. — A raposa perde o pelo, mas não as manhãs. E eu serei sempre um atormentado, embora tenha vivido vinte e dois anos com Em. Esqueço o passado para me ocupar do futuro. Sim, preciso de um pouco de descanso. Minhas tentativas fracassaram, é certo, mas sei que começarei outra vez. E agora que minha meta é menos ambiciosa, talvez eu tenha êxito.

10

Quando chegou a San Lupo, depois de uma longa caminhada, seus vagos projetos já tinham tomado forma, mas ele os poria em marcha na manhã seguinte.

À noite explodiu uma tempestade e, quando acordou, nuvens baixas e cinzentas ocultavam o céu. Ish se surpreendeu. Com os acontecimentos recentes, tinha se esquecido do tempo. Lembrou que o sol se punha perto do sul e que, usando as palavras dos velhos tempos, estavam no mês de novembro. A chuva atrapalhava seus planos, não não havia pressa. E enquanto isso podia aperfeiçoá-los.

Seu pensamento tinha mudado tanto, desde o dia anterior, que a ruidosa chegada dos meninos o sobressaltou. Claro, pensou, estão chagando para a aula. Desceu as escadas. Todos estavam ali, exceto Joey e outros dois menores, sentados nas cadeiras ou no chão. Todos os olhos se levantaram para ele com curiosidade. Joey tinha partido e talvez Ish mudasse as lições. Mas esta curiosidade, Ish não ignorava, era passageira. E eles cairiam outra vez naquela apatia que ele havia combatido sem êxito.

Olhou para todos os rostos, um a um. Eram bonitas crianças, não havia nenhum idiota entre eles, mas tampouco alguma mente excepcional. Não, o escolhido não estava ali. Havia chegado o momento e falou, sem remorsos nem pena:

— Acabaram-se as aulas — anunciou.

Os meninos olharam para ele, por um instante, consternados e contentes, embora não se atrevessem a demonstrar sua alegria.

— Acabaram-se as aulas — repetiu Ish, sentindo que adotava involuntariamente um tom dramático. — Não haverá mais aulas...

nunca mais.

Desta vez a consternação não desapareceu. Os meninos ficaram inquietos, nervosos. Alguns se levantaram para ir embora. O fim das aulas lhes parecia uma coisa grave, embora não soubessem bem porque. Por fim saíram lentamente, sem fazer ruído. Passou-se um minuto e só se ouvia o barulho da chuva. Logo explodiu uma gritaria; eram os meninos outra vez. A escola não tinha sido mais que um breve episódio em suas vidas; logo a esqueceriam e nunca mais dormiriam menos.

Durante um momento Ish sentiu-se muito abatido. Joey, Joey!, pensou. Mas não estava arrependido. Era a única solução razoável.

— Acabaram-se as aulas — murmurou. — Acabaram-se as aulas.

E então recordou que naquela mesma sala, há muitos anos atrás, tinha visto como se apagavam as lâmpadas elétricas.

Seguiram-se três dias de chuva. Ish refletiu e amadureceu seus planos. Por fim, um vento frio do norte varreu o céu e um sol brilhante começou a secar as folhas úmidas. Tinha chegado o momento.

Procurou durante um tempo nos jardins selváticos. Naquela zona nunca se havia cultivado comercialmente os cítricos. Mas o clima era bom para os limoeiros, pelo menos como árvores de adorno. E Ish lembrou que a madeira do limoeiro era a mais apropriada. Podia ter consultado alguns livros, mas tinha mudado o modo de pensar. Ele mesmo resolveria seus problemas.

No local onde nos velhos dias tinha sido um formoso parque particular, encontrou um limoeiro. A árvore ainda estava viva, embora abafada entre dois pinheiros e danificado pelas geadas. Alguns dos rebentos haviam sobrevivido ao rigor invernal.

Ish abriu passagem entre algumas moitas espinhosas, escolheu uma muda da grossura do seu polegar e pegou a faca. A madeira era dura como osso, mas finalmente conseguiu cortá-la. A muda tinha uma altura aproximada de um metro e meio. Tinha crescido reta, chegando a alcançar um metro e vinte de altura, mas depois tinha se dobrado sob os ramos dos pinheiros. Era forte e flexível ao

mesmo tempo. Ish apoiou-a contra o solo, dobrando-a, e verificou que se endireitava com força. Sim, pensou com um pouco de amargura, não preciso de mais nada.

Levou o talo de limoeiro para sua casa e sentou-se na varanda, ao sol. Cortou antes de tudo a parte dobrada, obtendo assim uma vara reta de um metro e vinte. Tirou a casca da muda e afiou as pontas. O trabalho levou bastante tempo, pois tinha que se interromper frequentemente para afiar a faca em uma pedra de amolar.

Walt e Josey, que tinham ido brincar com os outros meninos, voltaram na hora do almoço.

— Que está fazendo, papai? — perguntou Josey.

— Estou preparando um brinquedo — respondeu Ish. Em outros tempos teria tentado mostrar a utilidade da instrução. Foi um erro que não voltaria a cometer. Desta vez aproveitaria a inclinação dos humanos para o jogo.

Depois do almoço, os meninos espalharam a novidade. À tarde apareceu George.

— Por que não vem à minha casa? — perguntou. — Com o torno você trabalhará mais rápido.

Ish agradeceu-lhe, mas disse que preferia a faca, embora a mão lhe doesse. Era necessário fazer o trabalho com as ferramentas mais simples, quase primitivas.

Ao cair da tarde, Ish estava com a mão coberta de bolhas, mas havia terminado. As extremidades da vara estavam simetricamente afiladas. Apoiou-a contra o solo e dobrou até formar um semicírculo e depois soltou. Satisfeito, talhou encaixes em cada extremidade e guardou a faca no bolso.

Na manhã seguinte ele continuou o trabalho. Sobravam cordões, e ele até pensou em utilizar um fio de pesca de náilon, que trançaria até obter uma corda suficientemente grossa.

Não, disse a si mesmo, trabalharei com materiais que eles mesmos possam obter. Procurou um couro de bezerro recém sacrificado e cortou uma longa tira. Era um trabalho lento e difícil, mas lhe sobrava tempo. Limpou os pelos da tira e recortou-a até

que pareceu um cordel. Entrou trançou três dessas tiras, obtendo assim uma corda, e fez um nó em cada extremidade.

Ficou por um momento com a vara em uma mão e a corda na outra. Dobrou a vara e fixou os nós da corda nos encaixes das extremidades. A corda era um pouco mais curta e o ramo se dobrou.

Ish contemplou o arco. O gênio criativo do homem se manifestava mais uma vez sobre a terra. Teria podido ir procurar em uma loja de artigos esportivos e teria encontrado um arco mais perfeito. Mas tinha preferido talhar ele mesmo a madeira com uma ferramenta primitiva e fazer uma corda com tiras de couro.

Puxou a corda. A vibração o fez sorrir. Outra vez satisfeito, desmontou o arco.

Na manhã seguinte cortou um ramo de pinheiro para fazer uma flecha. A madeira macia foi cortada com facilidade e meia hora mais tarde a flecha estava pronta. Chamou os meninos. Vieram Walter e Josey e logo depois Weston.

Vamos fazer um teste — disse.

Disparou o arco. A flecha vacilou um pouco, mas Ish tinha apontado para cima. Então, depois de percorrer uns quinze metros, caiu e se cravou no chão.

Ish não esperava semelhante triunfo. Os três meninos ficaram de boca aberta por alguns momentos, maravilhados. Nunca tinham visto algo parecido. Então começaram a correr, gritando de alegria, para trazer a flecha de volta. Ish disparou várias vezes.

Por fim, tal como Ish esperava, chegou o inevitável pedido:

— Me deixe tentar, papai — suplicou Walt.

Antes da hora da ceia, todos os meninos da Tribo preparavam arcos com afã.

O êxito superou as expectativas de Ish. Poucos dias depois, flechas lançadas ao acaso se entrecruzavam no ar ao redor das casas. As mães estavam preocupadas pela possibilidade de alguém perder um olho; e dois meninos voltaram chorando, queixando-se de terem recebido flechadas em diferentes partes do corpo. Mas as

flechas não tinham ponta e não voavam muito longe. Não tiveram que deplorar nenhum acidente grave.

Mas foram estabelecidas severas regras: “Proibido disparar o arco contra alguém.” “Proibido brincar perto das casas.”

Foram organizados concursos. Sob a direção dos mais velhos, que sabiam manejar os fuzis, os meninos atiraram ao alvo. Testaram os arcos de diferentes distâncias e forma. Josey se queixou que Walt sempre ganhava, então Ish a aconselhou a colocar penas de codorniz na extremidade posterior da flecha. A menina obedeceu e triunfou sobre Walt. Todas flechas foram então adornadas com plumas de codorniz e ganharam em potência de voo. Os mais velhos se deixaram arrastar pelo entusiasmo dos menores e também prepararam alguns arcos, embora pudessem usar armas de fogo. Mas os arqueiros mais entusiastas eram os meninos, que não podiam usar os fuzis.

Ish esperava sua hora. As primeiras chuvas tinham reverdecido a terra e o sol se punha agora por trás das colinas, ao sul da Golden Gate.

Walt e West, ambos com doze anos, haviam se enredado em alguma misteriosa confabulação infantil. Aperfeiçoavam continuamente seus arcos e afiavam suas flechas uma e outra vez. Durante as horas de sol mal eram vistos.

Uma certa tarde, ouviram-se passos precipitados na rua e Walt e Weston entraram na sala, sem fôlego.

— Olhe papai! — gritou Walt, e estendeu para Ish o patético cadáver de um coelhos gordo trespassado por uma flecha de madeira.

— Olhe — gritou ele de novo. — Eu estava escondido atrás de uma moita e quando ele passou eu disparei e o matei.

Símbolo do seu triunfo, o pobre coelho entristeceu Ish. Que lástima, pensou, que a criação seja também destruição.

— Parabéns, Walt — disse. — Foi um bom tiro.

11

O sol se punha quase sempre em um céu sem nuvens, cada vez um pouco mais ao sul. Logo não tardaria a inverter a marcha.

Um dia, tão repentinamente que quase podia ser fixada a data, a hora e os minutos, os meninos se cansaram dos arcos e flechas e se interessaram por alguma outra coisa. Ish não se preocupou. Eles voltariam ao jogo mais tarde, talvez no ano seguinte, na mesma estação. A fabricação e o manejo dos arcos não cairiam no esquecimento. Durante vinte anos, cem anos se fosse necessário, o arco seria uma brincadeira infantil. Por fim, quando se esgotassem as munições, ali estaria ele, para substituir os fuzis. Era a mais perfeita arma do homem primitivo e a mais difícil de ser inventada. Ish legava ao futuro esse precioso dom. Seus tataranetos não teriam que se defender dos ursos com os punhos e não morreriam de fome rodeados de rebanhos. Teriam esquecido a civilização, mas pelo menos não seriam pouco mais que macacos. Andariam de cabeça erguida, como homens livres, como o arco na mão. E se não dispusessem de facas de aço, talhariam seus arcos com pedras afiadas.

Tinha outro plano, mas não havia pressa. Agora podia ensinar-lhes a se servirem de uma broca de arco; e quando não houvesse mais fósforos, a Tribo saberia acender um fogo.

Mas seu entusiasmo, assim como o dos meninos, esfriou com o transcurso das semanas. Em lugar de saborear a vitória da fabricação do arco e do seu êxito entre os meninos, recordava incessantemente as desgraças do ano. Joey, o menino insubstituível, tinha morrido. E no dia em que Em, George, Ezra e ele haviam decidido pela morte de Charlie, o mundo tinha perdido

o seu frescor e inocência. E a confiança e a fé haviam se extinguido nele ao abandonar a esperança de ver renascer a civilização.

O sol havia chegado ao extremo sul do seu trajeto. Um dia ou dois mais e ele começaria a refazer o caminho. Todos se preparavam para a cerimônia de gravar os números na rocha e batizar o ano. Agora era a maior das festas, ao mesmo tempo Natal e Ano Novo, e um símbolo de vida. Como tudo o mais, as festividades tinham mudado muito. A Tribo ainda celebrava o dia de Ação de Graças e se reunia ao redor de uma mesa bem servida. Mas o 4 de julho e todas as outras festas patrióticas tinham desaparecido.

George, que tinha pertencido a um sindicato e era amigo de conservar as tradições, parava de trabalhar e vestia seu melhor terno quando achava que havia chegado o dia do trabalho. Mas ninguém o imitava. Uma coisa curiosa, ou talvez natural, as festas populares haviam sobrevivido às oficiais. O dia dos Inocentes e o de Todos os Santos eram motivo de regozijo geral e os meninos repetiam as tradições que tinham sido transmitidas por seus pais. Em um dia, seis semanas depois do solstício de inverno, e de acordo com a lenda, a marmota podia ver sua própria sombra. Como não havia marmotas naquela região, eles a tinham substituído pelo esquilo. Mas tudo isto não era nada, comparado à festa que os reunia ao pé da rocha.

Os meninos discutiam entre eles o nome do ano. Os mais novos propunham o nome de ano do arco e da flecha; outros preferiam ano da viagem. Os mais velhos recordavam outras coisas e guardavam um silêncio perturbado. Ish sabia que eles ainda pensavam em Charlie e na morte dos seus companheiros. Para ele, os maiores acontecimentos daqueles doze meses eram a morte de Joey e sua própria desilusão.

Por fim o sol se pôs quase no mesmo lugar, ou talvez um pouco mais ao norte, e os pais, com grande alegria dos meninos, decretaram que a festa seria celebrada no dia seguinte.

Toda a Tribo se reuniu. O dia era claro e quente para a estação e as mães haviam levado seus bebês. Quando os números foram gravados, todos os que sabiam falar se desejaram um feliz Ano

Novo, de acordo com o costume dos velhos tempos. Depois, segundo o ritual de costume, Ish perguntou como se chamaria o novo ano e seguiu-se um profundo silêncio.

Por fim, Ezra, sempre oportuno, tomou a palavra.

— Este ano nos trouxe muitas tristezas e qualquer nome despertaria tristes recordações. Não demos qualquer nome a este ano. Chamemo-lo simplesmente de o ano 22.

Anos fugitivos.

O rio dos anos passou rapidamente outra vez e agora Ish não resistiu e se deixou levar. Nestes anos a Tribo cultivou um pouco de milho, não muito, mas o bastante para obter uma pequena colheita e guardar algumas sementes.

Todos os anos, como se a primeira chuva fosse um sinal, os meninos retornavam aos arcos e flechas, até que se cansavam e procuravam outra diversão.

De vez em quando os adultos se reuniam para deliberar. O que ali se dizia era obrigatório para todos. Pelo menos, pensava Ish, legarei estes costumes para o porvir. Mas à medida que os anos passavam, os jovens influenciavam mais e mais no curso das seções. Ish sempre presidia, sentado no lugar de honra. Os que queriam falar se levantavam e o cumprimentavam respeitosamente com uma inclinação de cabeça. Ish mantinha o martelo no colo e o balançava maquinalmente. Quando a discussão entre dois jovens subia de tom, Ish dava uma martelada e os adversários se calavam imediatamente. Se intervia nos debates, todos os escutavam com atenção, embora nunca seguissem seus conselhos.

Assim passaram-se os anos. O ano 23, do lobo furioso; o ano 24, das amoras; o ano 25, da chuva interminável.

Quando chegou o ano 26, o velho George já não estava com eles. Tinha estado pintando em cima de uma escada. Ninguém

nunca soube se tinha sido um ataque do coração ou uma queda acidental. Mas encontraram-no morto ao pé da escada. Desde então, ninguém mais consertou os tetos nem pintos as fachadas das casas. Maurine continuou vivendo por um tempo na casinha de cortinas cor-de-rosa, com o aparelho de rádio mudo, com as mesinhas com toalha. Mas ela era tão velha quanto George e morreu antes do fim do ano.

E o ano foi chamado ano da morte de George e Maurine.

E os anos se passaram: 27, 28, 29, 30. Já era difícil lembrar os nomes e sua ordem. O ano do milho havia se seguido ao ano do crepúsculo vermelho, ou este precedia o ano da morte de Evie?

Pobre Evie! Enterraram-na junto aos demais, e assim ela se pareceu mais a todos. Tinha vivido com eles e ninguém sabia se tinha sido feliz ou se tinham feito bem em salvar-lhe a vida. Somente uma vez havia saído da sombra: quando Charlie a escolheu entre todas as garotas da Tribo. Os jovens mal notaram seu desaparecimento, mas para os mais velhos, desaparecia com ela uma criatura dos velhos tempos.

Agora os fundadores da Tribo eram somente cinco. Jean e Ish eram os mais novos e mais conservados. Mas Ish, que não havia se curado totalmente da sua velha ferida, coxeava um pouco. Molly se queixava de vagos mal-estares e caía em crises de pranto. Uma tossezinha seca atormentava Ezra. A silhueta de Em havia perdido um pouco da sua graça real. Entretanto, todos desfrutavam de uma saúde excelente e seus pequenos incômodos eram achaques da idade.

O ano 34 foi um ano memorável. Sabia-se há algum tempo que outra Tribo menos numerosa vivia no extremo norte da baía, mas naquele ano chegou um mensageiro para propor uma união. Ish proibiu que o jovem se aproximasse. A recordação de Charlie aconselhava prudência. Quando o mensageiro comunicou qual o propósito da sua visita, o conselho foi convocado.

Ish presidiu com o martelo na mão, pois o assunto era muito importante. Em seguida explodiu uma animada discussão. Ao medo das doenças unia-se o preconceito contra os estranhos. Mas a curiosidade era mais forte e, além disso, muitos desejavam que

o número de membros da Tribo, sobretudo o de mulheres, fosse maior. Há anos que os homens eram mais numerosos que algumas mulheres e alguns rapazes pareciam condenados ao celibato. Por outro lado, Ish conhecia os perigos de casamentos entre parentes próximos, inevitáveis no seio da Tribo.

Entretanto, Ish, apoiado por Ezra, se opunha à aliança por temor às enfermidades. Jack, Ralph, Roger, os mais velhos e seus filhos, lembravam demais do ano 22 e ficaram do seu lado. Mas os mais jovens, sobretudo aqueles que não estavam casados, pensando nas mulheres da outra tribo, protestavam ruidosamente.

Então Em falou. Ela agora tinha a cabeça grisalha, mas sua voz grave ainda dominava qualquer discussão.

— Eu tenho repetido frequentemente — disse, — não se vive rechaçando a vida. Nossos filhos e netos precisam de mulheres. Talvez haja um grave perigo, mas temos que enfrentá-lo

A serenidade e segurança de Em, mais que suas palavras, animaram a todos e a aliança foi votada por unanimidade.

Desta vez tiveram sorte. Houve somente uma epidemia de escarlatina que os outros contraíram mas logo se curaram.

A partir daí a Tribo se dividiu em duas classes: os Primeiros e os Outros. Os meninos que nasciam de um casamento misto pertenciam ao clã do pai. Ish se assombrou que a mulher tivesse tão pouca influência e que não acontecera como nos povos primitivos. Mas as velhas tradições eram muito fortes.

No ano seguinte, Em perdeu até a sombra da sua graça real. Ish viu rugas em seu rosto que não eram de velhice e sim de dor. A pele, antes cor de mate, agora era de um cinza apagado. Ish sentiu medo e frio e compreendeu que a hora da separação havia chegado.

Às vezes, nos sombrios meses que se seguiram, Ish pensava: Talvez não seja mais que uma apendicite. Ela sente dor neste lugar. Então por que não operá-la? Poderia ler livros e aprender o necessário. Uma dos rapazes lhe daria o éter. No pior dos casos, Em deixaria de sofrer.

Mas quando chegava o momento, ele sempre recuava. A mão lhe tremia, não tinha coragem. Não se atrevia a mergulhar o bisturi no corpo de quem amava. Em só contava com ela mesma.

Mas logo teve que reconhecer que não era apendicite. Quando o sol iniciou sua marcha para o sul, Em caiu de cama e não se levantou mais. Nas farmácias em ruínas, Ish encontrou pós e xaropes que atenuaram o sofrimento de Em. Depois de tomar o calmante, ela dormia ou permanecia imóvel, sorrindo. Quando a dor voltava, Ish pensava se não deveria aumentar a dose e terminar aquele tormento. Mas não o fez, pois sabia que Em ainda amava a vida e não perderia a coragem.

Passava longas horas à sua cabeceira, pegando sua mão e trocando algumas palavras de vez em quando. Como sempre, era ela quem o consolava, apesar das suas torturas e do fim tão próximo. Sim, dizia Ish para si mesmo, mais uma vez, ela tinha sido para ele uma mãe, tanto como uma esposa.

— Não se atormente pelos meninos — disse-lhe Em um dia, nem pelos netos e todos que se seguirão. Eles serão felizes, me parece. Pelo menos, serão tão felizes como teriam podido ser nos velhos tempos. Não pense demais na civilização. Eles seguirão adiante.

Desde quanto ela pensava assim?, se perguntava Ish. Teria Em sabido que ele fracassaria: Teria pressentido o que ia acontecer, mercê da sua intuição ou do sangue diferente que corria em suas veias? De novo se perguntou em que residia a grandeza do homem ou da mulher.

Josey agora se ocupava da casa e cuidava da sua mãe. Josey também era mãe, uma mulher alta, de grandes seios e andar gracioso. De todos os filhos, ela era quem mais se parecia com Em.

Todos vinham visitar a enferma: os filhos, as filhas e os netos. Os netos mais velhos já eram quase rapazes e nas netas assomava a mulher.

Ish compreendeu que Em tinha razão. Eles seguiriam adiante. A simplicidade é sinal de força. Sobreviveriam.

Um dia ele havia se sentado ao lado de Em e havia lhe tomado a mão. Ela estava muito fraca. E de repente Ish sentiu junto a eles uma sombria presença. Em se calou e seus dedos tremeram ligeiramente.

Oh mãe das nações, pensou Ish. Teus filhos te cantarão louvores e tuas filhas te abençoarão.

Estava sozinho agora, naquele quarto onde há pouco haviam três, pois a morte tinha partido levando Em com ela. Ficou ali, encurvado e com os olhos secos. Tudo havia terminado. Enterrariam a mãe das nações e, de acordo com os costumes da Tribo, não colocariam nem cruzeiros nem epitáfios. E como faziam os homens desde o princípio dos séculos, desde que o amor e o seu irmão, a dor, haviam aparecido sobre a terra, Ish velou a morta bem amada. Nunca encontraria outra vez tanta grandeza e serenidade.

E os anos continuaram passando. E o sol foi do norte para o sul e do sul para o norte. Gravaram outros números na superfície da rocha.

Um dia, na primavera, Molly morreu de repente, sem dúvida de uma embolia. No mesmo ano, um enorme tumor, como um monstro de pesadelo, invadiu Jean. Nada a aliviava; e quando a morte se deu, ninguém a acusou.

É o fim, pensou Ish. Nós, os americanos, somos velhos e nos dispersamos como as folhas da última primavera.

A tristeza o esmagava. Entretanto, quando passeava pelo sopé da colina, via meninos que brincavam e jovens que conversavam animadamente, e mães que amamentavam seus bebês. Pouca tristeza e muita alegria.

Um dia Ezra foi vê-lo e lhe disse:

— Você deveria arrumar outra mulher. Ish olhou para ele.

— Não — disse Ezra, — eu não. Sou velho demais. Você é mais jovem. Há uma moça entre os Outros e ninguém para casar com ela. Se não se é muito velho, sempre é preferível não ficar sozinho; e você poderá ter mais filhos.

Ish se casou com a moça. E ela foi o consolo das suas longas noites e lhe deu filhos. Mas para Ish, sempre foi como se aqueles filhos não lhe pertencessem, pois Em não os tinha amamentado em seu seio.

Gravaram outros números na rocha. Exceto Ish e Ezra, todos os americanos já tinha desaparecido. E Ezra era um velhinho seco e enrugado que tossia e ficava cada vez mais fraco. O próprio Ish tinha os cabelos grisalhos. Embora não fosse gordo, seu ventre se arredondava e suas pernas se adelgaçavam. Sentia dores de lado, no lugar onde o puma havia cravado as carravas e caminhava pouco. Entretanto, no ano 42 sua mulher ainda lhe deu outro filho. Ele não sentia muito carinho pela criança. Ademais, agora já tinha bisnetos.

No último dia do ano 43 Ish não se sentiu com forças para ir até a rocha e Ezra estava fraco demais. Deixaram para mais tarde o batismo do ano. De vez em quando prometiam ir no dia seguinte ou confiar a missão a algum dos seus filhos. Às vezes os jovens e até os meninos se inquietavam, mas ao que parecia, não havia pressa e a cerimônia era postergada indefinidamente. Um dia chovia, outro nevava, e outro era ideal para pescar. Os números nunca foram gravados, o ano não teve nome algum e a vida seguiu seu curso.

E os anos foram passando sem que ninguém pensasse em batizá-los

Fazia um bom tempo que a mulher de Ish não tinha mais filhos. Um dia ela se apresentou diante dele acompanhada de um homem da sua idade e os dois pediram respeitosamente permissão para se unirem. E então Ish compreendeu que percorria a última etapa da sua vida.

Começou a passar as horas com Ezra, seu companheiro de velhice.

O espetáculo de dois velhos que se sentam juntos recordando o passado, não teria sido estranho em outros tempos, mas aqui eles eram os únicos velhos. Todos os demais eram jovens, pelo menos comparativamente. A Tribo festejava nascimentos e enterrava

mortos, mas os nascimentos eram mais numerosos que as mortes. E onde há muitos jovens também há risos.

Os anos continuavam passando e os dois velhos, sentados na subida da colina, ao sol, falavam cada vez mais do passado. Os anos recentes tinham deixado poucas recordações. Alguns eram bons, outros ruins, ou pelo menos assim os qualificava. Mas a diferença não era grande. De modo que os velhos retrocediam até o passado distante e de vez em quando davam uma olhada no futuro.

Ish admirava a sabedoria de Ezra e seu amor aos homens.

— Uma tribo é como uma criança — comentou um dia Ezra, com sua voz aflautada de velho, e que cada dia mais se parecia a um grito de pássaro. A tosse o interrompeu e quando recuperou o fôlego, disse: — Sim, uma tribo é como uma criança. Você educa a criança, lhe dá conselhos, mas no fim eles sempre fazem o que querem. A mesma coisa acontece com a tribo.

— Sim — disse outro dia, — o tempo esclarece os mistérios. Hoje tudo me parece muito mais claro que antes. Dentro de cem anos, se eu ainda estiver vivo, o mundo não terá mais segredos para mim.

Às vezes falavam dos outros americanos, os desaparecidos. Lembravam, rindo, do velho George e Maurine e do famoso aparelho de rádio de onde não saía som algum. E sorriam, ao pensar como Jean sempre resistia aos ofícios religiosos.

— Sim — dizia Ezra, — tudo está mais claro agora. Por que sobrevivemos ao Grandes Desastre? Nunca o saberei, mas creio que entendo porque não sucumbimos à dor de ver todos morrendo. George e Maurine, e talvez também Molly, viveram sem enlouquecer graças à sua apatia e falta de imaginação. Jean se aferrou à vida e eu esqueci de mim próprio para pensar nos outros. E você e Em...

Ezra fez uma pausa e então Ish disse:

— Sim, você tem razão, acho... Continuei vivo porque me mantive à parte, observando o que estava acontecendo. Quanto a

Em...

Desta vez foi Ish quem se interrompeu e Ezra retomou a palavra.

— Bom, a Tribo será como nós fomos. Não haverá gênios entre eles porque não houve entre nós. Talvez um gênio não tivesse conseguido sobreviver... Quando a Em, sobram as explicações. Ela era a mais forte. Sim, necessitávamos de George e do seu trabalho, e também da sua previsão, Ish. E talvez eu fosse um homem útil como elemento de união entre pessoas tão diferentes. Mas precisávamos sobretudo de Em. Ela nos dava coragem; e sem coragem a morte é uma morte lenta.

Aos seus pés, nos pé da colina uma árvore cresceu diante deles — assim pareceu a Ish o logo sua copa de folhas ocultou a ponte e seus pilares mofados. Depois a árvore secou, morreu e caiu com o vento. Então Ish pôde ver a ponte outra vez.

Um dia começou um incêndio na cidade em ruínas, do outro lado da baía, e Ish lembrou que muitos anos atrás, quando ela ainda não havia nascido, o fogo tinha devastado aquela mesma cidade. Desta vez o sinistro durou uma semana; o vento do norte fazia crescer as chamas que ninguém combatia e que a ninguém preocupava. O fogo se extinguiu depois que não restava nada mais para devorar.

Logo, até mesmo a conversa era um penoso esforço. Ish se contentava em deitar-se ao sol; perto dele tossia um velho enrugado. Sem que soubesse como, os dias se transformaram em semanas e o rio dos anos correu sem se deter. Ezra estava sempre ali. E algumas vezes Ish pensava: Ele tosse e enfraquece, mas viverá mais que eu.

Por fim, falar era uma coisa cansativa. A mente dobrava-se sobre si mesma e Ish meditava nas estranhezas da existência. Que diferença havia finalmente? Mesmo sem o Grande Desastre, ele seria um velho. Professor honorário, tiraria livros da biblioteca, falaria das suas pesquisas e seria considerado um velho gagá por seus colegas de cinquenta ou sessenta anos. Entretanto, diriam aos estudantes: "É o professor Williams, um grande sábio. Temos muito orgulho dele",

Agora os velhos tempos pareciam tão distantes quanto Nínive ou Mohenjadaró. Ele próprio tinha visto como o mundo desabava. Entretanto, coisa curiosa, a catástrofe havia respeitado sua personalidade. Ainda era um professor honorário, agora que as trevas lhe obscureciam o pensamento, e se aquecia ao sol em uma colina solitária, patriarca de uma tribo primitiva.

E com os anos que passavam havia estranhas mudanças. Os jovens vinham sempre pedir conselhos a Ish, mas não com a atitude de antes. Enquanto estava sentado ao pé da colina, ou quando ficava em casa nos dias nebulosos ou de chuva, eles lhe traziam pequenos presentes: um punhado de amoras doces, uma pedra brilhante, um pedaço de vidro colorido que reluzia ao sol. Ish não prestava muita atenção às pedras ou ao vidro, nem sequer às safiras e esmeraldas tiradas de alguma joalheria, mas recebia tudo com alegria, pois compreendia que os jovens lhe traziam o que mais admiravam.

Rendida a homenagem, aproveitavam algum momento em que Ish tinha o martelo na mão para fazer-lhe cerimoniosamente alguma pergunta. Às vezes o consultavam sobre o tempo. Ish olhava então o barômetro do sal pai e predizia, ante os jovens assombrados, que as nuvens se dissipariam com o calor do dia ou que se preparava uma tempestade. Mas outras vezes as perguntas eram menos simples. Por exemplo, onde deveriam ir para encontrar boa caça. Ish não sabia, mas os jovens, descontentes, o cutucavam. Ish gritava-lhes então qualquer coisa:

— No norte! Atrás da colinas!

Os jovens partiam satisfeitos. Ish temia que regressassem para lhe dizer que não haviam encontrado nada, mas isto nunca acontecia.

Às vezes seus pensamentos eram claros; outras vezes, uma névoa invadia seu cérebro.

Um dia encontrava-se com a mente clara e, enquanto os jovens lhe faziam uma pergunta, compreendeu que havia se transformado em um deus, ou pelo menos no oráculo que expressava a vontade de um deus. Lembrou que uma vez os meninos não haviam se atrevido a tocar no martelo e haviam assentido quando lhes disse que era um americano. Entretanto, nunca tinha desejado ser um deus.

Um dia, sentado na colina, ao sol, viu que Ezra não estava ao seu lado e compreendeu que seu companheiro havia partido para sempre. Ninguém já se sentaria junto dele. Apertou com força o cabo do martelo, agora tão pesado que mal podia levantá-lo com as mãos. Em outros tempos os mineiros o manejavam com uma só mão, pensou, e agora é pesado demais para mim. Mas se transformou no símbolo do deus tribal e ainda me acompanha quando todos os outros, inclusive Ezra, desapareceram.

Então, como se a dor da perda de Ezra lhe tivesse dado uma maior lucidez, olhou ao redor e lembrou que naquele lugar antes tinha existido um jardim. Agora só se via o mato alto que crescia desordenadamente entre as árvores e os arbustos e uma casa em ruínas rodeada por ervas daninhas.

Levantou os olhos para o céu. O sol estava no leste, e não no oeste, como tinha esperado. Já era pleno verão e ele achava que a primavera tinha iniciado. Sim, no decorrer daqueles anos ele havia perdido a noção do tempo. Confundia a viagem cotidiana do sol, o mais lento ao longo do ano, com as quatro etapas da estação. E então sentiu-se muito velho e com uma profunda amargura.

Essa tristeza despertou a recordação de outras e ele pensou: Em partiu, e Joey também, e Ezra, meu bom companheiro. E ao se sentir sozinho entre tantas desgraças, começou a chorar baixinho, pois era muito velho e não sabia se dominar.

— Sim — murmurou, — todos se foram. Sou o último americano.

Terceira Parte - O Último Americano na alegria das formosas florestas.

VIEJA CANCIÓN

1

Talvez tenha sido nesse dia, ou nesse verão, ou um outro ano... Ish levantou os olhos e viu um jovem diante dele. Usava calças de lona azul em bom estado, com reluzentes rebites de cobre, e cobria o torso com a pele de animal, da qual pendiam ainda as afiadas garras. Levava um arco não mão e nas costas uma aljava, onde assomavam as pontas emplumadas de algumas flechas.

Ish piscou, pois o sol castigava seus velhos olhos.

— Quem é você? — perguntou.

O jovem respondeu com um tom respeitoso:

— Sou Jack, e tu bem sabes, Ish.

No modo dele dizer “Ish” não havia uma familiaridade excessiva para com um ancião, ao contrário, deferência e até temor, como se o nome fosse um título honorífico.

— Você age mal em zombar de um velho — protestou Ish. — Jack é meu filho mais velho e eu o reconheceria de imediato. Ele tem cabelos pretos e é mais velho que você.

O rapaz, com um riso cortês, respondeu:

— Está falando do meu avô, e tu bem sabes, Ish.

Outra vez o nome “Ish” teve em sua boca um som estranho. E Ish sentiu-se surpreso pela repetição da fórmula: “E tu bem sabes, Ish”.

— Você é dos Primeiros ou dos Outros? — perguntou.

— Dos Primeiros — respondeu o jovem.

Ish olhou para ele atentamente e lhe assombrou que um jovem que há algum tempo atrás tinha deixado de ser criança e levasse um arco em vez de um fuzil.

— Por que não está usando um fuzil? — perguntou.

— Os fuzis não são mais que brinquedos — disse Jack, com um riso um pouco desdenhoso. — Não se pode confiar em um fuzil, e tu sabes bem, Ish. Algumas vezes o fuzil dispara e faz um grande barulho; mas outras vezes você aperta o gatilho e só se ouve um “clic” estalou os dedos. — Não se pode caçar com fuzis, embora os velhos digam que assim se fazia antes. Em troca, se pode confiar nas flechas. Voam sempre. E além disto... — e aqui o rapaz ergueu-se orgulhosamente, — além disso é preciso se forte e hábil para matar com o arco. Qualquer um, me parece, podia matar com um fuzil, tu bem sabes, Ish.

— Mostre-me uma flecha — disse Ish.

O jovem tirou uma flecha da aljava, olhou para ela e estendeu-a.

Ish olhou a flecha e sopesou-a. Não era um brinquedo de menino. Com um metro de comprimento, tinha sido talhada em boa madeira, arredondada e alisada. Tinha plumas na extremidade, mas Ish não conseguiu reconhecer de que ave eram. Entretanto, os dedos lhe diziam que tinham sido muito bem dispostas. Assim, a flecha giraria no ar como uma bala de fuzil e alcançaria mais longe. Em seguida examinou a ponta da flecha, mais com o tato que com a vista. Era uma ponta muito afiada, que furou-lhe o polegar. Suas asperezas lhe revelavam que era de metal trabalhado com martelo. A cor parecia ser de um branco prateado.

— De que é feita? — perguntou.

— De uma dessas coisas redondas com figuras. Os velhos lhes davam um nome, mas eu esqueci.

O jovem parou de falar, para que Ish lhe informasse, mas não recebeu resposta e continuou, orgulhoso de saber tanto sobre flechas:

— Nós as encontramos nas velhas casas. Há caixas e gavetas cheias. Às vezes estão guardadas em rolos muito pesados.

Algumas são vermelhas e outras brancas, como esta. Há dois tipos de brancas. Umas têm a figura de um touro com uma corcova. Estas não serve, são muito duras.

Ish refletiu e compreendeu.

— E esta ponta branca? — perguntou — Também tinha uma figura? Jack pegou a flecha das mãos de Ish, olhou e devolveu.

— Todas têm figuras — disse. — Esta não se apagou totalmente. É uma mulher com asas na cabeça. Em outras há falcões, embora não falcões verdadeiros — Jack estava contente de poder falar —.Em outras há homens; ou pelo menos me parecem homens. Um tem barba, outro tem o cabelo comprido para trás e outro tem uma cara sem barba, cabelo curto e um a grande mandíbula.

— Sabe quem foram esses homens?

— Oh, nós achamos, e tu bem sabes Ish, que são os Antigos que viveram antes dos nossos Antigos.

Como não caiu nenhum raio do céu e Ish não parecia aborrecido, Jack continuou:

— Sim, assim terá sido, e tu bem sabes, Ish. Os homens, os falcões e os touros. Talvez as mulheres com asas tenham nascido de um falcão e uma mulher. Mas os Antigos não se ofendem porque usamos suas figuras para fazer pontas de flecha. Isto me assombra. Talvez sejam grandes demais para se ocuparem com coisas tão pequenas. Ou talvez eles fizeram suas obras há muito tempo e agora estão velhos e cansados.

Jack se calou e Ish compreendeu que o rapaz estava orgulhoso da sua própria eloquência e queria dizer mais alguma coisa. Pelo menos não lhe faltava imaginação.

— Ah, sim — continuou Jack, — me ocorreu algo. Nossos Antigos, os americanos, fizeram as casas e as pontes e as coisas redondas que usamos para as pontas das flechas; mas os outros, os Antigos dos Antigos, talvez tenham feito as colinas e o sol, e até mesmo os americanos.

Embora fosse muito fácil rir da ingenuidade de Jack, Ish não pôde resistir à tentação de fazer uma brincadeira.

— Fale-me sobre as pontas das flechas — disse. — Não me interessa a cosmogonia. — disse a última palavra com humor malicioso, pois sabia que Jack não poderia entendê-la.

— Ah sim, as pontas das flechas — disse o outro, hesitante. Por fim continuou: — usamos as vermelhas e as brancas. As vermelhas para os touros e os pumas. As brancas para os cervos e para a caça menor.

— E por que isso? — perguntou Ish, pois seu racionalismo se rebelava contra aquelas superstições ridículas.

— Por que? Por que? Quem sabe o por que? Exceto tu, Ish. É assim. — titubeou outra vez e o sol atraiu sua atenção. — Sim, é como o sol que dá voltas ao redor da terra. Mas naturalmente ninguém sabe porque, nem pergunta. E por que teria que haver um por que?

Jack sorriu gravemente, como um filósofo que acabasse de expressar uma verdade eterna. E Ish refletiu e se perguntou se aquela aparente ingenuidade não ocultava algo profundo. Tinha sido encontrado alguma vez a resposta a esses porquês? Talvez as coisas existissem, nada mais.

Entretanto, Ish estava certo de que o argumento era falso. A vida humana sem causalidade era inconcebível. Essas pontas de flechas de cores diferentes provavam isto. Mas a relação causa-efeito era absurda. O jovem acreditava que para matar touros e pumas as pontas das flechas deviam ser de cobre, enquanto que a prata servia para os cervos e a caça menor. Entretanto, as pontas dos dois metais eram igualmente duras e pontiagudas. Para aquelas mentes primitivas, o fator determinante era a cor. Pura superstição.

Ish sentiu renascer em seu interior seu velho ódio pelas falsas ideias. Apesar da sua idade, não pôde evitar de quebrar uma última lança a favor da verdade.

— Não! — gritou, tão bruscamente que Jack se sobressaltou
— Não, não está certo. Brancas ou vermelhas, as pontas das flechas...

E se deteve. Não, era melhor se calar. Achava estar ouvindo uma voz de contralto que lhe dizia ao ouvido: "Calma". Podia chegar a persuadir àquele jovem que era sem dúvida inteligente e imaginativo como tinha sido o pequeno Joey. Mas o que ganharia? Jack ficaria desconcertado e se sentiria incomodado entre os outros. As pontas de flecha não era, afinal, menos eficazes, e se os caçadores lhes atribuíam um poder mágico, este pensamento os faria mais valentes e lhes daria mais firmeza nos pulsos.

Ish então se calou, sorriu para o jovem e olhou outra vez para a flecha. Ocorreu-lhe algo e ele perguntou:

— Essas coisas redondas, vocês as encontram facilmente?

— Oh sim, disse o rapaz. — Poderíamos passar a vida toda fazendo pontas de flechas.

Provavelmente estivesse certo, pensou Ish, embora agora houvesse cem homens na Tribo, havia milhares de moedas nas gavetas dos armários e nas caixas fortes, somente naquele canto da cidade. E quando as moedas se esgotassem, utilizariam fichas de cobre dos telefones. Quando fabricou o primeiro arco, recordou, havia imaginado que a Tribo colocaria pontas de pedra em suas flechas. Mas eles tinham tomado um atalho e já trabalhavam o metal. Talvez seus descendentes já tivessem superado o momento crítico. Haviam deixado de esquecer e aprendiam. Em vez de deslizarem para a selvageria, se mantinham em um mesmo nível, ou já tinham começado a subir. Ao dar-lhes os arcos, tinha-os realmente ajudado. Ish sentiu-se contente.

— É uma bonita flecha — disse, estendendo-a para Jack, embora na verdade não entendesse muito de flechas. No rosto de Jack brilhou um sorriso de felicidade e Ish notou que ele fazia uma marca no cabo antes de colocá-la na aljava, como se para poder reconhecê-la entre as outras. E de repente Ish sentiu uma imensa ternura. Desde que ficara velho e passava as horas sentado na

colina, nunca tinha sentido uma emoção semelhante. Este Jack, que pertencia aos Primeiros, era seu bisneto e era também bisneto de Em. Ish olhou para ele com afeto e lhe fez uma pergunta inesperada:

— Rapaz — disse, — você é feliz?

Jack pareceu perplexo e olhou para todos os lados antes de responder:

— Sim — disse por fim, — sou feliz. A vida é como é e eu sou parte da vida.

Que sentido tinha essa frase? — se perguntou Ish. Era a fórmula ingênua de um semisselvagem, ou talvez ocultasse uma profunda filosofia: Não conseguiu decidir. E, enquanto refletia, a névoa lhe invadiu a mente outra vez. Aquelas palavras, tão estranhas, lhe pareciam familiares. Entretanto, não achava que as tinha ouvido nunca, mas uma pessoa que havia conhecido em outros tempos podia tê-las dito. Pois o rapaz não havia perguntado, havia afirmado. Ish não conseguia se lembrar de quem havia sido essa pessoa, mas teve uma impressão de fraqueza e doçura.

Quando saiu do seu sonho e levantou os olhos, estava sozinho. Na realidade, era incapaz de lembrar se havia conversado com o rapaz naquele mesmo dia, ou em outro dia, ou talvez em outro verão.

2

Uma manhã, Ish despertou tão cedo que seu quarto ainda estava na penumbra. Ficou imóvel, sem saber onde estava e, durante um momento, acreditou ter voltado aos anos da sua infância, quando ao alvorecer ia para o cama da sua mãe para se esquentar. Em seguida, durante uns poucos segundos, seu pensamento cruzou os anos e ele estendeu a mão para Em, que sem dúvida dormia junto a ele. Mas não, Em tinha morrido. Então pensou em sua outra mulher. Tampouco estava ali. Fazia muito tempo que a tinha dado a outro homem mais jovem, pois uma mulher devia ter filhos para que a Tribo crescesse e as trevas retrocedessem. E compreendeu então que era muito velho que estava sozinho na cama. Entretanto, era sempre a mesma cama e o mesmo quarto.

Tinha a garganta seca. Após um momento, deixou a cama lentamente e, tombando sobre suas velhas pernas calcificadas, foi para o banheiro para beber um pouco de água. A entrar, levantou a mão para acender a luz elétrica. Ouviu-se o ruído familiar e a claridade inundou o quarto. Em seguida encontrou-se outra vez no escuro e compreendeu que a luz não tinha sido acesa. O som do interruptor havia enganado seu velho cérebro e havia-lhe dado a ilusão da luz. Mas não se preocupou, pois não era a primeira vez que isto acontecia.

Abriu a torneira da pia, mas não saiu água. E então se lembrou que a água tinha deixado de correr fazia anos. Não podia beber, mas a sede não era muita. Simplesmente estava com a garganta seca. Engoliu saliva várias vezes e sentiu-se melhor. Voltou ao seu quarto e se deteve, cheirando. Com o passar do tempo. Os odores tinham mudado várias vezes. Muito longe, no passado, o ar tinha

tido o odor característico das grandes cidades. Depois, havia se seguido o odor dos campos e das folhas. E mais tarde, esse odor havia desaparecido e agora nas casas só se respirava o cheiro da velhice e de mofo. Ish já tinha se habituado a ele e já não notava. Mas naquela manhã havia um cheiro de fumaça acre no ar. Por isso tinha acordado; mas não sentiu nenhum temor e se deitou outra vez.

Um vento do norte agitava os pinheiros que agora rodeavam a casa e os ramos batiam nos vidros e nas paredes. O ruído o impedia de dormir. Queria saber a hora, mas há muito tempo que não dava corda nos relógios. Que importava o tempo quando não havia encontros a que acudir ou horário de trabalho? Os costumes tinha mudado radicalmente e ele estava tão velho que quase já não enxergava. Em certo sentido, parecia como se tivesse trocado o tempo pela eternidade.

Estava sozinho na velha casa. Os outros dormiam em outros lugares, ou ao ar livre do verão. A velha mansão, com seus fantasmas do passado, não atraía ninguém. Mas para Ish os mortos estavam mais próximos que os vivos.

Na falta de relógio, vagos raios lhe indicavam que o sol não tardaria a sair. Tinha dormido bastante para um velho. Continuaria dando voltas na cama até que alguém — e ele esperava que fosse o rapaz chamado Jack viesse trazer-lhe o desjejum. Seria um osso de bezerro bem cozido, que ele poderia chupar, e um pouco de farinha de milho fervida. A Tribo o enchia de atenções. Lhe reservavam especialmente a farinha de milho, um produto raro. Enviavam alguém para que lhe levasse o martelo e o ajudasse a caminhar até a colina onde se sentava nos dias ensolarados. Quase sempre era Jack quem vinha. Sim, cuidavam dele e o protegiam, embora fosse agora um velho inútil. Mas às vezes os jovens, que o consideravam um deus, se impacientavam e o apertavam para que respondesse às suas perguntas.

O vento continuava soprando e os ramos açoitavam as paredes. Mas ele ainda estava com sono e após um instante adormeceu, apesar do ruído.

As passagens pela montanha e os longos aterros das rodovias pareceriam, mesmo dentro de mil anos, estreitos vales e pregas. As grandes massas de cimento das bases durarão como o granito, mas o aço e a madeira perecerão. Serão devorados por três fogos. O mais lento de todos é o fogo da ferrugem, que queima o aço. Conceda-lhe alguns séculos e a ponte orgulhosa que cruza o abismo só será um pouco de cinza vermelha nas margens. Mais rápido que este é o fogo do apodrecimento, que ataca a madeira. Mas o fogo mais rápido é o das chamas.

De repente Ish sentiu que alguém o sacudia. Despertou sobressaltado e, ao abrir os olhos, viu Jack inclinado sobre ele; o jovem tinha o rosto crispado pelo terror.

— Levante! Levante rápido! — gritou Jack.

Aguilhados por aquele brusco despertar, a mente e o corpo de Ish pareceram se mover mais rapidamente que de costume. Com a ajuda de Jack vestiu alguma roupa.

Agora havia um fumo espesso na casa. Ish tossiu; seus olhos lacrimejavam. Lá fora se ouvia o crepitar da madeira. Desceram precipitadamente. Ao saírem de casa, a força do vento assombrou Ish. O fumo fugia diante das rajadas em um torvelinho de folhas e raminhos acesos.

O sinistro não era surpreendente e Ish o havia previsto há muito tempo. Todos os anos a aveia silvestre crescia e secava no mesmo lugar. Todos os anos os jardins desertos eram cada vez mais um depósito de folhas mortas. Era só uma questão de tempo. Algum dia, o fogo aceso por algum caçador provocaria um incêndio. Avivadas pelo vento, as chamas devastariam esta margem da baía como haviam devastado a outra.

Já estavam chegando na calçada quando o fogo cresceu nas ervas daninhas que rodeavam a casa vizinha. Ish retrocedeu e Jack o arrastou para longe das chamas. Nesse momento Ish notou que tinha esquecido algo, embora não soubesse o que.

Encontraram-se com outros dois rapazes que olhavam para o fogo. Então Ish lembrou-se:

— O martelo! — gritou. — Esqueci o martelo!

Mas no mesmo instante se arrependeu por haver gritado tanto por uma ninharia e em um momento crítico. O martelo não tinha importância. Mas viu, assombrado, que suas palavras consternavam os rapazes. Os três se olharam, aterrados. Por fim, Jack se voltou bruscamente e correu para a casa, mergulhando na espessa fumaça que subia do matagal do jardim.

— Volte, volte — gritou Ish, mas sua voz não era muito forte e o fumo o sufocava. Seria horrível, pensou, se Jack morresse no incêndio por causa de um simples martelo. Mas Jack voltou correndo, são e salvo, com a pele de puma um pouco chamuscada. Os outros jovens demonstraram uma enorme alegria ao ver que ele trazia o martelo.

Não podiam ficar ali, evidentemente. As chamas estavam se aproximando.

— Para onde vamos, Ish? — perguntou um dos rapazes.

Ish ficou assombrado por eles consultarem um velho incapaz de decidir rapidamente. Então lembrou que quando os jovens saía para caçar também perguntavam para onde deveriam ir. Se ele não respondesse, eles o beliscavam. Não gostava que o beliscassem e interrogou seu velho cérebro. Pensou com uma intensidade que não conhecia há algum tempo. Não desejava morrer queimado com seus amigos nem que o aborrecessem. Pensou na rocha, onde em outros tempos haviam gravado os números dos anos. A redor havia outras pedras altas e nuas que não ofereciam alimento ao fogo.

— Vamos para as rochas — ordenou, e eles entenderam imediatamente do que ele estava falando.

Apesar da ajuda dos jovens, Ish chegou esgotado. Deitou-se, sem fôlego, e pouco a pouco recobrou as forças. Haviam se refugiado entre duas rochas inclinadas que se tocavam quase na ponta e que pareciam se encontrar, formando uma gruta natural.

Ish caiu em um sono que era quase um desmaio, pois aquela fuga precipitada tinha afetado seu velho coração. Quando recuperou os sentidos, ficou imóvel, feliz, com uma lucidez a que não estava acostumado.

Sim, pensou, a secura do outono e os ventos do norte favorecem os incêndios. E este outono segue o verão em que conheci Jack, quando falamos de pontas de flechas. Desde então Jack cuida de mim; com certeza a Tribo lhe ordenou. Afinal, sou muito importante, sou um deus. Não, não sou um deus, mas talvez o oráculo de um deus. Nem é isso, tampouco. Eles me enchem de cuidados e atenções porque sou o último americano.

E outra vez, ainda com a fadiga da longa corrida, adormeceu; ou desmaiou.

Após alguns instantes despertou novamente. E achou que não havia dormido muito, pois as chamas ainda crepitavam. Ao abrir os olhos, viu a abóboda cinzenta da rocha e compreendeu que estava deitado de costas. Ouvia o ruído de pés que se arrastavam e o ladrar de um cão. Tinha a mente ainda mais lúcida que antes, tão lúcida que a princípio se surpreendeu e depois se assustou um pouco, pois tinha a impressão de ver o futuro ao mesmo tempo que o presente.

Este segundo mundo... desapareceu também, pensou. E seus pensamentos brilharam e oscilaram como a chama de uma vela. Eu vi como afundava o enorme mundo de antes. Agora desaparece este pequeno mundo, meu segundo mundo. As chamas o devoraram. O fogo que conhecemos há tanto tempo, o fogo que nos aquece e que nos destrói. Antigamente se dizia que as bombas nos obrigariam a viver outra vez nas cavernas. Bem, eis-nos aqui em uma caverna, embora não tenhamos chegado pelo caminho que todos previam. Sobrevivi à perda do mundo grande, mas não sobreviverei à destruição deste mundo pequeno. Sou velho e hoje estou pensando com clareza. Estou seguro. É o presságio do fim. Saímos da caverna e voltamos para a caverna.

Os olhos de Ish tinham clareado também, não só sua mente. Após um instante sentiu-se forte o bastante para sentar-se e olhar ao redor. Viu com surpresa que, além dos três jovens, havia na caverna dois cães. Eram cães que utilizavam para caça, não muito grandes, de pelo negro e branco; cães pastores, assim teriam sido chamados nos velhos tempos. Pareciam inteligentes e bem ensinados e estavam quietos e silenciosos.

Ish se voltou a seguir para os jovens. Agora que via o passado, o futuro e o presente ao mesmo tempo. Podia reconhecer nos três jovens a união das três épocas. Todos se vestiam como Jack. Calçavam sapatos de pele de cervo e usavam calças de lona com guarnições de cobre. Cobriam o dorso com peles de puma, cujas garras pendiam em suas costas. Todos levavam seus arcos e aljavas com flechas e uma faca na cintura. Um deles tinha uma lança tão alta como ele. Ish olhou com atenção e viu que terminava em uma velha faca de açougueiro. A folha, de uns quarenta centímetros de comprimento, era uma arma temível.

Ish olhou então para os rostos dos rapazes e viu que não se pareciam com os rostos dos homens do seu tempo. Eram serenos e sem sinais de temor, preocupações ou fadiga.

— Olhe! — disse um dos rapazes, apontando pra Ish com um movimento de cabeça — Ele está melhor! Está nos olhando.

Havia alegria em sua voz e Ish o olhou com ternura. E lembrou que pouco antes tinha temido que esse mesmo rapaz o beliscasse. Uma coisa lhe parecia assombrosa: depois de tantos anos, aqueles rapazes ainda falavam em um idioma que em outros tempos as pessoas chamavam de inglês. Mas na realidade o idioma não era o mesmo. O sotaque havia mudado.

O fumo penetrava agora entre as rochas e o faziam tossir. As chamas crepitavam mais perto. Alguma casa ou árvore próxima devia estar ardendo. Os cães gemeram, mas o ar continuava fresco e Ish não se assustou.

Se perguntou o que teria acontecido aos outros. A Tribo contava agora com algumas centenas de membros. Mas estava cansado demais para fazer perguntas e a calma dos jovens lhe permitia supor que todos estavam sãos e salvos. Com certeza, pensou, haviam se afastado à primeira ameaça de incêndio. E talvez naquele último instante Jack tinha se lembrado do velho que era também um deus e que dormia sozinho em sua casa.

Sim, agora o mais simples era ficar quieto e olhar, e refletir, sem fazer perguntas. Observou os rapazes outra vez.

Um deles brincava com um cão. Adiantava a mão e a retirava e o cão tentava pegá-la com alegres grunhidos. O animal e o rapaz pareciam compartilhar da mesma simples felicidade. Outro dos jovens talhava um pedaço de pinheiro. A faca ia formando uma figura, que apareceu pouco a pouco diante de Ish. Ele sorriu, pois a figura tinha quadris largos e peitos abundantes; os jovens não haviam mudado muito.

Embora não soubesse seus nomes, saldo o de Jack, eles deviam ser seus netos ou bisnetos. Sentados naquela gruta, entre as altas rochas, brincavam como o cão ou esculpiam figuras enquanto o fogo rugia ao seu redor. A civilização tinha desaparecido há muitos anos, agora ardiavam os restos da cidade e mesmo assim aqueles três jovens pareciam felizes.

Teria tudo sido para melhor, no melhor dos mundos? Saímos da caverna e voltamos à caverna! Se o escolhido não tivesse morrido, se tivessem nascido outros parecidos a ele, tudo seria diferente. Oh, Joey, Joey. Mas não seria melhor assim?

De repente sentiu o desejo de viver por muito tempo, mais cem anos, e outros cem. Tinha passado a vida observando os homens e gostaria de viver assim infinitamente. O século seguinte e o milênio seguinte seriam épocas interessantes.

Então, conforme o costume dos anciãos, caiu em uma sonolência entre o pensamento e o sonho.

As tribos vivem isoladas e seguem seus próprios caminhos. E, devido às características dos sobreviventes e do lugar, há mais diferenças entre os homens que nos primeiros dias do mundo. Alguns vivem temendo o inferno e não satisfazem nenhuma necessidade natural sem antes rezarem. Desafiam os mares em seus botes, alimentam-se de peixes e moluscos e colhem algas.

Outros, de pele mais escura, falam uma linguagem diferente e adoram uma mãe e um menino escuros como eles. Criam cavalos e perus e semeiam trigo. Cultivam também o algodão, mas somente para oferecê-lo ao seu deus, pois sabem que é um símbolo de poder. O deus que eles adoram é a figura de uma Lagado^{9} e se chama Olsaytn...

Outros atiram com habilidade com arco e flecha e amestram cães de caça. Discutem nos debates e assembleias. Suas mulheres caminham orgulhosamente. O símbolo do seu deus é um martelo, mas não lhes rendem grandes homenagens.

Há muitos outros, todos diferentes. Durante o curso dos anos, as tribos se multiplicarão e se aliarão com casamentos e amizades. Depois, segundo queira o cego destino, nascerão novas civilizações e explodirão novas guerras.

O tempo passou e eles tiveram fome e sede. O fogo tinha se apagado em alguns lugares e um dos jovens saiu para reconhecer o terreno. Em pouco tempo voltou com uma velha chaleira que ele tinha enchido com água de um manancial. Ofereceu primeiro a Ish, que bebeu com grandes goles, e depois os outros beberam.

Depois o rapaz tirou uma lata do bolso. Tinha perdido a etiqueta e parecia enferrujada. Os três jovens discutiram se conviria ou não comer o conteúdo da lata. Algumas pessoas tinham morrido, declarou um, por ter comido conservas. Não pensaram em pedir conselho a Ish. Um deles disse que como faltava o desenho de um peixe ou frutas, não se podia saber que comida era. Outro declarou então que uma lata enferrujada é sempre perigosa, mesmo que se saiba o que há lá dentro.

Se Ish tivesse entrado na discussão, lhes teria aconselhado que abrissem a lata para examinar o conteúdo. Mas a velhice tinha lhe dado sabedoria e experiência, e sabia que eles discutiam pelo gosto de discutir e que no fim se poriam de acordo.

Com efeito, após alguns minutos eles abriram a lata com uma faca e descobriram uma substância avermelhada. Ish reconheceu o salmão. O cheiro era agradável; a ferrugem tinha respeitado o interior da lata. Repartiram o salmão entre os quatro.

Fazia muito tempo que Ish não comia salmão. A carne estava escurecida e tinha pouco gosto, mas seu sabor, ou falta de sabor, decidiu, talvez se devesse ao seu paladar envelhecido. Se não lhes custasse tanto falar, teria dado àqueles jovens uma conferência sobre as mil agruras que lhes permitiam comer aquela porção de salmão. Tinha sido pescado há muitos anos, provavelmente nas costas do Alasca, a mais de mil e quinhentos quilômetros. Mas os

rapazes não teriam entendido. Conheciam o oceano, que era muito perto, mas eram incapazes de imaginar um barco em alto mar e não conseguiam imaginar longas distâncias.

Ish contentou-se em comer em silêncio, mas sem deixar de olhar os rapazes, sobretudo aquele que se chamava Jack. A vida não lhe tinha sido fácil. Tinha uma cicatriz no braço direito e, se os olhos não o enganavam, algum acidente tinha-lhe torcido a mão esquerda. Sim, Jack havia sofrido, mas em seu rosto, como nos demais, não havia rugas nem sombras.

Ish sentiu outra vez aquela ternura. Apesar da cicatriz e da mão torcida, o jovem parecia inocente como uma criança. E Ish se perguntou se algum dia o mundo não o atacaria ou o surpreenderia indefeso. Lembrou da pergunta que havia feito a Jack: "Você é feliz?" E Jack havia respondido de um modo tão estranho que Ish não sabia se tinha ouvido bem. E outras vezes tinha acontecido algo parecido. A linguagem tinha sofrido poucas mudanças, mas as ideias e sentimentos de antes tinham desaparecido. Talvez ninguém já visse uma clara diferença entre a alegria e a tristeza, como no tempo da antiga civilização. Quem sabe se também não tinham desaparecido outras diferenças. Talvez Jack não tivesse compreendido exatamente a pergunta de Ish, quando tinha respondido: "Sim, sou feliz. A vida é como é e eu sou parte da vida".

Pelo menos a alegria não havia deixado a terra.

Enquanto Ish descansava, os jovens brincavam com os cães ou diziam piadas entre eles. Riam constantemente e por nada. E o que talhava a estatueta assobiava uma canção. Era uma canção alegre, que parecia familiar a Ish, embora tivesse esquecido o nome e a letra. Era uma canção que evocava sinos, e neve, e luzes verdes e vermelhas, e uma festa. Sim, com certeza tinha sido uma canção muito alegre nos velhos dias; e agora parecia mais alegre que nunca.

A alegria havia sobrevivido ao Grande Desastre.

O Grande Desastre! Ish não pensava naquelas palavras há algum tempo. Agora lhe pareciam sem sentido. Se os homens dos velhos tempos não tivessem sido vítimas de uma epidemia, o teriam sido

pelo tempo. Que importava que todos tivessem morrido em alguns meses ou mais lentamente durante o decurso dos anos. Quanto à perda da civilização...

O jovem assobiava animadamente e Ish lembrou-se das primeiras palavras da canção: "Oh, que alegria..." Podia perguntar ao escultor como ela continuava, mas estava cansado demais para fazer perguntas, embora tivesse a mente clara, com uma lucidez quase aterradora. Que significa isso? Se perguntou Ish. Por que minha mente está tão desperta? Pela emoção do brusco despertar e a fuga da casa em chamas? Só sabia que não tinha pensado tão claramente antes.

Assombrou-lhe a confiança e a serenidade dos jovens, enquanto tudo ardia lá fora. Não sabia como explicar. Talvez, pensava, devia-se a alguma diferença entre o presente e os dias da civilização. Nos velhos tempos, esses jovens teriam sido rivais, pois os homens eram muito numerosos. Então os seres humanos não prestavam muita atenção ao mundo exterior, pois acreditavam ser mais fortes que ele. Só pensavam em se vencer mutuamente e até os irmãos desconfiavam uns dos outros.

Mas agora a população era escassa. Esses rapazes andavam livremente com o arco na mão, seguidos por algum cão. Mas de vez em quando precisavam de um camarada. Entretanto, apesar da clareza da sua mente, Ish não estava certo de ter descoberto a verdade.

Ao meio-dia o incêndio tinha se distanciado para se alimentar de outras regiões ainda intactas. Ish e os três rapazes deixaram a caverna e, evitando os lugares ainda coberto de cinzas ardentes, desceram a colina e foram para o sul. Evidentemente, os jovens seguiam um itinerário já estabelecido.

Ish não fez perguntas, pois devia recorrer a todas suas forças para poder segui-los. Os rapazes o esperavam pacientemente e Ish se apoiava neles constantemente. Quando caía a tarde e Ish já não conseguia se manter de pé, montaram um acampamento às margens de um riacho. Graças aos caprichos do vento e do frescor da vegetação, as chamas tinham respeitado aquele lugar.

Pelo leito do riacho corria um fio d'água. O gado e os cervos também tinham fugido do fogo, mas os coelhos e as codornizes tinham se ocultado entre as folhas. Os jovens se espalharam, munidos com seus arcos, e voltaram com várias peças. Um deles, sem dúvida por costume, começou a acender o fogo com uma pua de arco; os outros riram dele e trouxeram algumas brasas do incêndio.

A comida ajudou Ish a recuperar as forças. Olhou ao seu redor, viu as ruínas de um grande edifício e compreendeu que tinham acampado no parque universitário. Apesar da sua fadiga, levantou-se e distinguiu as paredes da biblioteca a uma centena de metros. O fogo havia destruído as árvores ao ser redor sem tocar nas pedras. Todos os volumes, o arquivo da humanidade, ainda estavam intactos. Para quem? Ish não tentou responder a pergunta. As regras do jogo haviam mudado. Para o bem ou para o mal? Não podia dizê-lo. Em todo caso, pouco lhe importava agora que a biblioteca tivesse sido conservada ou destruída. Sabedoria da velhice? Ou simplesmente desesperança e resignação?

Despertou várias vezes durante a noite, tiritando de frio, e invejou os jovens que dormiam profundamente. Mesmo assim conseguiu descansar algumas horas e, como estava fatigado, não teve sonho algum.

3

Despertou ao amanhecer, bastante fraco mas com a mente clara.

É estranho, pensou, nesses últimos anos eu não entendia muito bem o que se passava ao meu redor, coisa comum em um velho. E desde ontem eu vejo e ouço tudo. Que significa isto?

Olhou os jovens que preparavam o desjejum. O escultor assobiava alegremente a canção que falava a Ish de sinos e felicidade. E ele, Ish, tinha a mente clara, "clara como o soar de um sino".

Ouvi uma vez, se disse, ordenando silenciosamente seus pensamentos, segundo o velho costume que tinha aumentado com os anos. Sim, eu ouvi alguma vez, o mais provavelmente li em algum livro, que a mente de um homem fica clara pouco antes da morte. Pois bem, sou muito velho e não me queixarei. Se eu fosse católico e não tivesse desaparecido os sacerdotes e as igrejas, eu gostaria de me confessar.

Sentando às margens do riacho, ainda sentindo o cheiro acre do fumo, e com os edifícios da universidade às suas costas, Ish revisou sua vida e fez uma lista dos seus pecados e das suas virtudes.

Antes de me despedir da vida, embora tudo tivesse mudado no mundo, era necessário estar em paz consigo mesmo, pensou, e se perguntar se tinha se aproximado de algum dos próprios ideais. Qualquer homem pode se julgar deste modo, sem necessidade de religião ou sacerdotes.

Ao terminar seu exame de consciência, não se sentiu perturbado. Tinha cometido erros, mas sempre tinha procurado a justiça. Levado pelo Grande Desastre a circunstâncias sem

precedentes, tinha dado provas de coragem e sua vida, assim pelo menos esperava, não tinha sido inútil.

Nesse momento um dos jovens lhe trouxe um pedaço de algo que tinham assado no fogo.

— Toma Ish — disse o rapaz, — uma asa de codorniz, tem bem sabes.

Ish agradeceu e comeu a carne, felicitando-se por ter conservado os dentes. A fumaça da lenha tinha dado um delicioso sabor à carne.

Por que eu pensaria que vou morrer? — se perguntou. A vida é formosa e sou o último americano.

Não se uniu à conversa dos jovens e não fez perguntas sobre os projetos do dia. Na realidade, já se sentia como se não pertencesse a esta terra, que no entanto continuava querendo.

Depois do desjejum, ouviu-se um grito distante e em pouco tempo apareceu outro personagem. Houve então uma longa discussão que Ish não tentou seguir. Compreendeu, entretanto, que toda a Tribo estava se mudando para uma região lacustre que o incêndio não tinha tocado. Era um lugar magnífico, segundo o recém-chegado. Os três companheiros de Ish protestavam, pois não tinham sido consultados. Mas o outro explicou que o projeto tinha sido submetido à assembleia da Tribo e tinha sido aprovado por unanimidade. Os três jovens cederam.

O incidente alegrou Ish, pois tinha sido o iniciador das reuniões da Tribo. Mas então se lembrou de Charlie e sentiu tristeza e remorso.

Quase em seguida se prepararam para reiniciar a marcha. Ish estava tão fraco que mal podia se sustentar de pé. Os jovens decidiram que fariam turnos e o levaram nos ombros e se puseram a caminho. Os rapazes brincavam a propósito do pouco peso de Ish e se perguntavam, entre sorrisos, por que os velhos eram tão fracos. Ish se alegrava por não ser uma carga excessiva; um dos rapazes declarou que o martelo pesava mais do que Ish.

Talvez o balanço tenha afetado Ish, pois descobriu que as névoas lhe invadiam outra vez o cérebro. Nem sequer via em que

direção iam. Só de vez em quando se dava conta de algum incidente.

Depois de terem andado por longo tempo, saíram da região incendiada e chegaram a uma parte da cidade que o fogo não tinha alcançado. O ar estava muito úmido e Ish teve um calafrio e pensou que o vento tinha mudado e que agora estavam perto do porto. Naquele bairro havia ruínas de fábricas. Ish viu também alguns trilhos. As ervas daninhas e as árvores invadiam tudo, mas a secura dos longos verões haviam impedido que a região se transformasse em uma selva. E aqui e ali algumas clareiras com capim facilitavam a marcha. Mas, frequentemente seguiam o asfalto das ruas, quebrado, rachado, invadido pelo musgo e pelas plantas selvagens. Embora naquele labirinto só pudessem se guiar pela posição do sol ou por algum ponto distante.

Al atravessar um matagal, alguma coisa atraiu a atenção de Ish, que estendeu a mão e gritou. Os rapazes se detiveram, rindo às gargalhadas. Um deles foi buscar o que havia atraído a atenção de Ish. Ish ficou muito contente e todos riram dele, alegremente, com se ele fosse um menino.

Ish não se aborreceu, tinha o que queria. Era uma flor escarlate, um gerânio que tinha se adaptado às novas condições e que crescia como antes. Mas o que havia atraído a atenção do Ish era a cor do gerânio. O vermelho tinha quase desaparecido da superfície da terra. Antes teria sido como uma chama de púrpuras e vermelhos vivos. Agora o mundo era uma discreta harmonia de azuis, verdes e castanhos.

Mas, sacudido pela marcha rápida do rapaz que o levava nos ombros, Ish perdeu outra vez a consciência. Quando voltou a si, notou que o tinham deitado no capim e que havia perdido a flor em algum lugar. Os rapazes estavam sentados, descansando.

Levantou a cabeça e viu uma placa com algumas letras: U.S. CALIFORNIA, e logo após os números 4 e 0. Fazia muito tempo que não via números e demorou para reconhecer que aqueles dois se liam "quarenta".

Então esta rota que mal se pode ver sob o capim e mato, pensou, é a velha rota 40, que leva para o oeste. Ela tinha seis

pistas de largura. Logo chegaremos à ponte.

Sua mente nublou-se outra vez, até que fizeram algo. Mas agora não o descansaram no capim. Neste momento Jack o carregava e, por cima do ombro do rapaz, Ish viu diante deles o dono da lança. Os outros estavam com os arcos nas mãos e com uma flecha nas cordas. Os dois cães, agachados, grunhiam surdamente. A uma certa distância, um enorme puma fechava o caminho.

Ficaram assim por alguns segundos.

De repente, o que levava a lança falou em voz baixa e serena:

— Ele não nos atacará.

— Disparo? — perguntou outro.

— Não seja louco — replicou o primeiro.

Recuaram um pouco, dando a volta pela direita, segurando os cães para que não se excitassem e alarmassem o puma. A fera ficou dona do caminho. Ish estava assombrado. Os jovens não pareciam ter medo do puma, mas evitavam todo o conflito, e o animal não temia os homens. Talvez fosse pela falta de armas de fogo, ou então o puma, pouco acostumado a ver aqueles estranhos bípedes de aspecto inofensivo, não os achasse perigosos. E talvez se os jovens não estivessem carregando com um velhos, tivessem se mostrado mais agressivos.

Ish não pôde deixar de pensar que os homens haviam perdido sua velha arrogância e agora as feras eram seus iguais. Aquilo era uma derrota, no entanto os jovens prosseguiram despreocupadamente seu caminho, brincando, como se tivesse retrocedido para evitar uma árvore caída ou uma casa em ruínas, e não um puma.

Nas proximidades da ponte, Ish sentiu despertar seu interesse e lamentou não poder contar aos jovens sobre os velhos tempos e contar-lhes como havia sido a ponte, com automóveis que corriam como trombas para cima e para baixo, de modo que nenhum pedestre podia cruzá-la sem arriscar a vida.

Chegaram à cabeleira leste. À frente estendia-se a ponte, enferrujada mas intacta. Mas as calçadas estavam muito

estragadas, o chão havia afundado em alguns setores e os pilares não estavam no mesmo nível.

No meio da ponte eles tiveram que caminhar sobre uma viga. Ish olhou para baixo e viu como as ondas batiam e notou que a armação, corroída pela água salgada e pelo ferrugem, podia cair a qualquer momento.

Este é o caminho que nenhum homem percorre até o fim. Este é o rio tão longo que nenhum viajante chega por ele ao mar. Esta é a senda infinita que serpenteia entre as colinas. Esta é a ponte que ninguém atravessou completamente... Feliz daquele que através da névoa e das nuvens baixas vê ou acredita vera outra margem.

Depois Ish voltou outra vez ao mundo das trevas, até que notou que o haviam sentado sobre uma superfície dura e sentiu na nuca o contato com uma coisa fria. Tinha os pés gelados. Alguém esfregava suas mãos e ele recobrava lentamente a consciência.

Estava sentado sobre a calçada com a cabeça apoiada na varanda. A primeira coisa que viu foi o martelo, no chão diante dele, com o cabo para cima. Dois dos jovens esfregavam suas mãos. Os outros dois olhavam e todos pareciam inquietos.

Ish sentiu nos pés e nas pernas, até os joelhos um frio que podia ser chamado de mortal. Entendeu também, pois sua mente tinha clareado de novo, que aquilo não tinha sido um simples desfalecimento próprio da velhice, e sim uma espécie de ataque apoplexia ou síncope cardíaca e que os outros estavam com medo.

Jack moveu os lábios como se falasse, entretanto não saía som algum. Era incompreensível. Os lábios se moveram mais rápido, como se Jack gritasse, e imediatamente Ish sentiu que estava surdo. Esta comprovação lhe deu mais alegria que tristeza. A partir de então gozaria de uma paz que o homem normal não pode conhecer..

Os outros se puseram a falar, ou seja, a fazer gestos. Tentavam desesperadamente que ele ouvisse. Ish, perplexo, sacudiu a cabeça. Queria explicar que os sons não chegavam até ele, mas não conseguia articular uma palavra. Ficou inquieto; naquela tribo onde ninguém sabia ler, era um estorvo não poder falar..

Os jovens que haviam se mostrado respeitosos e amáveis o dia todo, agora se impacientavam. Ish adivinhava que eles pediam algo e temiam que ele não o fizesse. Gesticulavam e apontavam para o martelo, mas a Ish pareceu inútil tentar compreender. Por fim os jovens perderam a paciência e começaram a beliscá-lo. Ish ainda era sensível à dor. Gritou e seus olhos se encheram de lágrimas. Sentiu-se envergonhado por esta fraqueza, indigna do último americano.

É estranho, pensou, ser um deus velho. Te rendem homenagens e te maltratam. No caso em que não atendas imediatamente seus rogos, teus adoradores empregam a violência. Não é justo. Entretanto, à força de refletir e observar a mímica dos jovens, Ish finalmente compreendeu. Desejavam que ele escolhesse alguém e lhe desse o martelo. O martelo era seu há muito tempo e ninguém lhe havia proposto até hoje que o presentearse. Mas pouco importava e, além disso, desejava que parassem de beliscá-lo. Ainda podia mover os braços e com um gesto indicou que dava o martelo ao jovem Jack.

Jack pegou o martelo e o balançou na mão direita. Os outros três retrocederam alguns passos e Ish sentiu uma estranha piedade pelo jovem que herdava seu único bem. Mas pelo menos todos pareciam aliviados. O martelo já tinha herdeiro e eles deixaram de atormentar Ish.

Agora já podia descansar, pensou Ish; tinha cumprido sua tarefa e estava em paz consigo mesmo. Estava morrendo ali na ponte, não podia ignorar. Não seria o primeiro. Quantos outros haviam morrido ali, vítimas de algum acidente de trânsito. Ele teria pedido parar morrer também em um acidente semelhante. Último sobrevivente da civilização, voltava ali para morrer. Isto o alegrava. Repetia para si, vagamente, uma frase inconclusa que havia lido em um livro, quanto lia tantos livros: Uma geração vai e outra geração vem..." Mas a frase sem a segunda metade era trivial, não significava nada.

Olhou para seus companheiros. Tinha os olhos enevoados e não podia ver muito bem. Entretanto, conseguiu ver os cães, deitados tranquilamente, e os quatro jovens três estavam junto e o outro

um pouco afastado sentados ao seu redor em um semicírculo. Olhavam para ele. Eram jovens, e no ciclo da humanidade tinham milhares de anos a menos que ele. Ele, Ish, era o último representante do mundo antigo; eles eram os primeiros do novo. Recomeçaria a lenta evolução do passado? Esperava que não. Males demais haviam ajudado a criar a civilização: a escravidão, as conquistas, as guerras, as tiranias.

Os olhos de Ish procuraram ponte além do grupo de jovens. Agora, em seus últimos instantes, sentia-se mais perto da ponte que dos seres humanos. A ponte, como ele, havia sido parte da civilização.

A uma certa distância via-se um automóvel, ou melhor, um resto de automóvel. Ish lembrou do carro que havia estado ali por tanto tempo. A pintura tinha descascado, os pneus tinham murchado e os excrementos das aves marinhas cobriam a capota. É estranho, mas por outro lado sem importância, mas lembrava que o proprietário do automóvel tinha sido um tal de James Robson com um E, um T, ou um P, ou uma inicial parecida no meio, morador de Oakland.

Mas Ish não ficou olhando para o carro. Levantou os olhos para os altos pilares e os grandes cabos de curvas perfeitas. Essa parte da ponte ainda parecia em bom estado. Resistiria por muito tempo e veria passar várias gerações humanas. Os parapeitos, os pilares e os cabos tinham uma cor púrpura e a ferrugem só os tinha atacado superficialmente. Mas gerações de gaivotas tinham branqueado os topos dos pilares.

Sim, a ponte podia durar anos, mas a ferrugem a consumiria pouco a pouco. Os terremotos sacudiriam as bases e em um dia de tormenta cairia um arco. As criações do homem, como ele mesmo, não seriam eternas.

Fechou os olhos e imaginou as curvas das montanhas que rodeavam a baía. Desde a construção da civilização, a forma das colinas não tinham mudado. O tempo, tal como o concebia o homem em sua estreita imaginação, não as havia afetado. Graças à baía e as colinas, Ish morria em um mundo onde havia vivido.

Abriu os olhos outra vez e viu os dois picos pontiagudos que coroavam a cadeia. “Os Peixes Gêmeos”; assim eram chamados em outro tempo. Lembrou-se de Em e da sua mãe. A terra, Em e sua mãe se uniram em sua mente e sentiu-se feliz. Agora estava voltando para elas.

Não, pensou após um momento, é necessário que eu veja claramente a morte, como a vida. Pelo menos com esta luz débil que há em mim agora. Estas montanhas, apesar da sua forma, não têm nada em comum com Em, nem com minha mãe; mas elas me receberão, receberão meu corpo, embora sem amor. Ihes sou indiferente. Estudei as leis do mundo físico e sei que as montanhas, embora eternas aos olhos dos homens, também mudam.

Velho, cansado e moribundo, Ish gostaria de encontrar ante seus olhos algo que não fosse dominado pelo tempo. Tinha frio, seus dedos inchavam, perdia a vista.

Olhou outras vez para os cimos distantes. Havia se esforçado tanto... Havia lutado... Havia olhado para o passado e para o futuro. Que importava tudo agora? O que havia feito realmente?

Nada restava de todos os seus esforços. Adormeceria, descansaria no sopé daquelas montanhas que se pareciam com os seios de uma mulher e que eram ao mesmo tempo um símbolo e um consolo.

Em seguida, embora mal visse agora, voltou-se para os jovens. Eles me entregarão à terra pensou, e eu também os entrego à terra, mãe dos homens.

Uma geração vai e outra geração vem; mas a Terra permanece.

^{1} Astarté é a assimilação fenícia da deusa mesopotâmica que os sumérios conheciam como Inanna, os acádios como Ishtar e os israelitas como Astarot. Está relacionada com o prazer carnal, com a sexualidade e com o amor; mas também com a natureza, a vida e a fertilidade, e mesmo com a guerra . Costumava ser representada nua sobre o lombo de um leão. A sua figura foi incorporada pela tradição do antigo Egito. Era a cortesã divina, e gozava do sexo sem medida nem rubor. (N. de Espinhudo)

^{2} Cântico dos Cânticos: "O meu amado é alvo e rosado, o mais distinguido entre dez mil. A sua cabeça é como o ouro mais apurado, os seu cabelos, cachos de palmeira, são pretos como o corvo. Os seus olhos são como os das pombas junto às correntes da águas, lavados em leite, postos em engaste. As suas faces são como um canteiro de bálsamo, como colinas de erva aromáticas; os seus lábios são lírios que gotejam mirra preciosa; as suas mãos, cilindros de ouro, embutidos de jacintos; seu ventre, como alvo marfim, coberto de safiras. As suas pernas, colunas de mármore, assentadas em bases de ouro puro o seu aspecto, como o Líbano, esbelto como os cedros. O seu falar é muitíssimo doce; sim, ele é totalmente desejável Tal é o meu amado, tal, o meu esposo, ó filhas de Jerusalém" (N. de Espinhudo)

^{3} Conta-se que os gatos de Kilkenny lutaram furiosamente e se devoraram até não sobrar mais que as caudas. Essa história aparece em um conto de fadas do século XVIII. (N. de Espinhudo)

^{4} **Lúnula** é a "meia-lua" com aspecto de crescente, de tom mais claro, que é totalmente visível nas unhas dos primeiros dedos (contados a partir do polegar) e que está totalmente coberta nas unhas dos quintos dedos. A lúnula é descrita como um reflexo da queratinização parcial das células nessa região.

^{5} **Tularemia** é uma enfermidade infecciosa aguda de gravidade moderada que pode se manifestar de forma localizada ou sistêmica. Com maior frequência assume a forma de uma úlcera indolor no local de penetração do micro organismo, acompanhada de aumento dos gânglios linfáticos regionais (tipo ulcero ganglionar). (Nota de Espinhudo)

^{6} Meriwether Lewis e William Clark formaram um dupla de exploradores que lideraram a primeira grande expedição exploratória do continente norte-americano, partindo do Leste e indo em direção ao Oeste até a costa do Oceano Pacífico, com posterior retorno. (N. de Espinhudo)

^{7} Napa Gamey - Casta de uvas tintas viníferas de maturação tardia, cultivada no Napa Valley, Califórnia, EUA, também conhecida por Gamay Noir (N. de

Espinhudo)

{8} Na mitologia grega, os **Lotófagos** são uma tribo existente numa ilha perto do Norte da África. O seu nome advém de se alimentarem da planta de lótus (das suas flores e frutos), existentes nessa ilha em quantidade apreciável. Estas plantas são narcóticas, causando um sono pacífico aos habitantes da ilha. (N. de Espinhudo)

{9} Lagado era uma cidade fictícia do livro Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, era a capital da nação Balnibarbi. (N. de Espinhudo)